Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/odesapprovador00mace

O DESAPPROVADOR.

N.° 1.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

TEm a sociedade humana alicerces sobre que descança; tem vinculos que a segurão; tem circunstancias accessorias que a tornão facil, prospera, e ditosa. Os costumes, os sentimentos, a linguagem, as Sciencias, as Artes, quando tocão o ponto da possivel perfectibilidade, fazem gostosa a existencia, e util a sociedade que a mutua fraqueza, e precisões dos homens tornárão indispensavel; e são tantos os bens que destas fontes nascem quando são puras, quantos os males que dellas se derivão, quando se corrompem; porque então fazem os homens não só infelizes, porém ridiculos. Muitos Filosofos, antigos, e modernos, julgárão o homem hum animal degradado, e fóra de sua natural esféra, e pertendêrão mostrar, que elle era por natureza insociavel, e que o estado de sociedade era huma violencia, e não huma propensão: não quizerão buscar, e achar outra fonte de todos os males, não só moraes, porém fysicos, senão a mesma sociedade. Esta conclusão era hum resultado muito natural de huma combinação sempre prompta, e sempre obvia, e todos os paradoxos de João Jacques nascêrão deste mal entendido principio. Olhárão para o homem selvagem, e para o homem da sociedade; vírão neste constrangimento, e artificio; vírão naquelle natureza, e propriedade; e concluírão, que o homem está depravado depois que deixou de ser insocial. João Jacques enganou-se, equivocou hum desejo com huma persuasão. Persuadio-se que o estado proprio, e natural do homem fosse a insociabilidade, porque desejou que o homem não tivesse tantos vicios, nem fosse dominado de tantos erros no estado social; e como o mais ardente, ou predominante appetite do homem he a ventura, quiz sustentar que esta era só partilha do es-

tado da Natureza, e incompativel com o estado social. Illudio-se este, illudirão-se outros Filosofos, porque não advirtirão, que a corrupção, ou depravação do homem não era attributo da sociedade, mas abuso. Para tornar pois o homem menos vicioso, e mais feliz não he preciso dissolver a sociedade, mas reformalla, desterrando aquelles abusos, erros, e imperfeições, a que o lapso do tempo, e o natural pendor para o mal inclina os homens. As leis os podem embridar com o temor, mas o ridiculo os póde emendar com a vergonha. Este ridiculo he huma arma poderosa, e vencedora, que a si mesmo se combate, e se destroe; quem o sabe descobrir nas acções humanas, não só o ataca, mas o vence. Aos olhos do verdadeiro Filosofo o mundo he hum objecto de riso, e de odio; de riso, porque he ridiculo, e de odio, porque he pertinaz. Nenhum Escritor se deve lisonjear de hum completo triunfo; isto seria dar a conhecer huma vaidade tambem ridicula, e insupportavel; mas ao menos deve ter a satisfação do sincero desejo de emendar. Muitos Escritores se tem servido de imagens, de figuras, de allegorias para conseguir seu fim; e o Abbade *Casti* no Poema intitulado — *L'Animali parlanti* — fez debaixo de hum continuado, e longo Apologo a satyra do genero humano. Não approvo este methodo, porque gosto de fallar nas cousas pelo seu nome. Não são precisas viagens de Gulliver, nem as de Henrique Wanton ao paiz dos Monos. Não he facil para todos a applicação destas imagens, nem o desenvolvimento destas allegorias; he preciso caminhar sem rodeios, e desapprovar os abusos, e os erros em sua mesma face; he preciso arrancar sem ceremonia a mascara da cara da impostura; porque usar de subterfugios he mostrar que se teme o poder do vicio. Esta foi a minha regra no Espectador; combati sem disfarce a Impostura Pedreiral, e creio que ao menos na opinião, e no conceito dos homens honrados, abati este colosso, que assustava a terra com sua disforme, porém fantastica grandeza. A timidez, que muitos equivocão com a prudencia, me dizia que eu hia desafiar o odio, e a perseguição de homens poderosos, que, unidos em corpo, e armados da preponderancia que a muitos dava o caracter, e a Jerarquia, me poderião (estimulados) fazer grande mal. Poucas vezes me rio, mas isto me soltava o riso. E que mal se póde fazer a quem não tem nenhum bem? Que se ha de tirar a quem nada tem? Como se ha de contrariar a vontade do que nada deseja? Que tem com a estima de mentecaptos, quem não he capaz de promover por huma baixeza nem a dos grandes, e poderosos do mundo? E que tem com o que está fóra de si, quem não se busca, não se acha, e não se préza, senão com o que está dentro em si? *Ne te quæsiveris extra.* Este pedaço de hum verso de Persio, dá a conhecer qual seja

o meu caracter. Fóra de mim não ha senão duas cousas que me mereção attenção. Primeira, que os homens não sejão tão máos; segunda, que a Patria não seja aviltada. São estes os votos da verdadeira Filosofia, e nada me inquieta senão o desejo de conseguir estes fins; e applicar-lhes os meios, he o dever mais santo que eu posso cumprir. Esta obrigação póde em mim mais que o receio das invectivas, das personalidades, dos aleives com que me tem regalado os Coutos, os Patos, os Magrissos, os Orientes Coimbrões, os Escritores d'além mar, e huma caterva ha annos conspirada contra mim, sem se saber ainda porque: caterva tão vil, e tão nogenta, que chama impugnação a huma descompostura, dando a conhecer a sua maldade no seu iniquo procedimento. Se eu escrevo em Portugal cousas que ou podem, ou devem ser impugnadas, porque senão imprimem em Portugal estas impugnações? Porque são descomposturas; mas o homem sizudo nem as deve temer, nem lhes deve responder, e muito menos suspender o Filosofo na carreira da inquisição da verdade. Eu sei que vou desafiar no presente ☰ Desapprovador ☰ os alaridos da malignidade; e que póde ella dizer mais do que tem dito? Mas por certo dirá mal do Author, sem jámais tratar da obra. Vivão embora os homens em huma continua, e manifesta contradicção, todos buscão, todos querem o remedio das enfermidades do corpo, nenhum quer, e todos rejeitão o remedio das enfermidades do animo; neste erro se vive, e este erro he a origem de todos os males moraes que fórmão a verdadeira desgraça da sociedade humana.

Eu comparo de continuo o quadro que me offerece a presente geração Portugueza, com o quadro que me offerece a Historia da mesma Nação Portugueza nas gerações passadas, e conclúo, que são outros homens, assim como são outros tempos; porque não se me apresentão os mesmos, sendo filhos daquelles pais; algumas vezes disse no Espectador que a corrupção actual dimanava do estabelecimento, e propagação do Maçonismo, o qual havia penetrado por todas as classes, condições, e Jerarquias: se o disse, ainda o sustento, accrescentando, que extirpado que fosse o Maçonismo da sociedade civil, não teria João Jacques tantas razões de se queixar da sociedade, querendo reduzir o homem nos bosques ao primitivo estado de rudeza de que tinha sahido, chegando com mui vagarosos progressos ao estado de perfectibilidade moral em que o vemos, divergindo, ou declinando tanto para a corrupção, e depravação, que parece irremediavel esta adquirida, e voluntaria enfermidade, que procede da alteração, ou mudança de costumes, e sentimentos. E tem esta outra causa que não seja o Maçonismo? Tem, porque o Maçonismo ainda que influa em todos, não chega proximamente a todos: as mulheres são em

geral isentas immediatamente desta praga ; os mancebos que lêm alguma cousa , pela maior parte não recebêrão a iniciação aos mysterios tenebrosos ; mas as mulheres , os mancebos , e a maior parte das pessoas que tem alguma tintura de educação lêm ávidamente *Novellas Francezas* ; este he hum dos mais vastos , e mais poderosos canaes por onde se tem derivado a torrente da corrupção em Portugal , e eu mostrarei que he justo o meu espirito de *Desapprovação* nesta parte. As Novellas produzem todos os males , e nenhum bem , e deste naufragio universal se salvão unicamente duas. — A *Argenis* de *Barclay* , e o *Telemaco* de *Fenelon*. As mais estragão o espirito , corrompem o coração , pervertem a vontade , envenenão os costumes , e tem tido o poder de dar cabo da lingua Portugueza ; e ainda que isto seja hum accessorio , ninguem me poderá negar que seja huma desgraça.

Entre o diluvio de males que a Revolução Franceza vasou na miseravel Europa , eu creio que he hum dos mais sensiveis a alluvião das Novellas , algumas impias , e quasi todas obscenas , e torpes. Como se compõe Novellas em França? Podemos dizer que a isto está reduzida a presente Litteratura. Hum homem Francez instigado , e solicitado da fome , e da sede , quer fazer hum Livro ; porque fazer Livros em França tambem he officio , e ha official de Livros como o ha de Capateiro , de Alfaiate , de Medico , e de Alveitar. Este homem Francez não tem o cabedal de sciencia que baste para compôr , e escrever a Historia , nem tanta dexteridade , e entendimento , quanto he necessario para compôr obras moraes. Que faz este homem ? Borra duas resmas de papel com hum montão de Aventuras mal digeridas ; conta estas frioleiras sem engenho , e sem gosto , vai muito contente com este monumento da insipiencia , ou da inepcia ao seu amado Livreiro ; e se este fosse obrigado a vender a obra a pezo sem ganhar mais que o duplo do importe do papel , teria ganhado muito. Mas cá está Portugal , a cuja Alfandega vem ter mysteriosamente vinte caixões destes preciosos exemplares , que em hum momento são annunciados , e em huma semana consumidos. Antes que ponderemos as suas consequencias , consideremos a Novella em si. He talvez necessario tanto engenho , tanta pratica do mundo , e tanto conhecimento das paixões , para compôr huma Novella , como para escrever huma Historia. Só huma longa experiencia póde ensinar a bem pintar os costumes , e he preciso ter examinado de mui perto os differentes caracteres dos homens , para os debuxar bem ao natural. Como he possivel pois , que hum Francez , cujo mister ordinario na Babylonia Parisiense consiste em rabiscar papel , e passar a gloriosa existencia no canto de hum Café , ou em humas aguas furtadas , saiba retratar exactamente hum Principe , hum cortezão , e huma Dama ?

Se vio alguma vez estas pessoas foi em occasião de passarem pela rua onde está o tal Café, e eu creio que a lama com que o enxovalhárão, e salpicárão as rodas da Carruagem não communicára ao illustrado Author huma pequena parte de seus sentimentos. Creio tambem que está no mesmo caso em que se encontra o Hippolyto, o Bacharel Pylades em Londres, e o seu correspondente Orestes (Pato) em Lisboa, que sem sahirem do Botequim, onde sempre o acceitavel, e acceito cumprimento do — He servido — lhes enche a pansa aventureira, se mettem a governar o mundo que não conhecem, e a dirigir os Gabinetes onde nunca entrárão, e finalmente a notar as acções dos Grandes que governão, cujos motivos nem devem transpirar, nem elles devem, ou podem conhecer. De dia Botequim, de noite a pucilga, eis os arbitros da politica, e do Governo Europeo. Tornemos ao nosso homem Francez, Author de Novellas. He huma miseria o homem, e assim mesmo não deixa de fazer fallar hum Duque, e huma Duqueza a seu modo, e quando o Filosofo, o Nobre, o homem de engenho, e pratica do mundo chega a lançar os olhos sobre semelhantes composições, arquêa de pasmo as sobrancelhas, e vê que a linguagem da Duqueza de... da Marqueza de.... da Condessa tal, he perfeitamente a linguagem, e a conversação da sua *fiel* Lavadeira. Apezar destas miserias, são estes os Livros de maior extracção, e que mais se vendem em Portugal. Novella vinda, Novella traduzida, e acha logo Traductor, Impressor, Vendedor, e Comprador. Chorão-se os dois vintens da conhecença ao esperançoso Cura da Freguezia, cujos encovados olhos, e palida téz indicão muitas vezes que a sua meza não he a meza do Romano Apicio, e cuja casaca tem visto o sol quatro vezes do direito, e quatro vezes do avesso, e não se chora o cruzado novo do magrinho volume da Novella, que muitas vezes se chama *Joaninha*, outras vezes *Maria*, porque em fim estão exhaustos os nomes de *Mathildes*, e *Carolinas*. Que quer isto dizer? Que os costumes estão corrompidos, o gosto estragado, o amor das letras extincto, e que domina a frivolidade; que se ama tudo o que atiça o fogo das paixões, e ensina a ser vicioso. A leitura de Novellas passou em Portugal a frenezim. Não dou hum passo que não tropece em Novellas. Da Asia, dos Presidios d'Africa, do Brasil, das Provincias de Portugal, das Ilhas adjacentes, vem encommendas a que se chama sortimento de Novellas. Humas se chamão escolhidas, outras moraes, outras exemplares. Que momentos de meditação me não tem dado o alvoroço, a balburdia, a inquietação, a ancia, e a estrepitosa alegria dos Livreiros correspondentes! Banhados de lagrimas dulcissimas chegão huns ás portas dos outros, huns levão as que os outros não tem. Facturas, Memorias, Notas, Conhecimentos; nem os Di-

plomáras do Congresso de Munster trocavão mais credenciaes, desenrolavão mais papeis, e plenos poderes: apenão-se carpinteiros, fervem as caixas, os bahús, os brins, as linhagens para forros, empaquetão-se os volumes, classificão-se as obras. e ha menos bulha no Estaleiro de Cronstadt, que na baiúca de hum Livreiro; ás vezes cuido que se estabelecêra a Ribeira das Náos pelo Chiado acima, e entre a martellaria incessante se escutão de espaço a espaço guinchos que dizem — *Tom Jones*, — *O Deão*, — *A Clara* — *O Subterraneo.* — A bulha cresceria mais, e as requisições sarião mais frequentes se a morte, que he céga, e caprichosa, não tivesse atalhado os vôos á existencia de Magrisso, e elle podesse ter imposto a mão ultima, e os segundos cuidados á traducção das duas Novellas em que tinha lidado, e suado muito — *Os Amores de Lieutard, e do Esfomiado*, — e — *As Aventuras do Poeta Aranhisso.* — E para que he tão escandaloso morim? Para encher as Conquistas, e as Provincias do Reino de Novellas, e estabelecer onde parece que a Natureza estava menos offendida aquella mesma corrupção de costumes, e aquella semente de irreligião que inficionão as grandes Cidades, e as Capitaes dos Reinos. Eu já ouvi levantarem-se renhidas questões sobre o caracter do infame *Lovelace* em lugares consagrados ao retiro, á oração, e á penitencia; vi nestes mesmos lugares bandos contendores huns detestando, outros louvando *Lovelace*; e seja dito com boa paz do immortal *Richardson*, Clara Horlow tem produzido maior mal do que bem no coração da mocidade; e se isto faz esta Novella, que se póde chamar o ultimo apuro do engenho humano, que farão cem mil Novellas que se encaminhão a illudir, e enganar pais vigilantes, e honestos, donzellas timidas, e recatadas, mancebos bem educados, e nascidos para grandes cousas! Acho mais veneno nestas abominaveis Novellas da Escola Franceza moderna, do que se encontrava nos antigos Livros de cavallaria andante, e naquelles Romances eternos que começárão a apparecer em França desde os ultimos dias do Reinado de Luiz XIII.

Considera-se huma Novella como huma obra composta unicamente para divertir; mas ainda approvando a composição de Novellas, não deve este ser o fim de quem as compõe. Todo aquelle Livro que não enlaça o util com o agradavel, não he digno de estima. Quando recreia o espirito cumpre que tambem instrua o coração; e este he o meio de que se servirão grandes homens para illustrar, e fazer estimaveis seus escritos. Hum Escritor que cheio de atrevidas invenções entretem os leitores no curso de dois, e mais volumes com accidentes sustentados, e levados com destreza, e de maneira interessante, e que no fim do Livro tem só enchido a alma de duéios, de raptos, de prantos, de lagrimas, de desesperações, e não

tem a sciencia de instruir, nem o dom de chegar á perfeição, apenas possúe a menor parte do seu mister: porém aquelle mesmo que instrue sem aprazer, não instrue por muito tempo: he o Magrisso do seculo, vê apodrecer seus Livros na Loja do seu Livreiro.

Algum dia erão as Novellas hum montão de aventuras tragicas, que tocavão a imaginação, e despedaçavão o coração. Sem embargo disto erão lidas com prazer, porém não se tirava de sua Leitura outro fructo mais que nutrir a alma de quimeras, que se tornavão muitas vezes perjudiciaes. Imprimião-se n'alma dos mancebos as idéas vagas, e gigantescas de quimericos Heroes, e costumados a semelhantes imaginações, perdião o sabor do verosimil. Isto se vio na eterna progenie, ou geração interminavel dos Amadiz de Gaula, e de Jafed d'Armenia, isto se vê ainda no decantado Carlos Magno. Entrando eu ha annos em hum Convento de Frades, de Santarém, o Reverendo Prior, e os mais notaveis andavão attonitos em busca de hum Borjaca, ou Barbato, que todos os dias pontualmente depois do Refeitorio matutino se eclipsava, e sumia a ponto de não apparecer sendo preciso para a corda do sino, ou páo da vassoura; chegárão á porta do beliche Donatal, ou Barbatal, e pelo buraco da chave o virão de joelhos com hum Livro diante, banhado em lagrimas; a acção edificou, e enterneceo, porque julgárão vêr hum dos antigos Padres do Ermo, em altissima contemplação, e só não imitado no jejum, porque o Barbato comia a ponto de deixar em lastro o antigo Refeitorio de Alcobaça. O Reverendo Prior, que de hombro a hombro tinha hum dia de jornada, ou pelo menos huma legua de caminho, encostando á porta hum dos hombros, mais volumoso que o Monte Caucaso, e mais solido e compacto que a cabeça do mesmo Barbato, a fez ir dentro, e perguntou ao contemplativo, que tinha? O Barbato sem se mover da posição, ou attitude genuflexa em que estava, não deo mais que esta simples, e cathegorica resposta, mais laconica que a dos Comissarios do Congresso de Kastadt, Jean de Bri, e companhia: = Morreo Oliveiros ... = e continuou na mesma profusão, ou effusão de lagrimas. Vio-se então que o Livro endiabrado era Carlos Magno, e que por amor de Carlos Magno, e não de seu *Neto*, *e successor Bonaparte*, o maldiro Barbato faltava em cheio ás suas obrigações Religiosas; porque se elle não desse no sino as capuchas de Vesperas, nenhum Frade lá apparecia.

Ora, se tanto póde huma Novella Heroica na cabeça de hum Barbato, ou de hum Donato, que fará na cabeça de huma mulher, não Floripes, e Gui de Borgonha, não Ricardo de Normandia, a Ponte de Mantible, o Almirante Balão, o Gigante Galafre, ou Galeti, a Giganta Amiota, e

Ferrabraz de Alexandria, mas huma *Ata-lá*; e *Ata-cá*; huma Camila, e outras que ensinão a perfidia, e infidelidade aos Pais, aos Maridos, aos deveres, ao Estado, e ao mesmo sexo? Que farão tantos, e tão patifes enredos, conloios, intrigas amorosas, correspondencias occultas, e tantas fugidas por portas de Jardins, que sempre estão promptas, e dispostas para a solução do Drama? Que fará na cabeça de tantos Mancebos de paixões exaltadas, hum maldito Werther, apostolo do Suicidio, não faltando Quixotes que se queirão matar por amor de huma mulher de quem se aborrecerião logo se com ella casassem, e ella se começasse a queixar de flatos hystericos, vapores, frieiras, e indigestões, ou começasse a vir para casa cear ás quatro horas da madrugada para dormir depois até ás seis da tarde bem puxadas? Não descubro hum titulo porque deva approvar Novellas, descubro todos os titulos porque devo ser dellas o Desapprovador. Aprendão os incautos Pais de Familias a tirar, e arrancar esta peste das mãos de seus filhos, e conheção todos que nellas se nutre a ociosidade, e na ociosidade se sustentão todos os vicios; que ellas são hum dos vehiculos, ou canaes da corrupção da sociedade, que fazem inclinar para o mal as indoles mais bem formadas pela Natureza, e saiba-se que as mulheres aprendem a realizar na pratica, o que alli admirão, e conhecem na ficção, ou na imaginação. Avisão os Consules Levantiscos que rebentára a peste em Alepo, em Smyma, em Alexandria, nas Ilhas Jonias, e na Albania, que passa a Trieste, que vem a Gibraltar, e que póde estacionar-se em Lisboa, e subito a prudencia manda tomar todas as medidas da cautela necessaria para conservação do maior, bem que he a saude .... Ah! Se algum que consultasse bem sobre a saude moral dos Portuguezes avisasse de lá sobre a errupção do Volcão Novelleiro, e se certa Junta em Relação mandasse que os conductores de Novellas fizessem quarentena no Limoeiro ....

Fim do primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1818.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 2.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

CReio, que não sou eu só, mas que todos os individuos que tem olhos gostão da *Luz*: proceda ella de que proceder, seja hum corpo á parte creado por Deos no primeiro instante da creação do mundo; seja huma continua emanação de effluvios, ou corpuscolos, que sahe do corpo do Sol, sempre perdidos, e sempre reproduzidos, como affirma huma especie de gente que ha chamada Filosofa; isso não he do caso, o que he certo he que todos gostão da luz, e até os mesmos ladrões que entrão em huma casa ás escuras (e ás escuras a deixão) costumão levar seus preparos para accender luz, e vêrem o que apalpão, porque tudo o que apalpão, empalmão. A luz he a cousa melhor que ha; ella nos descobre o espectaculo do Universo fazendo-nos, que vem a ser o mesmo, vêr o quadro da Natureza. A cousa que mais me assusta, e aperta o coração he a obscuridade de huma noite profunda; pois n'huma charneca, e em cavalgadura de marca menor! Ainda temo mais a obscuridade em huma rua de Lisboa, porque ás vezes os moços que accendem os candieiros parece que tem gota tambem nos pés, porque na cabeça sempre he de presumir que a padeção. Nada me póde encher de maior consolação que a serenidade, e claridade de hum bom dia como vai estando este de 26 de Novembro, o mais claro, luminoso, e sereno que ha muito tempo gozamos; a pintura dos Ceos se aviva de tal maneira, que não posso despegar os olhos da magnificencia, e belleza deste espectaculo; não conheço sorte mais lastimosa que a dessas tristes aves a quem a Natureza condemnou a viverem nas sombras da noite, sem poderem contemplar já mais o resplendor do Sol. Ora este inexplicavel prazer que eu sinto na ordem da Natureza com o espectaculo da luz, que faz vêr todos os espectaculos, passou tambem para a or-

dem moral, e se eu dou os agradecimentos á Natureza por ter olhos, e poder gozar da luz, muito mais os dou á Fortuna por me ter feito nascer no *seculo das luzes*, que assim ouvi sempre chamar a este em que existimos, e com effeito he por excellencia o *seculo das luzes*. Parece que todas as Sciencias, todas as Artes, todas as Letras se tem hido ácinte ajuntando de idade em idade, de seculo em seculo para allumiar o presente seculo! E não só eu, mas todos, se devem julgar ditosos, e felizes por nascerem em tal seculo. Os reverberos destas luzes são mais vivos, luminosos, e vivificantes nas grandes Capitaes dos Reinos, e dos Imperios da terra. Ainda bem que de hum canto escuro do Além-Tejo, das calvas campinas da melancolica Beja (Cidade agradavel aos Antiquarios, que tem por lá achado vestigios da lingua Celtica, e cadeiras de palhinha em que se assentavão os Carthaginezes) eu fui trazido aos onze annos de idade para a magnifica, pomposa, e immortal Lisboa, foco das luzes, e onde na verdade se sente o seu calor productivo, e animador. Por aqui me tenho conservado, ainda que alguns annos desperdicei nos Sinceiraes do Mondego, verdade seja que tambem aquillo por lá he hum lampião de *Luzes*, e podemos dizer, que de lá vem ellas para cá, e se não fossem aquellas de lá, talvez que estas por cá não fossem tão brilhantes, tão singulares, e tão activas. Os homens de luzes que por aqui tenho encontrado, lá forão beber, e as luzes espalhadas pelas Provincias de Norte, e Sul nos Magistrados, Curandeiros, e Causidicos, alli tiverão a sua origem, e foi unicamente aquella a sua fonte. Mas em fim, as tochas mais luminosas, e mais brilhantes aqui vem ter a Lisboa, e dellas me tenho aproveitado, porque ellas clarissimamente me mostrárão que existimos *no seculo das luzes*. Estas tochas começão a ser pavíos no Mondego, e cá vem para Lisboa buscar cera, ou cebo como apta materia em que se sustente a sua luz, e se communique depois a todos os povos, e faça conhecer ao Mundo que tambem cá por Portugal brilha, e resplandece agora *o seculo das luzes*. Como eu não sei jogar, nem tenho que, não frequento as sociedades, porque nas sociedades já se não faz outra cousa mais que jogar: porém a Banca, e Ronda farão daqui a dois dias que não haja sociedades, porque os que as frequentão não terão hum par de botas para lá ir: busco outro foco, outro centro em que não só admire, porém me aproveite do *seculo das luzes*. Quem entra n'hum Botequim parece que na verdade entra no Palacio Imperial de Pekim, as pinturas, as douraduras, e as luzes dão a conhecer a pompa, o esplendor, e magnificencia do Luxo Asiatico. Os cachimbos, e os cafés dão a conhecer mais a visinhança da Sete Torres, que a pobreza do Arrebalde de Pera em Constantinopla. Nas mezas estão exhaustos os marmores de Carrára, os alabastros, e jaspes Numidicos, e o granito do alto, e do

baixo Egypto. Os lustres de Bohemia até se pendurão nas chaminés, e nas fornalhas da fava, e do tremoço torrado, pasmoso substituto do digestivo café depois que não sei quem o pôz a oito mil réis a arroba. Cada Botequim he hum receptaculo de Filosofos de toda a casta: alli se trata não só da direcção, e governo da Républica (e alli mandarião buscar Leis Sparta, e Athenas, se ainda existissem, e a mesma Roma não mandaria a outra Officina fabricar as doze Taboas, e mais illustrado seria Justinianno se alli quizesse compaginado o seu Codigo,) porém do Galvanismo, da Mistificação, e do Mognetismo animal. Tira-se gaz de huma torrada, e muito mais se tira do ponche. Eu para aqui me acoito, para aqui estou com hum bem notavel aproveitamento nos meus estudos, porque não ha meio mais facil de progredir nas Sciencias, e de gozar *do seculo das luzes*, que ser Doutor de orelha, e Prégador de outeiro. Trinta réis de café, ou do que quer que seja, me dão direito (que escapou ao Letrado Lobão) de me conservar alli huma tarde inteira, bem sentado, abrigado da intemperie das Estações, e muito melhor acompanhado, porque em roda de mim, não vejo senão os Luminares *do seculo das luzes*. Em huma destas tardes chuvosas alli estive grudado, mas embebido; ficava-me defronte na mesma meza hum homem, alto de porte, tez sombria, e esfomiada, olhos encovados, e estupidos, nariz sesquipedal, boca rasgada, e aberta, e por toda esta fisionomia, descobriria o Doutor Lavater hum homem por certo dos mais solemnes mentecaptos da nossa idade! Olhou para mim com bondade, eu o medi perspicacissimamente, não viesse emprestimo, mas enganei-me, o homem estava arrebentando por fallar, e eu abri a sessão com o cumprimento surrado da etiqueta dos mesmos Botequins — O Senhor serve-se? — Elle me respondeo, que o tinha *sensibilisado*, mas que padecia de *nervos*, e continuou, que havia muitos annos que se occupava no estudo da Astronomia que em seus principios tinha ensinado as primeiras letras, e *a Grammatica Filosofica* da lingua Portugueza em hum dos Collegios.... que o nome do Collegio viria no Almanak dos Collegios que estava para se publicar; que para abrilhantar o Theatro Nacional tinha composto alguns Dramas que lhe merecêrão o titulo de Abrilhantador, porém que huma poderosa, e terrivel *Caballa* Comica o fizera ir a terra, e que assim mesmo não deixara o Theatro, procurando ser util á Nação, compondo Cartazes para a Opera, e que se constituira a beneficio do Público, o Genio Cartazeiro da Nação; que se divertira por algum tempo em desenhar *Caricaturas* moraes, politicas, e litterarias, que fôra membro da sociedade das *Gentes de Letras* na composição de hum Jornal Zoologico-peçonhento, e que a terceira semana dera, e levára muita pancada com os seus socios sobre a preferencia do artigo — Lacráo, — ao artigo —

Osga ; porém que finalmente deixára tudo como divertimento inutil para reformar o Ceo , conservando-se nos mesmos sentimentos que ElRei Allonço , o sabio , que se assistisse com Deos á creação do mundo lhe mostraria o modo melhor de fazer andar as Estrellas , pois erão de huma sorna , e vagar insupportavel. Declarou-me que o seu intento era apear Copernico , e Newton daquella alta peanha de gloria em que a sciencia , e o merito os havião constituido ; que os seus systemas , erão huma borracheira , que alli estava eu que via muito bem , que aquella Loja de Bebidas não andava á roda do lustre que a allumiava , que era por consequencia cousa ridicula fazer andar a terra á roda do Sol , que elle tinha posto tudo em ordem , e no seu lugar , e que a terra ficaria para sempre onde devia estar , que não andaria mais á roda , que esse era o motivo de andarem tanto á roda as cabeças dos homens ; como V. m. he assignante da Loja , ámanhã lhe trarei hum manuscrito , que he huma satyra que eu fiz aos Astronomos , e verá então a luminosa prova de tudo quanto lhe acabo de dizer.... Eu abri a boca de pasmado , e disse cá comigo : Ora na verdade isto he assim , e agora conheço com toda a evidencia , que nós existimos *no seculo das luzes.*

A minha fortuna ainda foi maior naquella feliz tarde. O Astronomo não era só , a meza estava rodeada de sabios , que me parecia hum canto do Café do Deserto no tempo dos Periodicos. Hum que estava ao lado do Astronomo , homem que me pareceo de contemplação Filosofica pelo profundo silencio com que escutára o tal la Place , e Ptolomeo de Botequim , e pela assestada , e indespegavel luneta ; tomando a palavra disse : — O Senhor se tem occupado do movimento do Sol , e do repouso da terra , eu lá lhe vou alguma cousa pela rama , e sem sahir do ramo Astronomico , me occupo de cousas mais uteis , mais aproximadas á felicidade pública ; eu occupo-me da Lua , e dos Caniculares. Descobri finalmente que ha na vasta extensão dos Ceos , constituições (julgo que queria dizer Constellações) austraes , e boreaes ; a constituição austral produz o bom tempo , quando o não traz chuvoso , e que a constituição borcal produz o máo tempo , quando não traz dias serenos , secos , e claros : compuz hum Reportorio perpétuo superior ao do Borda d'agoa , as minhas Profecias são muito mais seguras , e infalliveis , não digo eu , que as do Lunario perpétuo , mas que as do mesmissimo Pretinho do Japão , que as do Mourão de Granada , e as da Madre Leocadia , e Donato de Monsarrate ; o exito verificará as mesmas profecias ainda mais do que tem verificado , ou as de Simão Gomes , ou de Gonçalo Annes , vulgo Bandarra , e ambos Capateiros ; e ainda que com effeito , e na verdade tenha sempre feito frio quando eu annunciei calor , e que tenha chovido a cantaros quando eu ameacei as lizirias de huma seca assustadora , nem os meus descobrimen-

tos são menos filosoficos, nem as minhas profecias menos infalliveis. Acabo tambem de verificar que a Lua influe nas plantas, como manifestamente se descobre nos pepinos, e em toda a qualidade de Charnecas, e por isso não convém plantar huma arvore no mingoante da Lua, porque não chegaria a medrar muito, e que os nossos cabellos, que tambem são plantas, devem ser cortados em Lua nova, sendo tambem muito conveniente cortar as unhas em quarto mingoante se as não quizermos ter mui compridas, e ainda mal que tantas ha não só compridas, mas aduncas, e empolgadoras. Tenho feito huma collecção de todas estas observações para as publicar em hum Volume grosso de setecentas paginas de quarto, ainda que m e aconselhão, que as vá publicando aos poucos no Jornal das *Centes de Letras*, que he azado para isso, e os seus Collaboradores pedem memorias aos Sabios, porque em fim eu aspiro a ter hum nome illustre no seculo das luzes em que vivemos. E com effeito, eu vi então que estavamos *no seculo das Luzes*.

Na verdade a esféra dos meus conhecimentos hia-se dilatando cada vez mais. Ao lado do Astrologo estava hum homem de terrivel aspecto, e portentosa impostura, huns dizião que era Roberspierre disfarçado, porque não tinha sido elle, mas outro em seu lugar que tinha gloriosamente subido á Guilhotina, que tinha andado correndo o mundo disfarçado em Judeo de tamaras doces, chinellas verdes, e cintas encarnadas para Almocreves, mas que não podendo disfarçar o assento Francez, nem sustentar por mais tempo a pronuncia gutural dos Arabes, Judeos, e Mouros se declarára Empirico Francez da Escolla Central de Montpelier, (cujo Cathecismo perfeitamente ignorava); que andara curando na Tartaria o Hydrofobia (mordedura de cão damnado), e que curára o cão dos Tartaros com pão com manteiga pulverisado de cebolla alvarran, ou Tanchagem aquatica, como dizia a Gazeta de Liege, e aqui se viera metter, porque aqui cabe tudo, e aqui são os verdadeiros Goiazes dos Franchinotes. Começou a dizer que elle era acreditado pela operação de cataratas; e que tinha alimpado não só a vista, porém a bolça a muitos padecentes. Disse mais, que além de huma Encyclopedia dada em folhas de papel, tinha composto hum Livro, cujo titulo era por extremo scientifico, mas por extremo difficil de se conservar de memoria: esta producção he huma *Obra de genio*, e chama-se a *Megalanthropogenesia*. Nella ensinava a reformar as gerações, a crear, e procrear homens dotados de todas as qualidades eminentes, que distinguem os Heroes, e fazem conhecer as almas privilegiadas, e que esta obra era o maior, e melhor presente que se podia fazer a hum noivo no dia de seus desposorios. Asseverou mais, que se a leitura desta Obra se vulgarisasse, não se verião nascer senão homens grandes, e genios elevados, e que se diminuiria dest'arte o infinito número dos

tôlos. Eu não desejava interromper o profundo discurso do homem, mas tambem não pude deixar de exclamar: Ora na verdade nós existimos *no seculo das luzes*!

Continuou o homem com a pasmosa arenga, e disse, que, em se instruindo melhor na Lingua Portugueza, queria elle mesmo, sem soccorro dos Traductores da Nação, verter em Portuguez *puro* a Obra de Mr. *Claudan*, Medico em Paris, que se intitula: — *Investigações, e considerações Medicaes sobre os vestidos dos homens, e particularmente sobre os calções* — Em Paris na Officina de *Gabon* Livreiro. Este Livro he respeitavel, dizia elle, pelo seu objecto, que he o feitio dos calções, e sua influencia moral. Este Medico tinha matado immensos Alfaiates em Paris, ou os Alfaiates que restavão deitárão essa fama para se vingarem do Medico, talvez que por lhe não pagar algum exorbitante feitio de pantalonas, e elle vingou-se dos Alfaiates, mostrando mathematicamente que a maior parte das doenças nos homens procedem dos malditos feitios dos calções que fazem os Alfaiates, mostrando com a mesma evidencia mathematica, que o caracter, os sentimentos, e as paixões dos homens dependem da fórma, ou feitio dos calções, da largura do coz, e das dimensões das ligas. Depois da traducção desta excellente Obra, eu sou grato, dizia elle, á Nação Portugueza, pelo grande consumo que tem dado ás minhas pirolas, *evacuantes*, e *astringentes*, e aos frasquinhos do meu balsamo *absorvente*, desejo illustralla, e darei á luz a Obra de hum Medico parteiro em Paris, que descobrio em suas relações com os sexos o methodo de proporcionar nas gerações o numero dos machos, e das femeas para restabelecer a proporção entre os dois sexos. Este Medico ensina na mesma Obra a arte de aperfeiçoar as raças, de fazer crescer as forças fysicas, e moraes, de formar gerações que excedão em qualidades tudo que as primeiras idades do mundo produzirão mais perfeito, e acabado, e com effeito não ha huma Obra que mostre com maior evidencia o progresso das *Luzes* no seculo em que existimos..... Aqui me não pude eu conter sem me levantar, e dando huma grande punhada na meza que a hia fazendo em migalhas, exclamei: He verdade, este *he o seculo das luzes*! V. m. ainda está atrazado, me disse o tal Medico Francez, ou Hamburguez, ou o que diabo era, pois fazia huma mistura insupportavel de termos ininteligiveis.... Veja este Livro, (e tirou hum Livro d'algibeira da nojenta sotaina em que se embrulhava.) Peguei no Livro, e dizia o titulo — *Do homem considerado moralmente, dos seus costumes, e dos costumes dos animaes.* Paris na Officina de — *Poncet*, &c. Eu esperava considerações moraes, mas não erão mais que investigações fysicas sobre a origem do homem: o Author o compara ao macaco, e quer mostrar, (e eu lho creio) que elle mesmo procedia em linha recta de hum Oran-

gotang ; que Alexandre Magno , Aristoteles , Socrates , o Tasso , Machiavelli , não erão mais que macacos degradados , ou degenerados de seu primitivo estado , e que para fazer de hum Pongo (especie macacal , que procura *bipedear-se*) hum Geometra , hum Pitt , hum Filosofo , ou hum Poeta , nada mais era preciso , que pelallo muito bem. Aqui neste Capitulo se lamenta o Author de não viver com os ursos , e convida os homens todos a se reduzirem a este estado , e a se fazerem dignos delle quanto poderem , porque neste esforço mostrão que se querem aproximar á nobreza de sua origem. Eu escutava com o silencio da obstupefacção , mas rompendo este silencio , gritei bem do coração. — Não tem duvida nenhuma , nós existimos *no seculo das luzes* ! — Queria embocar a porta , attonito , e fulminado com tantas *Luzes* , quando hum da companha , travando-me do braço me fez de novo sentar naquelle tremendo Areopágo , e me disse : Senhor não se admire tanto , porque ainda não conhece de todo a reverberante *Luz* do seculo em que existimos. Aqui tem V. m. huma Ode de Horacio traduzida pela *habil* mão do Poeta Pato (aqui está assignado , a Ode he em letra redonda , impressa com todas as licenças , não tem que se queixar , porque lhe não fazem injuria nenhuma.) He a 3. do Liv. 3. das Odes de Horacio , e começa no Latim assim : —

Justum et tenacem *propositi* virum.

A traducção he na verdade digna *do seculo das luzes* em que existimos. Ora leia V. m. o primeiro verso que corresponde a este , que tambem no Latim he o primeiro. —

Ao varão justo , e em seus *propostos* firme.

A harmonia he Bocagiana , o sabor he Bocagiano .... Não , Senhor , lhe disse eu , ahi tudo he o Poeta Pato , que se não equivoca com os outros Poetas ... deixe-me vêr se he elle ! He , cá está no fim — Pato — com perdão de tão grande nome em que ha dois annos ouço fallar todos os sabbados na Corte , e Reino , parece-me a mim , (salvo o melhor juizo) que não sabe Latim , nem Portuguez , não sabe Latim porque — *propositi* — em Latim não quer dizer — propostos — em Portuguez , e propostos em Porguez , não quer dizer — *propositi* — em Latim. Propostos não quer dizer em Portuguez propositos , determinações , disposições , intenções , tenções , projectos , presupostos , &c. A mente de Horacio he esta : que o varão justo , e constante em seus projectos , não se apêa da burra , ainda que lhe caia em cima da cabeça hum pedaço de Ceo velho — *si fractus illabatur orbis.* — Ora o Poeta Pato não sabe nem os primeiros rudimentos de lingua Porgueza , isto he , não sabe Nominativos , porque não percebe a differença que ha entre o nome Substantivo , e o nome Adjectivo. Propostos he hum nome Adjectivo. Vv. mm. nunca ouvirão dizer : — Ha hoje propostos ? (E talvez Vv. mm. o mereção ser.) Observa-

se ás vezes huma grande multidão de povo defronte das janellas do Tribunal da Relação, pregunta-se — Que faz, ou que quer aqui esta gente? Responde-se — Ha hoje propostos, isto he, homens propostos para a Forca, e o povo quer vêr sahir o Escrivão *com a cara muito magoada*, com a sentença na mão, para ir correndo atraz delle até ao Limoeiro a vêr se ouve lêr, como gritarão depois os cégos, as culpas, e crimes dos padecentes; eis-aqui o que em Portuguez quer dizer propostos, por exemplo, porque sendo como he hum nome Adjectivo sempre presuppõe cousa, ou ente, que se proponha. Ora se o varão justo, e tenáz he firme em seus *propostos*, isto só se poderia dizer de hum Ministro Relator, que ateimasse em que os seus *propostos* para a Forca fossem com effeito enforcados. Mas traduzir hum nome Substantivo em Latim, para hum nome Adjectivo em Portuguez, he não saber nem huma, nem outra lingua. Se lhe não cabia no verso — propositos — não fizesse despropositos, faça os versos de outra maneira, ou não os faça, porque ninguem lhos manda fazer, e de versos, ainda que sejão optimos, não ha necessidade, póde muito bem a Républica passar sem versos, e fez muito bem Platão em enxotar os Poetos para fóra da sua, ainda que ideal Républica. Isto não dá tanto a conhecer *o seculo das luzes* como o dá a conhecer, e admirar, o que este Poeta Pato diz, e faz, pois na verdade he cousa admiravel, que hum homem que não sabe o que he nome substantivo, e adjectivo se metta aqui neste mesmo papel em que traduz a Ode a criticar hum Poema como o *Newton*, dizendo que não ha alli imaginação, quando todo elle não he mais que huma imaginaria ficção. He hum homem tão ignorante, que confunde as Personagens moraes com as Divindades do Paganismo; quando no seio da nossa Santa Religião, até as mesmas tres Virtudes Theologaes se figurão em outras tantas imagens symbolicas, e sobre a fachada do Palacio da Inquisição, elle vê a Figura da Fé com os seus atributos; e no Peristillo do novo Palacio Real estão maravilhosas imagens em pedra, das principaes virtudes do Soberano. Na primeira pagina de qualquer Missal tambem está a figura da Religião. Além de ignorante, he hum homem injusto, porque dizendo, que o templo descripto no Poema — Newton — *he furtado* da Malaca conquistada, nem huma oitava só transcreve, para provar o furto, e não nos deixar acreditar só sobre a sua palavra; isto, meus Senhores, he que me faz vêr que estamos *no seculo das luzes.*

Fim do segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1818.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 3.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

A Cousa que eu tenho mais sériamente desapprovado, e que todos devem igualmente desapprovar, são estes Jeremias ácinte, que não fazem mais que exagerar os males a que a Natureza humana vive sujeita. Ha Livros grossos, e immensos, que tratão unicamente das miserias da vida, e os taes Livros não deixão, de ser huma das maiores miserias da mesma vida. Não fallo aqui de tantos Poetos elegiacos da antiga, e da moderna idade, que não deixão huma pagina sem huma tirada contra as desgraças da mortalidade. Os Inglezes, que são os que mais podem gozar da vida, pois até chegão a divertir-se com o ridiculo combate de dois frangos, são os que mais se empenhão, e esmerão em lamentações. Os Inglezes, geralmente fallando, não são pobres, não tem fome, (porque a fome he a verdadeira desventura) bebem quanto podem, gritão quanto querem, matão-se por dá cá aquella palha; eu não sei que mais desejem para serem felizes. Até os Sábios Portuguezes se empenhão em os divertir, fugindo daqui para lá, para compôrem lá Jornaes famosos contra tudo o que nós cá fazemos na nossa terra, a quem elles tem tanto amor que a deixárão, fazendo por lá das suas para a não tornarem a vêr. Eu não sei que mais possão desejar os Inglezes para serem completamente felizes! Até se conservão em posse dos nossos Sábios, gozando lá de perto das suas luzes, e até aprendendo delles o modo de se governarem bem. Que seria de hum Pitt, se elles lhe não déssem hum fio no labyrinto intrincado de tantos negocios, que elle só dirigia, e sustentava? Apezar desta vantajem, a maior por certo que os filhos de Albion tem conseguido ha hum bom par de annos, não cessão entre elles as lamentações em grande sobre as miserias da vida humana. A raça, e geração interminavel dos Youngs, e dos

Harvey não se acaba entre aquella Nação. Mas em fim isto não admira entre hum povo naturalmente melancolico, e que tem huma molestia epidemica, e privativa, a que se dá o nome de — *Spleen*, — e eu tenho lido em muitas relações vindas daquelle Paiz, que em chegando o mez de Novembro não ha huma arvore por aquelles campos que não tenha em si hum Inglez dependurado. Até em estampas vindas mesmo de Inglaterra, e lá gravadas, e lá publicadas, tenho visto o divertimento dos Inglezes, quando a estação triste lhe abafa, e condensa mais a atmosféra. Da ponte do Tamiza se baldêão neste rio de cabeça abaixo quarteirões, e centos de honrados homens, a quem não a desgraça obriga, mas o humor hypocondriaco arrasta. Com huma edificante paxorra alguns, sentados em cadeiras, apontão com bom garbo huma pistola, muito bem atacada ao ouvido direito; que parece que são surdos, e lhe querem ouvir de perto o estampido. Outros com huma destas chicaras douradas que de lá para cá vem, e se quebrão logo, na mão, tomão (para confortar o estomago) meio quartilho bem medido, de çumo de cicuta, ou do extracto de solimão, que he, dizem os Medicos, muito anti-nervoso, e anti-spasmodico, com o qual se livrão para sempre do ataque hemorroidal em que a Chimica vai achando o principio, e a origem de todas as molestias. Não he muito pois que em hum povo, que tanto se diverte, haja hum Young que tanto se lamente.

O meu assombro nasce sobre esta exageração em grande, das miserias da vida humana, quando contemplo os Italianos, gente dada a *le Belle Arti*. — *Il Carnovale* hia tomando geito de começar em dia de anno bom, e acabar em dia de S. Silvestre. Quem quizer hum bom cantarino, hum bom dançarino, hum *bom virtuoso*, hum comparsa, e até hum *violino primo*, e hum *violoncello secondo*, ha de ir, ou mandar á Italia para se prover destas boas drogas; e creio que não ha Cidade populosa pela Europa, que não tenha hum farto sortimento destes *indispensaveis* trastes. Ha operas bufas, ha primeiras damas bufas, e caricatas, ha tudo o que alegra o coração neste valle de lagrimas em que existimos. A Italia, apezar de contínuos terremotos, volcões, pestilencias, febres de todas as côres, e de todos os nomes, até a *petequial*, he chamada o Paraiso do Mundo. Sopra de vez em quando por lá hum ventinho chamado *Il Sirocco*, que leva couro, e cabello, cahe a gente como tordos. Além destas vantajens, que não gozão os Italianos? Homens frugaes, e contentes com pouco, parecem vir dos Bramenes da India! As suas barrigas são huns depositos dos vegetaes, não ha saramago que lhe não faça huma *Ensalata*: farão rabiolis de hum chinelo velho. Eu já vi hum frigir folhas de borragens em azeite, e devoralas com tanta avidade, como se fossem linguados aqui do nosso Téjo. Huma couve flor, hum brocoli, he hum banquete de noivado,

ou Missa nova. O marrasquinho de *Livorno* he o nectar dos Deoses, ainda que seja huma faca nas tripas, que tenha dado a morte a Personagens notaveis. Pois aqui nesta Italia, onde até os mesmos antiquarios soltão risadas pela abundancia dos calhaos que encontrão, sendo os homens mais melancolicos, e pensativos que existem, apparece hum *Fuscolo* que com humas cartas, á semelhança do abominavel Romance *Werther*, persuade a todos os homens que dêm cabo de si com o suicidio. Tal he a teimosa exageração do maldito *Fuscolo* sobre as desgraças da humanidade em grande, e em geral, de que todos são victimas, e por isso mesmo supportaveis para todos. Por isso não ha cousa que eu mais desapprove que estas teimosas, e impertinentes Elegias, que desde Heráclito, e Simónides para cá até aos dias de Hervey, e Fuscolo se tem feito. Ha outros motivos para *zangarem* a vida humana, e para os quaes se tem mui pouco advertido. Sem sahirmos aqui de Lisboa encontramos a cada passo estes motivos, que fazem desapprovar as lamentações communs das desgraças do genero humano. Ora consideremos este quadro, e então verdadeiramente exclamaremos com Job, que o homem nascido da mulher, vive muito poucos dias, e esses mesmos poucos dias que tem de vida vão cheios de innumeraveis miserias. Vem hum Negociante da Praça, ou logrador, ou logrado, janta esplendidamente (depois se farão os rateios aos crédores) e determina ir naquella tarde para a sua quinta; o ar está sereno, o Sol claro, e tépido, a estação risonha; ahi estão as seges, os Bolieiros tem o porte, e o empenado da Assembléa, a familia embarca, o trote começa, a voz gorgeta sôa repetidas vezes desde a envernizada caixa até ás orelhas do desavergonhado carrasco dos estiticos cavallinhos; mas alli a Sete-Rios, no meio da triunfal carreira, outro demonio peior que o Bolieiro da Assembléa, ou do Pella-gatos, hum carreiro, se atravessa diante com hum carro de feno, que vem para consumo da Cidade, e que vem emparelhando em altura com os proprios arcos das aguas livres, mette-se a sege, lá vão as Senhoras com a sege tombada, amarrotão-se as plumas, rasgão-se os filós, perde-se hum indispensavel, e era de França, a côr a mais acertada, porque era côr de *Caca Dauphin*: primeira desgraça. Em fim chega aquelle Potentado ao seu Palacio Campestre. Hum horisonte enganador lhe promette o mais agradavel, e salutar passeio, vai passear em liberdade, diz elle, e consiste esta em andar de jaqueta; porém os caminhos estão perdidos, os combros com as invernadas são immensos, as pedras soltas são as carradas, volta-se o discreto para fazer huma reflexão em Botanica a huma das Senhoras da partida, dá huma formidavel topada, e o pé que lhe vai estalando dentro da envernizada bota, soffre huma dôr, que lhe faz acabar o discurso antes de o principiar. E isto não presta? Continúa o passeio a coxear, mas he preciso passar huma

levada de agua, que vai impetuosa, e para a passar apenas ha no meio das aguas humas pedras redondas, ou agudas, postas em grandes distancias. As Senhoras tremem, guinchão, e fazem infernaes caretas sobre esta perigosa ponte, estende o Negociante a mão, mas na ultima pedra escorrega hum pé á Senhora, e dá comsigo na levada; nova desgraça; porém o Sol, e o vento reparão em poucos instantes este funesto accidente, esquece esta primeira tribulação, e tudo vai bem: mas de repente cobre-se o Ceo de nuvens espessas, esconde-se o Sol, e começão de se ouvir ao longe os écos dos trovões; eis-aqui o nosso homem, que se tinha adiantado no passeio a correr para casa; mas o vento cresce em remoinhos, levanta nuvens de poeira, que de tal sorte lhe enche os olhos, que não póde dar hum passo, cahem gotas de agua como castanhas, que lhe alagão o chapéo mais a jaqueta, e que são annúncios de novas desgraças. O temporal cresce, os relampagos são tão bastos que o deslumbrão, e com hum estrepitoso trovão rasgando-se huma nuvem perpendicular, cahe em cima delle hum diluvio de agua que o submerge; foge, mas he preciso subir hum outeiro, que não he do granito primitivo, como dizem os Naturalistas, he de barro, e tanta agua tem embebido, que atasca até ao joelho; o homem mais recúa, que adianta, e puchando hum pé com força, fica-lhe lá huma bota; mas á força de trabalho rira a bota, calça a bota, e a chuva a cantaros em cima delle. He noite fechada, e elle ainda está a meio caminho da casa, perde-se no caminho, e querendo ir para Bemfica, vai para o Calhariz, sahe da porta de hum palheiro hum cão esfomiado, e tanto lhe ladra, e tanto o persegue, que o homem curvando-se para achar huma pedra com que lhe atire, escorrega, e dá huma formidavel cambalhota no meio de hum lameiro, onde continúa a chafurdar hum quarto de hora. Depois de muitas fadigas, chega em fim a casa molhado, enlameado, e morto de fome; mas os criados, e as criadas que pilhárão os Senhores fóra, cuidando em divertir-se, descuidárão-se de fechar as janellas da sala, e da alcoba, e está tudo hum lago de agua, que não ha onde pôr os pés: huns Patos destinados para a cêa apanhárão agua, e abalárão, de sorte que não apparecem, nem apparecerão mais; parece que tudo se reunira para o contrariar, e para lhe consumir a paciencia. Isto ainda he pouco, a casa campestre do Senhor fica mui proxima á Igreja, ha hum enterro de luxo aquella noite, e o estouvado do Sacristão deixou ir os rapazes para a torre que se fazem a olho com os sinos desafinadissimos, e hum delles quebrado. Isto he pouco. Tinhão feito debaixo das janellas hum monte de estrume da altura do Monte Caucaso; o vento que sopra, a chuva que cahio fazendo fermentar aquelle thesouro do Deos *Stercutius*, como lhe chamárão os Romanos, o faz tambem exhalar hum perfume que apésta as casas todas, e hum

forno de louça vidrada, que está na visinhança, as enche de hum fumo tão espesso, que se não póde respirar: da parte de cima está huma eira de milho, e os ladrões dos saloios a trabalhar incessantemente com os compassados manguaes. O estrondo, e os assobios de hum moinho de vento no proximo outeiro, não cessão nem de noite, nem de dia. Huma rapoza, talvez que de dois pés, veio nessa mesma noite ao quintal, e despovoou as capoeiras de tudo o que estava esperando o momento da morte no dia dos annos da Senhora; e huns poucos de rapazes saltando o muro da quinta varejárão, verdes, e maduros, os pecegos todos, que se guardavão para a mesma função.

Fatigado o nosso homem de tantas contrariedades, resolve-se a tornar para Lisboa; mas tombando-se o carro de mato cahio na calçada de S. Sebastião hum caixote com hum aparelho de Saxonia, que servia na partida das quinta-feiras que a Senhora dava, tudo se fez em pedaços, quebrou-se hum pé de hum Piano de Erhard, e esmigalhou-se de todo a Guitarra das lições da menina. Com estes incómmodos chega a casa; e sahindo no outro dia a descontar huma letra, virando atrás a cabeça na rua do Lambaz, hum homem que vinha na mesma direcção lhe deo tamanha marrada, que se ouvio no adro de Santa Catharina; cahio no chão, e trazendo-lhe de huma casa huma pucara de agua, toda lha entornárão por cima. Ao virar da Cruz de páo hum cumprimenteiro seu conhecido lhe quer ceder o lugar da parede, o homem toma outra direcção, e o outro a toma ao mesmo tempo, de sorte que ambos por meia hora balancêão ao mesmo tempo ora á direita, ora á esquerda sem ninguem se decidir. Vem como arribado á rua larga do Loreto, huma rebanada de vento lhe leva o chapéo pela rua do Alecrim abaixo; corre, e no instante em que lhe hia a pegar, outra rebanada de vento lho leva até ao Caes do Sodré; huma nuvem de rapazes lhe dá huma apupada. Recolhe-se o homem a casa, janta, e quer dormir a sésta a vêr se o fio das desgraças se rompe, ou se interrompe algum instante, mas dois cégos, hum com huma sanfona, outro com huma Rabeca, e hum rapaz com hum Pandeiro se pôem a tocar, e cantar mesmo ao pé da janella do quarto debaixo onde o homem tem o escritorio, e onde queria socegar no seu ganapé; e huns barbaros que morão no segundo andar, a darem mais dinheiro aos cégos para se não calarem.

Quer o homem dar hum passeio de tarde para vêr se em ar livre se lhe desempoeira a cabeça, e apenas sahe de casa encontra o seu Letrado, e querendo dar-lhe novas instrucções sobre hum pleito que traz pendente em materia de cambios, linguagem mais inintelligivel que a dos calculos, hum maldito carro de fanico carregado com vergas de ferro da Suecia começa de fazer tal matinada atras dos dois interlocutores que vão passeando, que não entende palavra hum ao outro,

e o pertinacissimo carro tão obstinado em os seguir, que por fim se apartárão deixando as instrucções por fazer.

Estas são por certo as verdadeiras desgraças da humanidade em que os Poetas Elegiacos devião descarregar as suas lamentações, e os Filosofos do Cemiterio as suas eloquentissimas Diatribes. Chamão-me outras desgraças peiores que a desventura de nascer, e a fatalidade de morrer. Eu desapprovarei as Jeremiadas de Young, de Harvey, e de Fuscolo, que não cahirem sobre as desgraças, e incómmodos que nos vem das mãos dos Poetas no que elles fazem, e no que elles escrevem. Esta especie de orates he a que faz a vida humana, não só pezada, mas tediosa, e insupportavel. Bem conheço que estes males são mais faceis de evitar que os outros que parecem inherentes á especie humana, e o meio de se esquivar a elles he fugir de todos aquelles lugares que possão ser infestados de Poetas, como se evitão nos mares, e nas charnecas aquellas paragens que são, ou podem ser infestadas de piratas, e ladrões. He da prudencia fugir daquellas terras onde se houver declarado a peste. Tudo isto assim parece, porque quem não quer morrer no perigo, foge do perigo; pois são mais evitaveis todos os perigos do Mundo, que a abordagem de hum Poeta. He mais facil escapar de hum terremoto, que das perseguições de hum Official de versos. Tenho visto escapar das mãos dos Malsins carne de porco, e vinho, cousa de que elles gostão muito, e julgão sempre estes dois generos desencaminhados, se das mãos de quem os tem, ou os comprou, não vão caminhando para as suas barrigas; porém das mãos dos Poetas não se escapa, porque ainda que nos não cancem com suas recitações, porque damos em fugir como de cães damnados, até por baixo da porta ás nossas escondidas nos impurrão as suas impressões. Em havendo fama de Poeta que busca assignantes, parão os negocios públicos, tudo se fecha, e se nega em casa. Muitas pessoas vão á Missa das almas na respectiva Freguezia, ou onde mais cedo se disser, e mais depressa; e antes de Sol nado já estão trancadas em casa, e bata quem bater; quem póde fazer provimentos para hum, ou dois mezes, como em occasião de cerco apertado, não se descuida, e assim permanece em quanto o commum inimigo senão desengana, que não pilha assignantes. E que fará hum homem assim desenganado! Quanto he fecunda em recursos a fome de empurrar versos! Como qualquer Poeta se julga hum Litterato consumadissimo ainda que elle faça versos taes como este do *Divino* Camões.

Chorárão-te Tho-mé . . .
Chorou-te-tô-da-a-té . . .

busca as sociedades dos Litteratos que fazem Jornaes Litterarios, e á força de submissões, súpplicas, rogativas, adulações, alcança do primeiro sobre-carga, e segundo caixa do Jornal scientifico a faculdade de inserir nelle as suas produc-

ções ; porque hum Jornal destinado a instruir nas sciencias o povo miudo , sem hum artigo d'alta Poesia he cousa não só triste , mas indecorosa. Sem o artigo de Poesia , como poderia o povo miudo conhecer que cousa era hum Escorpião , huma Aranha , huma Tarantula , huma Vibora ? Conhece-se a necessidade do artigo Poesia , admitte-se no Jornal , e apparece assim no Mundo para augmentar os males da humanidade , e merecerem o *Sunt Lacrimæ rerum* do grande Virgilio. Eis-aqui o que succede , e eis-aqui o que se vê , e á mão me foi ter no precioso Jornal scientifico composto , como se diz no frontispicio com letras muito grandes — Por huma Sociedade de Litteratos. — Abri o Tomo 2. do mesmo Jornal a pag. 6. , e vejo — Artigo 2. — Poesia — Era huma Ode de Horacio , a 3. do Liv. 3. , traduzida em Portuguez... fui logo vêr o fim da Ode para reconhecer o Poeta vertedor , e achei — Por Nuno Pato — O nome do Author acreditava por si a Obra , e para lhe imprimir o cunho da immortalidade , basta que se assigne , e a gente veja assignado — Pato. — No Jornal quiz apparecer mettido , e escondido como Baccho em Moçambique , tão poeticamente descrito pelo *Divino* Camões naquelle harmonioso verso :

„ Aonde com este engano Baccho estava „

Cá está Pato , disse eu , a composição ha de ser admiravel ! mas eu não a pude entender ainda que em tão clara prosa como a desta Estrofe mettida entre dois pontos finaes , e he a 6. da Ode. — Eila : — „ Des-que os Deoses fraudou Laomedonte do promettido premio , condemnada por mim , e por Minerva com seu povo , e fraudulento Chefe. „ — Isto não se entende , e mais he prosa. Ora ponhamo-la em ar de versos como lá está , isto he , reduzida a regras pequenas , a vêr se entende melhor :

„ Des-que os Deoses *fraudou* Laomedonte
„ Do promettido premio , condemnada
„ Por mim , e por Minerva com seu povo
E fraudulento Chefe.

Da mesma sorte se não entende. Ora o primeiro discipulo do *Divino* Camões não devia aprender de seu Mestre a annunciar-se com a mesma clareza com que elle se annuncia ?

Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse?

Vejamos se he mais claro , e mais sublime , e harmonioso nas outras Estrofes. Eis-aqui a 8. — „ E por nossas discordias , prolongada , he finda a guerra , as graves pois a Marte iras resignarei , e o Neto odioso nascido da Troiana. „ — Ainda isto he peior ! Aqui na verdade se póde exclamar como Principe dos Poetas : —

Chorárão-te — Tho-mé ! —

Se ha cousa digna de lagrimas , digna dás lamentações de Young , de Harvey , e de Fuscolo he esta ! O Poeta Pato , continúa na sua prosa a verter Horacio , e diz assim na Estrofe &c. Com as suas regras pequenas : — „ Com tanto que o Armento fol-

gue ; e as Feras seus cachorros aninhem , permaneça fulgente o Capitolio , e altiva impére Roma aos vencidos Medos. ,, — Fosse embora isto , ou prosa , ou verso , mas entendesse-se. Vamos a mais verso , ou a mais prosa do Poeta Pato , e seja a Estrofe 13. — Mais *invencivel* se despreza o ouro sotterrado , e melhor na terra occulto , que a humanos usos se o reduz sagrado tudo quanto ha roubando. ,, — Não se lhe vai dentro por mais diligencias que faça o entendimento humano para pescar algum sentido , parece que Febo á roda das Estrofes de Pato fez o que diz Pato na Estrofe 17.

,, Se *aheneo* muro erguer tres vezes Febo.

Que será — *aheneo* — ? Seja o que for , muito seguro não era elle das primeiras duas vezes , porque Febo teve o trabalho de o erguer terceira vez , e o Febo de Pato devia ser melhor Pedreiro , para lhe não vir duas vezes a obra a terra.

,, Se aheneo o muro erguer *tres* vezes Febo , —

e tres vezes Febo são tres Febos.

Chorárão-te — Tho-mé ! —

E então não são bem desapprovadas as lamentações em grande , que fizerão os Poetas , e os Filosofos sobre as desgraças da humanidade ? Se elles olhassem para estas miudezas , terião maior motivo de derramar lagrimas ; estes versos , e estas prosas he que são as verdadeiras miserias da vida humana ? Eu digo verdades , não digo injurias , que he o que me fazem a mim , e as injurias dão mais a conhecer a malignidade do injuriante , que os defeitos do injuriado : digo verdades , e quem quizer considerar , e ponderar as cousas no verdadeiro sentido em que eu as digo conhecerá que procedo com recta intenção. Tem chegado as cousas , em materia de costumes , e letras a tal ponto , que já não merecem lamentações , mas odio , e riso. Não sei que escola seja a da presente Poesia , e a da presente prosa , mas se os homens sem natural genio , e talento , não sabem pensar , como hão de saber exprimir-se ? Está cheia a Republica das letras de sevandijas a quem a fome , e unicamente a fome põe nas mãos huma penna ; dão-se ao Theatro , (boa escola de moral !) lá vai no Theatro o que nós vemos. Dão-se a fazer Odes para luminarias ! Vio-se em pano , e em papel o que se vio , e se chorou , e para mais penas sentirmos , ou para mais se nos accender o odio , e se nos soltar o riso , estes mesmos são os que nos seus papeis se chamão — Huma Sociedade de Litteratos. — Hum destes fallando de huma boa Obra , remata o seu discurso com estas palavras : — *Dá gosto a lêr-se , não obstante o ser fundamentalmente scientifica.* — De sorte que huma Obra em sendo scientifica destroe o gosto de se lêr — .....

Chorárão-te Tho-mé ! ....

Sejão motivos de lagrimas para os Heráclitos , para mim são motivos de odio , e motivos de riso.

Fim do terceiro Número.

O DESAPPROVADOR.

N.° 4.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

CAlculo!!! Esta voz sôa ha muitos annos de hum lado a outro lado da terra. Tudo se calcula, e tudo está sujeito ao calculo. Eu li, não sei em que Livro, que existira em França hum grosso, e poderoso partido de cabeças mathematicas, e calculantes, que meditárão huma feliz revolução em Litteratura, e educação, reformando o homem, e reduzindo-o ao simples uso do calculo, e da Geometria, ateimando que todas as nossas operações podião ser reduzidas a huma fórma algebrica, o que lhes poderia dar huma firmeza, e segurança extraordinaria. Os taes calculadores estavão certos que com este methodo não haveria no Mundo mais que Filosofos, e que por tanto não haveria paixões, nem desordens, nem tempo para compor Elogios de Theatro, e Comedias sentimentaes. Isto na verdade era a cousa mais azada que havia para dar cabo desta Filosofia commum, de que os homens se tem servido para viver, e com a qual tem vivido menos mal, que vem a ser, gozar sem reflexão dos bens, e dos males que a Natureza indistinctamente semeia. Todos se divertem quando podem, todos cantão, chorão, gritão, sem se lembrarem da causa fysica, ou methafysica, que produz a sua tristeza, ou seu contentamento. Ensina-se aos rapazes a lêr, e escrever, e contar, Grammatica, principios de boa moral; mas não se lhe discorre sobre a formação da Grammatica, e menos sobre a relação que póde ter com os nossos sentidos, idéas, e raciocinios. Bons erão os Mestres de meninos para se metterem nestes assados. Eu tambem nunca me lembrei em dias de minha vida, que a Arithmetica podia servir para outra cousa que não fosse regular cada hum as suas contas, e não se deixar lograr pelo Mercador, Alfaiate, e todos os mais que contra nós assestão roes mais mortiferos, e exterminadores que artilharia de 48. Não havia antes do calculo homem, quem se persuadisse que

outro homem era capaz de ir sobindo até a origem, e causas primitivas, e secretas da moral, e quando ouviamos dizer a nossas Avós, ou aos Curas das nossas respectivas Freguezias: — Não faças a outro o que não quizeras que elle te fizesse a ti, — nos julgavamos tão sabios, e tão instruidos como Socrates, Platão, Marco Aurelio, e o mesmissimo Confucio. Tenho tido repetidas occasiões de observar, e contemplar de perto a gente dos campos. Os mancebos rusticos tambem amão, tambem fazem a sua corte ás mancebas rusticas, e via que não reflectião sobre as regras constitutivas da belleza, nem se embaraçavão, ou perdião tempo em examinar a marcha do sentimento amoroso que os arrebatava. Via que amavão tambem os gados, as aves, as flores, a verdura, e toda a pompa que a Natureza ostenta nas mais formosas, e ricas estações, mas tudo isto maquinalmente, e como por instincto, sem lhes vir á cabeça a idéa de examinar a causa efficiente de tão poderoso atractivo. Mas será isto hum estado de imperfeição? Por ventura tem já chegado a razão humana a tal perfectibilidade, que para ser completamente feliz possa conhecer as causas das cousas? De toda a parte ouvia eu dizer que sim, e que o meio em que se tinha dado para isto era o calculo, e a analyse, que sem calculo, e analyse não se podia nem gozar da vida, nem dar hum unico passo para a felicidade! Assim me pareceo, porque nem dou hum passo pela rua, que não ouça a palavra calculo, e analyse, nem pego nos escritos ou do douto, ou do *profundo* Pato que não veja — analyses, e mais analyses. — Exames analyticos, juizos analyticos — &c., e já ouvi gritar a hum Ajudante de Regimento a hum triste Sargento, que se demorava em contar quatro soldados para huma patrulha: — Official inferior, applique o calculo. — Que seria hum homem destes nas grandes manobras, das grandes paradas, do grande Potzdam? Resolvi-me a buscar hum homem mathematico, hum homem de calculo. Que bençãos me cahírão em casa! Dei com huma destas cabeças mathematicas, e calculantes. Achei o homem, isto he, achei o facho, a cujo clarão me podesse conduzir nos caminhos da vida, que, apezar de sua brevidade, pede muito sentido, porque os taes seus caminhos são muito escorregadios. Com effeito este mathematico era hum homem que nada fazia sem compasso, e regoa. Desde o momento em que se conheceo chegado ao uso da razão, nunca rio, nunca choron; porque, dizia elle, a causa do riso he hum sentimento de prazer intellectual, e por tanto só a alma se deve rir, sem ser preciso escancarar a boca de orelha a orelha. Os bens, e os males são tambem objectos de huma ordem puramente intellectual, e por tanto, seu gozo, ou fruição não são da repartição do corpo, porque este pertence a huma ordem fysica, e material. Nunca se permittio a manifestação de hum pensamento só, sem estar de ante-mão seguro que este pensamento era

exactamente conforme ás regras, e principios do calculo, e da analyse, sem jamais se decidir se este pensamento procedia da razão, ou da imaginação, porque hum Geometra he inimigo declarado da imaginação. Daqui procedia a sua contínua, e desesperante taciturnidade. Detestava a Poezia, a Eloquencia, a Pintura, e tudo o que constitue essencialmente o merito das Artes que se chamão bellas, e a que elle chamava detestaveis. Quando ouvia fallar em *sentimento*, dizia que não havia maior cegueira, que o sentimento, e a imaginação, e que se os homens querião Sciencias era preciso absolutamente suffocar a imaginação, e petrificar o sentimento. Seu grande principio, e sua maxima fundamental era, que no Mundo fysico, e moral não havia huma só cousa que se não podesse, e se não devesse submetter ao calculo, e que o verdadeiro — Bello — era huma equação exacta.

Desprezava altamente, e até mofava, de todos aquelles Sabios Escritores, que enfeitavão, ou ataviavão seus escritos com os ornamentos do estylo, e dizia que o pomposo Marco Tullio Cicero era huma especie de Medico Charlatão, que apparece vindo de fóra com hum vestido agaloado para enganar melhor a irreflexiva multidão; ateimando que a linguagem dos doutos deve ser como a dos Quakeres de Inglaterra, curta, sentenciosa, e sem arrebiques. Tinha calculado hum plano de abolição de todas as cadeiras de eloquencia, e de litteratura, e chamava a Longino, Hermógenes, Quintilianno, e Blair os maiores inimigos do genero humano; pòrque, dizia elle, o objecto da eloquencia, he pôr em acção faculdades perfidas, e perigosas exercitando a imaginação em perjuizo da razão. Este homem calculo, tinha hum filho, era como elle, e esperava fazer ainda hum dia época na historia dos progressos do calculo, e da analyse. Tinha-se dado á composição da Historia, mas não tinha composto mais que hum volume pequeno da Universal, que continha unicamente as datas, e os factos annunciados com simplicidade de rol. Queria dar ao público huma edição de Tito Livio reduzido a poucas paginas em 16, dizendo que tudo mais neste Romano Annalista era pueril, miseravel, e inutil. Era de tal arte inimigo de tudo o que não entrava nas regras do calculo, que lendo hum dia hum arrezoado de hum Jurisconsulto célebre, e eloquente, teve hum desmaio, e quando tornou a si depois de lhe terem atulhado as ventas de huma fortissima assa-fátida; disse, que aquelle Jurisconsulto era hum inimigo capital da razão humana, e do calculo, porque em lugar de se metter, e fechar nas trincheiras da simples negativa, ou affirmativa, tinha dado em movimentos oratorios para tocar os Desembargadores a favor do seu cliente, ou, como agora se chama, constituinte, e que isto era hum grande, e *imperdoavel* delicto. De tal maneira se havia feito, por calculo, senhor de seu coração, que a creatu-

ra mais formosa, a mais atractiva, nenhuma impressão lhe fazia, porque não procedendo o amor segundo as regras mathematicas do calculo, tinha determinado não casar, senão com huma mulher a mais conforme aos principios do calculo, que vinha a ser — a mais rica, e a menos amorosa — Conforme as mesmas regras do calculo conservava a alma indifferente a todas, e quaesquer impressões, e olhava com os mesmos olhos sempre estupidamente immoveis para o Inverno, para a Primavera, para o Estio, e para o Outono. Nunca tirava das mãos humas luvas de lã muito grossas, para defender a alma das seducções do tacto. Se assistia a representação de alguma Tragedia, ou Comedia, levado *gratis* ao Theatro por algum amigo, perguntava no fim, muito mathematicamente melancolico: — Então isto que prova? — Queria reduzir todas as Sciencias, todas as Artes que se ensinão, a huma simples collecção de factos, e que tudo se encerrasse nestas duas unicas palavras: — Sim — Não. — Sustentava á força de calculo, que não havia cousa mais prejudicial, e perniciosa para os Estados, que homens dados ás letras, assim como grandes Livrarias; que não queria, não admittia, não approvava outro Governo mais que o dos Lacedemonios, porque nada escrevião, quasi não fallavão, e jantavão muito mal. Jámais, ou o nascer, ou o pôr do Sol, a frescura, e amenidade de hum vale, a magestade de huma montanha, a prateada corrente de hum rio lhe fizerão a mais ligeira impressão; não via nestes objectos mais do que o calculo, a marcha do Globo, a decomposição do ar, e da agua, a posição respectiva das partes, dizendo que todas estas cousas nada continhão que admirasse, que atrahisse a attenção, e a reflexão do homem, porque erão effeitos calculados pela Natureza, e derivados de causas fysicas, e necessarias. Vio hum dia hum tio seu, irmão de sua Mãi, cahir em hum barranco, e ficar com hum braço quebrado, e huma costella estoirada, e vendo que corria gente a soccorrer o miseravel, e a tira-lo do barranco, a reprehendeo asperamente dizendo-lhe que esta desgraça era hum effeito simples, e necessario das calculadas leis do movimento. Morreo-lhe o Pai, e olhou para isto, e vio todo o apparato funebre que vem a ser, o Medico muito bem pago, o coche do Lagoia, e os funeraes pedisequos de casaca commum, e ajustada até aos calcanhares de todos os corpos, o Armador mais indifferente que a mesma eterna e pingada baeta que prega no chão, com hum sublime, e nobre Estoicismo, dizendo, com huns olhos mais secos que a pedra pomes aos que lhe davão os sentimentos, que a morte entra no calculo da decomposição chimica dos Entes, e que he hum effeito calculado de causas precedentes, e que esta decomposição analytica dos corpos, he huma das mais bellas, e fecundas leis da Fysica, e que nada o divertia tanto como a vista de huma sepultura, que era hum verdadeiro Laboratorio Chimico.

Ora com effeito, reformada que fosse por estes principios a sociedade humana, quem não veria voar a felicidade, e a ventura a morar com os homens? Que rapidos progressos não fariamos nós se nos dessemos ao calculo, e á mathematica pura? Ficavamos livres do jugo dos sentidos, e rompiamos o tratado, e o pacto que temos feito por habito, com essa pobre gente do Mundo, que se governa por leis naturaes, e por aquelle instincto que nunca se desmente, e cujo exercicio basta para tornar tranquilla a existencia.

Da contemplação do calculo, passemos a outra cousa que parece estar bem calculada no presente seculo que he a *Impertinencia*. Creio que tratando della não deixarei de encontrar em cada Leitor hum desapprovador mais azedo, e mais austero do que eu sou. Eu não sou o Vigario geral dos destemperos humanos, com tudo acho-me ás vezes nas circunstancias do austero, e invectivador Moralista Juvenal. Mil vezes tenho não só occasião, porém motivo de gritar: — *Quis tam ferreus ut teneat se?* — Quem ha tão de ferro que se possa conter quando vê o que vai pelo Mundo? Ha pouco mais de hum anno sahio em França hum Livro com este titulo — Elogio da Impertinencia. — Não he naquelle admiravel tom ironico, e satyrico de Erasmo no Livro a que chamou — Elogio da Locura, — he hum ingenuo Panegyrico da Impertinencia. Não reputa, ou conhece a Impertinencia como huma cousa fóra de proposito, de tempo, de lugar, e molesta ou fastidiosa, mas como huma cousa necessaria para adquirir o que se chama — bom tom — no meio do Mundo. Ora digão-me, merece approvação, ou desapprovação hum seculo que constitue a Impertinencia entre os principaes ornamentos da sociedade? Mas que cousa he hum impertinente? Eu o não posso definir senão apresentando aos olhos do Mundo os diversos figurões, ou papelões, que tenho observado, considerado, e meditado bem de perto. Entro em huma sociedade, vejo, por exemplo, hum Medico que diz, que vai curar, ou jogar, ou namorar, ou o que quer que seja; supponhamos que a minha natural misantropia he quem diz que elle nunca vai por bom, avenhão-se cá comigo, que eu sei responder muito bem. Vejo este homem (sentido, que eu fallo em homem collectivamente) sentado, ou repimpado em huma cadeira com huma perna sobre a outra, e ambas muito estendidas, e empertigadas: assim como a morte que o precede, como os Lictores os Consules Romanos, he a Tyranna da humanidade, he elle o Tyranno da conversação, não deixa fallar ninguem. A Medicina tem a virtude, ou o condão de fazer universalmente sabio o homem que a professa; basta que possa dizer com imperio — Ventilações, jalapa, e chóque — para saber até mais Chronologia que José Scaligero. Tudo está suspenso, e até assustado, em torno delle, o silencio he universal, e respeitoso; com tudo o homem não diz

huma palavra, que não seja huma parvoice. Trata João de Barros de Historiador plebêo; Diogo de Couto de Plagiario; trata D. João de Castro de hypocrita, Albuquerque de pusilanime. Derrama-se pelo paiz da Politica? Aqui he elle gente! Trata de illuminado o Codigo penal de ElRei Christovão, (o pretinho); acha muita pressa na retirada de Moreau, reprehende Bonaparte de ter sahido com poucas forças da Ilha d'Elba, e de não ter matado o Capitão do Belorofonte, obrigando os Pilotos a buscarem a passagem do Pólo ao Noroeste... Repentinamente vem o Medico do Pólo á rua dos Condes (he bom andar!) approva as Comedias sentimentaes, assignala a linha de divisão de merito entre a Comica tal, e a Comica qual. Deixa o Theatro, e levantando a voz com mais vehemencia, ralha do Padre, desapprova a eito o Desapprovador, e grita: — Ora se vier huma febre petequial, e intestinal a este homem, que ha de elle fazer! A quem ha de chamar (isso não he da sua conta de V. m., e se o espera está muito enganado.) Ninguem o contradiz, as mulheres chegão a desmaiar de pasmaceira, e quando o homem sahe, parece que fica em todos a respiração mais livre. Eis-aqui hum *Impertinente*, eis-aqui o que os Francezes chamão o ornamento da sociedade, e a alma das companhias.

Entro em hum Botequim, e vejo hum grupo de ouvintes apinhados á roda de hum homem, que tem na mão huma Gazeta. O espanto dos olhos, o estirado dos gasnates, a volta obliqua de cabeças para se applicar o ouvido, ou direito, ou esquerdo por entre espaço, e espaço que fação outras cabeças, tudo dá a vêr a posição extatica dos que algum dia escutavão o Côxo debaixo d'Arcada. O homem falla, e falla da paz, da guerra, do armesticio: peza os interesses dos Gabinetes; faz marchar para onde elle quer os exercitos, organisa as Milicias, regula os Chuços, levanta hum alvitre de reduzir os Frades a ordenanças fixas dentro dos Conventos, e os Clerigos a corpos de caçadores, pelo muito que andão por toda a parte. Adianta-se aos planos, aos pensamentos, aos projectos de todos os Generaes. Confunde todas as regras da Politica, mistura os limites de todos os Estados, diz mil parvoices em Diplomacia, mostra não saber o que esta palavra significa, porque he cousa que até homens muito grandes tem confundido. Amontôa destemperos em Historia, e Geografia: mas o tom he decisivo, o ar he magistral, as palavras são bruscas, e affirmativas; todo o Mundo (de Botequim) o admira como hum homem superior; eis-aqui, segundo o Livro Francez, hum ornamento da sociedade. Eis-aqui digo eu, hum Impertinente.

Entrai em hum destes Palacios novos que em quinze dias se fazem agora, e depois de muitos trabalhos, e submissões, vereis que se levanta hum reposteiro para vos admittirem em hum salão dourado; apparece hum homem que vos recebe sem

vos offerecer huma cadeira; a cada palavra que lhe dizeis mostra hum focinho como cançado, e aborrido. Se responde, he sempre por monosyllabos. Mas este homem ha cousa de quatro annos, ou menos andava daqui para alli, de escritorio para escritorio com saquinhos de brim atulhados de patacas atracados no braço esquerdo contra o nobre peito: e porque não fallo eu em Portuguez? Era hum caixeiro. Fazia-vos com o chapéo redondo mais profundas zumbaias que hum Jogue da Costa de Coromandel, quando vos encontrava na rua, e por quinze tostões e hum vintem hiria fazer huma comissão de sardinhas ao Ferrol. Destes altos principios foi pouco a pouco tentando operações de Finança, adiantou-se com algumas módicas usuras de duzentos por cento ao mez; porque sempre os apanhava engasgados. Encarregou-se de *fornecimentos*, e o fez tão bem, que em breves audiencias, arruinou os socios todos, e dando por ladrões todos os seus subalternos, ficou elle só na Charneca, atirou comsigo ao paiz dos contrabandos; apezar de vinte quatro tomadias, como os roubos erão muitos, e muito grandes, prosperou, ergueo hum Palacio, e daqui vem o tom decidido, e a linguagem insolente com que vos falla; faz-se visitar dos Grandes, todo elle he fausto, e soberbo. Eis-aqui hum ornamento da sociedade, eis-aqui hum Impertinente.

Entro no Theatro, escuto huma balburdia de applausos, e palmadas, o rumor he tal, que abala desde os alicerces toda aquella carunchosa capoeira. Apparece hum Actor, e vem dos bastidores, não com passo de ataque, mas com marcha de vencedor. Com reluzente olhinho corre em hum minuto segundo todos os Camarotes. Os cabellos cortados á Tito estão em desordem, mette-lhe os dedos abertos da mão direita, e os irriça ainda mais, as pantalonas são tão bem feitas pelo habil Alfaiate do Theatro, que desenhão todas as fórmas do seu talhe, não serião mais expressivos os contornos de Rafael. Dá dois passos, e parece, pelo muito que chega ao fim do Palco, que se escancha nos pobres musicos, que de medo abaixão as cabeças, e o do rabecão grande se esconde debaixo delle. Não falla, mas grita com precipitação, nem deixa tempo aos pios ouvintes para o admirarem, excepto a mim que sempre o tive para huma pateada; todos os olhos estão fitos no gritador, as mesmas mulheres apenas podem respirar; o mesmo movimento do lecre *estacionou*. Quem he este demonio? O ornamento do seculo, diz o Livro Francez. He hum Impertinente, digo eu.

Vou a huma sociedade de amigos, onde para exercicio, e para divertimento se recitão algumas composições litterarias. Cabe a vez ao homem de merito, repete a sua obra, nella brilha a verdade, e a natureza, o estylo he puro, he corrente, he harmonioso, apezar disto começa hum abrimento de boca universal, deixão-no acabar por hum excesso de politica, e de indulgencia, mas não se esquecem de dar a conhecer por si-

naes não equivocos o enjôo, e aborrecimento; mas de repente levanta-se no seu lugar hum Poeta Elogiista de Theatro, e grita:

Compuz Comedias cem, Tragedias cento
Ergui á Fama eterno monumento,
E atordi com seiscentos Elogios
Os Pólos quentes, e os Pólos frios;
E já agora no Lethes se não some
O Mez das Flores, a Tramacia, o Nome.
Fiz Jornaes, Entremezes, Paralellos,
Déz mantas de retalhos, e de orellos.

Não se sabe quem seja o Poeta, não se conhece, ninguem lhe atina com a sua graça, mas repete com tanta complacencia, surrindo-se elle mesmo a cada palavra, que faz pasmar o homem sizudo, vendo que não ha alli huma idéa em que se divise huma dracma, hum escropulo de senso commum, e lhe diz com os seus botões, —

Chorarão-te Thó-me! —

Com tudo isto, o enthusiasmo he universal, ninguem se póde conter, os applausos retinem, e segundo os principios do homem do Livro Francez (Mr. Braiteóle — Elogio da Impertinencia —) este estouvado quem quer que seja he o ornamento da sociedade, porque nada ha tão digno do actual tom do grande Mundo em França como são as mulheres compondo Livros de educação em Novellas, e os Impertinentes. Mas qual he o Portuguez, que ainda cheire a Portuguez, que não descubra em tudo isto huma degradação da especie humana!...

Fim do quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.º 5.º

Ridet, et odit.

Juvenal.

Mania das innovações.

INnovar na ordem politica, e infelicitar, eis-aqui o que nos mostrou a Revolução, ou a innovação Franceza; os actuaes Escritores Francezes (creio que não hypocritas, mas desenganados) não acabão de clamar contra esta desgraça, que tantas trouxe comsigo. A Historia com seus exemplos não pôde conter aquelles furiosos, lançárão-se no voluntario precipicio, que elles mesmos cavárão á sua vontade. Pareceo-lhes bem, por seus fins particulares, a mudança da fórma de Governo, e não ha Paiz mais agradavel para os ambiciosos, que o Paiz da Democracia; mas não se lembrárão que a crise politica sempre he perigosa, ainda que se intente mudar para melhor. Que perturbações não padeceo Roma, quando pela expulsão dos Tarquinios passou de Monarquia para República. As desgraças que então soffreo, podemos dizer, que se limitárão, ou circunscrevêrão no seio de Roma. Quando passou de República para Monarquia, não foi só Roma o theatro das desgraças, foi o Mundo inteiro, a cujos extremos limites tinha a soberba Roma estendido, e dilatado o seu Imperio. Nas mudanças, ou innovações politicas da Grecia achárão os mesmos Reformadores Francezes tão picados de Sciencia, e de doutrina, maiores, ou iguaes exemplos de desventuras. Nada os conteve, mas agora a experiencia os desengana, vendo-se obrigados a chamarem elles mesmos a esta experiencia, dolorosa. Podemos dizer que ainda de todo se não enxugárão os rios de sangue derramados por hum, e outro Hemisferio, e ainda se não aliviárão os pezados lutos de que cobrírão a terra tantos estragos, e tantas infelicidades, e os Soberanos illustrados (quanto á sua custa!) procurão ainda hoje juntos, consolidar a grande, e necessaria obra de huma paz

permanente, e, segundo as suas intenções, perpétua; reduzindo ao antigo estado, e antigos eixos, o que a mania das innovações tinha desconcertado, ou arruinado. Todos os povos reconhecião, e confessavão a necessidade de pararem estas horriveis oscilações; mas ellas não podião parar, se o Mundo politico não descançasse nas suas primitivas bases, parando, e fazendo parar com a força a corrente de estragos, a que a solapa da malicia, e ambição dos Innovadores, tinha dado a primeira impulsão. Immerso nestas contemplações sérias, e de huma eterna verdade, dei comigo na gratuita, e púbica Comedia, que de continuo se representa no Café do costume; são bastos os Oraculos nos oraculosos Augures da ociosidade, onde a Politica fina, e alta, escolheo não só hum domicilio para habitar, mas hum throno para imperar, e mandar dalli as suas leis aos fins da terra. Cahio-me naquella feliz tarde a sôpa no mel. Os sessores da meza casual, em que eu tambem fazia número, tinhão embirrado no artigo — Politica. — Tinha vindo de outra meza juntamente com a bandeja donde, ao terceiro dia, o charão Inglez tinha desapparecido, ficando o ferro nú, e cru, a ensebada pastinha em que se conserva cozida a Gazeta, para se não eclipsar dobrada na algibeira de algum curioso, que mais de seu vagar a quizesse lêr em casa na companhia de seus amigos. Vinha o extracto do Portocollo de *Aquisgran*, vulgo *Aix la Chapelle*, e no resumo Protocollar (graças a Deos, que se nos não falla no jantar de duzentos talheres, que o Diplomata tal, deo ao Diplomata tal) se fallava nas disposições sensatas, e justas dos Soberanos das cinco grandes Potencias relativamente ao estado da Europa, e da França em particular; e he de presumir que tomando-se as medidas necessarias com decidida energia, se reduza a França ao seu antigo esplendor, extirpando-se da terra a mania das innovações em que ha sempre mais que perder, que ganhar. Hum destes de ar mofador, e que impugnão huma obra de engenho, dizendo unicamente, não presta, o seu plano he falido, e o seu andamento frôxo, sem jámais se lhe arrancar das esfaimadas goellas huma unica razão do seu dito, dirigindo-me a palavra *honrada*, me perguntou: — O Senhor não me dirá que antigo estado, ou que antigo esplendor era esse da França em que tanto insiste, e ao qual tão teimosamente a quer reduzir? E rio-se.

A Nação Franceza, Senhores, lhe disse eu, antes da *regeneradora* innovação, era huma Nação viva, engraçada, engenhosa, e de infinita industria; amiga do luxo, do prazer, e das Artes. Os ricos tinhão Palacios de architectura elegante, e regular, e o interior destas habitações era enfeitado, e adornado de Estatuas, Quadros, e moveis commodos, e sumptuosos, de pannos de raz magnificos, e de tapetes preciosos, ou de alcatifas tão ricas como as da Persia. Os homens ves-

tião-se das mais bem fabricadas estofas, e as mulheres não satisfeitas com as producções da industria nacional trajavão do que mais precioso nos envia para cá, pelo nosso dinheiro, o Indo, e o Ganges. Sustentavão-se á grande de iguarias suculentas, e delicadas, não digo que se fazião como huns Padres, porque isso na verdade he huma miseria, e elles que o digão, ou eu que o declare; tinhão as cavalharices cheias de bellos, e ageis cavallos, todas as equipagens erão magnificas, e nellas se transportavão ou aos seus innumeraveis espectaculos, ou aos seus públicos, e deliciosos Jardins. Todas as classes da sociedade participavão mais, ou menos desta opulencia. Por toda a parte se via respirar a gosto das Artes: multiplicavão-se de contínuo as Academias consagradas ao saber, e á emulação. Tinha esta Nação galerias vastas, e magnificas, onde havia ajuntado os mais preciosos thesouros da escultura, e da pintura; e em sallas immensas encerrava em innumeraveis estantes as producções do engenho humano, os apuros do engenho, e da imaginação. Todas as Cidades deste opulento Reino offerecião quadros differentes. Por toda a parte estavão asylos abertos á industria, e ao Commercio. Por toda a parte havia Fabricas cheias de actividade, e de artifices intelligentes, que ajudados de maquinhas engenhosas convertião a lã, e a seda em estofas, tão sólidas como macias, cómmodas, e agradaveis. A area, e a sóda postas em liquifacção, confundião os elementos para produzir aquelles magnificos lustres, e espelhos em que a belleza se compraz de admirar-se, e multiplicar a imagem de suas graças, e encantos. O ouro, a prata, a terra, todos os mineraes se methamorfoseavão humas vezes em taças de mil fórmas differentes, outras vezes em utensilios preciosos, ou em ornamentos destinados em augmentar a pompa, e a magnificencia dos Palacios. Tinha o Reino estradas públicas de huma solidez desconhecida aos outros estados, que facilitavão a communicação entre todos os povos da Europa, cheias sem cessar de carros carregados de mercadorias, ou trilhadas de Correios, que levavão, e trazião as Ordens do Governo, ou de viajantes a quem ou a curiosidade, ou o negocio chamava de todas as partes, a vêr, e admirar a opulenta França. Os portos do Oceano, e do Mediterraneo estavão coalhados de innumeraveis Navios, que trazião, e levavão de França o tributo de suas riquezas, e industria. Todas as Provincias deste Reino vasto estavão animadas do fogo da emulação, e do trabalho, e havia entre aquelle immenso povo a imagem da felicidade, que he compativel com a miseria inherente á posteridade de Adão junta, e ligada nos vinculos da sociedade civil...

Aqui chegava eu com a minha arenga, que nem me parecia comprida, nem hia de todo mal. No topo da meza estava hum homem, que eu já tinha marcado (porque não me escapão os homens) de ar enfatico, vestido sumptuoso, e ele-

gante, pescoço alto, olhos sumidos, e assim por modo de golosos, corpo secó, e empertigado, perna estendida, e immovel, tinha-se-lhe escutado hum, ou outro monosyllabo, e mais nada; mas estes, vomitados com a pronuncia do desprezo, e o caracter da superioridade; todo elle era crespo, e tezo, crespo no ar, crespo no olhar, crespo nas palavras, e sobre tudo crespo na attitude, além de crespo, tão tezo que parecia, pela immobilidade do pescoço, feito de madeira; e os que tivessem o olhar fino, descobrião baixa extracção; porém esta nada faz ao caso. Agora começão os meus piissimos leitores a perguntar a si mesmo — quem he, quem será este figurão tão tezo, e tão crespo? Verdade seja pelos Botequins de Lisboa encontrão-se destes originaes!! Não sei, era hum homem, cujo nome não indaguei, e perfeitamente ignoro, era hum homem, ainda que depois, ouvindo-lhe chamar Senhor Doutor, conheci que era Medico.

Se algum papelão se observa
No estylo que se rebuça,
Póde pôr bem á vontade
Na cabeça a carapuça.

Vão lá saber, e perguntar quem está pelos Botequins de Lisboa! Se indagassem, e perguntassem, talvez achassem boa gente para remar nas galés, não digo tanto, mas ao menos muito apta para augmentar depois o número dos defensores da Patria! Que perfeitissimas Recrutas? Quando eu ás vezes vejo vir hum membrudo, e desempenado Caixeiro com huma chicara na mão, ou hum frasquinho de supposto Marasquino, digo cá com os meus botões, bem compungido: — Quem te pozera nesse lugar huma espingarda! Quem víra nesse costado amiudar-se a batuta de huma chibata! Deixemos estes meus piedosos votos, que na verdade são de melhor bem, o Ceo mos deixe vêr cumpridos! Tornemos ao nosso homem, seja que homem for, era hum Medico. Ora o velho de Camões na praia de Rastello não se pôz com mais tregeitos de cabeça antes que começasse a praguejar Vasco da Gama, e seus Companheiros, do que o meu homem se pôz, antes que daquella boca sahisse o Oraculo, que parece o atormentava mais do que outro igual tinha atormentado a Pythonisa de Virgilio.

Magno si pectore possit... excussisse Deum,

O Senhor, disse elle, (então vi na verdade, que era a mesma crespise) o Senhor falla do estado feliz da França, antes da portentosa, e filosofica Revolução?... Sim, Senhor, disse eu com hum tom de doente submisso. — Pois esse era estado da sua desgraça, miseria, desventura, decadencia, e ruina verdadeira, porque era o estado do luxo.... Benzi-me, e disse comigo. Que grande cousa he a Medicina. He a mesma Sciencia; quem a sabe, sabe tudo. Oh! Imperio do Tartaro, não Calmuko, mas Emetico! Tu não só levantas Pala-

cios, fazes rodar traquitanas, criar guedelhas de bolor o doce de todos os Partidos de Freiras, e de Frades; tu despovoas o Rocio de piruns, o Campo de Santa Anna de porcos; Collares, o Reguengo, os Coutos de Alcobaça de maçãs, as Boticas de quantas borundangas, e garrafadas lá se vendem a pezo de diamantes, e que nunca na minha boca entrárão, nem entraráõ, porque nenhuma pressa tenho de morrer; mas tu dás juizo, e engenho que a mui poucos communica a avara natureza! Eu não me engano, pois o estou vendo, e ouvindo nas poucas palavras que disse este homem, que pelos modos tem poucos doentes, porque está aqui mettido toda a santissima tarde, como os das terras pequenas, a jogar o Gamão n'huma Botica, ou a tomar chá com os Capitulares, ou Capitulantes do respectivo Convento, sem que os Frades enxotem os Medicos, porque eu já ouvi a hum, não era Portuguez, que conservava esses partidos para as suas experiencias. Então como he isso Senhor, lhe disse eu...?

Elle então puxando o estofado moxo hum pouco mais para a meza, desencrespando hum tanto o nariz, disse desta maneira, compassando-se, e escutando-se muito, e alongando huns formidaveis dedos para os olhos da gente, se alguem queria dizer alguma cousa, porque os Medicos (fallo em geral) tem de mais a mais o séstro de serem os tyrannos da conversação, não deixão fallar ninguem. — O estado da França antes da filosofica Revolução era o estado da desgraça, e da miseria, porque era o estado do luxo, e era o estado da oppressão, porque era o estado da desigualdade. Veja como a França foi innovada, e conhecerá a sua verdadeira felicidade. O Senhor conhece João Jacques Rousseau? — Eu conheço-o para o servir, tenho ouvido fallar no seu nome, porém não me deo a natureza, tendo-me provido destas bochechas verdadeiro symptoma da paxorra, a paciencia bastante para devorar trinta e tres Volumes de 4. de contradicções... Bem está, continuou elle com ar de quem meditava huma receita de remedios heroicos, promptissimo vehiculo da eternidade. Este Filosofo da Suissa tinha adquirido huma grande reputação pela *austeridade* de seus costumes, e sabedoria de suas lições no *aureo* tratado da origem da desigualdade entre os homens, e mais que tudo pelo *Codigo da educação*. Emilio. Entrou na Capital da França. O seu andar era grave, o olho severo, o vestido de Armenio, que elle não largava em razão do seu Diabetes, era magestoso. Disse, que elle tinha que fazer ouvir grandes verdades aos Francezes; que era preciso mudar a face do estado. Exprimio-se com força, e dignidade, fallou da felicidade, e da prosperidade dos Imperios, gabou a simplicidade dos costumes, e feliz, e aurea mediocridade. Declamou por muito tempo contra os riscos, perigos, e inconvenientes do luxo. Citou Plutarco, e Lacedemonia, a sua moeda de ferro, e a com-

munidade de bens; finalmente deo todo o valor ás suas patrioticas virtudes. Fallou de Roma, da Charrua, e dos feijões de Cincinato; não se esqueceo da Prosopopéa de Fabricio. Amedrentou os ouvintes com as pinturas que fez dos excessos, e dos abusos das riquezas: mostrou a população destruida, o commercio anniquilado, a virtude guerreira enfraquecida, as gerações degradadas, os costumes perdidos, as Artes esquecidas. Discorria sempre, e sempre fallava com huma eloquencia varonil, e concisa. Eis-aqui feita a primeira impressão no povo do Grande Imperio. Chorou a sorte do povo, e o povo resolveose a aproveitar esta occasião para estabelecer os direitos da igualdade. Os Francezes persuadirão-se que o luxo corrompia os Estados, e destruia os Imperios. Desde então se decidio, o que se diz *innovar* a Nação, que se farião resuscitar os costumes simples, e antigos, e que se devia abrogar a differença das fortunas. Causa unica, e funesta do luxo. Os grandes forão os primeiros que renunciárão o apparato da grandeza. Proscrevêrão-se os Palacios magnificos, e os edificios sumptuosos; todos os pedreiros do povo não tinhão outra cousa que fazer senão demolir o que tinhão construido. E os Officiaes de todos os Officios embandeirados, fizerão desapparecer tudo o que annunciava a riqueza, e frivolidade. Não se fallou mais n'outra cousa, que não fossem os costumes, as partilhas dos bens, e as vantagens da pobreza, e da igualdade. Ora veja sua mercê, dizia o homem ainda com a mesma tezura, e crespice, e sem epithetos, com o mesmo ar Medical, veja sua mercê, se póde ou não póde ser boa a *innovação* feita por hum Filosofo, ou se esta *innovação* não buscava o melhor, pois não se póde duvidar que este estado de *innovação* he preferivel a outro anterior estado de degradação em que a França existia... Eu já não sabia de que Freguezia era, quando tal ouvia, e estava sopezando certo bordão a que me encosto para dar huma receita ao Medico, que o livrasse para sempre de todas as outras; mas não quiz historias em Botequins, que sempre redundão em perjuizo do Botequineiro, que vê reduzida ao *minimo possivel* toda a matalotagem dos vidros; e nada se aproveita, porque se se quebrão os de hum Botequim, ficão sãos, e escorreitos os de déz mil. Sempre disse ao homem. Ora Senhor Doutor, eu respeito, e honro a sua arte por necessidade como nos manda a Escritura, mas antes matar hum homem com huma boa tarraçada de jalapa, de que o buxo deste seu criado estará sempre livre, que com tão destampados, e miseraveis discursos. O Senhor Doutor sabe o que diz? Cuida que está fallando n'Aldèa de Pai Pires, em Alpedriz, ou Porto de Mugem? Olhe que está em Lisboa! V. m. era bom para huma grade de Freiras, ficavão aturdidas!! Isso não he nem para o lugar respeitavel em que V. m. está fallando, nem para estes ouvidos. Diga-me huma cousa, assim a

Quadra do Outono lhe metta as minas em casa, que se seguiria dessa *innovação*? Sabe? O que se seguio. A illusão durou pouco tempo. Apenas os pedreiros arrazárão os Palacios ficárão sem ter que fazer, por isso depois se mettêrão a ladrões, ou a Generaes de Bonaparte, como o Alfaiate Soult que veio ao Porto, e o mestre de esgrima Augereau, que eu alli conheci na rua nova de Jesus, e depois na esquina da rua de Monte Olivete. Os pannos superfinos, e as sedas substituidas por panno de varas da Serra de Minde, pozerão os Fabricantes de Tolosa, e de Leão a pedir huma esmola, e a não acharem quem lha desse. As mulheres que se occupavão em bordar os vestidos dos ricos, vendo o bastidor ás moscas... não fallemos nisso, as mulheres em París no tempo das *innovações*!!! O Pintor andava debalde em busca de hum homem opulento que lhe aproveitasse o talento, que lhe comprasse os Quadros, e sem ter que dar de comer á mulher, e aos filhos, via secarem-se-lhe as tintas, e endurecerem-se-lhe os pinceis. Mil fabricantes occupados antes em immensas Fabricas, inutilmente esperárão pela divisão dos bens, que se reconheceo, e eu reconheço absolutamente impossivel, cahirão nos horrores da indigencia. Vio-se lastimosamente acabar tudo no tal innovado *Imperio* pelo seu querido Jacques.

Não apparecião já Navios em seus portos, e os Estrangeiros tinhão medo de lá ir, porque era cahir nas mãos de ladrões feitos, não digo que pelo vicio, mas pela imperiosa miseria. Inutilisárão-se as estradas públicas, interrompêrão-se as communicações, abandonárão-se as Artes, fechárão-se as escolas, e começárão (isto he peior que tudo) a se multiplicar as sedições, e os motins populares em todas as Provincias daquelle Reino, até alli tão rico, tão farto, tão florecente, tão sabio, e tão respeitavel. Entrou o paternal Governo em mil cuidados, e sobresaltos, começou a atenuar-se, e a multidão desesperadamente sublevada a dividir-se em partidos, e a tomar ascendencia, ingerindo-se tumultuariamente nos negocios de Estado, que não erão da sua competencia, derão-se os passos para se ultimar a *innovação*, e a França foi victima dos males de que nós fomos testemunhas, e partes. Se o seu querido Jacques resuscitasse, e seu camarada Miguel Turgot, e companhia, e visse os males de que foi causa, veria que as mais funestas maximas são aquellas que se encaminhão a introduzir innovações nos Estados, que a regeneração das Nações he huma cousa impossivel, que todas essas theorias Republicanas são boas para embalar crianças. Senhor Doutor, Senhor Doutor, olhe o Senhor Doutor, que he melhor na ordem politica dos Estados deixar subsistir alguns abusos, e renunciar as Prosopopéas dos Fabricios, que dar com hum Reino de pernas ao ar, por amor das theorias Methafysicas, e a quimerica esperança de aperfeiçoar o genero humano com as maximas dos

Filosofos taes como João Jacques Rousseau, e outros *innovadores.*

Então o homem ainda mais crespo, mais tezo, mais brusco, e mais tôlo se levantou, e olhando-me de revez, me disse com hum tom mais amargo que Gencianna, ou chá de Macella.... Eu não estou nem para illustrar, nem para aturar Clerigos fanaticos, que talvez mal entendão o seu Breviario, e o seu Larraga... Alto lá, Senhor Doutor, olhe que se me dissesse isso n'huma Botica... Então o que? Atirava-me com algum bote de basalicão? O que faria não sei; mas eu lhe pediria que em lugar de theorias politicas de innovações, cuidasse em conhecer a exacta proporção, que tinhão aquellas infernaes mixordias com as enfermidades do corpo humano, porque a Medicina não era mais que huma parte da Fysica applicada ao mesmo corpo humano, porque eu nunca vi na Medicina os elementos de governar o Mundo, mas sim os de despovoar o Mundo; que se contivesse cada hum no seu mister, e que se deixasse de innovações, que nem melhoravão quem as fazia, nem em quem erão feitas; que na mesma Medicina tinha hum exemplo, a innovação de methodos curativos, e os systemas novos que destruírão os systemas velhos, quaes os do velho Mirandella, &c., tem servido para dar cabo do genero humano: nada de innovações, Senhor Doutor, nada de innovações... Elle então encrespado como hum pirum, me disse, sem torcer o pescoço: — Ignorante!!! E foi-se.

Fim do quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 6.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Cartas anonymas.

RECurso da malignidade, e armas da desesperação. Quem não tem, nem póde ter a arte de escrever, procura ter a arte de descompôr, e de insultar. Para que são cartas anonymas; e que se aproveita com ellas? Nada. Ou vão, ou não vão ter á mão daquelle a quem se dirigem. Se não vão ter, (porque muitas no Correio se perdem, ou se extramalhão, ou não se acceitão em não se conhecendo a letra) eis-aqui o trabalho perdido, e inutil a exhalação da raiva. Se vão ter á mão daquelle a quem se dirigem, se he homem prudente, cala-se, e em silencio lastima a miseria humana reconhecida naquelles partos da inveja, do rancor, da malignidade, da ignorancia, e sempre do desaforo, da impudencia, e da immoralidade. Se quem as escreve procura conseguir, por exemplo, mostrar ao homem que descompõe, que alguma sua producção litteraria he imperfeita, quando se prohibio a critica judiciosa? Ella he hum serviço que se faz á litteratura, e quem teme a critica, e a censura não deve escrever, porque não escreverá cousas dignas de se lêrem. Desgraçado do Escritor que teme Censores justos! São pois inuteis a todos os respeitos as cartas anonymas. Quem as escreve fica, assim he, com a baixa, e vilissima satisfação de que com suas descomposturas, porcarias, e obscenidades causará algum desprazer ao homem a quem as dirige. Mas a matrona honesta deixa de o ser, porque huma prostituta a insultára? O escritor de cartas anonymas não se atreveria a confessar em público, que elle as escrevêra, porque as leis não deixão impunes os delictos, e não ha criminoso tão descarado, que confesse em público o que faz no silencio, e na sombra. Desta qualidade de insultos anonymos não estão izentas nem as pessoas da suprema je-

rarquia, e dignidade. Hum perverso, hum maligno, hum revoltoso, ou no fundo de huma Provincia, ou no meio da Capital, em querendo gastar déz réis de papel póde insultar quem quizer, huma vez que deite no Correio huma carta, em que escreva o que lhe lembrar. Quem a recebe não o publica, elle não o confessa, o Mundo não o sabe, o credito do insultado não padece, nem diminue; a ordem da sua vida não se altera; ainda que a consciencia nos homens se perverta, nunca se extingue, e esta mesma consciencia, que he hum intimo, e domestico Tribunal, sempre diz ao escrevedor de cartas que commette hum crime, e huma parvoice; crime, porque insulta; parvoice, porque nada aproveita. Poucos homens tem sido tão regalados destes mimos como eu, segundo me parece; muito principalmente depois que me resolvi a descobrir as jumentadas dos Sebastianistas, e as turpitudes dos Pedreiros-Livres. Coimbra he mais esteril no verão desta fruta; tem sua estação peculiar, e começa a vir alli pelo meado de Outubro até aos fins de Maio. Depois dos papeis anonymos inseridos no Correio Brasiliense, nada estranho. Tenho algumas da mesma letra de Pato insultantissimas, e não as posso transcrever, porque tem tantas palavras quantas porcarias, e immundicies, em mas apresentando com a marca de Lisboa ja sei que são de Pato. As que me admirão mais são as de Coimbra, e digo seguramente de Coimbra, porque a marca do Correio não he fingida, ou imitada, he perfeitamente a do Correio de Coimbra, bem confrontada, e conferida com a das outras cartas remettidas daquella florecente Athenas. Sexta feira 1 de Janeiro recebi huma que transcreverei, porque he bem notavel no seu genero, e he tal a miseria que até mostra o seu Author ignorantissimo em Orthografia; nem escrever sabem. Ora ella he sucosa, porque consta desta clausula unica.

„ A Sociedade Maçonica de Coimbra, composta dos homens
„ mais Sabios, e Litteratos de Portugal, que vossê sôu Charlatão
„ mór ataca está . . . para o Espectador, e para o seu Author. „

Isto relativamente a mim não he nada, podem fazer o que quizerem, e he livre a applicação que queirão fazer das suas ejecções. Mas quanto isto he insultante para huma inteira, e tão respeitavel Universidade! Todos conhecem que estas arrieiraes pulhas são de algum Estudante manente, ou reprovado. Mas he injurioso, e deve ser até perigoso para aquella Academia, declarar-se no meio della existente huma sociedade de Pedreiros-Livres, juntando-se, e deliberando sobre a morte, e infamia do Padre, como elles dizem. Eis-aqui o caso que se faz das Leis de S. Magestade! Eis-aqui qual seja o caracter, e qual a pertinacia dos Pedreiros-Livres, para elles não ha Rei, não ha Lei, não ha moralidade, não ha distincção entre o vicio, e a virtude, não ha Patria, não ha o freio da probidade natural. Ha unicamente João Jacques, e Republi-

cas; e em Portugal matar o Padre. Estão desenganados de brocos, e de chocolate, sabem que o Padre não he tão tôlo que dê o seu dinheiro por cousas de Botica, não podem, não sabem, não tem que responder ás victoriosas razões do Espectador, e menos do Desapprovador, pois insulte-se em segredo o Padre com as anonymas, que he o meio de se responder aos seus argumentos, e de se destruir a sua tal, ou qual Dialectica. Este he o methodo, não ha outro. Papeis de Inglaterra? Insultos. Cartas de Coimbra? Injúrias. Respostas de Observadores? Descomposturas. E de collo levantado, face impudente, digão que existe a Sociedade Maçonica, e que he composta dos homens mais Sabios, e Litteratos de Portugal! Pois Senhores *Sabios*, *e Litteratos* de Portugal, tem vossas mercês mais que pôr em acção a sua sciencia, e sabedoria, escreverem a sua Apologia para confusão minha, e desengano do Mundo. Não apparecerá de huma vez hum escrito em que se mostrem estes Pedreiros-Livres? Chamão-me charlatão, ignorante, plagiario, e pedaço d'asno, ou asno inteiro, como quizerem; mas parece-me que não basta só o nome para se reconhecer esta verdade, he preciso mais alguma cousa, e vem a ser huma destruição logica das minhas razões tambem logicamente expostas. Ainda se deseja isto. Nem a Républica das Letras possue este thesouro, nem o Público recebe estas luzes; e ainda o Público não vio outras senão as dos archotes com que até pela noite velha os enforcão. Isto são galantarias. Os Pedreiros-Livres sabem muito bem o conceito em que os tenha o Mundo, e o que mais he as exprobações que os mesmos actuaes Escritores Francezes lhes fação, como promovedores de todas as desgraças de que não só a França, mas a terra toda foi victima pelo longo espaço de vinte cinco annos. Eu ainda considero, e diviso nisto outras desventuras maiores. Estas cartas Coimbrãs, este pertinacissimo affinco com que nos inculcão a Sociedade Maçonica, e suas operações (que he em que parão, e o que são os trabalhos das suas lojas) nos faz vêr o estado de immoralidade em que tantos mancebos destinados ao estudo das Letras estão constituidos. Deste gremio devem sahir os Julgadores, e os Curandeiros dos povos. Pelo que respeita aos Julgadores ha mais algum remedio, porque das inepcias, e injustiças das suas sentenças, appella-se, e aggrava-se, a ponto de os fazer apozentar no Limoeiro, e de os pendurar na Forca se comerem o dinheiro da Decima (não seria a primeira vez, e o devia ser muitas) ou de os riscarem para sempre do serviço da vara. Mas aos Curandeiros, que remedio se dará? Vão lá appellar delles depois de hum homem enterrado, e elles marcharem na Traquitana a enterrar outro? Perdendo na Sociedade Maçonica todos os principios de justiça, e de probidade, vem fazer experiencias Chimicas no corpo humano o mais são, e bem constituido, como quem esta de pa-

xorra calando melões, e melancias, até encontrar algum que satisfaça o pádar. *Faciamus experimentum in anima vili*, como disse hum com os seus costumados latins, sendo chamado com seus companheiros de exterminio para huma Conferencia (Junta) a hum doente, homem instruido, que elles por tal não conhecião. Façamos as nossas experiencias nesta alma vil, nesta existencia insignificante, como se hum homem não fosse hum homem! Pois se este homem he Frade! Oh! miseravel! Acabárão-se os teus trabalhos, e as tuas penitencias! E se fosse o Padre do Desapprovador!!! Estarei eu guardado para todas as desventuras, até para pagar cartas anonymas, mas para experiencias Medicas não estou eu guardado neste Mundo. Para experiencias anatomicas estarei eu guardado, porque não sei o que cá farão do meu cadaver, nem depois de cadaver estou em estado de atirar com o escalpello ás ventas do escalpellador; mas com o olhinho aberto!... Não, nenhum Medico fará em mim a experiencia nem de dois gráos de tartaro tomado ás colherinhas de chá. Tudo isto he nada; o mais he estes homens derramados na sociedade, e introduzidos no seio das familias. Que lições de bons costumes, de obediencia aos Soberanos, de respeito ás Leis serão dadas por estes membros Sabios, e Litteratos da Sociedade Maçonica de Coimbra! Ora consideremos já em relação ao Mundo, ou como Juiz, ou como Advogado, ou como Medico, pois não sei a que faculdade se applica o Author desta improbidade, que se chama a carta anonyma. Que portentoso intrigante, que patife! Confiem delle a donzella recatada, a Matrona honesta, o mancebo de boa indole... Quem, sem interesse nenhum, ataca hum homem que lhe não póde responder directamente, porque não sabe quem he, se lhe luzir a esperança de interesse, principalmente pecuniario, que fará? O que elles costumão fazer com a maior frescura; beberem as lagrimas do pupillo, e da viuva, arruinarem com a calumnia o homem benemerito, fomentarem rebeliões, fantaziarem Républicas; prégarem com o exemplo, e com a palavra o desprezo de todas as Leis ou Civis, ou Religiosas, tratarem de imbecilidade o amor da Patria, perderem a vergonha como os miseraveis Magrissos, e Patos, que sacudidos, pellados, desconjuntados com sovas, semelhantes a cães desancados a páo, parecendo mortos no chão, se levantão a ganir, e, se podem, a morder outra vez com algum resto de dente que ainda lhes ficasse; finalmente, virão estes Senhores ser os Apostolos da independencia, da insubordinação, da anarquia, e os propagadores daquellas doutrinas, que tão bons frutos produzirão em França. Isto não são idéas creadas pela misantropía, nem o Padre hipocondriaco he hum exagerador, isto são experiencias, são factos, são testemunhos públicos, são provas incontestaveis, não só tiradas da boa razão, mas da observação contínua das desgraças da sociedade

humana. Outra carta anonyma de Coimbra ainda mais galante: digo de Coimbra, porque a marca do Correio he a mesma, e nesta carta ainda vem mais expressa. Para instrucção dos Leitores, traslademos:

„ He hum Mação que te escreve, e não hum Sebastianista: „ he hum honrado Academico, que aborrece inteiramente a „ impostura, e o embuste. Tu és o Impostor mais estragado, que jámais appareceo na face do Globo.... Que és „ imitador de Feijó, vê-se pelo teu systema, pelos teus „ discursos, pelas mesmas orações, que delle usas muitas, „ até das mesmas orações, e com as mesmas palavras usas. „ E's seu imitador, e muito rasteiro: tu como elle roubas „ pensamentos, e os seus discursos roubados impunhão nos „ Hespanhoes, só Mestres nas Theologias, e nada versados „ nas Sciencias Naturaes.. Tu roubas-lhe o systema, os pensamentos já por elle roubados, as mesmas palavras, e tens „ o descaramento, e pouca vergonha de os apresentar em „ Lisboa, onde as Sciencias tem luzido mais que na Hespanha. E como pódes tu combater huns homens cujo systema ignoras perfeitamente em quanto não fores admittido „ na Confraria? Dê-se a liberdade de consciencia, verás „ surgir huma nova ordem de *Quakers*, huns novos Sectarios „ da vida Patriarcal. Quando hum Academico te reprehende, não envolvas toda a Academia, senão auguro-te fins „ sinistros, e os que tem todos os Scelerados como tu. Advirto-te que não levantes voz contra a Academia, que todo „ o Portugal respeita, que ella póde com hum sopro abater „ as tuas soberbas increpações. E. P. V.

A carta era 2352. Bem empregados 35 réis, disse eu comigo quando banhado em prazer acabei a sua judiciosa, e instructiva leitura! Quem me déra conhecer este grande homem E. P. V.! Tomára que elle me fizesse mil vezes mimoso com as suas letras! Isto he que he Maçon! Tem razão o Academico honrado! Se elle fôra Quaker levava huma vida Patriarcal. Elle tinha em sua mão o remedio para se não envolver a Academia, que era estender o seu respeitavel nome por inteiro; logo eu dirigindo-me a elle, o contemplaria só como merece! Tomára huma collecção de cartas deste homem! Eu as mandaria imprimir em soberba typo na Cidade de Londres, e lhe poria este titulo — Cartas do Academico parvoinho — em letras muito grandes. Ora pelas Sciencias, e pelas luzes deste ou daquelle Academico fica muitas vezes huma Universidade para sempre illustrada, e famosa, como a cada passo nos offerece a Historia, e basta hum Medico como Boerhaave, e Haller para dar eterna nomeada a huma Academia Medical A Academia, *que todo o Portugal tanto respeita* ficaria immortalisada com o nome conhecido do *Academico parvoinho* — Viose miseria semelhante!! Este homem (falló hypotheticamen-

te) este ser, seja de que especie fôr, para me dizer em tom tão affirmativo, tão positivo, que os meus pensamentos, palavras, orações, e obras são furtados de Feijó, he preciso que haja feito huma aturada leitura das obras de Feijó, e que tenha confrontado palavra com palavra, pensamento com pensamento de toda a minha impugnação Pedreiral. Sem esta acariação do roubador, e do roubado não se podia formar aquelle juizo, nem proferir tão difinitiva sentença sem plenissimo conhecimento de causa, e das suas aggravantes, ou não aggravantes circunstancias; parece que pedia a razão, e a justiça que elle transcrevesse huma só passagem de Feijó, e ao seu lado outra passagem roubada por mim. Isto podia elle fazer sem carta anonyma; imprimindo-a em boa letra redonda, então a sua satisfação seria maior, e a minha confusão mais pública, e isto he licito, e a censura não o prohibiria, que a censura não se oppõem senão a personalidades, ou a allusões calvas, e transparentes que dão a conhecer este, ou aquelle individuo, porque hum verdadeiro Censor he hum verdadeiro Juiz, e hum Juiz he hum Guarda das Leis, e as Leis prohibem os libellos famosos, e huma invectiva, huma personalidade, hum ataque individual, he hum libello que todas as Leis prohibem: mas publicar hum roubo litterario, não he hum libello. Eu já li hum Livro em Francez, que se intitula — Plagiatos de João Jacques Rousseau, — onde com effeito em passagens confrontadas, e transcritas se descobre que João Jacques Rousseau não escreveo huma pagina que não fosse roubada de Lilio Gregorio Giraldi, de João Bodino, de Francisco Patricio, do Velho, e ignorado Castelhano Simancas, de Alberto Ulrico *De Jure Civitatis*, e no Inglez que escreveo a decadencia do Imperio Romano, li eu innumeraveis passagens de Montagne postas de hum lado, e de outro lado a mesma passagem, posta em Francez mais intelligivel por João Jacques Rousseau. Isto he licito, e o nosso bom Academico parvoinho, e circunspecto, e laconico Quaker, devia para me embatucar transcrever ao menos huma clausula, hum periodo do doutissimo Feijó; que se assim fossem os taes Academicos (estudantes) não levarião destas surras, nem escreverião daquellas cartas. — Vem outro Academico que se assigna — Hum Maçon — dizendo-me no mesmo Correio, que eu traslado de Salguês. Pois seja Salguês (que elle mostra ser cousa nenhuma); estes Senhores não querem que eu leia cousa nenhuma, nem me aproveite das minhas Leituras, que tudo me caia pelo telhado. Nestes termos existimos, e nenhuma razão tenho para ser o Desapprovador, nem para rir, e aborrecer como Juvenal. Outros objectos.

Mania de ajuntar dinheiro para
o tempo da doença.

Muitas obrigações, muitos favores devemos á Medicina! He cousa que ainda não podérão sujeitar ao calculo os mesmos

Mathematicos! Entre estes assignalados favores que nós lhe devemos, e beneficios que ella nos faz, eu conto entre o número dos maximos, fazer apressar, e aproximar-se huma herança que se demorava alguma cousa, enchendo os votos de hum filho estragado na dissipação dos vintens de hum Pai forreta; porque em fim, ou lhe custou a ajuntar pelos sertões da America, ou no moderado premio de déz ao mez sobre sommas seguramente emprestadas aos engasgados na Praça. Não só a Medicina sabe aproximar a época da herança, porém muitas vezes a engrossa. Quantos homens ha que ajuntão só para si? Quantos passão a Sardinhas, podendo passar a Piruns, Patos, e Gallinholas? Quando se pergunta a algum destes, porque razão ajunta com tanto affinco o que podia comer, e beber muito á sua vontade? Responde; que póde vir huma doença. Póde vir huma doença? Deixe-a vir, que tem V. m. com isso? E V. m. sabe que cousa seja o estado da doença? He aquelle em que de nada se necessita. O tempo da doença he o tempo da abundancia. Nada de luxo, não he preciso luxo, nem hum doente o póde ter, póde até vender a carruagem, e pôr a andar os criados. Para que quer hum doente sege? Para ir a hum jantar de bota fóra a S. José de Riba-mar, ou á Boa-Viagem? Se elle se não póde mexer na cama, como se ha de mexer na sege? Hum doente não tem necessidade de ir á partida destes Senhores que já as dão, e que ainda por milagre conservão os pronomes das Terras em que N. Senhor os fez nascer, e que muitas vezes se tem visto tentados a converterem os Biannas, Bastos, Guimarães, Verrides, e Tondellas, em Castros, Ataides, Albuquerques, Noronhas, e Menezes. Mas como póde ir á partida o doente tolhido de dôres rheumaticas, e perder o seu dinheiro em cima das cartas no Ronda, se elles tem as mãos não digo com frieiras, mas cheias de bostellas?.. Que necessidade tem o doente de meza lauta, e de dezeseis cobertas, se elle está reduzido a simples panelinha, e sem muito sal, ou ao bocadinho de carne assada sem molho em razão?... não das indigestões, mas...? Hum enfermo está felizmente privado de todos os prazeres que obrigão a despezas? Até hum doente póde passar a hum amigo o Camarote effectivo na Opera; porque, quem está gemendo com dôres, ou enfraquecido com huma teimosa diarréa, está lá para ouvir cantar Carlos Magno, ou Carlota Magna muito mal, e muito desaffinadamente, pondo, sem quê nem para quê, mil vezes a mão no peito, como o amante que nem mais hum ai póde dar? Hum doente existe n'hum estado feliz relativamente a finanças, não tem em que fazer despezas. A maior, segundo dizem, que eu disso não sei, nem saberei nada; he pagar ao Medico que o quer ajudar a bem morrer. Pois, eu lhe dou hum conselho de amigo, e de prudente, faça o que eu faço, e o que eu farei, não chame Medico; daqui seguem-se duas cousas ambas ellas boas; primeira, ficar com melhor bolça, segun-

da, com melhor saude. O estado da doença he o estado da economia, da independencia, e da felicidade. Ha cousa como huma molestia chronica, sem Medico, para a gente não gastar nem hum vintem em objectos desnecessarios! Para que he preciso dinheiro, senão ha em que se gaste? E o enterro? Que me importa a mim o que cá vai depois de morto? Pois por eu não ir de coche, segue-se que me hão de deixar em casa? Isso he o que não querem os que ainda ficão por cá vivos: elles me porão no andar da rua seja de que modo for. Nada de ajuntar dinheiro para a doença: e se o sabem os Medicos, muito peior, porque então as dissertações á cabeceira são muitas, as juntas continuas, e a carrapata eterna.

Hum unico verso do Poeta Pato.

Disse Juno fatal a Illion, Illion.

Strophe 5. da traducção da Ode de Horacio. 3. do Liv. 3.

Foi Horacio muito maltratado da natureza, porque foi pequeno, bojudo, e rameloso: foi maltratado da fortuna, porque sem o deixar avançar na milicia, tanto que vio o exercito em ar de batalha atirou com o escudo a huma balseira — *rejecta non bene parmula* — deo ás trancas, e veio para Roma ser o Cliente, e o Parazito de Mecenas para ter alguma cousa que comer; mas nunca imaginou, nem depois de transformado em Ganço — *Album mutor in alitum* — que hum Pato o havia de matar. Assim apparece na traducção da sua Ode 3. Liv. 3. feita por Pato (assim se assigna) não se sabe se em prosa, se em verso: este litigio ainda está em casa do Juiz. Traduzir, he pôr de huma lingua, que se entenda, em outra que se possa entender, o que algum Author escreveo. Quem de versos traduz para versos, ha de saber fazer versos. E em que orelhas he isto hum verso?

Disse Juno fatal a Illion, Illion?

ou se carregue no — *on* — ou se não carregue, nunca ficou; e nunca ficará hum verso, que são onze sylabas com os competentes accentos. Que elle os não saiba fazer, como neste se vê, isso succede a muita gente *magrissa*, mas que quem os não sabe fazer, se faça Jornalista, e socio de homens de letras (que letras serão estas? De cambio?) para reprovar Poemas sobre a sua palavra! (chama Pato reprovar Poemas, descompôr os seus Authores) eis-aqui o que produz riso, e produz odio: riso, da ignorancia; odio, da malevolencia. Depois deste verso de Pato, que eu deixo á contemplação do Público, não torno mais a fallar em Pato. Depois de — *Illion, Illion*, sem se saber o que isto seja, acabou-se Pato para sempre, porque depois de dois annos de Espectador, vir com *Illion, Illion*!!! Chorárão-te Thó-mé! Acabou-se Pato.

Fim do sexto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 7.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Mania das pertenções.

COmpõe-se a sociedade humana de estados diversos, e empregos mui dissimilhantes entre si: cada hum destes estados, e empregos presuppõe no homem que os abraça huma vocação decidida para elles, e então se cumprem bem, quando se abração com esta verdadeira vocação. Eu não estranho que o homem nunca esteja contente com a sua sorte; cada hum julga a condição alheia mais prospera, e vantajosa que a primeira. Isto já dizia Horacio a Mecenas com grande apparato de versos, e de Filosofia: *Quid fit Mecenas*, &c.; e muito melhor o disse depois entre nós Francisco Rodrigues Lobo em dois unicos versos: —

Ninguem da sua sorte está contente,
Ou a razão lha désse, ou a ventura.

Não me admiro disto, porque isto está na essencia da condição humana, sempre assim foi, e sempre assim ha de ser. O Mercador quebrado por sua culpa, porque ninguem o mandou, (nem elle o devia querer, porque além de mulher, e filhos, tinha crédores) metter-se em Quintas nos suburbios da soberba Capital, em seges de *omnimodas* parelhas, lânternas, vernizes, Jaquês, e Ferrador á portinhola, que he o que lhes falta, e não lhes faltará a elles (em quanto tem dinheiro) hum Genealogico, que lhes vá mostrar no décimo sexto Avô em Cabeceiras de Basto, ou nos areaes da Pederneira, algum motivo nas guerras d'ElRei Recaredo, para pôrem na cabeça dos seus lacaios hum bom chapéo de galão; e além de tudo isto, em partidas de apparato, e algum conhecimentosinho nos Theatros com as innocentes Vestaes, sem serem as da Tragedia que o melancolico Arnaud fez para a Aldêa. Este homem pois, vendo-se, ao sahir da Junta a que se entrega, não no

Limoeiro, mas em sua casa, começa com eloquentes moralidades a ponderar a sua mulher desesperada por vêr ir os Brincos para o rateio, e os trastes para o Deposito, a felicidade da vida do Lavrador honrado, e tranquillo na sua Aldêa, e nos seus campos. Este Lavrador, que vem á Côrte queixar-se do Ministrinho *territorial* (nome novo) que além da justa décima que pagára ao Estado, lhe apanhára duas para elle, vendo o Mercador mui descançado á porta a perguntar ao visinho defronte se chegárão as Folhas, e o que se decidira na Camara dos Pares, cousas de que elle entende muito, ou se com effeito em Londres se tinha enforcado o Judeo, que comprára de ante-mão aos ladrões os Relojos d'ouro, que se havião de furtar no enterro da Rainha; louva a sorte, e o socego dos Mercadores, e maldiz a condição de andar regando com suor a terra para lho comer o Despotasinha territorial. E assim dos mais; isto he dos homens por natureza, e não admira que este inveje a sorte daquelle, porque ninguem da sua está contente; e o que nos outros vejo, tambem em mim o contemplo, e o experimento, porque vivendo entre zangas, e trabalho, que não he ahi qualquer cousa, só para não dizer — empreste-me cá, — quando pelo vasto Rocio vejo passar algum Frade, que quasi o enche com o Volume, ou quando a curiosidade me leva a algum Mosteiro, e vejo no Gabinete de hum Mandarim da China alguma daquellas máquinas viventes, onde só tem força a vegetação entre os recendentes vapores do Chá Aljofar com mais guarnição de doces, que de soldados tem o Forte de Santa Luzia, servido dos subalternos, e dependentes com mais submissões, e zumbaias que leva o Gran Lamá no Reino de Lahor, como vio Fernão Mendes Pinto, não deixo de maldizer a eloquencia, e o estudo de dia, e mais de noite, e que tão poucas cousas dão de si; e de invejar a sorte, e os destinos daquelle Potentado Claustral, que sem outras idéas na cabeça mais do que as do Capitulo futuro na creação de Abbades, Priores, Reitores, Feitores, Procuradores, Jubilações, Privilegios, Precedencias, deita huma tábua de pescoço por aquelle feitio, e alarga tão volumosa espadua, que sobre ella póde folgadamente repousar hum costal de sessenta e quatro quintaes, rindo-se do apoquentado Clerigo, que se mata, ou entre pulverulentos Cartorios em ajuntar documentos para a parte da Historia que nos falta, ou em unir á eloquencia de Veninio o Magisterio, e a Dialectica de Bourdaloue. Ninguem da sua sorte está contente. Longe de desapprovar, eu approvo; e justifico estes encontrados desejos dos homens. Outro objecto ha digno da desapprovação da Justiça, e da Razão, que vem a ser as pertenções, e ingerencias dos homens nos Estados alheios, e profissões estranhas. Não digão que faço discursos satyricos, quando não procuro mais que traçar Quadros ideaes, cuja applicação fica ao discernimento dos piedosos Lei-

tores. Muitos homens ha que, sem quererem bem desempenhar os deveres do proprio estado, se mettem a dar Leis para a execução dos deveres dos estranhos, por exemplo:

Hum Causidico Rábula, cuja formatura foi, e seria, como já disse, na Estalagem de Sacavem, poderia á força de pratica, e de exercicio *chicanal* endireitar huma Petição ao Cidadão Almotacé. Nada: he cousa em que elle não cuida. Fizerão este homem, talvez *por más crenças*, Furriel dos Chuços. Ei-lo aqui Turena, nem para dormir de noite tira a sobrecasaca, ou o chapéo com as duas borlas, e de cachos. Falla, e torna a fallar, julga-se mais capaz de dispôr em hum campo cem mil homens em fileiras, para matar, se poderem, outros cem mil, do que o General Ney, ou o summo Soldado Pichegru; quer ensinar huma retirada a Moreau, e as leis de hum ataque a Hoche, e a Sowarow. Pertende dar lições da Grande Tactica ao Cura Merino, e ao Empecinado, e simplificar as operações da Espoleta, e do Soquete no systema da Artilharia de Manoela Sanches na defensa de Caragoça.

Ha no Mundo Medicos muito habeis na sua profissão (isto he, lá para quem os quizer chamar); matáo bem, matão depressa, convertem a Medicina em Chimica, enchem as tripas da gente de azote, de oxigenio, muriatico, e outras cousas que pelo nome para nós são novas, porque eu nunca me governei cá para a economia do interior, senão pelos aforismos em versos rimados da Escola de Salerno:

„ Ser-vos-ha o queijo são
„ Quando o dá a avara mão.
„ Se quizerdes viver sãos,
„ Lavai os pés, e as mãos.
„ Acabando de jantar,
„ Hide-vos logo deitar.
„ E á noite depois de cêa
„ Bem fará o que passêa.

Isto entendo eu, mas chinchonino, não. Conheço a Ancora Medicinal, mas Cullen, e Darwin, isso são Flamengos á meia noite! Decoro outro Oraculo da Escola de Salerno, que em Portuguez diz assim:

„ Não tem doença o mortal
„ Que tem salva no quintal.

Mas Calambulanos!! Deos me livre delles! Ha pois Medicos muito habeis na sua profissão, mas chamados a huma Junta, nem huma palavra dizem na alcoba do doente sobre o artigo — Medicina. — Mas sabem todas as novidades do dia, e do tempo. Se he anno de çafra de Politica são humas Gazetas, são huns Jornaes ambulantes: reformão o Estado, e os Ministros, architectão instrucções para os Embaixadores, *planos* para os Generaes, e não ha hum só acto do Governo, cujas molas, principios, e motivos lhes são absolutamente incognitos,

em que não mettão a sua colherada. Fallão na Tactica naval de Mazarredo, e dizem que o Almirante Duncan se esquecêra de pôr mais duas Fragatas a balravento. Assentão que o Reino de Mysore já podia pertencer á Companhia de Bengalla, e que com mais dois graos ao Norte na Bahia de Baffin estava embocado hum estreito ao Noroeste, e que assim mais depressa se levavão á China Patacas, e Peças, e mais depressa se trarião os preciosos cacos, que logo se quebrão, e que havendo, como ha, tanta falta de caixas de charão para os tentos do Voltarete, ficarião mais depressa brilhantes as partidas, em que elles, esquecidos os velhos Hypocrates, e Galenos, vão ser as almas, e os Dictadores. Com trinta mil destemperos destes, e o doente a mirrar-se, e a fazer jornada por instantes.

Ora não cuidem os Medicos que são só elles, eu não tenho guerra senão com a Impostura, e ainda que hoje 11 de Janeiro estou com huma não pequena febre, ha amargos, e diaforeticos que não vem da Botica, e huma Chaineca he para mim hum Van-Suiten legitimo. A casca de piorno produz melhor effeito que a Peruviana; pois o chá de flor de carqueja? Não fallemos nisso!!! Tenho afilhados, e he preciso acodir-lhes. Huma das teimas mais ordinarias dos homens, he desprezarem os proprios talentos para se ingerirem nos alheios. Hum Pintor de Taboletas (praga de que está inçada Lisboa, e os Mestres Çapateiros derão em caprichar mais em Taboletas de luxo) vai ao Theatro, e a sua teima he reformar a Orquesta, e dar aos Comicos, que nem a do A, B, C sabem, regras da declamação Theatral, e quer por força analysar aos Actores do Cothurno a Tragedia — Hippolyto — do bolorento Euripedes, que não tem graça nenhuma, ou a de Sedecias — do Jesuita Granelli, que não vai longe do Radamisto, e do decantado Cid. Hum apoquentado Mestre de Meninos que se devia contentar com o prodigioso Andrade, e deixar-se do caracter Inglez, porque nós cá nos entendemos, e contentamos com a nossa letra; deixa-se das quatro especies, e dá comsigo nas operações dos Bancos de Flandres, reforma o Systema de Law, e lá vão com os diabos os assignados de Neker, e Turgot. Hum Pasteleiro eminente em picados, deixa tudo em cima da engordurada taboa, misturão-se enxames de moscas nos motreques de carne da semana passada, tudo cahirá depois debaixo dos golpes da inexoravel cutella, e quer reformar o alto, difficil, e melindroso mister da Policia. O Marquez d'Argenson he para elle hum anão, e diz aos aprendizes que são mui curtas as vistas das Instituições do Barão de Bielfeld no artigo — Policia. — Hum Caixeiro deixa em meio os recados do Patrão, nada transcreve do Borrador para o *scientifico, e ingenuo* Livro da Caixa, e os taes que derão em se chamar Capitalistas, e que não tem mais de seu que huma grande Carteira de vinhatico no Quarto debaixo, e huma prodigiosa la-

bia, que se não cala em tres, ou quatro horas que dura a Praça, vêem os negocios parados, porque o bom do Caixeiro deo em se applicar aos Livros de Methafysica, e agrada-lhe muito a Filosofia Transcendental do *clarissimo, e intelligivel* Kant, e diz com elle, que o bordão que lhe está amolegando as costellas, não está nas costellas, está no cerebro, onde está o sensorio que existe no principio da medulla oblongada, que lá he que está o bordão, e não nas costellas, que vão por seu turno estoirando, o que he muito bem feito, e quasi sempre muito bem merecido. — Hum estafermo, que se não sabe de que vive, nascido, e criado para guardar hum fato de cabras na Charneca de Pancas, e de Alcochete, e residente como assignante fixo em hum Botequim, deixa as cabras, cujos pelotões elle devia dirigir, e desviar em marcha dos cerrados alheios, e mette-se a Poeta Tragico. Adeos Crebillon, adeos Alfieri, e adeos Racine. Este homem descobrio huma estrada nova na scena de Melpomene; aquelles sabião a vareda que vai ter ao coração, e fazião chorar os Espectadores, sabião a arte de pôr em movimento os dois affectos, terror, e compaixão, este atinou com a estrada do cerebro, usa a tempo do vapor das Dormideiras, faz dormir o Congresso Illustre, a *Assembléa Augusta*, como se dizia em hum Elogio do Salitre, e se não move os dois affectos, move duas cousas; primeira, hum abrimento de boca geral; segunda, hum ronco universal: e eu já vi huma cousa, que até esqueceo ao P. Brumoi no Theatro dos Gregos, e sua Historia, que he, pararem os Actores, porque dormia o Ponto, que he a cousa mais álerta que ha; e bem sabem todos que o Ponto tem tres cousas, huma boca para fallar mais alto que os Actores, e dois olhos; hum para pôr no papel; outro, para pôr no Comico, (e na Comica) e que isto nunca pára; só nos intervallos dos Actos, a pôpa que está incessantemente dada, e voltada aos Musicos, se vira então para o Palco, e Proscenio, e tambem para dar sua vista d'olhos aos Camarotes, e se he da Empreza, para vêr se a casa está meia. Pois eu já vi dormir o Ponto, estando a apontar huma Tragedia de hum homem que, como digo, poderia ter nascido para guardar hum fato de cabras.

V. m. não diz nada dos Clerigos? Sim, Senhor, tambem digo; e porque não hei de dizer? Deixão de ser homens por serem Clerigos? Tambem muitos destes desprezão o proprio talento, e se esquecem do proprio mister para se ingerirem nos estranhos, com grave prejuizo da Républica, onde cada hum se deve conter nos limites do seu Officio, e do Officio para que nasceo. Para os Clerigos ha diversos talentos, nem todos nascem para prégarem como Venini, ou Massillon, para governarem como Mazzarini, para escreverem huma Historia como Fleury, para serem tão bons Poetas como Conti, tão bons Fysicos como Nollet, e escreverem com tanta elo-

quencia como Garay; ha tal que tirado da Tumba da Misericordia, da folha do *Dixit Dominus*, ou do harmonioso *Libera me*, são cousa nenhuma; mas esta cousa nenhuma he precisa na escala social, quando se trata na Ordem Religiosa; sim, Senhor, mas deixem-se estar onde estão, que para isso nascêrão; más hum Clerigo destes que não nasceo para Talleyrand, ha de querer ter nascido para Taralhão; este he que he o grande erro. Esquece-lhe o *Subvenite*, esquece-lhe o Larraga, esquece-lhe o Baptisterio, que sabe Deos isso como vai, quando se vai dar alma a huma criança, como dizem as Parteiras no dia do seu triunfo, e mette-se a Publicista, e trata exclusivamente da *Carta Constitucional*, das Camaras, dos Ministros, da liberdade da Prensa, e como se para elle não houvera neste Mundo nem Concina, nem Cuniliati, nem Antoine, assenta que não ha mais Litteratura que os Jornaes, e a Gazeta. — Hum Militar subalterno, por exemplo, que não nasceo senão para chegar a *Chefe* de Companhia, depois de quarenta annos de serviço, e por ter morrido tudo no seu Regimento até o casco, que se devia limitar á economia politica do Quartel, e a entender os monosyllabos do Major, no grande ataque de repartição de Guardas (*detalhe*) porque he bom simplificar até as vozes, para simplificar os tempos, e os movimentos de hum exercito, porque — marcha — sempre leva mais tempo a dizer, do que — mar!!! — e alto — muito mais tempo que — al!!! — deixa-se disto, e mette-se a reformar o Clero, e começa a dissertar, até ás Bellas a quem faz a *sua Corte* sobre a extincção das Ordens Monacaes, cerceamento das Prebendas Canonicaes, e reducção dos Conventos das Freiras, cousa opposta, diz elle, á Economia Politica de Smith no Capitulo — População — em tantas, e tantas leguas quadradas de terreno dado. Se elle parasse aqui, não era assim mesmo; mas dá comsigo até em cima dos tristes Sacristães, maquia-lhes até as mesmas *piximxás*, ou benesses dos baptisados, e enterros e o Thesoureiro, segundo o seu *plano*, não punha mão em corda de sino, nem deixava ir os rapazes á torre, cujo importuno zum zum, perturba a marcha do tambor barente, e melodioso zabumba. Leva as vistas reformadoras ás casas do despacho das Confrarias, e Irmandades (se o tal Publicista se mettesse nisto diante de mim, talvez não tornasse mais a ser *Chefe* de Companhia; neste artigo não quero reformas) limita as funções da Irmandade á Festa da Casa, reprova as Procissões, não como dispendiosas, mas como incommodas á Tropa; affugenta Armadores, descorçôa Cerieiros, deixando-os só a fazer bugias para as partidas; não ha Musico que lhe escape sem huma farda ás costas, e quer até Rabecas, e Rabecões na frente do seu Corpo; falla na Artilharia, e diz que esta *Arma* se devia servir do Orgão, como mais estrondoso, e mais capaz de

Ære ciére viros, Martemque accendere cantu.

Todos transtornão a sua vocação, e deste transtorno nasce a desordem, e a confusão na ordem pública. Se algum homem nasceo neste valle de lagrimas para ser todo das Mathematicas puras, e impuras, da alta, e da baixa Geometria, foi por certo d'Alembert. Riscos, Calculos, e Fluxões infinitessimas, e por infinitessimar; eis-aqui o seu natural, e verdadeiro elemento: pois a sua teima foi a Filologia, metteo-se em estylos, em syllabas, e em palavras, e sendo hum riscador sublime posto de pé a huma pedra com hum giz na mão, foi hum Litterato menos que mediocre, porque até está demonstrado, que o Discurso Preliminar da indigesta Compilação a ⊢ Encyclopedia ⊣ como diz Mr. Gallais, no Livro dos Costumes e caracteres deste nosso bom seculo, não he de d'Alembert, mas de tres amigos, que são Diderot, Damilaville, e Condorcet; e o tal Discurso Preliminar, em quanto a mim, he hum prodigio em Litteratura, que vale mais que todos os artigos da indigesta Compilação ⊢ Encyclopedia. ⊣ O que ahi vira da Sociedade Maçonica Mondegal com esta minha opinião sobre a Encyclopedia! Ora venha com Deos, que a tal opinião he tambem do Mr. Gallais, que foi Redactor do Periodico ⊢ Censor ⊣, e em 1797, tempos *felizes* do Directorio!

Thomaz, o Author dos Elogios, e cuja brilhante imaginação era capaz de colher as mais escolhidas flores da Litteratura, tinha a predominante teima de se ingerir nas pecas, e secas Mathematicas, em que foi cousa nenhuma; mas tambem não perdeo nada. Tudo he ridiculo, e tudo aborrece, para generalisarmos a proposição. Até hum seculo, e outro seculo fogem do caracter em que se devião conservar; e este, em que por exemplo os homens escarmentados de tantos males que lhes causou a funesta, e infernal Revolução, que servio de levantar ao Throno hum mentecapto, que teve como Briarêo, quatrocentos mil braços para fazer outras tantas parvoices, e que se salvou do odioso pelo caminho do ridiculo; devião cuidar em sua reunião pelo fixo estabelecimento dos principios antigos, e usos velhos, se occupão nas teimas dos liberaes, e dos serviz, devendo mandar tudo isso a casa de Satanaz, pois sem isso vivêrão nossos Pais, e Avós, e com a barriga bem cheia; darão motivos de riso ao seculo vindouro, assim como a mim mo dão no presente, e o dão a todo o homem que ainda conservar déz réis de bestunto. *Ridet, et odit.*

Inutilidade de responder a invectivas, e insultos pessoaes.

O desprezo, e o silencio he o que mais essencialmente mortifica os invectivadores, e os regatões, quando para enjôo do genero humano se atrevem a chamar respostas ao que não he mais que huma injúria, e huma individual descompostura. Mas

isto he para os que nesta classe tem alguma vergonha, ou a quem a natureza deo ao menos huma dracma de siso commum. Não o tenho eu experimentado assim com Coutos, Patos, Magrissos de cá, e Jornalistas d'além mar, ou Escritores Portuguezes em Inglaterra, e mais em França. Depois da Miseria, do Dialogo dos mortos, das Considerações mansas, do Inventario de sandices, e do Exame examinado; depois de dois annos passados com Pato, que enjoou Capital, e Provincias, parecia que se calarião estes Litteratos! Não he assim, antes foi peior, a sua desforra he a impudencia. Se oppozessem huma razão a outra razão, tinhamos paz. Pelo contrario, achão-se convencidos, apanhados, desmentidos, isso não importa; como se não fosse com elles, não fazem caso; a questão principal, nunca; ainda que nella se vejão esmagados, como na verdade são, resposta, ou réplica a isso, nenhuma, descomposturia de fóra, ninguem espere outra cousa. Dizem estes *Litteratos*: — Em Portugal houve sempre mais Jornaes Politicos, que Litterarios. — Mostra-se-lhes que mentem, e que não sabem o que dizem, porque vinte seis são mais do que nove. Houve nove Jornaes Politicos, e houve vinte seis Litterarios. Tem isto alguma réplica? Não: só se menos he mais que mais. Isto implica na essencia, porque he de eterna verdade, que dois que fazem a parte de quatro, não são mais do que quatro, porque a parte não he, nem póde ser maior que o todo. Sobre isto nem palavra, descomposturas de fóra, e de cousas que não vem para alli, nem pertencem á questão.

Estamos no caso de huns poucos de gozos, a quem hum Rafeiro esfarracha. Quem os vir perneando, e arquejando na lama, comidos da implacavel dentuça do Rafeiro, diz, lá se forão os gozos, pobres podengos, alli morreraõ!! Farta-se o Rafeiro, alça o rabo; e vai triunfante pela rua abaixo, ou pela rua acima; os gozos mui surrateiros levantão de mansinho a enlameada cabeça, vêem o Rafeiro já distante, levantão-se, e fogem; hum vai coxeando, outro leva huma orelha menos, outro não tornará mais a fazer uso das costellas, outro leva hum pedaço de pelle de rastros, e lá mettidos para hum beco, deixão de ganir, e mal convalescidos ainda da tunda, apezar da carnadura de cão, se o Rafeiro torna a apparecer, esquecidos da massada recebida, tornão a ladrar. E a vergonha, da grande, e pública sova? Qual vergonha? Vergonha de cão. Se parece forte o Apologo, he verdadeira a sua applicação a estes, ou áquelles detractores desta, ou daquella Nação, e mostra que he tempo, e trabalho perdido responder a invectivas, e insultos pessoaes. Se ao menos os gozos mordessem no Rafeiro! Não, Senhor, vão morder no Pai, na Mãi, nos parentes do Rafeiro, que nada tem com o que o Rafeiro fez áquelles gozos lazarentos, esfomeados, e verdadeiros cães da rua! A' vista desta miseria, que se ha de dizer? O que disse a Deosa Thetis nas *Divinas* Lusiadas: Chorárão-te, Tó-mé!

Fim do setimo Número.

O DESAPPROVADOR.

N.º 8.º

Ridet, et odit.

Juvenal.

Cada hum no seu Officio.

PArece que esta especie de Proverbio estava principalmente guardada para os nossos tempos, ainda que em todos se haja reconhecido a sua necessidade; porque, em se baralhando os diversos misteres da vida humana, a sociedade civil he huma perfeita desordem, ou anarquia, e apenas o individuo deixar de circunscrever-se na propria esféra do seu particular Officio, podemos fazer responder hum Proverbio a outro Proverbio, e dizer: Lá vai tudo quanto Marta fiou. — Com effeito contemple-se qualquer Reino estabelecido sobre as melhores leis, e conservado nos costumes mais aproximados á natureza, e á boa razão, onde com as justas linhas de divisão se hajão conservado todas as classes, chegando á funesta crise em que os diversos ministerios dos homens se confundão, em que cada hum abandone a propria esféra, e se vá ingerir na alheia; que he feito em breves instantes deste Reino? O mesmo que foi feito do de França apenas se ateou o incendio Revolucionario, o cáhos verdadeiro, a confusão de todos os elementos, a desordem, e a esta desordem a ruina, e a morte. Hum Cortador de Versalhes, membro da Convenção Nacional, no terrivel momento de se sentenciar o infeliz Monarca, tomando-se os votos, e vindo por seu turno ao Mestre Cortador, votou de morte, e não disse como Sieyés — sem clausula —, mas ajuntou: — E do cadaver se farão dezeseis quartos, que se mandarão aos dezeseis principaes *Departamentos* da Republica, Huma, e Indivisivel. — Este homem estava tirado do seu Officio, mas conservava na alma resquicios delle, o que mui bem se lhe enxerga da lembrança do talho; fazer hum cadaver em dezeseis quartos, he habilidade de hum Cortador; pois elle a devia guardar para o seu talho de Versalhes, conservar-se no seu Açougue, e não saltar de Cortador

a Juiz Deliberante, para se não seguir o que se seguio, a morte de hum innocente, que será por todos os seculos chorada. Se Bonaparte não sahisse do seu Officio de Artilheiro para o de Monarca, não seria a Europa, não seria o Mundo, e o não estaria ainda sendo, victima de tantos males. Cada hum no seu Officio. Consideremos esta cousa, em apparencia tão pequena, a maior de todas. Eu sou hum homem Idolatra da Filosofia, em quanto não sahe desta definição, que a *triste* Filosofia velha, e Escolastica me ensinou: — *Philosophia est rerum naturalium, causarumque quibus efficiuntur, Scientia*, — que quer dizer: — A Filosofia he huma Sciencia das cousas naturaes, e das causas porque estas cousas se fazem. Em quanto a Filosofia não sahe do circulo desta definição não ha cousa, nem mais santa, nem mais amavel, por isso me chamo seu Idolatra. Mas não ha diabo peior contra a Filosofia do que eu sou, quando esta Filosofia se perverte, e degenera em abuso. Eu não soú inimigo da Filosofia, quando he Filosofia, mas sou inimigo dos homens quando profanão o nome de Filosofos, e pertendem fazer servir a Filosofia a todos os vicios. Isto he hum abuso, e hum dos mais funestos, e terriveis effeitos deste abuso foi proclamarem os Sofistas, e Filosofantes da Revolução, a igualdade moral entre os homens; igualdade fysica era de facto impossivel; não he preciso recorrer a hum mariola da Alfandega, bastava eu para esmagar com huma punhada meia duzia de Sybaritas, e Dançarinos Parisienses, e tambem Bergamascos, e Romanenses. Desta proclamação da igualdade moral, se seguio em muitos a persuasão, ou a opinião da igualdade, e semelhança das faculdades intelectuaes, e por isso os miollos Francezes esquentados, e torrados pelas theorias velhas, e vestidas á moderna nos escritos do melancolico Jacques, se julgárão todos para tudo, e esta foi a causa da balburdia infernal de seus successivos fantasmas de Governo em vinte cinco annos de sangue, sem se quererem lembrar que a mesma diversidade dos Officios arguia, e demonstrava a desigualdade, e differença natural dos talentos. Como todos se julgavão aptos, e proporcionados para tudo, deixando aquelle Officio para que tinhão nascido, em tudo se mettêrão, e daqui nasceo a desordem.

Nunca se me despertou idéa, ou imagem tão viva, e tão expressiva de hum Reino, que se conserva nas seguras bases da ordem, e onde tudo he prospero, como em huma occasião em que me aconteceo entrar no Arsenal (Fundição.) Olhei para aquelles vastos salões, onde ha tantos Officios, tão varios, e tão diversos entre si, quantos são os que compõem as que se chamão Artes *mecanicas*, não sei porque; porque se considero as *liberaes*, são menos uteis, ou menos necessarias, porque he mais util hum çapato que faz o Çapateiro dentro da loja, que a allegorica pintura da Taboleta que tem á porta,

e eu antes quero hum bom colchão feito por hum bom Albardeiro, que hum bom Soneto feito por hum grande Poeta. Vamos á imagem. Até a harmonia do Terço, que ainda naquelles felizes dias se cantava, me dava a idéa do compasso, e da ordem. Cada Officio tinha o seu districto, e cada districto certo número de Officiaes, que trabalhavão naquelle Officio, sem que, por exemplo, o Official de Espingardeiro, que estava polindo huns fechos, se fosse metter no districto do enfarruscado Caldeireiro, que estava chapeando huma marmita. Todos trabalhavão, todos se continhão no proprio mister; estarião lá aspirando com os seus botões a huma Capatazia; mas todos trabalhavão, e não se confundião; e aquella immensa Fabrica sempre de pé, e sempre em ordem, porque alli cada hum cumpre com o que deve cumprir; e além de se conservar cada individuo na sua classe distincta, nenhum estava ocioso, porque não basta ter hum Officio, he preciso trabalhar nelle: os inexoraveis, trombudos Aparelhadores (quando os não corrompe algum quartilho de vinho) de sarrafo feito, na mão vigiavão, e passeavão de contínuo; os Officiaes deitavão-lhe os olhos, e bons olhos, mas hião continuando no seu trabalho privativo, e peculiar. Os Contra-mestres, terriveis Pro-consules, só com a vista petrificavão de medo os Aprendizes, que attentos, activos, e cuidadosos, nem se acotovelavão, nem tugião, nem mugião. Eis-aqui, dizia eu comigo, (porque não ha cousa alguma que se me offereça aos olhos, onde não ouça lições, e tire documentos) eis-aqui a imagem expressiva de hum Reino bem estabelecido, e melhor governado, onde a prosperidade pública resulta do exacto desempenho das funções particulares de cada individuo, se estas se confundem, tudo vai perdido. Ora se nesta immensa Fabrica da Fundição, estes diversos Officios se baralhassem, tudo estava em hum momento na confusão, e na ruina, porque ainda que se fizesse alguma cousa, nada se faria bem feito. Se hum Funileiro se fosse metter na Officina de hum Çapateiro, se o Çapateiro quizesse ser Latoeiro, ninguem se entendia mais nesta Babylonia; o Estado perdia, o Exercito não tinha munições em quanto os tres funestos, mas necessarios páos cercados de tojo, que alli ficão na visinhança, não trabalhassem devéras.

Cada hum no seu Officio. Em quanto nelle se conserva não procura fazer mal ao seu visinho. Então ha poucos vagabundos, poucos mandriões, poucos mendicantes, poucos invejosos. O Lavrador cultiva seus campos em paz: o Fabricante não teme que lhe arrazem as Fabricas, e lhe esmigalhem as máquinas, o Mercador não sahe da sua loja, e até se lembra de se confessar a miudo; o Negociante dá entrada por huma vez dentro do seu Escritorio a duas Personagens muito respeitaveis, a Consciencia, e a Verdade: os Cambistas por hum sinal magico, que todas as minhas perspicacissimas observações

ainda não poderão entender, não se ajustão todos á mesma hora, ainda que existentes nos oppostos rumos do Sul, e Norte sobre as altas dos exorbitantissimos rebates. Os Officiaes das tres Armas cuidão mais nellas, e menos na hypocrita economia do Quartel, onde o pequeno perde, e o grande lucra. (Se a tirada he forte, o mal não he pequeno, e quando ninguem se designa, todos aprendem. Quando se trata de Governo, e da saude pública, nada de Filantropias, pois está mais demonstrado que o Quadrado da Hypothenusa, que os homens no todo não se levão senão pelos caminhos do rigor.) Se isto assim fosse, o Clerigo não seria mais que hum Ministro de paz, e de caridade, e sem se exigirem delle outros conhecimentos, entenderia as Escrituras, saberia ao menos os principios da Moral Christã, faria menos guerra aos Beneficios, onde muitas vezes não quer encontrar mais que a faculdade de passear muito, dormir, e comer mais; e se pela sua Litteratura he capaz de existir ao lado de hum Principe, ou sentar-se em hum Tribunal, socegue que lá o hirão buscar, e se o não buscarem, socegue tambem com o testemunho da propria consciencia, que não he pequeno premio, quando o testemunho he verdadeiro. Se isto asssim fosse, o Frade, seria o que isto quer dizer = o irmão dos outros = ; porque nós cá os profanos do Mundo, não queremos que elles sejão nossos irmãos, e alguns dos mesmos Frades o não querem parecer, não digo eu pelas esquipaticas tonsuras, e fórmas da sua cabeça, mas pela peralvilhada com que se apresentão em alguns habitos, pertendendo inculcar huma verdadeira mortalha por huma cousa muito elegante em que as Modistas de Paris, vindas tambem por nossos peccados para cá, possão achar modelos para os balandráos, e enormes mangas dos balandráos das Senhoras. Se isto assim fosse, o Frade, ou Monge, ou homem solitário, que isto quer dizer *Monachus* se deixaria estar na sua cella, frequentaria o seu Côro, onde com modestia, compunção, e recolhimento se ora a Deos, e não se cantão Arias de Cimarosa, ou Paesiello, dar-se-hia ao estudo, e contemplação, e sem desempedrar as calçadas com estrepitosas Carruagens, e amofinar as charnecas em fogosos Ginetes, e com matilhas de cães, revolveria seus cartorios, sacudiria o pó a seus pergaminhos, e nos faria vêr entre nós hum Mabillon, ou hum Montfaucon com os diplomaticos documentos para huma Historia, que se não compõe como huma Novella da Rainha de Navarra, e da Princeza de Cleves. Se isto assim fosse, vivirião quietos, e não obrigarião muitas vezes o Governo, que geme debaixo do pezo mortal dos negocios públicos, a tomar conhecimento de suas nojentas querellas, e tenebrosos Capitulos, onde se resiste ao Espirito Santo por amor dos affilhados; nem farião com a publicidade destas querellas a risota universal do genero humano. Não me venhão com as mãos á cara,

que eu não sou homem que confunda a Santidade do Instituto com a escandalosa perversidade de alguns individuos.

Se isto assim fosse, o Medico cuidaria em duas cousas bem essenciaes no seu Officio, seria hum estudioso observador da natureza, e hum amigo sincero dos doentes, e não faria o mais ridiculo de todos os papeis na sociedade humana. Eu pasmo com os Medicos! Cuidará alguem que he vingança, mas saibão todos que he Justiça. Nenhum Medico me fez mal, nem como Medico, nem como homem. Como Medico, até he impossivel fazer-mo, porque tenho dito, e tenho decidido: (supponhamos que eu tenho feito cá os meus particulares ajustes com a morte, póde vir quando quizer, e o meio de a fazer tardar, e demorar, he não a escandalisar com as receitas, e com os remedios dos Medicos, por isso mesmo he que ella vem, quando não fazia tenção de vir:) eu não tomo nada que os Medicos receitarem. Como homem, se algum me tivesse feito mal, eu não me desafrontava com improperios á Medicina, porque graças aos Ceos, eu não sou aleijado. Eu pasmo com os Medicos! He a profissão que presuppõe maiores estudos accessorios, maiores observações, maiores experiencias! Quando se faz isto? Demoremo-nos hum pouco Eu para chegar nas Sciencias ao resultado que queria, que vem a ser; que as Sciencias são semelhantes a huma dança, que algum dia se chamava *Minuete* (antes que a imperiosa *Walsa* trouxesse comsigo todos os desaforos do Mundo.) Começava-se o Minuete fazendo o par huma cortezia em hum ponto dado da sala, andavão, andavão, andavão, e vinhão no fim, o elle, e o ella do par, fazer outra cortezia no mesmo ponto onde tinhão feito o primeiro, isto he, ficarem no mesmo estado em que estavão quando principiárão o Minuete. Eis-aqui as Sciencias. Começar o gyro no ponto da ignorancia, e vir acabar o gyro no mesmo ponto. Para conseguir isto, me parecêrão pequenos os dias de Maio, e pequenas as noites de Dezembro. Os Medicos para adquirirem os conhecimentos necessarios para matarem a gente mais de vagar, acabadas as visitas de relampago que elles costumão fazer a duzentos doentes em huma manhã, vão jantar, como jantaria o antigo Apicio, e o gargantão Lucullo (isto he, na casa alheia), e acabado o jantar, ainda com a chavena de Sevres na mão, onde fuma o Café de Móka, começão de dissertar sobre o estado politico do Mundo; e então tenho notado huma cousa, as noticias que sabem melhor são as de Caracas, as de Buenos-Ayres, as de Santa Helena, e algum dia as da fertil Ilha de Elba; sempre lhes ouço fallar mais particularmente nas Theorias *liberaes* de Arguélles, na Policia de Fouché, e sem terem nem ouvido fallar em Hugo Grocio, e seu Direito de guerra e da paz, citão Grocio, e Cumberland para provarem que aquelle *deshumano* Bulow violara o direito da guerra, cahindo como hum

raio no flanco indefenso do Exercito do *Imperador* nos Campos de Waterloo com doze mil de Cavallaria; e nisto se conservão os Medicos até ao momento da *partida do dia*. Traquitana, e marcha. Jogão até meia noite, namorão até sempre, e vem para casa dormir até pela manhã, e depois de hum chocolate, que o não tomaria melhor o Cardeal Alberoni, e o mesmissimo Cienfruégos, lá vai outra vez o relampago matar, e arrecadar. E então quando se estuda? Nunca. Por isso cahem como tordos os miseraveis doentes. Pois por isso he eu quero morrer quando Deos for servido. E tem a pouca vergonha aquelle Medico *Muscatti* Veneziano, que era Medico de Bonaparte, de dizer que a Gotta se cura bebendo hum homem de huma assentada quarenta e oito copos d'agua!! E bem curado ficaria por certo, porque arrebentando, não sentiria mais as dôres da Gotta. Não venhão cá os Senhores Doutores gritar que isto he invectiva; *Muscatti* já morreo, e era Medico de Bonaparte, e a memoria desta receita conserva-se por estas mesmas palavras no bom Livro que escreveo o Francez Gallais, ainda existente — sobre o caracter, e costumes do Seculo XIX. — E á vista disto já me não admiro do que li na conta dada por hum Medico de certa Villa do nosso Reino, em que atribue a mortalidade que houve nos mezes de Janeiro, e Fevereiro de 1818 á multidão, e abundancia de *Gorazes* que o mar nos deo nesses mezes, assignalando por causa das molestias apopleticas os tristes, e innocentes Gorazes, que assadinhos com molho de manteiga, e seu limão, fazendo-os nadar na barriga em ondas de Carcavellos, e Chamusca ressuscitárão os mesmos mortos!!!

Se isto assim fosse o Advogado seria hum Jurisconsulto conciso, judicioso em seus Arrezoados, e comedido, e mesurado em seus conselhos; não *zangaria* com tantas impertinencias os occupados, e graves Ministros da Relação, affogando em hum diluvio de palavras vás e deslocadas aquillo que os mesmos Ministros sabem muito melhor do que elles, lançando os olhos para a simples clausula da Lei, cuja intenção conhecem, e o verbosa Rabula não interpreta.

Ora ahi vai cousa minha que parecerá paradoxo. Como eu gosto muito das miudezas de Fernão Mendes Pinto, ou Minto, notei sempre huma passagem em que elle diz, ou Francisco de Andrade por elle, que o P. M. Francisco Xavier (*S.* Francisco Xavier) tinha vontade, se viesse a este Reino, de trazer a ElRei D. João III., e pedir-lhe que o lêsse, hum Livro da China chamado *Aczendo*; que era hum Livro de Policia Chineza. Em quanto a mim o Governo Politico, e Civil da China he o mais conforme á razão, e o que mais justifica o proloquio: Cada hum no seu Officio. — Este vasto, e florecente Imperio da China tem sido o mais isento de Revoluções, (ao menos entre as infinitas do Abbade Vertot não se

encontrão — Revoluções da China —) quando todos os outros Imperios, e Reinos parecem estar sujeitos a esta calamitosa fatalidade. Foi sujeito este Imperio a huma invasão violentissima de Tartaros, e delles vem a actual Dynastia Reinante em linha direita daquelle Rei Tartaro, de quem Jorge Mendes foi General; Revoluções com effeito não se conhecem na China, e se algum Potentado, ou Mandarim se desmanda, lá nunca esteve a Forca ás moscas. Eu nem fui, nem quero ir á China, mas deleitei-me sobre-maneira com a descripção que faz deste vasto, e populoso Imperio o P. Du-Halde, e com o que delle dizem as Cartas edificantes, e curiosas, tambem feitas por Padres. Donde nasce, dizia eu comigo, tanta ordem, e tanta prosperidade? Parecia-me que atinava com esta causa, quando notava duas cousas fundamentaes na Politica da China sem Jacques, e sem Mably, porque para governar não ha cousa como a recta razão, e a experiencia. A primeira, o grão estacionario que está impreterivelmente determinado na China á perfeição das Artes, e dos Officios. Parecem-me os Chinas Andorinhas, que sempre fazem os ninhos da mesma sorte; a estarmos pela Chronologia da China (eu não estou) ha quatro mil annos, não tinhão as Chicaras outro feitio, as Bandejas outro Charão, os Lecres outra pintura, e os Bonecos outras barbas, e outras bochechas, os Bules outros bicos, e são bem máos, porque deitão de caminho o caldo, e as berças. A segunda, conservárem-se nas mesmas máos, e nas mesmas familias as mesmas Artes, os mesmos Officios, e as mesmas profissões, e com tanta graça, que diz Fernão Mendes Pinto, que a mulher que no mercado vende ovos de Gallinha, não póde vender ovos de Pata, ha de ser por força a mulher dos ovos de Pata. O filho do Pintor ha de ser Pintor, não será tão bom como o Pai, nisso nada se perde, sempre borrará alguma cousa, e lá terá este hum filho, ou hum neto que seja grande Pintor. Eu creio que a uniformidade de suas manufacturas nasce desta conservação hereditaria nas mesmas Artes. Na China cada hum está no seu lugar, daqui nasce a ordem, a prosperidade, e a quietação, e esta não procede senão da conservação no bem, e da uniformidade da marcha de todas as cousas naquelles eixos em que huma clara Providencia as ha constituido. A França degenerou, e cahio em ruinas, não porque o Alfaiate se quizesse metter a Algibebe, he verdade; porque Alfaiates, Retrozeiros, Algibebes, Pasteleiros, Comediantes, Cabelleireiros, e os que não tinhão outro Officio senão o Botequim, e os Periodicos se mettêrão a Publicistas, a *Financeiros*, a Politicos, e a Legisladores, sem que os chamassem para isso. Quando todos, voluntaria, e culpavelmente se inquietão, e se agitão, quando não escutão mais que as vozes da ambição, da cubiça, quando dão lugar ás vistas, e ás esperanças da rapina, quando por voluntaria ociosidade se fazem

descontentes do Governo, quando a presumpção os representa dignos dos mais altos empregos, quando se persuadem que só se pesca bem em aguas envoltas, quando finalmente o Clerigo, o Frade, o Medico, o Militar, e até algum vampiro vagabundo que se chame Poeta, sahe do seu Officio para se metter no que lhe não importa, nem deve importar, quando o Rabulasinha de Provisão. que nem sabe soletrar a Ordenação do Reino, se mette a Theoretico Legislador; tudo se perde, tudo se confunde, tudo se arruina. Os Estados sentem a sua desgraça provinda das mãos de huma cousa, que parece tão pequena, do desprezo do mais vulgar de todos os Proloquios: — Cada hum no seu Officio. — Quando vou n'huma Falua, gósto que o Mestre Arraes vá ao leme, não gósto que hum curioso da companha, ou da barcagem, se assente a ré por divertimento, porque se Deos nos serve com hum pedaço de Sudoeste, á primeira rajada vai tudo para o fundo. He verdade que escapão aos Medicos, mas vão para o fundo. Ora se hum homem, por exemplo, que nascesse para contar cobre no Terreiro, ou para apanhar carqueja em Alcochete, se mettesse a encovar Filinto do Nascimento em Odes Pindaricas, que faria? Odes de Botequim. — *Quales ego aut Cluvienus.* — Ora isto em mim serão projectos do Abbade de S. Pedro sobre a paz perpétua? Serão; mas aproveitão, se lhe não perverterem a intenção.

Fim do oitavo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 9.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Os Originaes.

FAzenda, ou semente infinita! Por toda a parte os vejo, e por toda a parte os descubro! Vou ao Theatro? Que Originaes observo pela Platéa, pelos Camarotes, e pela Scena! Que Originaes sem serem as Peças que se representão? Vou ao que se chamão Companhias brilhantes, onde se ajunta a escolha, e o creme da sociedade? Que Originaes! Dou huma vista d'olhos pelo vasto Rocio em tarde serena, aprazivel, de bom Sol, e pouco vento? Originaes ás pilhas! Entro na contemplação da Sociedade dos *Litteratos*? Que perfeitos Originaes! Admiro as grandes manobras do Exercito? Da frente, dos flancos, e de toda a parte, que Originaes! Medito no Corpo Commerciante, entro no verdadeiro labirintho de Creta, a Praça? Que Originaes, e que importantes Originaes! Mas onde me faço mais a olho nestas contemplações?... Com effeito são mais os Botequins, e as Bibliothecas de vinhos engarrafados presentemente, que os bebados de Lisboa, e das Provincias! Este número he prodigioso, e todos os dias cresce em proporção dos ociosos, dos homens que não tem eira, nem beira, nem ramo de figueira, ou que vivem como se o não tivessem, dos casados que vivem como rapazes. Calcule-se bem o número destes Cafés, ou Botequins, ou lugares da ociosidade, da mandriice, do crime; multiplique-se esta somma por trinta, ou quarenta, teremos o resultado, ou a somma daquelles, cujo menor mal he não fazerem cousa nenhuma, e daquelles, cujo unico pensamento he acharem meios de fazerem mal, daquelles que passão o dia a dizerem parvoices, e esperão a noite para commetterem delictos, daquelles que em seus eivados discursos ensinão a desprezar a Religião, os Governos, as Leis, e os costumes; em fim daquelles cuja

vida deshonra a sociedade , e cujas acções a perturbão , cuja ociosidade a aggrava , e que para se fazerem melhores só tinhão necessidade de não acharem lugares em que se podessem reunir ; porque os vicios são como a peste , he preciso cortarlhe a communicação para não prejudicarem. Nestes Botequins pois , ou nestes lugares de reunião , mais ou menos fastuosos , e brilhantes , mais , ou menos dourados , e envernisados , he que se mostra , e se propaga aquella ingratidão pública , aquella opposição popular desdenhosamente caustica , que foi em França , e he , e póde ser em todos os Reinos a gangrena invisivel dos optimos Governos. Nestes Botequins he que se dizem , e se ouvem aquellas insulsas ironias , aquellas insolentes , e atrevidas conjecturas , aquelles falsos rebates , aquelles pezares hypocritas , que tanto damno fazem á authoridade das Leis , á magestade dos Thronos , e aos interesses , e ventura da sociedade civil , e ordem politica. Nestes Botequins , com o tom mais frivolo , e por isso mesmo o mais ridiculo , e tambem o mais perigoso , se falla de qualquer grande acontecimento politico , de huma acção honesta , e virtuosa , de hum Magistrado sabio , e incorruptivel , de hum Litterato consumado , rindo todos de tudo. Nestes Botequins a astuta calumnia estraga os costumes pela maldade que propaga , e pela indifferença que persuade. Nestes Botequins com engenhosos gracejos se prova aos Mancebos , para os quáes he huma evidencia tudo aquillo que os diverte , que a Religião faz hypocritas , a moral charlatães , e a probidade mentecaptos , e imbecillos. Aqui se falla com o mesmo tom , e com a mesma temeridade dos objectos mais frivolos , e das dissenções , e decisões mais graves dos Governos ; aqui se falla de tudo o que mais deve interessar os homens , e do que menos os deve occupar , habituando-se desta maneira a julgar de tudo sem escolha , sem gosto , sem conhecimento , e sem emulação. Aqui se aprende com ensino mutuo , a ser como estrangeiro em seu mesmo Paiz , e até em suas mesmas familias , pelas maximas que se espalhão , e pelas ligações que se contrahem. Assim se perde o espirito público , assim se propaga a depravação , assim se altera o gosto , se anniquila a moral , se corrompem todas as idéas do justo , e do honesto. Fiquem estes objectos para a sua competente repartição que he a Policia , que nada tem com o Café , mas muito com os Cafés. Eu limito-me á consideração dos Originaes que nos mesmos Cafés descubro , e observo. Para alli atiro comigo , e como tenho conhecido que o ar de parvo he o mais attendivel , e respeitavel que ha , metto-me a perguntador , e perguntas são as cousas mais agradaveis que ha aos que arrebentão por fallar , e como quem quer ser instruido sempre dá hum grão de superioridade áquelle de quem mendiga as instrucções , porque lhe belisca o amor proprio. Pelos Cafés ha lugares de assignatura para verdadeiras Torres

do Tombo vivas, e ambulantes. Reportorios universaes, alli passão a sua vida, ao menos a maior parte da sua vida, porque os dias inteiros alli se lhes passão. Não sei quaes sejão os seus correspondentes, mas elles sabem todos os segredos dos grandes Gabinetes das cinco grandes Potencias. Sabem os Cambios de todas as Praças, os preços de todos os generos, as operações de todos os Bancos, e os nomes de todas as Actrizes. Conhecem a figura de todas as personagens que gozão de alguma celebridade, ou por sua fortuna, ou por seus talentos, ou por suas parvoices. Eu me dirigi a hum destes para haver conhecimento de alguns figurões, que eu alli via sempre fixos, e que com effeito me parecião Originaes. V. m., lhe disse eu, não me dirá quem sejão estes Senhores, que se não tirão daqui? Nem Venus descia do Ceo com mais pressa a soccorrer Vasco da Gama, quando este (nas Lusiadas) pedia a Deos que o livrasse do naufragio, como livrára a S. Paulo, e como abríra o mar para passarem os Israelitas; do que o homem universalissimo me respondeo: —

Vê V. m. aquelles dois que estão naquella meza, naquelle angulo occidental? Vejo, e vejo bem: pois são dois Jurisperitos; aquelle magro, e feio como hum vivo diabo, trabalha mais de déz horas por dia na sua banca, lê de contínuo os Reinicolas, e os não Reinicolas. Lê dos antigos Bartolo, Baldo, Cujacio, e Alciato; dos modernos, Filangieri, Becaria, e outros que elle diz, e eu não conheço, nem me importa conhecer. Os seus arrazoados são fortes, claros, energicos, concisos, em fim he hum Letrado, que se fosse preto valia hum par de tostões: mas deo em querer ser hum Original, não ganha vintem, porque em lhe apparecendo cliente que não tenha justiça, ou razão, logo lho diz na cara, porque assentou de dizer a verdade ao Mundo inteiro, quer affectar dureza, e sequidão originalmente, ninguem gosta delle, morre de fome com toda a sua originalidade. O outro que conversa com elle, e gesticúla como hum endemoninhado, nem formado he, mas tambem he Letrado, acha razão a todos, não lhe cahe cliente nas unhas que não fique esfolado, vai a quantas partidas ha, joga com as mulheres dos Senhores Juizes, presentêa estes, corre-lhe da boca hum chorrilho de parvoices originaes, não ha causa que não vença, ainda não citou hum texto de hum Doutor em Latim, porque o não sabe; mas tem sege, e he hum Original.

Aquelle carrapato de tres palmos e huma polegada, que V. m. além vê na meza proxima, e que de cima do moxo em que está sentado mal chega com os bicos dos pés ao cháo, com grande lenço tufado, chapéo de aba grande, he hum Original. Alli o tem, pois he Chefe de Divisão de Caixeiros em huma casa de negocio. Não ha cousa no Mundo, nem mais impertinente, nem mais ridicula; faz tudo, falla de tudo, adi-

vinha tudo, mette-se em tudo, decide de tudo, repete versos, e he o primeiro que se ri das numerosas parvoices, que em huma perpétua diarréa de palavras se lhe derramão da boca.

Além tem V. m. outro Original, e talvez que o mais solemne do nosso seculo: falla sempre naquella meza com pezo, e medida, e diz elle, que a sua infatigavel pena tem traçado o quadro politico de todos os Estados, e de todos os Gabinetes da Europa, e affecta sempre hum ar pensativo, que parece que está encarregado dos cuidados de todos os Governos, tem sempre o sobrolho baixo, e fránzido, e diz que estudára aquella respeitavel attitude para dar á sua fisionomia hum ar decisivo, e duro, que o seu caracter não póde desmentir. Se V. m. o visse entrar em huma sala de Companhia!! Que figurão, ou que papelão Original! Entra a passos medidos, e contados como hum triste Mestre de Grammatica pela classe entre os espavoridos rapazes, saúda os homens com ar de protecção, e parece que se condoe das desgraças, e miserias do genero humano; cumprimenta as mulheres com hum tom gracioso, porém melancolico. Cada ruga da sua testa he hum mysterio. Cada movimento d'olhos desenvolve hum segredo politico. Se abre a boca, a sua primeira palavra he esta: — Que ha de novo? — Quem se atreveria a responder-lhe? Nem V. m. mesmo... Ora diga-me, V. m. não he o Padre do Desapprovador?... Hum seu criado. — Pois nem V. m. mesmo. Torna a insistir: que ha de novo? Nada, dizem todos, porque ninguem quer fallar com elle. Então, então, oh Ceos! Nem Vasco da Gama tinha a Historia de Portugal mais presente para a contar toda inteira, e entregada a ElRei de Melinde a primeira vez que lhe fallou no paneiro de huma Falua; então, então abre a boca. Os Tyrios, e os Troianos *Conticuere omnes*, calárão-se todos, e elle expõe com hum diluvio de frases modernas, = estar ao dia, estar ao facto, responsabilisar-se, comptabilidade, ter dados, e isto he facto, &c. Os motivos, e as causas finaes da Santa Alliança. Conta com muito vagar, e ar satisfatorio, os progressos dos insurgentes da America, a estabilidade, e o caracter Spartano da Republica *Artiguianna*; a despedida energica do Cura Morellos no ultimo degrão da Forca. Conta, como se estivera presente, e tivera parte no negocio as entrigas dos descontentes dos Paizes Baixos. Entra no Gabinete do Jornalista tal, e Jornalista qual, e mostra Cartas da Haya feitas aqui em Lisboa. Diz que virá tempo, e não tarda! (rindo-se) em que a Inglaterra declare a guerra á Curlandia, e á Laponia; aponta os recursos de Politica com que a Austria deve manter as suas possessões na Italia. Fórma hum cordão de Tropas, que se não sabe donde hão de vir, desde Alepo até Vianna do Minho para não deixar cá entrar a peste, e huma linha de Fragatas de quarenta e quatro desde Cabo Verde até Boston, por amor da febre amarella. Póe daqui fóra (al-

guma razão tem) todos os Judeos dados ao florecente ramo de Commercio de Tamaras doces, e Chinellas amarelas, e de todas as côres, ou que ao menos se lhe queime o fato todas as semanas na praia do Alfeite, para dissipar effluvios, e mónadas pestilenciaes. Nunca cita, nem artigos de Jornaes, nem ao menos boatos públicos : tudo vio, tudo ouvio, e protesta que tem nas suas mãos, ainda que nunca appareção, as *Peças* Originaes, e Documentos primitivos. Diz que conserva huma Nota original do Ministro Inglez sobre o Commercio do Baltico. Diz mais que tem a Pauta authografa da Alfandega de Odessa ; e sobre tudo que guarda com o maior recato, e ciume huma declaração do Imperador da Austria relativa ao Ducado de Parma. Protesta que elle mesmo arquitectára o *Plano* da demarcação de limites entre Baden, e a Baviera, cousa que a nós nos importa muito, e he do ultimo interesse para o equilibrio Europeo ; e que huma Carta de Nesselrod, e huma Memoria de Capo d'Istria, e que o *Tableau* das Campanhas de Pozzo di Borgo, e o Testamento Politico de Luchesini .... Vê V. m. aquelles dois Cadetes que entrão hum do número tal, outro do número qual? São sobrinhos do tal Oraculo, são dois Originaes como elle, e considerão o Senhor seu Tio como o primeiro Publicista da Europa, dizendo que não fôra ao Congresso de Aquisgrá por ter apanhado huma constipação.

Ora sua mercê não me dirá quem seja este que fica além á esquerda na cabeceira daquella meza ? Ah ! diz elle, aquillo he hum Original. Foi Jornalista, trabalhou na parte litteraria do Correio da Peninsula, deo artigos ao Telegrafo, he sua a Dissertação sobre as forças do Senhor Cuesta na batalha de Talavera. Desviou-se da carreira Politica, ou o fez devergir o Genio do Parnaso que o levou por desgraça sua, e tormento nosso ao regaço de Thalia, ou de Melpomene, foi pela intriga de huma violenta *cabala*, constantemente pateado. A Platéa deo em desertar depois que os Medicos derão em receitar, e mandar para lá os doentes de insomnio, porque á primeira Scena cahião em tal Lethargia, e erão tamanhos os roncos que nem o mesmo Ponto se ouvia apezar de gritar mais que toda a Comicada junta. Limitou-se depois disto aos meros, e espurios Elogios, mas a pateada que o trazia de olho, e tinha com elle huma conhecida sentreita, até hia atrás delle para casa de hum amigo, e lá mesmo lhe malhava. O homem apoquentado chegou alli mesmo onde está como Tezeo, sentado, e eternamente sentado, *sedet æternumque sedebit infelix Theseus*, a dizer que para se vingar do máo gosto do seculo, e das injustiças dos emulos, havia compor huma Comedia satyrica com este titulo — A Velha divorciada do marido moço e gastador. — E nós rimos todos outro dia quando elle repetio aqui hum Epigramma que tinha composto para ir nas Noticias, e Cartazes da mesma Peça

Oleno á Velha consorte,
Comeo a herança não sua.
Que fez Urraca Viveiro?
Pôz o Marido na rua.

Protestando que esta simplicidade era do gosto Grego antigo, que não tem graça nenhuma, porque isto não he Epigramma, he huma historia que terá succedido mil vezes, e isto não tem agudeza, nem sal, e a Comedia certamente não passa, porque o homem não tem protecções, ninguem o conhece, não se sabe quem he, nem o mesmo nome se lhe sabe.

Ora V. m. não tem *quizilia* com aquelle Original? Cara de fome! Parece hum destes Malsins do Tabaco! Seja quem for, nada de descomposturas. Huma cousa he a desgraça, outra cousa he o ridiculo voluntario; a desgraça merece compaixão porque nos póde succeder o mesmo, mas o ridiculo voluntario merece odio, e merece riso, porque se faz ridiculo por sua culpa, por sua culpa o he, e ainda que se lhe dê riso, e odio, póde-se-lhe poupar o insulto. Quantos mandriões ha assim? Sem casa, sem vida, sem emprego, sem officio, sem consideração alguma? Em se dando a Trovistas ficão empecilhos da sociedade, enjôos dos homens sensatos, tormentos, e escandalos da probidade pública, entulhos de Botequins, como foi em vida o Poeta Magrisso voracissimo Milhafre de Torradas, Ponches, Grós, Filipinas, Cabazes, e Champurriões, que como V. m. sabe he café com agua-ardente.... Não moralise tanto, (me disse o Demonstrador, não de Fysica, ou Gabinetes de figuras de cera, mas dos Originaes ridiculos,) se elles não tem que comer, comem aquillo que podem pilhar. A Policia não dorme agora, e lá de vez em quando os faz eclipsar, para que a sociedade respire, como se despeja hum cano para as aguas correrem....

Ora repare V. m. naquelle Original repimpado áquelle canto de palito na boca, e que consome hum intervallo de hora entre palitação de dente e dente; veja-o de corpo obeso, barriga prominente, cachaço mais roliço, e vermelho que hum Paio Europeo, como se diz na Epopea o *Paraguai* fallando-se do Irmão Patusca.... he hum destes Capitalistas feitos do pé para a mão, vem aqui depois de jantar, e sem chapéo, á moda dos Mercadores, mais para tratar negocios com os engasgados que para tomar café. Julgue V. m. do seu caracter pela historia que lhe vou a contar. Chegou-lhe ha mezes hum sobrinho a quem, segundo dizem, estas baralhadas politicas, ou o que quer que fosse, que isso não vem para o caso, tinha feito emigrar para longes terras, e veio nú e crú; foi buscar o Tio, expoz-lhe a miseria em que fôra, em que estivera, e em que viera; ora se o homem fallasse ao Neptuno do Chafariz do Loreto, por certo ouviria mais resposta,

porque tal, e qual he hum Neptuno de pedra, e que não se admiraria de vêr entrar no Reino d'agua o Rei do vinho, como já se admirou nas Lusiadas; depunha a dourada fisga, e attendia o homem; mas o homem fallava a hum surdo. Insistia o desgraçado lembrando-lhe os serviços que lhe tinha feito na sua mocidade, quando elle Tio existia no estado de horrorosa indigencia; respondeo-lhe que tinha perdido a memoria. Continuava o miseravel, que elle ficaria coberto de vergonha, e opprobrio se deixasse hum parente tão proximo como elle era, vivendo entre conhecidos no seio da pobreza coberto de trapos. Respondeo-lhe aquelle original, aquella joia que V. m. alli vê: — Eu não tenho parentes senão ricos, e quem não he rico, não he meu parente. — O homem consumido de tristeza, e de fome sobrevindo-lhe huma febre, foi morrer no Hospital, e aquelle Tigre descontando letras a doze por cento ao mez... Basta, basta, lhe disse eu, conheço os homens, e sei muito bem o que as idéas do seculo tem influido na perfectibilidade moral do ser humano. — Mas antes que V. m. se vá talvez que dar com tudo isto em pezo, a eito, e a esmo no Desapprovador, e talvez que comigo tambem... Ah! Senhor, como o Senhor me dá licença, eu não nego o seu a seu dono... — Faça o que quizer, mas leve mais aquelles dois Originaes que estão além naquelle canto, tomando dois Ponches. — Este de cá dizem que foi Bacalhoeiro, ou Quinquilheiro, huma cousa assim. Seria Ratoneiro? Lhe disse eu, isso por força, tornou elle; pois deitou-se a perder com huma esgalgada Dançarina ultramontana, e agora anda por aqui aos Ponches dos amigos, ou conhecidos antigos. O outro! Que Palerma original! Armárão-lhe huma Banquinha, e com cartas preparadas mesmo por mão habil, levárão-lhe huns trinta mil cruzados de huma herança, e ficou com o outro amigo no mesmo exercicio do Ponche, da ociosidade, e da inteira consolação.

Ora, Senhor, lhe disse eu, fico-lhe muito obrigado, em hum Número só do Desaprovador não cabem mais Originaes. Como eu destino no seguinte tratar da moderna Filosofia, lá veremos cousas grandes. Hei de estimar a sua saude.

Copia da ultima clausula de huma carta de Coimbra recebida a 22 de Janeiro. N. 2749.

„ Ainda que não bebe chocolate, com tudo sahe a dar
„ o seu passeio, e espere que ao voltar de algum desses...

De V. m.
Inimigo declarado.

XXXXXXX

„ Nesta nobre Universidade
„ de Coimbra aos 18 de Ja-
„ neiro de 1819.

Ora, Senhor Academico da nobre Universidade de Coimbra, que lhe fiz eu para me matar? Não o conheço, V. m. não diz quem he, para lhe agradecer o favor; não o offendi individualmente, que delictos quer V. m. punir em mim, e logo com a pena ultima? Escrever mal? Isso he huma vergonha, mas não he hum crime? Se tanto o inflamma o amor das Letras, escreva, Senhor Academico, impugne-me, exponha-me ao desprezo público; illustre V. m. a Patria, admire o Mundo, acuda á cegueira dos mortaes com as suas luzes. Mas hum punhal, e logo facada atraiçoadamente ao virar d'alguma esquina, a hum homem pacifico, e inerme, que vem de dar o seu passeio, e se recolhe a sua casa nas horas de Deos! V. m. certamente he Pedreiro-Livre nessa nobre Universidade, porque elles não tem outra resposta, se não veneno, ou punhal. Ora diga-me, como lhe ficou a sua consciencia, quando despejou das tripas esse veneno na ameaça de morte a hum homem que o não conhece? Como? Como fica a consciencia de hum Pedreiro-Livre quando conspira contra o Throno, contra o Altar, contra a sociedade, quando commette os execrandos attentados que elles tem commettido, e com que tem ultrajado a Natureza, e todas as Leis Divinas, e humanas. Diga me o seu nome que eu o procurarei só nessa nobre Universidade, que V. m. com estas infamias enxovalha tanto. Ora pois, ao virar de esquina, farei a volta larga, e o bordão feito, porque para Pedreiros-Livres hum páo. A Deos até á primeira.

Fim do nono Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.º 10.º

Ridet, et odit.

Juvenal.

Os extremos são perjudiciaes.

AInda não achei hum velho que se não queixasse dos rapazes; ainda não encontrei hum rapaz, que não fizesse zombaria dos velhos; e quando considero a cousa á luz de boa Filosofia, huns, e outros tem razão. Quando os rapazes fazem zombaria dos velhos, (mas de que velhos!!!) até eu me ponho da sua parte, e se vejo que não chegão á conta, ajudo, e os meus soccorros estão promptos, não metto os cães na moita, entro com elles. Inventemos... (isto he hypocrisia) descrevamos o que com effeito nos offerece o quadro do Mundo actual. Figuremo-nos hum Frade velho com o cachaço muito rapado, com huma calva muito luzidia, e com hum, ou outro cabelinho aqui, e alli como rabisco de vinha, branco como estes meus. Consideremo-lo com seus oculos fixos em hum nariz sesquipedal, assombrando dois olhos ramelosos, papudos, pequenos, e mal abertos, huma barriga prominente, huma boca franzida, com hum, ou outro pedaço de dente que o descuido dos beiços deixa vêr negro como a minha sorte, e podre como huma Theoria Republicana; vejamos-lhe duas ventas como as de huma Balêa, atulhadas de mormo, e de rapé; consideremos este Reverendo grave entre os seus irmãos de armas, dispensado do Côro, que o não vê lá, nem na noite do Natal, trombudo, e austéro na frente de hum Capitulo, como o Duque d'Alva no Conselho de Bruxellas, ou Mustafá IV. na cabeceira do Divan, consideremo-lo n'huma sala de partida, servindo o Chá ás Senhoras, fazendo seu equivocozinho de doce coberto, e mão nevada, inventando, e estabelecendo com as mesmas parentescos ternos, symbolicos, mas indicativos do coração mais assucarado, chamando-se como eu já ouvi a hum, o Rei da inconstancia, pa-

ra agradar, dizia elle, por inconstante, a todas as bellas: Ora não tem razão os rapazes, vendo hum diabo destes, não só de fazerem zombaria delle, mas de lhe darem huma apupada solemne? Tem razão os rapazes, porque isto he hum extremo que se não tolera. Suppunhamos hum Clerigo velho empregado, ou não empregado, virando de crena todos os Sabbados, e dando huma tinta nos teimosos, e pertinazes cabellos brancos, ensaiando-se ao espelho nas posturas do chapéo redondo, ou armado com tanta enxarcia, adriças, escotas, e calabretes, como o chapéo de Porlier, ou Marquezito a cavallo, e pintado á porta da Moeda, vejamo-lo de pantalonas de ganga, botões á Talavera, de alfinete de peito rematado, ou com huma Lira, com as trez Graças, ou Cupidinho, com huma caixa, cuja pintura talvez tenha o original em Aretino, e se não querem tanto, ao menos que represente Angelica e Medóro, a gruta de Dido e Enéas, ou os esquecimentos de Cleopatra e Marco Antonio; vejamos este bom filho de S. Pedro, mais velho que João dos Tempos, o Mouro de Bengala, ou os Indios que víra o Bispo do Para, correr as Assembléas todas, repimpar-se como villão em casa de seu Sogro no meio da Platéa de hum Theatro, ir aos Touros, se os ha, dizer sua gracinha ás formosas que vão passando... não tem razão os rapazes de fazer zombaria delle? Tem mais que razão, porque he este hum extremo tão vicioso, que já que não tem, porque se não sabe, a recompensa nos arejados sitios de Rilhafoles, tenha ao menos o premio no escarneo, e na apupada dos rapazes. Figuremo-nos hum Magistrado velho, cuja dignidade he o synonimo de circunspecção, gravidade, e respeito, deposta a Toga, marcando contradanças sem poder bolir as pernas, e com a cabelleira, se a tem, a estibordo... não merece que os rapazes que andarem na mesma roda dos coices da contradança, lhe fação dar tamanho bolêo, que nunca mais contradance? Merece, porque esquecido de seus annos se constitue em hum extremo escandaloso.

E os velhos terão tambem razão de se queixar dos mancebos? A mesma no extremo opposto, que elles tem de escarnecer os velhos; porque elles são tão malcreados que lhes não respeitão os cabellos brancos, tão ignorantes, e atrevidos que fallão em todas as materias, sem saber de nenhuma, diante de homens velhos, prudentes, e circunspectos, tão grosseiros, e incivis, que não respeitão as mulheres mais honestas, e diante dellas se desmandão em palavradas que as não ouve a Taverna mais tumultuosa. Eu sou muito amigo dos rapazes, que só tem as imperfeições, e defeitos da sua idade, e inexperiencia. Gósto até de os ouvir fallar antes de reflectir, de os vêr inquietos, inconsistentes, e inconsequentes, gósto de lhe ouvir as mentiras das suas grandes conquistas, de os ouvir cantar quando se está fallando, gósto daquelle ar de tedio

que elles tem a toda a especie de constrangimento, quando no meio disto entrão em si a primeira vista severa do homem de respeito; e não ha cousa mais fóra de proposito que querer em hum rapaz de dezoito, ou vinte annos, hum Catão Censorino.

Mas quem ha de soffrer hum tolleirão imberbe, que cança, e estafa as mulheres com seus destampados cumprimentos, os homens com decisões scientificas, que falla, e se annuncía por sentenças, que anda, e se mede para admirar o bem talhado de perna, que escuta com ar de aborrido tudo quanto se lhe diz, e que com descaramento, e audacia, interrompe o homem mais sério, mais circunspecto, e mais sabio, que lhe esteja fallando! Algum dia vinhão os rapazes de Coimbra (hoje todos se chamão Academicos) para casa de seus Pais, ruminavão em silencio os Capitulos, e as regras do respectivo compendiosinho que para o seguinte anno se lhes devia explicar, se se atrevião na sociedade a deixar cahir, discorrendo, duas, ou tres parvoices pedantescas, faltava-lhes logo a frase, ou erão punidos, e reduzidos ao silencio, pelo mais ligeiro surriso dos que os ouvião. Mas quem ha de aturar os tarequinhos que á volta do primeiro anno, (e se he o primeiro anno Medico, Deos nos livre) que se querém fazer escutar, e fallão com huma satisfação tão intima, e huma complacencia tão manifesta, como fallaría hum Oraculo da Sapiencia.

Quem póde aturar estes Papagaios em penugem, que vindos outro dia do Collegio tal, e do Collegio qual, educados, e doutrinados por Professores *habeis*, sem saberem que cousa he Musica, achão falta de melodia huma Sonata de Hayden, e o *Stabat* de Pergolese, e prosaicos os versos de Fulvio Testi, sem terem ouvido fallar nas miseraveis régras da versificação Portugueza; estes *Jovens* da sociedade dos Litteratos promettendo derramar as luzes da Sciencia, porque os deixão entornar diluvios de descomposturas. Sobre tudo, onde se tornão insupportaveis estes Doutores imberbes, he na Platéa, boraquinhos, e aguas-furtadas do Theatro, alli he que elles pronuncião definitivas sentenças; alli se erigem, ou levantão em Arbitros, de cujas decisões he impossivel appellar. Alli com o gésto, com a vóz, com as mãos, com os pés, com a cabeça reprovão tudo a eito, e não ha alli aggravar da injusta pronuncia; alli com incessante borborinho, fazem muitas vezes infiar a convulsa Actriz que *debuta*, e o descorçoado Author da *Peça* nova, e do Elogio fúnebre, com que vem huma primeira Dama pedir misericordia para a Peça, e huma fatia de pão para huma entrevada. Ainda o ensebado, e pingado pano da boca não tem hido de todo a cima, ainda o candieiro do tecto vai a meio caminho, ainda o enlabuzado esmurrador do Theatro anda com a caninha do apagador

pelos camarotes, accendendo o pestilente sebo das tombadas serpentinas, e já a Comedia está julgada, e sentenceada, e pronunciada por elles. Debalde o Frade que veio d'Aldêa, e alli está mui disfarçado de cabeleira de rabicho, capote de Marchante, mas de ar assim por modo de huma cousa que se chama tolice, lhes implora humildemente silencio, porque deseja ouvir o que nunca ouvio no seu Mosteiro, ainda que por lá não faltem Comedias antes do Capitulo, no Capitulo, e depois do Capitulo; não o attendem, ainda em cima se riem do accento Beirão do pobre homem, chamão-lhe careca, e vão continuando a fazer a mesma, ou maior bulha ainda. Debalde lhe pede socego o Clerigo que não he para graças, porque os Clerigos tambem vão para a Platéa; mandão-lhe lêr pelo seu Breviario, e continúão a matinada judicatoria, por mais que a estes tenha muitas vezes dito o Padre do Desapprovador, que he preciso escolher huma destas tres cousas, ou soffrer, ou dar-lhes muita pancada, ou dezertar.

Por mais de huma vez tenho eu visto, e observado estas Brigadas, ou Divisões de Estouvados nos Peristillos dos Theatros Nocionaes, e não Nacionaes, tacteando bordões, e distribuindo assobios, e chaves femeas, e assignalando postos para a disposta, e premeditada pateada, sem se saber ainda se a Comedia a merece, porque vai pela primeira vez, e desta maneira perturbar, importunar, desesperar Authores, Actores, e Espectadores. Quem ha de bom olho, e bom ouvido, que não tenha muitas vezes visto, e escutado estes Senhores, nomeando pelo seu nome os Empiezarios, os Agentes, os Procuradores do Theatro, os Conductores da intriga d'além Scena, isto he, dos Camarins da pôpa daquella canastra velha para nos darem a entender que estão habituados ao Theatro (*se elle he escola de Moral!*) e que conhecem individualmente todos os Actores, e todas as Actrizes? Eis-aqui rapazes, de que os velhos ralhão, e devem ralhar com razão, porque dão n'hum extremo vicioso, pois não he da sua idade, nem são das suas experiencias tantas sentenças definitivas em materias de que nada entendem.

Ninguem se ri, ou se deve rir dos velhos que se sabem conhecer, e respeitar. Os cabellos brancos impõe, e inspirão veneração. O mais estouvado Mondeguista, ou lá, ou vindo a férias, lhes dá, até involuntariamente, culto, e reverencia. Quando tudo está no velho em harmonia, quero dizer, quando se correspondem entre si os cabellos brancos, e até a calva com os vestidos, as palavras, as acções, e as maneiras, apparece o velho qual deve ser, e o velho he respeitado. E que será se o velho tiver com dignidade enchido a sua carreira, ou o numero de seus dias, se o seu modo de viver for citado como hum exemplar, se as suas palavras, e discursos houverem sido outras tantas lições, se elle tiver amado os moços sem os fa-

tigar com austeras reprehensões, se elle tiver conservado os costumes de seu tempo, sem desprezar os do tempo presente... Desta côr, e desta tempera era o homem velho, diante do qual toda a mocidade Spartana se levantava, e fazia huma profunda reverencia, e se conservava com mais circunspecção, e curvatura que hum Noviço Capucho em *Gloria Patri*. Se os nossos velhos calvos, gottosos, flatolentos, e ramelosos se parecessem com Calisthenes, Mestre de Aristides, e com Metronacto, Mestre de Seneca, eu fico que até dos moços serião escutados, honrados, e respeitados. Mas que respeito, e que honra querem os velhos que se tenha, e que se faça a velhos que sáo meninos de cem annos, tontos, e estouvados, vazados nos moldes dos mais ridiculos Comediantes, e o que he peior que tudo quanto ha no Mundo, namorados como Orlando, e os Cavalleiros andantes, correndo mais atrás das Efires, que o Leonardo em o IX. Canto das Lusiadas a atirar-lhe aos calcanhares com versos de Ariosto, e o diabo da mulher a correr, e a fugir? Que respeito querem que se lhes tenha tantos velhos alambicados com as Senhoras, perfumados, e enfeitados como Noivas d'Aldêa, presidindo a homens, e requestando mulheres, querendo cortar a cabeça a seus imaginarios rivaes, gabando-se de mais aventuras amorosas que o Palmeirim de Inglaterra, e dando a máo seca, e trémula á Senhora que entra no banho na praia tal, e na praia qual, e que se corre, amofina, e desconfia se a mesma Senhora, que o não póde, nem deve aturar, lhe chama velho, nome que he para o velho mais injurioso, que o de ladrão, e envenenador? Serão isto quadros de fantezia? Serão, mas eu tenho tanta experiencia do Mundo, olho tanto para as cousas, e arde-me tanto a bilis, quando vejo em tantos papelões extremos tão viciosos, que não posso deixar de formar copias, que talvez possão emendar tantos originaes ridiculos, que povoão este nosso Planeta, que se chama Terra. E que faço eu nisto? Hum serviço á razão, e á humanidade. Ora eu, maçado de experiencias, e que dou ao genero humano o valor que elle merece, considero estes originaes, mortifico-me interiormente, e calo-me; mas o rapaz que ainda não aprendeo a conter-se, que cede sem resistencia a todas as impressões que recebe, que acha nas cousas novidade, porque as não vio muitas vezes repetidas, que ha de fazer? Rir até estoirar, quando vir n'algum original existente a estrondosa caricatura, que lhe acabo de desenhar. Desgraçadamente só falta a estas caricaturas para serem curiosas, serem mais raras. Achão-se em toda a parte, nos Cafés, nos Theatros, nos Passeios públicos, nas Academias, e para o ultimo, e supremo excesso do ridiculo, até se achão nos Mosteiros, ou Claustros penitentes; a estes levo muitas vezes as minhas vistas, porque são hum daquelles objectos que merecem mais a attenção do Filosofo. *O nihil admirari* de Hora-

cio he a primeira divisa do homem Filosofo, mas tambem he delle a primeira obrigação *zangar-se* do que se deve *zangar*. He impossivel deixar de encontrar imperfeições onde se encontrão homens; mas porque razão quando se encontrão no homem Monge (homem Frade) hão de ser estes defeitos em grão excessivamente sobido, e não porque o pareção, mas porque realmente o são? Eis-aqui hum Problema, que eu deixo a resolver a todos os seculos, em quanto existir a idéa — *Monachus.* — Não se resolve isto, nem com a applicação do calculo, e equações. Nem eu julgo que o Doutor Gall acharia no Craneo Monacal alguma linha, ou protuberancia, porque o estado não reforma a natureza, a que atribuisse esta singularidade, ou aberração em Moral. Quantas sociedades, quantas companhias terei eu medido, e observado? Os homens não se conhecem pelos livros, conhecem-se pela observação, e sem o estudo de olho ficará sempre incognito este animal racional, ou *bipede*, *e implume*, como o definio Platão. Quando me conservo misantropicamente em alguma destas sociedades, apenas escuto jogo licencioso de palavras, anecdotas escandalosas, subtilezas frescas; reparem todos bem, por força hão de sahir com preferencia da boca de Frade velho. Porque será isto? Não lhe dou outra sahida senão a da applicação do axioma da Escola de Aristoteles: — *Corruptio optimi, pessima.* — A corrupção do bom não só he má, porém pessima. Será isto huma consequencia da condição, assim como o terrivel mal da gotta nasce da ociosidade, e dos prazeres? Nem eu, nem os soldados se virão, ou se verão jámais atacados deste mal, porque nem ociosidade, nem prazeres da meza.... e &c. &c. &c. Eu que não choro como Young, mas que me entristeço como Juvenal, a alguns tenho dito: — Meu Padre, e meu Padre velho, olhe que está enganado; isso com que intenta promover a complacencia das bellas, promove o seu odio, e lhe faz perder todos os direitos que o seu estado melindroso, a sua calva, e a sua idade nos davão, e lhe davão, de o respeitarmos, e com essas parvoices que vomita, a sua calva fica mais pellada, as suas rugas mais fundas, a sua boca mais desdentada, os seus olhos mais sumidos, e a sua idade mais decrepita.

Velhos imprudentes, que vos impacientais com as folias da mocidade mal creada, vós mesmos provocais estas merecidas zombarias; em lugar de impordes silencio a esses estouvados com hum ar grave, e maneiras circunspectas, os excitais, e obrigais a que vos faltem ao respeito, e que vos moão com gargalhadas por vossas indecentes chocarrices, por vossas namorações destampadas, por vossos ciumes irrisorios, por vossos parentescos burlescos com as Senhoras, e por vossas ridiculas mascaradas. O vicio he reprehensivel em todas as idades; porém em huma idade avançada, com os pés cheios de gotta, as ventas de tabaco, e os olhos de ramela, o vicio em oitenta

annos, e mais; excita riso, e excita odio. Tres cousas aborrece a minha alma, dizia o Sabio no Cap. 25 do Eccles. Hum pobre soberbo, hum rico avarento, e hum velho insensato, e apatetado. E que diria, se elle visse então hum Magistrado decrepito, hum Frade calvo, hum Clerigo octogenario, hum Militar que parece que vio o Marquez de Los Velles, nas guerras da successão de Hespanha, a namorarem a eito tudo quanto ha do genero femenino, e veste saia?

Se algum destes velhos tivesse graça, e hum bocado de engenho, que tem mão na idade, e faz esquecer as cans, se algum destes pregões da eternidade tivesse o chiste do centenario Fontenelle, que tendo já noventa e oito annos disse em companhia a huma Duqueza — Ah! Senhora, se eu tivéra só oitenta annos..... — Mas ha por cá pela nossa terra disto? Ha cepos de alma tão petrificada, e tão tollos que merecem não só as apupadas, mas as pedradas dos rapazes. Eu não confundo as idéas, o Marechal de Saxe, Suvarow, e Blucher com mais de setenta e seis annos ganhárão as batalhas que nós sabemos. Anacreonte aos seus noventa fazia as engraçadas, e delicadissimas Cançonetas que ainda temos, admiramos, e gostamos; mas velhos que ha, e velhos que eu conheço.... Abençoados rapazes em fazerem zombaria delles!

Tomemos o tom que me he natural, o sério. Em todas as épocas da vida o homem sabio póde ser feliz, e encontrar na sua situação, e estado, motivos da sua consolação. Cada dia, até ao ultimo, póde ajuntar, e fazer crescer a somma das suas luzes, e conhecimentos. Podem-se apurar as experiencias daquelles que por huma larga carreira de vida não deixárão de pensar, e de reflectir. Quer a natureza, que na juventude haja movimentos mais vivos, e mais fortes, que haja mais audacia, e mais actividade, e por isso mesmo que haja esforços mais vãos, enganos mais penosos, e frequentes, que haja mais inconstancia, que haja mais inquietação. Quer a natureza, que na velhice haja prazeres menos vivos, mais difficuldade no trabalho, menos calor, e energia, mas em desforra destas faltas, mais habitos, mais experiencias, mais repouso, mais consequencia, mais estabilidade. O velho penetrado destas verdades, e guiado por estas lições, não será hum Censor austéro, nem hum ridiculo bonifrate, não se misturará nas loucuras, e esturdias da mocidade, não se metterá a namorado, e ao mesmo tempo a reprehensor de honestos divertimentos, e passatempos, para ir dalli suspirar aos pés das Marcias, das Aspacias, das Amarillis, e das Pentesiléas, e porque nós fallamos em Portuguez, das Fernandes, das Antunes, &c., &c. Tenhão os velhos juizo, então terão as considerações, e os respeitos que lhes são com tanta justiça devidos, e a reverencia que merece a sua provecta idade.

Huma carta da Ilha de S. Miguel (porte 120) escrita,

e assignada por hum homem que se diz : Diogo Fernandes, me apparece no Correio, e a letra da assignatura, não he a mesma letra da carta; isto he, Cavalleiro de S. Miguel que tinha Secretario. Diz pois este Fernandes, bem semelhante aos outros Fernandes; que hum verso da Oitava 63 do Canto 10 do Oriente se parece com outro verso de Camões, e que á vista deste attentado elle desejava huma destas duas cousas, ou ser o *Grão Bocage* para me fazer huma satyra, ou estar em Lisboa para me tirar a vida = Inda agora este Fernandes se lembra disto, desde 1814 em que sahio o Poema até 1819 em que estamos. Ora não fica bem castigada a imitação de Camões com 120 de porte de carta ? Que mais quer este homem ? Pedreiros das Ilhas o que vossês querem não he desaffrontar Camões, he vingar a calva que se lhes pôz á mostra no Espectador. Ora pois o Desapprovador não ha de acabar se não quando eu morrer, e nós nos tornaremos a vêr. Não ha mais que matar ! De toda a parte, até dos Coutos de Alcobaça me chega agora a insignia com que se pintava D'Argenson — Arrêt de mort. — Porque me não manda o Ilheo hum bom caixote de batatas, e os dos Coutos huma boa canastra de maçãs ? Não, Senhores. A Morte ! ! ! !

Fim do décimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 11.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Não convém destruir todas as Preoccupações.

QUerer fazer dos homens outra cousa que elles não são por natureza, he huma das mais rematadas loucuras da chamada Filosofia regeneradora. Nenhuma cousa me excita o diafragma para rir, e a bilis para aborrecer, que ouvir certos tarecos, cujo nome assignado parece hum gerogliñco Egypcio, que não se entende, declamar contra as Preoccupações populares, ou tratar tudo a eito de Preoccupações, dando este nome a todas as instituições sociaes, a todos os costumes, maximas, principios bebidos com o leite por estes, e aquelles povos. Falla-se em Religião? Preoccupações. Em Nobreza? Preoccupações. Em Governo Monarquico absoluto? Preoccupações. Em Frades, e Clerigos? Preoccupações. Em systemas de educação que são bons, por isso mesmo que são velhos como a Serpe? Preoccupações. Em respeito aos Paes, aos Magistrados, ás Leis, aos Mestres? Preoccupações. Em modestia nos trages, nas palavras, nas companhias, nos Theatros? Preoccupações. Em diversas Ordens, Classes, Jerarquias do Corpo civil, e politico? Preoccupações. E pelos modos, e pelas oraculosas decisões destes Senhores, vivemos todos, alto, e malo, enrulhados, e enterrados, e affogados em Preoccupações: só elles são os affortunados, os previlegidos, os isentos deste universal contagio das Preoccupações, e todo o resto do pobre genero humano vive immerso em sombras sem poder sahir da insipiencia, e da ignorancia das primeiras idades na infancia, e na juventude do Mundo! E quem são estes Senhores, que com tamanhas bochexas, nos declamão, e nos prégão contra as Preoccupações de que elles por hum singular privilegio da natureza, e por hum riso da fortuna estão isentos? Quem são? Quatro Orates que com meio anno de

Pateo Coimbrão se julgão Doutores das Gentes. Dois ou tres Clerigos aperalvilhados, que, esquecidos de si, andão com a bandeja do chá nas salas de partidas, fazendo mesuras as Senhoras, e offerecendo-lhe as chavenas em genuflexão, e os Aljubes todos cobertos de têas de aranha. Quatro Frades, a quem não esquece o Atheo Chaumette, e o sanguinario Fouché de Nantes, e que com meia duzia de Dissertações de Pistoia affligem, e amofinão os homens de bem, e os homens sensatos, que não crêm, nem admittem senão — o *quod semper*, *quod ubique*, *quod ab omnibus* — o que sempre, ou que em toda a parte, o que por todos foi acreditado, e admittido em materia de Dogma, e de Disciplina. Huma Brigada de Medicos (eu não fallo em particular) que com a fastidiosa, e nauseante repetição dos termos Chimicos, que varião a cada instante, pois já os Chimicadores Davis, e Thenard enterrárão Lavoisier, aturdem o Mundo, sepultão gerações, despovoão o Globo, como se não tivessem bastado as birras de Bonaparte. Tudo isto chama a eito ao Padre do Desapprovador hum Fanatico, hum preocupado, hum espirito baixo, e commum. E se a todos estes grandes Mestres se pede a definição de *Preoccupação*. *Hoc opus, hic labor est.* Aqui torce a porca o rabo! Pois, Senhores meus, antes que suas mercês com esse ar mofador tratem tudo de Preoccupações saibão, que *Preoccupações* — são —

„ Opiniões irreflectidas, e que se não sujeitão por habi-
„ to, ao exame da razão. „

Porém muitas nascem, e procedem de práticas dignas de respeito, e que convém sempre respeitar. Clama-se, escreve-se contra isto á tôa, trata-se tudo de Preoccupações, diz-se que quanto mais se illustrarem os homens, mais se livrarão de Preoccupações. Meus Filosofos, he preciso, antes que suas mercês comecem a fallar, examinem se entre as opiniões, a que dão o titulo de Preoccupações, haja algumas que a illustrada Politica, e a sã Moral devão conservar. Eu não sou dos difficultosos, concedo-lhe que a Filosofia, ou a Fysica, que he huma boa parte da Filosofia, nos haja livrado de mil terrores supersticiosos, que fazião da especie humana hum rebanho servil, e miseravel. Devemos-lhe o descredito em que estão as Feiticeiras (as velhas) os Magicos, e os Astrologos, e todos os Authores de Reportorios, e Sarrabaes Profeticos, de toda essa corja de charlatães, que prolongavão a infancia dos povos, á custa de cuja credulidade comião, e se embebedavão. Devemos-lhe ter tornado os nossos costumes mais doces, e macios, nossos direitos mais intelligiveis, e nossos deveres na ordem Religiosa, e Politica mais respeitaveis.

Mas se a Filosofia he benemerita da humanidade por desterrar muitas sombras da ignorancia, e superstições populares, os Filosofos que quizerão peccar por carta de mais, e que or-

grihosamente quizerão passar além das balizas assignaladas, e prescriptas ao saber humano, debaixo do vão pretexto de destruirem todas as *Preoccupações*, submettendo ao cadinho, e ao escalpello da analyse, nossos mais sagrados deveres, nossos mais intimos sentimentos, tem por acaso feito algum bem á totalidade dos homens? Se eu hesitar na resposta, o Universo inteiro a dará por mim, e me dirá: — Veja, Senhor Padre do Desapprovador, o que se passou em todos os Paizes, e principalmente na França, onde se quiz examinar tudo, discutir tudo, analysar tudo, desde os primeiros principios das Sciencias profanas, até aos Dogmas da Religião, desde as profundidades da Methafysica até á arte frivola das Cançonetas Báquicas, desde o talento de glosar motes das Senhoras nos dias de seus annos, cujo número nunca da boca dellas até o dia de hoje se pôde saber, até a primeira das Sciencias, que he a de governar bem os povos, desde as questões mais frivolas, e ridiculas, até ás mais importantes, e que mais interessão, tudo foi discutido, analysado, agitado, controvertido. E quaes forão as consequencias, e os resultados? Muita inquietação nos animos, e huma profunda indifferença no desempenho de todos os deveres: huma vertigem de ambição, que fez andar á roda todas as cabeças: hum fermento de insubordinação, que se ingirio em todos os corações, e huma tendencia geral nos povos para a mudança de todas as Instituições Religiosas, e Politicas; hum de prezo universalissimo do mais essencial de todos os estudos, e sem o qual julgo eu que nada pódem ser os homens, o estudo da Moral, e huma impudencia, e audacia tal em legislação tumultuaria, e popular, ou plebea, que veio a acabar por hum ferreo Governo Militar, de que os Demócratas Francezes se não envergonhárão, tendo chiado tanto contra o paternal Governo Monarquico, e tão temperado como elles, Francezes, o tinhão.

Entremos sériamente na contemplação desta materia tão interessante. Nós sentimos, antes que reflexionemos, nós imitamos antes que julguemos. Somos mais discipulos das impressões, do que da apurada razão. A natureza nos condemnou a certas Preoccupações que nos são uteis. A Preoccupação mais absurda, e mais perniciosa seria crêr que nós podemos impunemente livrar-nos, ou libertar-nos de todas as Preoccupações. Estas podem nascer de huma, ou de muitas causas, e podem ser uteis, ou perjudiciaes. Eis-aqui o que devião estudar, e o que devião saber todos aquelles que ousão encarregar-se do melindroso officio de ensinar, e doutrinar os homens, e de combater as Preoccupações. Tambem são relativas ao caracter, e ao estado politico dos povos. As Preoccupações de hum povo agricultor, em nada se parecem com as Preoccupações de hum povo guerreiro. Os usos que os povos em huma Monarquia considerão como instituições necessarias, serião con-

siderados como Preoccupações desacordadas entre povos que vivessem em Républica. Na admissão de qualquer destes Estados, porque ambos elles existem, as Preoccupações relativas são ligitimas, devem conservar-se, porque concorrem para a manutenção, e segurança universal. Na Ordem Politica nada póde ser, ou se póde chamar absolutamente huma Preoccupação. Em huma Républica simplesmente Democratica, como foi a de Hollanda, na qual todos os Cidadãos tinhão igual direito a todos os lugares, como vimos nas pessoas dos Judeos Portuguezes, Pintos, que forão tambem suas Altas Potencias, porque pelas suas acções, e talentos (talentos he aqui hum dinheiro antigo) se fizerão dignos da eleição, e do lugar; a palavra, ou a idéa ⊢ Nobreza ⊣ era huma Preoccupação, porque, dizião os taes de calça larga, e cabelleira redonda (já lá vai este trage economico) a natureza tanto fez os Nobres, como os Plebeos; o que a natureza faz, são homens, aos quaes dá igualmente huma cabeça, que pensa, hum coração, que ama, e dois braços muito bons, e muito bem feitos para trabalhar. Temos pois em huma Républica a idéa ⊢ Nobreza ⊣ como huma Preoccupação. Assim se considera em Genebra; ora consideremos esta mesma idéa em Turim, que não fica dalli muito longe. Alli se diz, e com muita razão, que a Nobreza, não he huma Preoccupação, mas huma instituição, e que esta instituição sendo hum premio de serviços em seu principio, pela sua importancia entrou na essencia da Monarquia, cuja maxima fundamental he esta ⊣ sem Monarca, não ha Nobreza, sem Nobreza, não ha Monarquia. ⊢ Neste Estado não he a Nobreza huma Preoccupação, he huma necessidade. Em nenhum Estado Monarquico he mais bem entendida esta palavra ⊢ Nobreza ⊣ que em Portugal, porque, pelas nossas instituições, costumes, e prática, a Nobreza não tem hum Privilegio para occupar ella só, e exclusivamente, e só pela consideração do nascimento os primeiros lugares, e os primeiros empregos do Estado. Se houvesse este privilegio, então seria esta Preoccupação perjudicial, e escandalosa. Não o houve, e não o há em Portugal, e parece-me que deve tornar com a falla ao buxo a tropa dos Filosofantes, de que fallei no principio deste discurso. Sempre se considerou em Portugal que as Armas, e as Letras não erão huma partilha exclusiva da Nobreza, e do Clero, e que se não devião só nestas duas classes buscar homens, que podessem defender, e instruir os outros homens. Onde quer que o prestimo existe sempre se aproveitou, e sempre houve a justiça de se premiar com a Nobreza aquelle que não procedendo de Grandes, fez acções grandes com que salvou, e illustrou a Patria, em qualquer estado em que elle existisse. A obscuridade, ou a humildade do nascimento de hum homem, não derroga, nem tira cousa alguma ao seu genio. Quando o Mare-

chal Fabert salvou o Rei de França, e o seu Exercito na retirada de Mayence (Moguncia), quem se lembrou que elle era filho de hum Livreiro encadernador? Quando Xisto V. ennobreceo Roma, e fez tremer o crime, quem se lembrou que era filho de hum cavador, e que elle mesmo tinha guardado porcos? Hum dos maiores homens de Estado que houve na Hespanha, e talvez no Mundo, foi o Cardeal Ximenes, e quem se lembrou que elle tinha sido hum triste, e enlameado Frade Franciscano, e então Frade Hespanhol, perfeita imagem de hum gato pingado! Bem sei que me poderão dizer os Hespanhoes agora — e então Frade Portuguez, ás vezes, verdadeira imagem de hum peralvilho! — Pois está bem, fique huma cousa pela outra, e fiquemos amigos como d'antes. O homem de baixo nascimento (como dizem), isto he, aquelle que não conta entre seus Avoengos Commendadores de Rhodes, e de Malta, Cavalleiros do Rei Arthur, &c., e que chega pelo seu merito pessoal a grandes lugares, como entre nós o Bispo Jardo, e o Cardeal d'Alpedrinha, he mais digno de louvor, e de respeito, porque tem maior espaço que correr para chegar aqui, tem maiores obstaculos que vencer, maiores embaraços que remover. Se os Nobres olhão com desdem, e desprezo para estes homens, então estão os Nobres preoccupados verdadeiramente, e a sua Preoccupação he reprehensivel. E se os Plebeos olhão com desprezo para os Nobres, tambem estão preoccupados, e he reprehensivel a sua Preoccupação; porque aquelle Titulo he huma Instituição da Monarquia, e foi o premio de hum Avoengo, que sendo pequeno, sendo homem, como os outros, fez cousas grandes, como os que são pequenos agora podem fazer, e mereceo aquella recompensa, e se he hereditaria, o serviço foi tão grande, que o premio devia passar aos netos como passou. Estes que taxão tudo de Preoccupações, mostrão que nelles a verdadeira Filosofia ainda não está muito robusta, nem tem feito grandes progressos. Huma cousa noto nestes Senhores, que tanto zombão, e escarnecem das que elles chamão Preoccupações da nossa educação civil, e Religiosa, dos nossos antigos costumes; que vem a ser metterem no escuro o nome de Grandes Personagens que elles reputão Filosofos, e oraculos da moderna Filosofia, os quaes tiverão Preoccupações, que nós nem encontrariamos em nossas velhas Avós. He verdade, que elles não crião em Bruxas, em Feiticeiras, em almas do outro Mundo, que embrulhadas em lençoes só apparecem de noite, como se não houvesse Galãs que se fazem almas do outro Mundo por amor das respectivas Damas, levando alguns de vez em quando tanta pancada, que com effeito vão ser almas do outro Mundo; mas não crendo nestas cousas de que vergonhosas Preoccupações erão escravos! Quem mais Filosofo Redamente, que o Grande Frederico II. Rei de Prussia? Não ouvia elle de continuo os Athletas da livre

Filosofia, La Metrie, D'Alembert, Voltaire, e Helvecios? Sim, por certo. E na sala de marmore de seu Palacio se ria muito dos Clerigos, dos Frades, das ceremonias Religiosas, do Direito Canonico, da Biblia, &c. como vemos pelos escritos Posthumos de D'Alembert, que são as suas cartas, ou correspondencia particular; mas este Rei Filosofo, e Guerreiro, tremia, e enfiava, se o acaso punha em sua Real meza huma colher, e hum garfo em cruz; aprehendia huma desgraça eminente, não tinha paz, nem socego naquelle infausto, e aziago dia. O Marquez d'Argens, tão Filosofo como Comentador, e Traductor de Timeo de Locres, e de Occellus Lucanus que tratão da eternidade da Materia (como entre nós fazem alguns Medicos, o que veremos em o seguinte Núm. por huma carta que me escrevêrão) o Marquez d'Argens, Author da Filosofia de bom siso, se estava á meza, e por acaso se lhe entornava, e derramava o saleiro, levantava-se espavorido, deixava em meio as suas Cartas Chinezas, onde espalhou tantas sementes de impiedade; não levava a boca mais bocado naquelle dia, mettia-se na cama logo com tres barretes da lã muito grossa na cabeça, que lhe cobrião, e sepultavão ambas as orelhas. Helvecios com huma cara muito desconsolada, tremia, se entrando em huma sala via por acaso sobre huma meza tres vellas accezas, e o *Grande* homem, Voltaire, não se levantava da cama, se ao abrir os olhos pela manhã via na parede huma aranha negra. Quantos Francezes, ja depois que a Filosofia tinha deitado de todo as mãesinhas de fóra, derão credito aos milagres, e mistificações do patife, e ignorantissimo José Balsamo, *vulgò*, o Conde Cagliostro? Quantos Francezes da caterva, ou chusma Filosofante acreditavão os prognosticos do Doutor Gall, persuadindo-se que pela configuração de hum Craneo se podião conhecer as affecções da alma, os talentos, os vicios, e as virtudes do homem, cujo fóra aquelle Craneo escalvado, e pelladissimo. Ha poucos annos na França se via a rua em que morava a embusteira le Normand entulhada de carruagens, daquelles que hião consultar a novo Sibylla, que adivinhava em que números devião sahir os premios grandes da Loteria, e aprender as combinações infalliveis, e que erão precisas para ganhar no jogo da Roleta, ingenuo divertimento, que tambem para cá acarretárão os Francezes, sem lhes bastar o que elles muito a seu salvo roubavão! E fallão estes Senhores em Preoccupações! Que Tarecos!

Meus Senhores, estou por isso, armemo-nos contra as Preoccupações, e em primeiro lugar, contra essa corja infame de charlatães que daquém, e dalém mar se erigem nos Jornaes da fome, e do calote em Mestres do povo miudo, promettendo-lhe o conhecimento das Sciencias postas ao seu alcance, e o derramamento das boas Letras entre as classes infimas, e em lugar disto lhe propinão o veneno da insubordina-

ção, ensinando-lhe a linguagem de regateiraes descomposturas, e que detestados, aborrecidos pelos homens de bem, não só como ignorantes, mas como perversos, se atrevem a apparecer entre a gente com a face impudentissima, e tão satisfeitos, e pagos de si como se tivessem em seus incendiarios, e torpissimos escritos feito hum grande serviço ao Público, que vem a ser, infringir todas as Leis da decencia, e todos os dictames da probidade natural comidos da inveja, arrastrados do odio, apoquentados da lazeira, e até espancados do fundo dos Botequins por caloteiros.

Armemo-nos contra as Preoccupações, meus Senhores; louvo muito o projecto, isto he, contra a preoccupada tolerancia que soffre tantos vadios a titulo de Poetas de Theatro, de officiaes de Elogios Dramaticos, onde o destempero he Muza, e o desconnexo o Apollo; desterremos esta Preoccupação, mandemos para a casa dos Orates estes marteladores dos ouvidos humanos, estes estafadores da paciencia, estes sequazes da mandriice, e já que fazem tanto motim façamo-los Tambores, e Zabumbeiros, que bom corpo tem para este ministerio.

Armemo-nos, e o torno a dizer, contra a vertigem Pedreiral, e Revolucionaria, que faz andar tantas cabeças á roda, e que faz crer a tantos patifes, que por poderem lêr hum Jornal (as Folhas, dizem elles) estão logo em estado de governarem hum Reino. Armemo-nos, não com huma penna, que he tempo perdido, mas com hum páo contra tantos empanturrados, e exclusivos, que por terem governado quatro alfaces, e duas couves da cerca de hum Convento, ou por manobrarem á frente de hum Capitulo, cousa tão insignificante aos olhos do Mundo, se julgão aptos, e bons para tudo, sem outro titulo mais que huma refalsada hypocrisia, hum fanatico, e mal entendido ardor, e sem outro talento mais do que fazer muita bulha, arrotar muito valimento e poder, e andar á caça de baixas adulações, e nojentissimas zumbaias. Ninguem designo, e de ninguem me lembro, mas se alguem se vir neste espelho, horrorise-se, e aprendendo a ser bom Christão, aprenderá a ser tudo bom.

Zombemos, meus Senhores, os Censores das Preoccupações, desses Empyricos que, sem missão, sem talento, e sem a primeira de mão de Politica, de Litteratura, de Moral, de Diplomatica, e de Legislação, governão pelos Botequins, e pelas partidas todos os Reis, todos os Povos, todos os Sabios, todos os Artistas, todos os Clerigos, e todos os Ministros. Mandemos para o arado, e mais para a enchada, (e não teremos necessidade de trigo Grego, e farinha Americana) tantos Novelleiros infaustos, e emissarios assalariados da tenebrosa Contraria, espalhadores do terror, trombetas da rebellião, recrutadores de adeptos, e verdadeiras pestes da sociedade....

E então visto isso, o Padre do Desapprovador tambem he Missionario? E porque não, se he do dever do Cidadão honrado, extirpar como poder os males, que minão, e solapão o edificio da humana felicidade? Se a Patria se defende com huma espada, porque se não ha de defender tambem com huma penna? Seja a espada a' arma para os inimigos estranhos, e a penna para os domesticos. Talvez, talvez, que a tinta entornada sobre hum papel, valha tanto (ou valha mais) como o sangue derramado sobre o campo da batalha ....

Fim do décimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 12.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Variedades importantes.

ALgumas pessoas, mas sem razão, duvidarão da verdade da minha citação, no bem conhecido artigo — Gorazes — cousas primordiaes, e efficientes das Apoplexias, segundo o parecer do Medico, e conta dada por elle não sei a quem, porque me persuado que ninguem taes contas lhe pedia, nem dos que mata, porque essas só ficão para Deos, em quanto a terra por cá as vai cobrindo, e conservando. Eu não sou homem de citações falsas, e quando estas estão em letra redonda inseridas em Jornaes *doutissimos*, que falsidade podem ter? Com tudo isto, sendo a citação verdadeira, eu nella fui deficiente, porque não citei todas as causas que o mesmo Medico aponta, e determina como productoras da molestia expedita, e summaria, chamada Apoplexia: elle diz que forão causas das taes Apoplexias em Janeiro, e Fevereiro de 1818 — *Os Gorazes, e as Frituras azimas.* — Isto he que eu não entendia, por isso o não puz. Frituras azimas, não sabia o que era. Com tudo eu sabia o que diz Horacio — *Nihil mortalibus arduum est* — que nada he difficil, e arduo aos mortaes quando porfião no estudo, e quando sua applicação se transforma em pertinacia. Meditei muito, combinei, comparei muito, *appliquei o calculo, e a analyse*, servi-me de todos aquelles adminiculos de que os homens se servem na indagação da verdade; e lembrando-me (que fadiga!) que o Entrudo fôra pelos principios de Fevereiro, *retrogradei* com a analyse, e vim ao resultado de que os Compadres, e as Comadres (parentesco de Frade) tinhão sido pelo alto Janeiro... Foi exacta a equação, disse eu comigo, *Frituras azimas* — são Filhozes!!! As Filhozes causas de Apoplexia! As Filhozes! O pratinho Portuguez! Oh! Ceos! A quem não

cresce agua na boca só com este nome — Filhozes ? — Vejão que ingredientes estes para a Apoplexia ! Boa farinha , bons ovos , bom azeite , e assucarzinho em bom ponto... isto he nada. E então a alegria com que se ellas fazem , e com que se ellas comem ! As mãos que as recortão , os simbolos da ternura , e do affecto , corações , laços , iniciaes de doces nomes , &c. &c. O prato da India em que se mandão , a engomada , e folhuda toalha com que se cobrem.... e no fim de tudo isto huma Apoplexia ! Se fosse huma *Cabelleira* , isso tinha desculpa (declaro , que conforme a qualidade , e patria do liquido com que se tomasse , porque sendo de patria incognita , e qualidade bastarda , não tem desculpa) mas huma Apoplexia ! ! Isto até esqueceo á *Policia Medica* , que não nos deixa pôr pé em ramo verde ; (lá hiremos.) Que os Medicos nos privem até da paciencia , póde ser ; mas de Filhozes !... Clamão que eu tenho tentação com os Medicos , mas digão-me os Senhores , por vida sua , isto póde ficar assim ? O odio de Anibal contra os Romanos não podia ser nem mais forte , nem mais constante ; eu serei hum Anibal da Medicina , e com muita maior razão. Que cousa era cá a destruição de Carthago , que os Romanos intentavão , á vista de hum prato de Filhozes que os Medicos prescrevem ? E chamando-lhes — Frituras azimas ! Nome affrontosissimo , e alem de affrontosissimo , ininteligivel. Pois este Medico não podia dizer Filhozes ? Indigno até de as comer : Ninguem lhas mande , sejão quaes forem as condições do partido . . Frituras azimas , em lugar de Filhozes ! Pedantice Medical ! Depois de eu alcançar , como Quintiliano , o descanço nos meus estudos , eu farei a Apologia das Filhozes contra os attentados dos Filhos de Esculapio , e então (eu assim o espero) poderá hum Compadre femea mandar a huma Comadre macha hum prato de Filhozes , sem escrupulo , sem receio , reintegrando , como em tal tempo se costuma , com tão adoravel presente , quebras antigas em alliança constantes ; porque até eu , o maior , e o mais brusco Misantropo do Universo , a quem a paz com o genero humano (os papelões) he hum tormento , me reconciliaria com os Medicos se me mandassem Filhozes , já se sabe , (e esta clausula he importante ,) comendo elles primeiro , á minha vista , e depois de eu as baralhar muito bem no prato , ou na bandeja ; porque ahi por qualquer pratinho , não fazia eu as pazes.

Ora pois , ainda não deixo o homem dos Gorazes , e das Filhozes quem quer que elle seja. Aquelles Senhores de Paris ; e mais Senhores que tem andado , e andaráõ , como se não houvesse mais que fazer , em cata da lingua Celtica , sem irem cavar nos campos de Beja , minha Patria , para acharem Amotolias , e Tachos dos Celtas , e Gallos-Celtas , a podião achar como ella he , na linguagem deste Medico. Dá elle conta de hum enfermo de *Escorbuto* , e diz assim a pag. 163 do tal Livro —

„ *Escorbuto.* — Hum robusto Lavrador *despido* de todo o
„ indicio de Escorbuto, appareceo subitamente *variega-*
„ *do de petéquias*, as quaes occupando todo *interno* da
„ boca, e sem dúvida *esofago intestinos*, o fazião eva-
„ cuar *superior*, e *inferiormente* pura *melena*... *Os tóni-*
„ *cos directos*, e *indirectos do systema sanguineo*, diéta lactea *feculosa*, e *herbacea* o restabelecêrão de to-
„ do. —

Ora quem quizer commentarios a isto, que lhos faça. Em quanto a mim, me melem, se isto precisa de commentario. Eu a ouvir hum Arabio destes a fallar á minha cabeceira, (isto he, sendo chamado ás minhas escondidas,) Senhor Doutor, lhe diria eu, lá o entenderei na Eternidade, veja se quer para lá alguma cousa, sem ceremonia; a V. m. fallar por esse feitio, não me faz conta este Mundo. A Deos. Virava-me, e abalava.

Noticia communicada.

Não he Carta Coimbrã, ainda que este Correio de 5 de Fevereiro fosse regalado com estes costumados thesouros da urbanidade, probidade, e gentileza dos meus amigos, os Academicos, he noticia communicada, ainda que anonyma, sem data de lugar, e de tempo, e diz desta maneira:

Senhor Desapprovador.

„ Hum Medico de certa Villa do Além-Tejo na ora do seu
„ falecimento declarou ter morto mais de oitenta e tantos ho-
„ mens no decurso da sua vida com experiencias que fizera a
„ favor da humanidade em Frades, e Clerigos, por serem pes-
„ soas que não fazião falta na sociedade; por isso pedia per-
„ dão a todos os que fossem prejudicados nas mesmas mortes.
„ Esta nota já a dei a hum Medico, que foi para Aveiro,
„ sem me ficar lembrança dos seus nomes, &c. —

Depois do Asno morto cevada ao rabo, disse eu com os meus botões. Não me admiro que o Illustre Defunto matasse oitenta; oitenta mil mataria elle: o que me admira he declarar o homem que fizera estas mortes — *a favor da humanidade.* — Com que no conceito da Medicina (não quero dizer dos Medicos, para não dizerem que faço argumento do particular, para o geral, porque a maldade de hum individuo não he a maldade de todos,) os Frades, e os Clerigos não pertencem á humanidade, pois a favor desta se lhes dá a morte, e porque são pessoas que não fazem falta na sociedade. O Clerigo não póde ter Mãi, irmãos, parentes a quem faça bem com o que elle ganha muitas vezes cantando atrás das tumbas, palmilhando lamas conforme a devoção do defunto sobre o lugar do seu enterramento? E o Frade não póde servir ao menos para enterrar os que os Medicos matão? E o Frade não

faz bem a muita gente ? Não entremos nestas miudezas , que eu não gosto que deitem peçonha na ingenuidade dos meus pensamentos. E o Frade , se chega a ser Jubilado , Presentado , Immediato , Mais Digno , e lá aquelles titulos honorificos que lá dão huns aos outros , cousa que a nós os Mundanos nos importa bem pouco , (porque vejo-os por ahi com huma barriga muito grande , com hum olhar seguro , e magestoso , e não sei quem elles são) , se a Ordem he abastada , não declara elle logo hum Nepotismo , que vai fazer bem a parentes pobres .... não me alargo mais ; e não servem de nada os Frades ? Morrão para os Medicos fazerem experiencias Chimicas , *a favor da humanidade* ! Temos aqui o Medico Espalanzani a matar annos , e annos , Coelhas prenhes para comprehender o mysterio da geração animal. Não comprava elle Coelhos em Lisboa , talvez não fizesse tantas experiencias. Ora deixa-me matar meia duzia de Clerigos , e meio cento de Frades para vêr como obra o peremptorio , e expedito Rosalgar ! Porque eu á ora da morte peço perdão áquelles a quem isto prejudicasse ; verdade seja que Frades , e Clerigos , não fazem cá falta ! Que principio de Moral tão pura he esta ! Os Clerigos não sei o que fazem ; se fizerem o que eu faço , por vida minha que não morreráõ em experiencias Chimicas. E os pobres Frades talvez que a privarem-se de hum bocadinho de carne de porco no Refeitorio para mandarem a pitança ao Senhor Doutor , que mata nelles como quem mata moscas em ramo de salgadeira ! Este he o dia das variedades , e como conhecem a minha sincera , e decidida paixão pela Medicina , tudo vem dar comigo ! ! ! Outra anonyma ; e esta he mais forte. O sobrescrito trazia a marca de Lisboa , eu aqui estou em Lisboa , logo a Carta he de Lisboa.

Senhor Padre do Desapprovador.

„ S. m. finge Entes ideaes , ou offerece fantasiados retratos „ em que se possão reconhecer , e contemplar tantos Figuroes „ existentes , eu desejava que lêsse mais , e imaginasse menos. „ Deixe os ociosos dos Botequins , o Ponche dá cabo delles , „ e a fome em breves audiencias os leva aos Cemiterios. Deixe os Patos , e os Magrissos , para lhes perpetuar a infa„ mia não he precisa a sua tinta , basta , e sobeja a destam„ padissima versalhada com que canção , e enjôão os ouvi„ dos humanos. Deixe esses Politicos , e Arbitristas , que nem „ a si se sabem governar ; porque andão cahindo de lazeira , es„ tão votados ao desprezo público , pelos seus aparvalhados „ calculos : lêa , e achará que desapprovar ; olhe que meia du„ zia de regras ás vezes bem lidas aproveitão mais que a sua „ decantada originalidade , e ha cousas que não devem passar „ pela malha porque são de horriveis consequencias. Já que V. „ m. he Jornalista , lêa tambem Jornaes. Pegue no de .... „ Num. 71 , e a pag. 175 lêa esta innocentissima proposição „ tratando-se da materia , ou da terra. —

„ *Mas no estado de simplicidade, ou de decompo-*
„ *sição, a sua duração he a eternidade.* —

„ Ora considere esta eternidade dos elementos constitutivos
„ da materia, se ella he composta, e se póde decompor, ou
„ ella seja simples, ou anterior, ou posterior, he hum erro
„ funestissimo em Methafysica, e isto annunciado no Dou-
„ toramento de hum Medico, dá bem a conhecer quaes sejão
„ os principios em que esta sciencia se estabeleça agora, e en-
„ tre os seus calmantes, e evacuantes, venha mais o puro ma-
„ terialismo. Divirta-se com isto, e deixe a cambada vadia,
„ que em lugar de causar damno, nos serve de algum provei-
„ to, porque nos diverte. . . . .

Confesso que com esta bala de quarenta e oito me vi perplexo; isto he além da esfera do Desapprovador, que só castiga rindo, porque o ridiculo, he mais efficaz que o acre, e o forte para cortar certos nós de parvoice, e as regiões da alta Methafysica não são para huma folha Hebdomedaria; mas em fim

Si canimus silvas, silvæ sint Consule dignæ.

Lá vai a Glosa ao sobredito Mote, e se alguma cousa não sei em Methafysica, então não sei nada. Em primeiro lugar admiro-me da oscitancia do Censor, cuja consciencia foi de malha tão larga, que deixou escapar este bom peixe. A eternidade da materia he o Espinosismo, ou o Pantheismo espurio. Este dogma repugna á razão, e he contrario aos principios de toda a Divina Revelação, e sobre este principio se estabelece todo o fatal *Systema da Natureza*, onde os Pensadores da Revolução, e os outros Senhores Pensadores achárão as primeiras linhas do Processo da libertinagem, que tem feito não só a vergonha, mas a desgraça do seculo. Parece impossivel que no meio de huma Universidade, composta de tantos homens conspicuos, houvesse hum Medico, que se atrevesse mui frescamente a dizer que *a duração da materia era a eternidade.* Isto exclue a idéa de hum Ente necessario, de hum Creador, que, no momento marcado em sua mesma Eternidade, fizera sahir ao imperio da sua Voz Omnipotente todas as cousas do seio do nada. Nem Anacharsis-Clootz, ou o Ex-Congregado Chaumette prégarão mais claramente o Atheismo. Eis-aqui os fructos que se tirão dessas teimosas Fisiologias Medicaes, que todos os dias se introduzem neste Reino, e o inexperto que lê no rosto do Livro a palavra — Fisiologia — assenta que he algum Promptuario de emplastros, beberagens, e mixordias com que os Boticarios vão á Opera, e os enfermos arrebentem. Isto nos vem cá trazer estas Chimicas com tantos Alkalis, Hidrogenios, e Oxigenios. Este material materialismo, porque os palavrosos Orates nada mais tem que palavras, desterra o escrupulo de matar oitenta e tantos homens, como quem mata oitenta e tantas pulgas achadas em cobertor de papa. Oh! que o Padre do Desappro-

vador deo em Fanatico! Vejão as miudezas para que está olhando! — Não, Senhor, não he Fanatico, he hum Filosofo, e he impossivel que quem deveras o seja seja hum Atheo! Tomara que estes Senhores eternisadores da materia lêssem como Medicos a Dissertação de Frederico Hoffmann, tambem Medico, que tem este titulo: — *Nullus Medicus potest esse Atheus.* — Porém Hoffmann escreveo volumásios gordos, não tem as folhas douradas, nem tem as fitinhas verdes, e ainda não havia Firmin Didot, ou ainda se não tinha escandalosamente desenvolvido o germen da incredulidade, e da irreligião. Muito me admirão estes Senhores. A Medicina he tudo! Não sabem donde procedão as sezões; dizem que são as primeiras vias entulhadas, e não lhe sabem tirar o entulho. Donde nasça hum triste defluxo ainda até hoje se ignora em Medicina. As Apoplexias já nós sabemos donde venhão, que he dos Gorazes, e das Filhozes. (Frituras azimas.) Conhece-se o Escorbúto pelo *variegado das petéquias*, que fazem evacuar pura *melena*; mas este importante achado póde acaso abrir caminho para o tão positivo conhecimento da eternidade da materia? Tem-se respondido victoriosamente a vinte oito argumentos do Filosofo Gentio Próclo, e estes Senhores disputando por azotes, e oxigenios da longevidade do homem, ou duração da vida humana, e no Doutoramento de hum Medico que podia estar dizendo com os seus botões — Ella está agora na minha mão, e ao primeiro partido de Camera que eu apanhar, eu lhe abbreviarei o periodo, — sem mais, nem mais annuncião a eternidade da materia, talvez que na indestructibilidade das suas partes, que não são indestructiveis para o seu Author, nem existirão senão quando elle lhes deo a voz da existencia. Ora grandes obrigações devem á Medicina as duas substancias que compõe o homem! A corporea, dão cabo della com as excommungadas beberagens da Botica, de que Deos livre não só o buxo, mas a bolça de todo o fiel Christão; a espiritual com estes principios espalhados assim por modo de quem não quer a cousa, como se do Materialismo se não derivassem immediatamente todos os males que, até na ordem politica, tem apoquentado o Mundo! Nunca em seculo nenhum se fallou tanto, e se soube menos! Eu não ouço se não palavras, mas a que idéas correspondão, não se sabe, e estas mesmas palavras, não se fazendo já e já hum Diccionario dellas, daqui a manhã não se entendem. Neste mesmo escrito que observo, porque a anonyma me despertou a curiosidade, ainda que não entenda as idéas Medicas, nem mesmo os termos technicos da Medicina, porque só ouvidos me causão até diarréas mucosas, como verbigratia a pag. 168 — Nenhuma influencia terão na *hematopoiese sarcopoiese*, *osteopoiese*! — Com que me parece estar trasladado a terra de Mouros; vejo hum verbo posto no meio da casta linguagem Portuguaza, que ajun-

tou á molestia de que acima me queixo violentos puxos, e arripiamentos — ei-lo aqui pag. 170 — Mas *schematisando* mais nobremente esta *concepção*. — E não tenho eu razão de receár que daqui á manhã não só nos vejamos inçados de erros methafysicos com a eternidade da materia, mas até nos não entendamos huns aos outros com a novidade das palavras? Se das palavras caminho aos conceitos, vejo que tambem daqui á manhã ficamos em absoluta escuridade. Eis-aqui a definição da vida dada por este mesmo Medico Methafysico —

„ Vida he huma linha recta traçada no tempo, que tem „ os seus extremos na eternidade. „

A' vista disto, eu entendo melhor a definição do movimento que nos deo, e nos deixou Aristoteles — *Motus est actus entis in potentia, quatenus in potentia.* Gracejando hum pouco, chama o homem linha recta á vida humana, e ella tem tantos altos, e baixos! He impossivel que a vida de hum carcunda seja huma linha recta! *Ridet, et odit.* Tantas parvoices nos homens, que podem produzir senão riso, e odio?

Neste Correio de 5 de Fevereiro recebi huma Carta de Coimbra (o seu porte 60 réis), era do mesmo *Academico* que me tinha arguido de ter (diz elle) trasladado o Feijó (que eu não lêo) quando puz a calva á mostra aos Pedreiros-Livres. Esta Carta era concebida no tom da desesperação; o mais toleravel nome affrontoso que me chamava este probo *Academico* era o de — *Monstro humano* —; na mais infame casa de alcoice não se ouvirão, nem ouvirão jámais turpitudes semelhantes! E que motivo teve este homem para chegar a hum semelhante estado de furor? Eu não o conheço, eu não o offendi individualmente. Para mim he hum ser absolutamente nullo. Que fiz eu a este homem? Elle o diz. Quando publiquei a sua Carta no Desapprovador omitti algumas palavras da mesma Carta. Ha injustiça como esta? Não só as severas Leis da Censura, a probidade, e a rectidão dos Censores, mas a decencia pública não permitem, nem devem permitir, que se imprimão obscenidades, e porcarias, que se não tolerarião em huma sociedade de bebados, e de desavergonhados. Eis-aqui o motivo das suas queixas, e descomposturas. Vem cá, malvado, e assassino (pois huma Carta anonyma he peior que hum infanticidio.) Vem cá, malvado, achaste que eu no Espectador tinha trasladado o Castelhano Feijó? Pega na tua penna, e eu te desafio para isto, transcreve a minha passagem, põe-lhe em frente a passagem de Feijó, mostra o Plagiato; quem te veda isto? Remette-mo como homem de honra; que eu a face do Mundo prometto manda-lo imprimir; assim se procede, quando se quer proceder conforme as regras da justiça, e da honra. Que fazes, ou que consegues com as tuas descomposturas? Fazes acaso assim a Apologia dos Pedreiros-Livres Coimbrões? Dizes que os Poemas Newton, Meditação, e Oriente só servem para — *em-*

brulhar unto — (Hes Minhoto, ou Transmontano !) Ficão desta sorte muito bem criticados aquelles Poemas ! Cuidas acaso que me mortificas com as tuas descomposturas dignas de huma prostituta; enganas-te; eu conheço os homens, sei o seculo em que vivo, observo bem de perto o estado a que temos chegado, sei que bons principios de moral haja espalhado no Mundo a *Filosofica* Revolução Franceza. Condôo-me das humanas desgraças, vendo quão alheio esteja o homem do homem. Em todas as idades se impugnárão Escritos, sempre foi isto huma acção não só licita, mas necessaria para o progresso da razão, e do gosto nas Sciencias, e nas Artes. Todo o impugnado tem direito á sua defensa, e Apologia, porém pelejando com as mesmas armas. São acaso recursos de defensa ameaças contínuas de morte, e infames personalidades, e descomposturas?

Quod genus hoc hominum, quæve tam barbara morem,
Permitit Patria?

Destroe-se hum escrito máo com outro melhor. Eu respondo por huma vez a toda a canalha Coimbrá-arreiral, o mesmo que respondeo hum Spartano, quando se lhe disse que Filippe de Macedonia tinha destruido, e arrazado huma Cidade = Pois que faça outra melhor. =

Fim do décimo segundo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 13.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

As Decisões.

São muitos os males que atormentão, e amofinão os homens unidos em sociedade, porque são muitos os empecilhos da mesma sociedade, não se dá hum passo que com elles se não tope, e não se encontra hum só que com elle se não encontre hum dissabor, ou onde não descubramos hum motivo de desgosto. Não lêo hum só Moralista que não declame contra o Mundo, e contra os males da sociedade, ou verdadeiramente contra os vicios, porque não ha hum vicio que não seja hum mal. Eu estou costumado a elles, e não me admirão, rio, e aborreço; porém matar-me por amor dos destemperos humanos? Isso não. Chego a compadecer-me muitas vezes do Ilheo Young, porque tomou a cousa tanto a peito, que chega a aborrecer a sua mesma vida por amor das parvoices que os outros fazem. Não ha hum só objecto que se lhe não represente coberto de luto, por tudo chora, por tudo se afflige, tudo se lhe representa de travez. Tem odio á vida, tem horror ao Mundo. A sociedade he para elle hum enlace de tyrannos, e de escravos. Olha para as familias como para Hordas selvagens, occupadas na propria destruição, olha para os povos como para rebanhos de animaes ferozes, que procurão recobrar a independencia, e ferocidade antiga. Olha para as Cidades como para o asylo de todos os vicios; para os campos, como para o theatro da indigencia, e da oppressão. Não vê no Globo mais que rochedos aridos, dezertos, volcões, naufragios, mares gelados, areaes ardentes, doenças, hospitaes, limoeiros. Nas Praças, nas ruas, nas casas não descobre mais do que a morte de catadura horrenda, e medonha, e finalmente não considera a terra senão como hum vasto sepulcro que engole, e esconde em si os individuos, e as gerações. Tudo isto com huma seriedade

tal, e com hum tom tão amargo, que enjôa, e cança o mais paciente Leitor, e piedoso ouvinte. Não he isto assim, e o diabo não he tão feio como o pintão; todos os males da sociedade, porque são voluntarios, não me causão senão riso, e hum odio, que se ri. Todo este Mundo feito pelos homens, quero dizer o Mundo moral, não he mais do que huma necessaria mistura de bens, e de males, que nascem naturalmente da nossa innata imperfeição, porque todas as nossas faculdades intelectuaes estão reduzidas pela culpa a hum muito estreito circulo; e então por isto hei de eu quebrar a cabeça a mim mesmo e mais aos outros? Hei de ir atirar comigo dos Arcos das Aguas' livres abaixo? Isso não faço eu. Rio-me, e aborreço, faço que basta, e não he necessario mais. Quando os males se contemplão em grande quando se observão com olhos misantropicos, exagerão-se; quando se observão em particular, quando se examinão no individuo causão riso, e quando muito *zanga*. Eu me chego a aborrecer, e a rir das idéas melancolicas de Young, e de João Jacques. Tem a sociedade males, isso he evidente, porque he da experiencia, e quaes são estes males e São os seus empecilhos. Ora sejamos sinceros: não he hum mal? bem ridiculo, bem risivel, bem aborrecivel hum individuo vago, sem domicilio certo, sem officio nem beneficio, sem emprego, com huma miseranda cara de fome, com huma fatiota, que por força já servio n'outro corpo, porque por mais geitos que elle lhe dê, bem se lhe enxerga que não foi talhada, nem cozida para aquelle estitico costado, fazendo versos, tão tortos, tão duros, tão ocos, como os do defunto Poeta Magriso, honra, e brazão do mesmo Cemiterio em quanto vivo, pois delle parece que sahia a dar o seu passeio, ou a gozar de férias até dia de Finados, fazendo, digo, Decimas em glosas de Colxêas aos annos de Armia, que seria com o seu nome de pia Brites dos Santos, ou Guiomar do Bom-successo, moendo os ouvidos á gente com as suas Traducções, Idilios, Farmaceuticas, Passeios, Lesbias, Firminas, &c., gritando ainda em cima contra o ferreo gosto do seculo que o não entende, quando nem elle a si mesmo se entende, nem sabe o que diz; e o que mais he, gritando contra a Patria, que não olha por seus desmarcados talentos, que lhe nega a coroa de louro, e que lhe não levanta huma Estatua, ainda que seja na Praça da palha. Quem não considerará hum lobishomem destes como hum verdadeiro mal, porque he hum verdadeiro empecilho da humana sociedade? E quem á vista delle não estoirará de riso, ou lhe não terá huma zanga capaz de lhe beber o sangue!

He hum mal da sociedade, porque he hum empecilho aquelle Politico do Canto do Botequim, mettido a Arbitrista por devoção, sem que viva-alma lhe peça projectos de melhoramentos, fallando de tudo, como se tudo lhe fosse tão conhecido como os cantos, e recantos da hedionda pucilga, onde de

noite vai dar com os ossos, senão ralados da fome habitual, ao menos cariados de ponche, e levados nas vinte e quatro horas do dia sobre o dente seco, e peco ás ermas, e roncantes tripas? Quem se não ha de rir, e não ha de aborrecer hum Orate destes com planos de Agricultura, Commercio, e Navegação, Artes fabris, e liberaes, mettendo-se em Actos de Policia, e mais que tudo do Governo Politico, Civil, e Economico do Reino, como se fosse hum Oraculo consultado pelo mesmo Governo, que não toma huma deliberação sem o seu conselho, dando a conhecer com tom caustico, e affirmativo, que não ha Tribunal que lhe não peça huma minuta para as suas Consultas, sem haver hum Tribunal, ainda que seja o da Casinha que lhe pregue huma coima de cincoenta dias de limoeiro, para vêr se se calava! Não he isto hum mal? Sim, porque he hum empecilho da sociedade, a qual serviria elle muito melhor se fosse estender algodões lavados em huma Fabrica de Chitas, ou preparar enxofre em hum laboratorio de mechas.

Não he hum mal aquelle Medico bonifrate com tres pés, e huma polegada de tamanho, ou no excesso opposto com déz covados, e hum palmo de altura, como o Gigante Golias, todo ouriçado de termos Chimicos, e com a mania economico-politica na cabeça, imbutindo a todo o instante o Commercio dos *Cereaes*, que vem a ser trigo, e legumes, o que elle podia dizer em Portuguez muito bem claro, para que todos tivessemos hum fio para entrarmos, e sahirmos seguramente dentro do labyrinto de seus systemas dos *Cereaes*, e operações methafysicas dos seus imaginarios Bancos, affogados por elle em hum diluvio de palavras á moda ⊢ *Deficit* ⊣ amortisações (nisto he eminente!) fundos, e capitalistas! e em lugar da balança da Medicina Statica de Sanctorio, deixar de nos aturdir com a balança politica das minas da California, e castores do Canadá, e a mulher do triste doente a clamar-lhe: ⊢ Senhor Doutor, olhe o meu homem que se está indo em menos de dois Credos ⊣, e elle teimando em querer levar daqui laranjas, a que elle chama o nosso genero de exportação, para o Isthmo de Panamá, e Ilhas do Rei Jorge, huma vez que a passagem ao Polo se descubra; saltando repentinamente das Ilhas do Rei Jorge a compôr hum Tratado elementar, como Apendix aos *Cereaes*, dos *Farinaceos*, querendo aproveitar os areaes de Pataias, que intenta cobrir de *Creta* e *Humus* com os estrumes calcareos para plantação das teimosas batatas, conforme o Programma da Sociedade Agronomica de Lauzana, e do Piemonte!... Não he isto hum verdadeiro mal? Sim, porque he hum empecilho da sociedade, e melhor lhe fôra a este alumno de Epidauro, e mimosa cria de Esculapio, revolver, e estudar bem o Tratado das Febres de Syndenham, que fazer-nos criar febres, e sangue de Bogio com tantos destemperos, e impertinencias.

Não são hum mal da sociedade tantos Rabulas embrulhadores de quem (até para fazer nadar os Estados em recursos pecuniarios) não digo mais senão que por cada Arrazoado que elles assignão, se lhe devia pregar tamanha condemnação, que os obrigasse logo a passarem com perda de setenta por cento o Camarote effectivo que tem na Opera, a vêr se deixavão de cançar, e enjoar os Ministros com a leitura dos altos Provarás, que não provão mais que a ignorancia, e muitas vezes a velhacaria insultante dos taes Glosadores de Trebacio, e Papinianno, que não entendem nem a Folhinha d'algibeira, onde muitos ainda agora buscão a 15 d'Agosto o milagroso S. Napoleão. Não he hum verdadeiro mal da sociedade hum destes garrulos importunos, que em lugar de estarem á banca, estão todo o dia, e toda a noite em banca, porque a jogão, e a parte que tem justiça, a berrar pelo seu Feito, e elle a jurar, e trejurar que está doente, que quer os dias da Lei, que não dá o Feito sem mandado, e as Ferias a cahirem em cima por instantes? Sim, he isto hum verdadeiro mal, porque não só he hum empecilho, mas huma verdadeira peste da sociedade.

Ora sendo tudo isto hum mal, que parece intoleravel, o habito de o vêr, e de o sentir o torna supportavel: vão lá, por exemplo, tirar da cabeça a hum Medico as fumaças de homem universal? O menos que elle julga saber, ou o de que em apparencia mostra fazer menos caso, he a sua rendosa, e lucrativa Medicina, porque estudado, e decorado huma vez o aranzel verbosissimo com que em Junta se aturde a si, os Collegas, os doentes, os circunstantes, e até as criadas da cozinha, que deixão tudo por mão para virem ouvir o Assistente, nada mais lhe importa, que ir todos os dias ao Toste no Gabinete de Pitt regular os destinos das Nações, *descivilisar* os povos com João Jacques, reduzir a menos vozes, e a menos tempos as grandes manobras da Guilhotina, invento de hum Collega, não para fazer soffrer menos o padecente, mas para haviar mais gente em menos *tempo dado*, conforme os principios da grande Tactica; deixar cahir de vez em quando seu Theoremasinho sobre a Religião natural como sufficiente; e o que he tão máo como tudo isto, tratar do *necessario* uso da Cicuta nos remedios para certos individuos, em cujas mãos está o Pandeiro, e que podem em dois minutos pôr muito bem á sombra, e ao sol tambem, os compassivos, e Filantropicos nivelladores da triste raça humana, infelicissima em suas *odiosas* distincções, e jerarquias! Vão lá tirar da cabeça ao Negociante empanturrado, em cujo cachaço, para quem tem tão bom olho como os do Padre do Desapprovador, ainda se divisão resquicios do honroso, e antigo calo ganhado nos trabalhos da Alfandega, Haver-o-Pezo, Caes de Santarém, boqueirão da Moita, &c. que, com mais subtís peloticas que as de Pinetti, deixe de reduzir a simples lastro as Burras de tantos que merecem este nome no ge-

nero masculino , para ao menos por hum anno amotinarem com carruagens Lisboa , reduzir a Jardins de Versalhes seus suburbios , e depois hirem aos Estados-Unidos requerer cem geiras de terra ao Sudoeste da Flórida para huma plantação de Virginia , em quanto cá os das Burras em lastro não achão por cá sete pés de terra em que se sepultem , ou de pobres , ou de desesperados. Vão lá tirar da cabeça ao Frade de Cordão alto , de franjado cinto , ou o que quer que seja , que nos importa bem pouco , que , porque o Cardeal Ximenes foi Frade Franciscano , não sei de que Colonia , porque em Castella são innumeraveis , governou bem a Monarquia Hespanhola como Ministro d'Estado , e o chamado — *Pere Joseph* — Capucho Francez , foi o Mestre , a alma , e o director em Politica do Cardeal de Richelieu , elle póde tambem , porque dirige hum Conclave Capitular , governar bem hum Reino , reduzir a systema a conservação das Colonias considerando-as no seu Gabinete mobiliado de Prezuntos havidos , e por haver nas visitas da Ordem , no que forão , no que são , no que podem vir a ser , como se tão praticamente as conhecêra , não digo eu como conheceo a sua Livraria , porque isso são terras austraes , são incognitas ; mas como as caixas de doces das Freiras , productos , e alcavalas do seu *louvavel* governo fendal ? Os homens não se tirão do que são (em Portugal tem isto excepções ,) mas sendo como são empecilhos da sociedade , e por isso mesmo outros tantos males , são toleraveis , porque a sua frequencia os torna habituaes. O que excede de todo a paciencia humana , são os Oraculos decisivos , e para a peior parte , que a cada canto se encontrão : não sei donde isto proceda , porém creio que nasça mais da malicia , que da incapacidade humana. Está a sociedade cheia de causticos , e causticos ardentissimos , e longe de servirem de remedio aos males públicos , e particulares , são os mesmos causticos peiores que as mais teimosas , e arreigadas infermidades : vamos a vèr estes Originaes , podemos dizer que não se observa hum ajuntamento , ou conversação de quatro , ou cinco homens , que não se aponte nesta pequena companhia hum caustico decisivo , cujos Oraculos são huns verdadeiros assassinos.

Diz-se , por exemplo , que tal , e tal homem opulento occupa este , ou aquelle lugar em hum Tribunal de Justiça , ou de Fazenda. Decidem , e dizem com hum espantoso tom de segurança : — Logo a iniquidade está sentada em todos os Tribunaes , e entre todos os Juizes. Chega muitas vezes a intriga , porque em toda a parte ha homens , até aos degráos do Throno ; logo , dizem os Causticos , todo o merito está excluido do Palacio dos Reis. Apparece hum , ou outro homem que se haja engrandecido pelos caminhos do vicio , e da rapina nesta , ou naquella repartição ? He o que basta , seja embora isto huma excepção infinitesima na totalidade da Nação. Logo , exclama

o decididor, logo a chamma do Patriotismo está extincta n'alma dos Grandes, e do povo, não ha probidade, não ha honra, não ha justiça, não ha nada, tudo está acabado, tudo está perdido, tudo he huma desordem, huma confusão, huma anarquia. Talentos mediocres, e até infimos conseguem por huma protecção cega, e apaixonada, eclipsar o verdadeiro talento, ou o homem de genio, que vegéta na obscuridade; logo, diz o decididor, logo, quantas reputações ha debaixo do Ceo que nos cobre, não só são injustas, mas usurpadas. Apparece hum, ou outro filho que envergonhão seus Pais com huma manifesta desordem de vida, e estragação de costumes, ou levados de sua pessima indole, ou arrastrados de exemplos estranhos, logo, grita o decididor, logo he preciso subtrahir o pescoço ao jugo do Matrimonio, e renunciar á Natureza. E estendendo-me a outros objectos, porque tudo tenho visto, e tenho notado, pois não ando dormindo entre os homens, ainda que pela minha incommunicabilidade o pareça, e a sua observação me tem ensinado mais que toda a Escola Eleatica, e Ecletica; falla-se, por exemplo, que os bens da terra são de natureza caducos, e não durão sempre, logo diz o Caustico, he preciso renunciar a todos os prazeres honestos, e liciros que nos offerece o Ceo sobre esta terra que nós habitamos. Diz-se, e muito bem se diz, que hum velho, ou hum homem como eu de cincoenta e tres annos, não está já em tempo de aspirar aos surrisos de Marcia, de Filena, &c. Logo, diz o Caustico decididor, devem-se evitar todas as relações ainda que sejão fundadas, e estabelecidas na virtude, porque o homem (Que Filosofos!!!) deve viver isento de todas as illusões, de todos os desejos, de todo o honesto, e louvavel commercio com os seus semelhantes, e semelhantas. Tal he a Logica da Causticidade decididora. Doutores, Doutores de estallo! Muito se abusa deste titulo! Ha por ventura homem mais brusco, mais incontentavel do que eu? Pois por isso mesmo chamo a estes Decididores huns hypocritas, que julgão dar-se importancia a si mesmos pela sua affectada causticidade. Por ventura a tolerancia social, ou demos-lhe o seu nome, a tolerancia civil deve chegar a tanto, que deixe impunemente extravaganciar os Causticos por hum semelhante feitio?

Moralistas de encommenda, Frades, e tambem Clerigos da minha maior veneração, e respeito, já que vos conheço tambem, declamai, meus meninos, declamai contra os chamados *Espiritos fortes* mordomos por devoção na grande obra do melhoramento dos homens, declamai contra estes Espiritosinhos, que nos procurão encampar gato por lebre em materias de Politica, Legislação, e Moral. Deixai-vos de tirar consequencias geraes, de principios particulares. Dizei antes que o Soldado deve obedecer a seus Capitães, servir, e defender a Patria, voar intrepidamente ao Combate, sem se informar do número

dos inimigos , nem de sua força , de seus recursos , e de seu poder. Dizei aos Principes da Terra , o que a hum grande Monarca deste Reino disse o Padre Antonio Vieira , que estimasse mais hum Soldado bem armado , que hum Frade , ou que hum hypocrita mal vestido ; lição que está em letra redonda , e que em seu laconismo he o mais admiravel Tratado de Politica de Principes que se tem composto , e que o Senhor Rei D. João IV. estimou tanto , que até mandava ouvir o bom do Padre sobre as deliberações do Conselho de Estado , e do Conselho de Guerra que elle criou. Declamem estes Decididores causticos contra a sede , e contra a fome do ouro , despreguem contra ella toda a sua caustica , e bellicosa eloquencia Abrão todos os diques , e comportas de seu zelo contra os vicios que produz o sordido interesse , levo isso muito a bem , e quanto em mim couber eu concorrerei para as honras da sua victoria , e da sua Apoteóse : mas não deixem de conhecer por hypocrisia , que o ouro (que elles mais que ninguem desejão) desenvolve , e faz brotar os talentos , anima a industria , vivifica os campos , desterra a miseria , dá actividade ao Commercio ; que o ouro , torno a dizer , liga , e ajunta com laços mutuos as Nações , mantém nas sociedades o movimento , a emulação , a harmonia , que sem elle fica peada a beneficencia , e sem poder nem merecer , nem alcançar as bençãos , e as homenagens do Universo. Aquella Aldèa que a invasão arruinou , e até demolio , foi restabelecida pela opulencia. O ouro póde dar a vida aos campos que esta tempestade revoluncionaria assolou , se as harpias , e sanguexugas do Estado não ferrolharem este ouro (com cinco folhas de papel escritas por mim , este ouro , tão livre como está de constipações , sahiria a vêr o olho do Sol , para beneficio público) muitos pantanos , ou paúes estarião secos , e darião muito bom trigo , muito bom milho , e muito bom feijão , sem que a Grecia , a Pensilvania , e a , que Deos tem , magestosa Hollanda , tivessem o trabalho de nos virem cá buscar esse ouro que o Egoismo , e muitas vezes Claustral , deixa ainda apparecer , porque a boca não quer fiador , e primeiro estão dentes , que parentes. Este ouro não só rotearia , mas povoaria Charnecas ; e para ir huma tirada Ciceronica , ahi vai : — Este ouro ajuntaria sobre hum ponto do Globo as producções , e as maravilhas de ambos os Mundos , para levantar á Natureza hum Templo digno do Homem ! ! — e que tal ? Ora vejão os Senhores se esta Prosopopéa , não vale a de Fabricio , e senão tem razão para dizer : — Ora o Padre do Desapprovador he os nossos peccados ! *Ridet , et odit* , mas inflamma-o o amor da Patria , do justo , e do honesto ! —

Vós , Causticos Decididores , armados de oculos , e de oculo , de cucullas , de manteos , e de roquetes , e do que quer que seja , porque o habito não faz o Monge ; vós convindes todos no que vos digo , porque são factos , e com tudo vos lançais

sobre a opulencia, (e nella viveis) como esfaimados tigres, e quereis cobrir de ridiculo, e de opprobrio a Grandeza, que ajunta, e enlaça as virtudes com o esplendor das riquezas. Em todos os seculos a Nobreza hereditaria foi o alvo dos tiros da inveja, e da preoccupação. Cem vezes accusais a Patria de huma cega predilecção para com esta Nobreza. E vós, Cidadãos obscuros, não tendes coragem, ou animo de perdoar a vossos semelhantes huma grandeza que lhe impõe mais rigorosos deveres, do que a vós vos prescreve. O homem que as circunstancias, ou, digamos melhor, a Providencia condemnou ao Heroismo, se torna o objecto de vosso rancor, e inveja. Ella quer desfolhar, e devorar sempre os louros com que a Patria enfeita, ou coroa o seu berço, ou o seu tumulo. Vosso insensato orgulho murmura do que em seu favor tem feito as Instituições Politicas, dictadas pelo reconhecimento, sustentadas pela sabedoria, e approvadas pela experiencia de tantos seculos. Por ventura estes Grandes innatos põe algum obstaculo ao poder que a natureza, e os talentos vos derão para serdes tambem Grandes? Quem vos tolhe, ou póde tolher serdes tambem virtuosos, para chegardes a merecer aquellas honras que seus Avoengos merecêrão, e transmitti-las a vossos filhos com as mesmas condições com que elles as transmittírão a seus netos. O filho de hum Grande se enche de orgulho com a purpura que recebeo de seus maiores. Convenho: mas isto deve ennobrecer suas idéas, naturalisa-lo com a generosidade, identifica-lo com a honra, com a gloria, com a sublimidade dos sentimentos. Estes nomes, estes titulos, estes respeitos, e todos os outros symbolos da grandeza, são outros tantos estimulos que concorrem, para fortificar nelle o feliz instincto da natureza. Com estes soccorros hum homem ordinario se elevará sempre, ainda a seu pezar, acima da esféra de seus semelhantes.... E então os Causticos? Então os Decididores? Isto he cantar fóra do Côro, ou perder a corda coral. Onde estão os Frades, onde estão os Medicos? Senhores, os Frades devem estar no Convento, e os Medicos á cabeceira dos seus doentes com caridade, depois de terem estudado em casa com zelo, e com affinco. Para que são estas tiradas? Que faz o Desapprovador? Que faz o Desapprovador! Essa pergunta he boa! *Ridet, et odit.*

Fim do décimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 14.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Os Importantes.

ONde senão descobrem estes Senhores? Não podemos dar hum passo pelas diversas classes que compõe a sociedade civil, que não encontremos homens, os quaes, seja qual for o motivo, deixem de se dar a si mesmos hum ar de importancia na sua respectiva situação. Em todos he o pendor natural que sentem os homens para a hypocrisia, e para aquella innata vaidade com que todos querem parecer o que não são; e costumado eu a considerar o ridiculo dos homens, quando os encaro pelo lado da importancia, não posso nem conter o riso, nem moderar o odio. A tudo se estende esta imperfeição, ou esta mania, a mais ridicula de todas, e não ha huma só classe que della viva isenta, porque em todas ha homens. Eu paro a todas as scenas da vida civil, e em todas ellas medito, e aproveito. Ora hoje todos desapprovaráõ comigo. Note-se. Toca-se ao Senhor fóra em huma Freguezia, a cousa que mais custa he ajuntar os irmãos; mas em fim o caso urge, he preciso sahir, mas não está lá, nem apparece o irmão Escrivão, o irmão Secretario, ou o irmão Procurador; entrega-se a vara a hum dos mais circunspectos dos presentes, e a necessidade obriga a arvorar neste posto qualquer irmão razo. Ei-lo a sahir. Ralhar atrevidamente com o Cura, e ir tudo razo com o Thesoureiro, e fazer andar n'huma poeira os Sacristães, que não he preciso que os mandem, porque nunca estão quietos, isto he pouco, e não admira, porque sempre acontece; mas he porque o Thesoureiro, tendo á sua disposição o páo da Cruz, não trabalha com elle. O mais he vêr este homem, que dalli a dois instantes ha de deixar por força a vara, e tornar para o número dos peões, confundindo-se na uniformidade das capas, deitar magestosamente a perna, encrespar soberbamente o nariz,

olhar á direita, e á esquerda com displicencia, e fazer-se conhecer, e temer como hum homem importante, e não só capaz de commandar aquella acção, mas de manobrar á frente de huma inteira legião de chuços, e commandar aquellas dentas, inexequiveis, e perguiçosas evoluções, onde he sempre impossivel que não soltem huma gargalhada aquelles mesmos que mais sériamente procurão conservar o ar brusco, arreminado, e militar. Isto he hum ensaio da importancia da vaidade natural aos homens em qualquer situação de preferencia em que se considerem.

Ha muitos tempos que me não cahe em saco roto huma das palavrinhas modernas, que derão agora em andar sempre, ou pela boca dos homens, ou pelas Gezetas do Mundo, que vem a ser esta: — Dê-me v. m. huma *Nota*. — Que diabo será isto, tenho eu dito mil vezes comigo! Livros *cum notis variorum*, sei eu que cousas sejão. A Nota que tem fulano, tambem o sei. A Nota que tem fulana tambem o não ignoro. Tabelliães do Judicial, e Notas, algans conheço eu bons. Nota no Livro Mestre! Oh! em muitos Cabos de guerra se poderia encontrar, e a de Maricas não será pouco frequente. Mas, dê-me huma *nota*, traga-me huma *nota*... Que será isto? He a divisa dos Importantes. Então, não he hum Ministro de Estado, que mande, e deva exigir hum Memorial, porque gravado com o pezo de muitos, muito graves, e mui complicados negocios, não póde reter na memoria pertenções, muitas vezes frivolas, e quasi sempre, ou destrampadas, ou impertinentes; mas he hum ridiculo escrevente deste, ou daquelle Escrivão do Civel. Tem lá hum pobre homem huns papeis, huns Autos, huns Feitos, que precisa vêr ou para bem da sua justiça, ou para lhe adicionar mais alguma alicatina da sua rapacidade. Vai o homem ao Escritorio, (estes Senhores fazem-se esperar muito de porta fechada, veio a Senhora tarde da partida, e não querem incommodos) em fim depois de se ter esperado mais n'hum escangalhado banco da ante-porta Escritorial, do que se esperaria á porta do Gabinete de Bassano *Marct*, abre-se a porta mysteriosa, e ainda fica a cancella, porque aquella evolução tem determinados tempos. Entra o homem, e vê de huma ilharga da banca sentado hum peralvilho profundamente applicado, e occupado em aparar huma penna, nem levanta os olhos, e o homem pela pressa que traz toma a liberdade de o interromper, e pergunta-lhe pelo Feito tal... demora-se meia hora a resposta, manda com tom imperioso que falle outra vez, porque não o entendeo por estar distrahido com objectos sérios, e diz finalmente: — Alguma idea conservo desse Feito, mas isso ha de estar confundido além áquelle canto com outros papéis, venha cá para a semana, não sendo feriado, e traga-me huma *Nota*. — Então que he isto? He hum bigorrilhas, fazendo de homem importante, de grande vulto no Mundo, isto he, de hum perfeito Pantalão.

Não he preciso dar muitos passos, nem supportar muitas fadigas para encontrar destes Figurões de importancia, muitas vezes não por empanturrados, porém por famintos. O número dos logradores cresce em proporção dos tôlos, e as mais tristes victimas dos importantes são os miseraveis que a dependencia, ou a *chicana* arranca do fundo das Provincias ao meio desta Babylonia, que se chama Lisboa. Para cardar hum destes, ás vezes mais velhaco que os mesmos Importantes, mas a quem a dependencia, e a inexperiencia faz parecer, e ser patetas, quantos se apresentão! Achão logo hum homem com ar de importancia, sabem entabolar conversação, e a primeira comporta que abrem, he o jantar tal dia com o Ministro *Fulano*, o segredo em confidencia que lhe communicou o Conde tal, e o Conselheiro *Beltrano*, as partidas que frequenta, e os annos para que está convidado, os negocios de alta ponderação que tem concluido, e a facilidade de fazer passar Ordens, Avisos, Precatorios, e Compulsorias. O homem da Beira, do Além-Tejo, ou donde quer que seja abre huma boca de palmo, e julga hum verdadeiro rasgo da fortuna ter encontrado, havendo apenas entrado na Estalagem dos Cachimbos, ou dos Camillos, hum homem, em cujas mãos está o Pandeiro; expõe o seu negocio, declara a sua pertenção, manifesta as suas intenções, e implora a efficacia do seu patrocinio, e o poder do seu reconhecido valimento, cabendo, como elle diz, com tão altas Personagens. Está despachado, diz o Importante, dê-me o Senhor huma *Nota*, e, e, e, quarenta e cinco moedas que são precisas para depositar nas habeis mãos da Dançarina tal, e da Comica qual, que he o canal unico que se conhece para suspender o sequestro que V. m. teme, e tanto merece; mas em fim venha a *Nota*, e sobre tudo as quarenta e cinco em que lhe fallei. Que Importante homem! E se o outro lhe dá as quarenta e cinco, em bastante lhe importa o tal Importantissimo Senhor!!!

Não só os que derão em pedir *Notas*, em mandar fazer *Notas*, e em trazer *Notas* são os unicos Importantes; com este ar de importancia descubro eu miseraveis Ninguens, que atravessão, e povôão as ruas da Capital. Hum Frade, por exemplo, que lá no silencio, e ignorancia do seu Claustro (isto he, ignorancia em quanto o julgo ignorado do Mundo) chegou a ser Visitador da sua respectiva Ordem, a passear enchouriçado pelos lugares mais públicos da Cidade com hum solidéo na cabeça, que parece hum coador de café, tezo, impertigado, e empennado, marcha com huma attitude de importancia tal, que, sem elle fallar, lhe escuto eu dizer dentro em sua alma: Que importancia he esta da minha pessoa! Todo este Mundo, que me vai vendo, não só me respeita, porém me teme como tremeo de mim o Capitulo passado, e tremerá o futuro em quanto eu for á testa da columna da minha

parcialidade. E o povo, que está, e o que vai passando, se por acaso, e não de proposito, põe os olhos naquella empanturrada figura, acotovella o companheiro, o amigo, e conhecido, e diz: — Olha que cachaço! Que tal está o presunto de Lamego! Daquella penitencia se me não dava a mim de fazer; e o tom de importancia com que elle marcha! Pois o Masmarro que elle leva á esquerda! Ora eu creio cá nos chuços! Diz que não ha Recrutas? He porque as não buscão. Trezentos Barbatos daquelles levarião mais depressa á escala Thionville, e Lilla, que todos os Granadeiros de Brunsvick.

Julgo que nunca a paciencia humana foi tanta, e tão heroica, que tolerasse a importancia que a si mesmo se dá, hum destes que sem ninguem lho chamar se chama a si mesmo Funccionario público. Por continuas funções ande este taréco. Este Funccionario vem a ser o ultimo escrevente de huma escura, e insignificante repartição. Atropella tudo, descompõe tudo á entrada da Sala das Sessões; resposta boa nunca se ouvio da sua boca, até responde sem ninguem lhe perguntar nada. Quando sahe, vem sempre de ar brusco, e sombrio, como quem se dá por importunado com a multidão de requerentes, e desgraçado daquelle que se atreve a perguntar-lhe, se já se acabou o despacho! Ao seu mais íntimo amigo do Botequim, e da partida, se o incumbe de lhe saber alguma operação da baixa contadoria, diz por muito favor, que lhe traga huma *Nota*, porque anda com a cabeça tão *preoccupada* com a multiplicidade, e complicação dos negocios, que precisa *dados* para poder estar ao *facto* do *esclarecimento* que pede. Ora que merece hum bonifrate destes? Riso, e odio. Riso, porque na classe dos Pantalões importantes, este he verdadeiramente superfino. Odio, porque só com o desprezo público se rebate esta audacia importante. Que paciencia, torno a dizer, haverá tão heroica que supporte a importancia com que se inculca, e se apresenta hum vérme que faz Quadras em dias de annos? Não ha hum ar mais insolente, despreza tudo a eito, e quando medita a Quadra, infeliz do que se assôa, ou tusse! Grita o homem que lhe arruinárão não menos que os seguros alicerces da sua immortalidade. Inculca-se pelo primeiro Ente da Républica sobre quem andão fixas as vistas da admiração, e contemplação pública. He festejado dos Comicos, outros seres não menos importantes, porque ao longe descobrem naquelle homem pelos progressos do tempo, e cultura assidua da sua *Divina* Arte, hum Genio que chegará ainda a fazer hum Elogio de Theatro no Beneficio tal.

Todos terão reparado, que este Núm. do Desapprovador, indo chegando ao meio, e tratando dos Importantes tenha deixado em esquecimento os Medicos. Então eu não tenho olhos? Eu sou cégo? Eu vou a despachar por essas ruas, quando vou tratar da minha vida? Eu não tenho ouvidos? Eu não ouço as

Traquitanas? Tão pouco estrepito, ou motim fazem ellas? Esse objecto não precisa das reflexões do Desapprovador, bastão os olhos dos Espectadores. O público he acaso insensato? Nao vè alli a mesma importancia em pessoa, ou em carne e osso? Absorto aquelle Fantasma na meditação de hum Tratado de Hygienne, parece que vai lançando as linhas para o primeiro Capitulo — Dieta Pythagorica para o genero humano, — (mas para elle não.) Vegetaes, e os grãos cereaes, que põe hum homem a perecer de debilidade, e na necessidade de chamar os Medicos; que he o que elles querem. E para elles? A tal Dieta Pythagorica, Lactea, herbacea, e *esculenta*, he o total, e lastimoso exterminio de quantas gallinhollas se atreverem a apparecer por esses pinhaes, de quantas perdizes cocorejarem por essas charnecas, de quantos lombos de porco as imperiosas Leis do partido obrigarem a despojar o misero doente. Depois disto, não he preciso que o diga, basta que o público o contemple: não se lhe descobre o gesto da importancia naquelle ar satisfatorio que lhe dá a consciencia de poder, a seu arbitrio, fechar, ou abrir todos os ventres humanos a titulo do desembaraço das primeiras vias? Em todas as acções vai dizendo: — Que importante homem sou eu! Eu sou Chimico, Estadista, Publicista, Naturalista, Analista, Economista; os homens me temem, (tem razão se neste Núm. não comprehenderem o Padre do Desapprovador;) as mulheres enlouquecem por mim; as Partidas me esperão, as sociedades me acclamão, o Partido da Opposição me quer em Londres, a Camara dos Communs me deseja em caso de necessidade, a Oligarquia Suissa me acena com hum lugar de Deputado no Conselho Supremo de Lausana, as Folhas Inglezas me considerão como o seu verdadeiro Expositor, a Vaccinação da Peste me suspira em Constantinopla, &c. &c. Tudo isto vai dizendo comsigo mesmo aquelle que não considera que a sua Arte he curar, huma das tres uteis, e necessarias que eu só deixaria á humanidade, que vem a ser: — A Agricultura, a Navegação, e a Medicina, quando esta se emprega com teimoso estudo em fazer recuar os limites da vida, suspender o passo á morte, e não governar o Mundo em seco. Lêr mais Haller que Jean-Jacques, mais Boerhave, que Montesquieu, mais os Aforismos de Hypocrates, que as Theorias de Mably, mais o indignamente esquecido Baglivio, que o Cidadão de Hobbes. Tenha mais respeito que amor ás filhas, e á mulher do doente, e terá por amigo do coração o mesmissimo Padre do Desapprovador, que não he tão injusto, que assim como sabe dar preço, e valor ao homem intrepido que salva das ondas hum affogado, sabe tambem dar estima, reverencia, e consideração ao Medico sabio, e modesto que cura hum doente, ou que efficaz, e sinceramente o deseja curar.

O ouro

He tão grande, tão extenso, tão universal o poder desta cousa assim chamada, que sem blasfemia se lhe póde chamar quasi divino. O ouro dá olhos aos cégos, ouvidos aos surdos, e até honra aos que, e ás que a perderão. Dá engenho aos tôlos, Sciencia aos ignorantes, Letras, e Nobreza aos mais ignorados Framengos que aqui se nos venhão dar a conhecer a meia noite. Por virtude, e poder deste Filtro, ou deste Talisman as mulheres não se fazem velhas, e o homem mais repugnante, e mais feio que huma noite de trovões, he mais formoso que o Apollo de Belvedere, e que o Antinoo de Adrianno. Qual he a mulher rica que tenha mais de trinta annos? Pois huma mulher com ouro póde chegar nunca a fazer quarenta annos? Quem vio semelhante cousa em dias de sua vida? Pois hum Frade Barbato, ou semi-barbato, que ande acompanhado com dois, ou mais cartuxos, sem serem Frades, conservando-se em huma boa Feitoria, póde deixar de ser hum Doutor da Sorbona? Eu não me persuado de tal!!! Aquelle Caixeiro ha dois dias, e não era mais que Caixeiro, era hum pastel estúpido, era hum selvagem lá não sei de onde. Tinha todos os abanicos, e privilegios da pobreza, era pobre de espirito, pobre de talentos, pobre de fato, que pouco mais era que de coelho, pobre de maneiras, pois era hum cepo sem criação, era hum demonio sempre porco, e sempre desgraçado. Eu não sei que circunstancias o mettêrão em Commissões, ou o que quer que fosse. Ei-lo a manejar ouro, e a ajunta-lo, que he o principal. De repente se transformou em Adonis, as Bellas morrem por elle; as mesmas que regeitarião Homero, e Marco Tullio se se lhes apresentassem em lastro, lhe encontrão hum talento prodigioso, huma imaginação fecunda, huma loquella tão amena, tão urbana, tão insinuante, hum conhecimento tão delicado do coração, que nem o mesmissimo Metastasio. Tem já lacaios, tem pagens, tem cozinheiro, tem amigos, tem aduladores, tem engenho, tem talentos, merece a mais alta consideração, sem ser a do fecho das Cartas dos Diplomatas de Munster, e de Westfalia. Que diabo fez tão completa Metamorfose? Quem? O ouro.

Que cousa he hum homem que não tem ouro? He assim huma cousa por modo do Padre do Desapprovador. Tem talento? He hum perverso, hum maldizente, hum inimigo dos homens. Tem engenho? He preciso abate-lo, desacredita-lo, arruina-lo na opinião pública. Tem caracter, não se abate, não se dobra, não pede, ignora absolutamente o gesto, e a carantonha da lisonja? Isso he hum insolente. Não tem ouro, e faz hum Livro? Pois nem os Jornaes hão de fallar delle, e se algum Escritor fallar, ha de ser analyticamente para o amaldiçoar. Ponha-se hum homem sem ouro no meio do Mundo, apresente-se em companhia; não ha mulher na salla que lhe

não ache hum ar sinistro , hum porte arrusticado , ainda que elle seja o homem mais ingenuo , mais douto , e mais affavel do Mundo. Os homens , isto he , os Senhores que estão á trincheira da Ronda , e da Banca , nem para elle olhão , apenas algum membrudo servente do chá lhe offerece huma cadeira , e o triste homem desourado , ou sem ouro , ou não se senta , ou apenas se senta de ilharga encolhido , e affrontado. Se por acaso , e em ar de mofa , lhe dirigem huma questão , nem a resposta lhe escutão. Nenhum dos circunstantes he mais capaz do que elle de julgar , e ajuizar de hum livro que acaba de sahir á luz , de huma Comedia que se representa , de hum acontecimento Politico , que mereça reflexões ; se o homem abre a boca , tres ou quatro Esganarellos Academicos chegadinhos naquelle instante do primeiro anno , carregados de RR. até as orelhas , o interrompem com tal gargalhada , que o homem sem ouro , arrêa bandeira , ou mette a viola no saco.

Quem he este que na *Harpa Lusitana* entra no mesmo salão , alto , negro , magro , estitico , narigudo , empertigado , e com a segurança de passo de ataque na batalha de Almança ? Todo o Mundo se levanta , a Senhora que faz as *honras da casa* (outra palavrinha da grande moda) levanta-se do seu lugar , e o recebe a seis passos de distancia , cumprimenta-o com ar gracioso , chama as meninas , e senta tudo a eito no mesmo canapé. Se falla , tudo á roda he o silencio do adro da Igreja da Aldêa na Elegía de Gray. Se. Robespierre fallasse na Tribuna das Harengas , não era escutado com maior respeito. He Lord Chatam com hum plano de Commercio. Conta hum caso que até os Aguadeiros do Carmo , e do Loreto o sabem já. Todos lhe achão novidade , todos descobrem engenho , e a concisão de Tacito no relatorio do homem. Quem he este homem ? Quem he a causa desta extraordinaria consideração ? Esta pergunta he ociosa , e he inutil. A causa he o ouro que elle tem. He hum homem rico , mas o mais ignorante de todos , pois alli mesmo sem passarem dois minutos pergunta se Antuerpia he hum Porto de levante á entrada do Mediterraneo , e se Carlos Magno fôra Imperador da Tartaria. Mas talvez que este homem seja generoso. Generoso ? Isso he huma virtude das almas fracas conforme os seus principios de moral. Só imbecillos , e estúpidos se podem *picar de generosos*. Huma alma grande préza o ouro , e o afferrolha , ou fecha a sete chaves. Gema o Estado , que elle escanhoou até aos ossos , nem hum real se lhe deve arrancar das unhas , nem deixar-se cardar , como elle cardou. Com estes principios aquelle malvado deixa morrer de fome seu Pai , sua Mãi , seus irmãos , e seus amigos. Com estes principios fecha aquelle malvado os ouvidos aos clamores da indigencia , e o coração a todos os toques da piedade. Mas isto não embaraça para que elle pelo soborno ou apanhe novas heranças , ou occupe grandes lugares , ou ande de cabeça levan-

tada, irto pescoço, olhos entre desdenhosos, e férós no meio da gente que o conhece, como os seus dedos, e dos homens sensatos que o desprézão como elle merece. Isto não embaraça, que elle goze grande consideração no Mundo, e que devendo ser exaltado quanta altura tem hum páo da forca, ande nas palmas dos mentecaptos.

Tal vai o Mundo obscurecido, e prevaricado. A imagem dos Israelitas adorando hum Bezerro de ouro, he o retrato de quasi todos os homens, depois que no lugar da virtude se levantou a Estatua do Egoismo, e do Interesse. Se este ouro faz detestavel o homem, que indignamente o ferrolha, como fará o homem, que criminosamente o espalha? Quantas torres de Acrisio ferrolhadas a sete chaves, guardadas, e vigiadas, não digo eu por algum corpo sizudo de tropas veteranas, mas por huma Tia impertinente, e honrada, quaes erão as Tias antes do terremoto de 55, são penetradas por este ouro, e quantas Danaes, se achão occupadas sem se saber como, nem como não! Quantas varas de Justiça que devião ser mais direitas do que hum fuso, e mais inteiras que hum Frade Presidente de Conclusões de Capitulo, se vergão, e se entortão com o pezo deste ouro, que a ambição, ou interesse, e as vistas de maior rapina sabem a tempo espalhar, e distribuir! Tudo isso assim será, dirão muitos, mas tomára-o o Padre do Desapprovador? E quem o duvida? He bom possui-lo para o não pedir, e quando o uso he recto, póde o ouro fazer tantos serviços á virtude, como caminhos abre, aplaina, e facilita para o crime, quando a avareza, vencida por outra maior paixão, se resolve a faze-lo vêr á luz do Sol, e respirar em ar livre para encher de crimes, e de escandalos esta terra em que nós habitamos, de cujas entranhas o arrancou a cobiça para poder ser o canal dos bens, e o instrumento dos males.

Fim do décimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 15.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Nervos. Caracter. Almorreimas.

Eis-aqui onde he preciso dizer muito em pouco, talento bem raro, e bem pouco conhecido nos Escritores. Esta precisão de dizer muito em pouco, provém aqui das angustias de hum papel, que não excede huma folha, e não da pequenez do objecto, e da materia do discurso. Cada hum dos tres objectos annunciados, he tão vasto, tão fertil, e tão fecundo, que não bastarião resmas de papel para o tratar dignamente. Nós temos ha annos sido enriquecidos de tantas palavras, e de tantas idéas, que eu pasmo dos gráos de perfectibilidade a que vai subindo o ser humano. Nossos Pais fallavão tudo, dizião tudo, concebião tudo só com os termos usados por nossos Avós sem innovação. Ninguem póde duvidar que antes do Terremoto de 1755 havia a palavra — Nervos — a palavra — Caracter — a palavra — Almorreimas. — Mas querião por ventura estas palavras dizer tanta cousa como agora dizem? Não por certo. E na lingua Portugueza não haveria então, (e ainda hoje ha) palavras com que se dissessem as cousas com que estas palavras agora se dizem? Havia, e torna a haver, e haverá sempre. Nós existimos em hum Portugal inteiramente novo. Eu não ando por esse Mundo? Ando, e ainda mais que eu ando! Tanto não queria eu andar, sendo-me ás vezes preciso andar depressa, porque a sege.... Não fallemos nisso, isso já lá vai. Pois, Senhores, eu não ouço os homens (meus amigos) fallar nas affeições moraes da nossa alma, que todas ellas tem o seu nome muito bem distincto, e muito bem expressivo, nem nas molestias do nosso corpo, muito bem buscadas ás vezes por nossas mãos, que não ouça, com assombro meu, proferir a palavra — Nervos. — Este termo não he usado methaforicamente, como quando se diz:

— o Nervo do Estado, o Nervo do Exercito — quando se quer dar a conhecer a sua força, ou fysica, ou pecuniaria; este termo he proferido em sentido litteral, natural, e rigoroso. Ora expliquemo-nos, e entremos com o Nervo do discurso nestes Nervos. Eu tenho, e creio que muitos o terão, hum prudente medo de trovoadas. Tenho estudado a cousa a fundo, por todos esses vocabularios do que se chama Fysica particular, fallão-me em vapores nitrosos, sulfurosos, bituminosos que se elevão ao ar, que supponho achão dias serenos, porque nos chuvosos não os vê a gente subir, nem pelo seu dinheiro, que fermentão, que se accendem no seio das nuvens, que as rasgão com estampido horrendo, que se chama trovão, que chegão muitas vezes a descer á terra feitos em huma cousa que se chama raio, que leva couro, e cabello. Sei que Franklin, e o Abbade Nollet me dizem que he a Electricidade hum fluido espalhado pela natureza, que comprimido, excitado, agitado, seja lá como for, deita daquellas fagulhaszinhas que fazem tudo em huma poeira; sei que humas correm horisontaes, outras verticaes, que humas chegão á terra, outras nao passão das nuvens, outras apagão-se no caminho; tudo isto eu sei, nada disto me tira o meu medo, e julgo que elle he muito bem fundado quando as trovoadas estão proximas, imminentes, quando não cahe chuva, que as atenúe, nem faz vento que as espalhe; sei que póde não cahir o raio, que póde cahir n'outra parte, que não virá direito a mim: mas como as contingencias tem iguaes argumentos, tambem sei que me póde cahir na cabeça, e que naquelle instante se acabava o Desapprovador, e tenho medo, não tenho vergonha de o confessar, porque o caso não he para rir, e póde cahir aqui, assim como cahe acolá; encommendo-me sériamente a Deos, busco os lugares mais baixos, fujo do pé das paredes, e muito mais de esquinas, e apezar destas cautelas, o medo não me passa senão quando passa a tal trovoada; e tanto as temo de inverno, como de verão, secas, ou molhadas, são trovoadas, tenho medo, e não está mais na minha mão, sei que morrêrão cem mil pessoas de malignas, trinta mil de enganos de Boticarios, quarenta mil da insipiencia dos Medicos em geral, que he o mais perigoso de todos os contagios, ou ramos de peste, e raminhos de estupor, e morrerá huma, ou outra pessoa assombrada, ou ferida de hum raio; assim mesmo tenho medo de trovoadas. Passa hum Medico, e vê que eu estou sem saber de que Freguezia sou, nada me importa então, e se me perguntarem se a Medicina he huma sciencia positiva, e infallivel, digo que sim, que seja lá o que quizer, mas que me deixem cá com a minha *Magnificat*, e devoções; que fallaremos n'outra occasião. O Medico surrindo-se me diz: — isso são Nervos, — e os que ouvem o Medico, dizem tambem: — o Senhor he nervoso — Nervos? Pois que tem cá o meu temor que he huma paixão, perturbação, ou affeição d'alma,

com os Nervos ? Então os corpos dos mais não tem Nervos , só eu he que tenho Nervos ? Continuão a quebrar-me a cabeça que são Nervos , e que eu conheço pouco o systema da irritabilidade de Haller. — Conheça , ou não conheça : se eu estiver lendo a Fisiologia de Haller , e vir o caso embrulhado , ao primeiro trovão que ouça , largo o livro , e vou-me esconder. — Pois são Nervos , — diz o Medico ; por isso saibão todos que ter medo de trovões são Nervos.

Ando a passear o meu bocadinho pelo Rocio de Lisboa , porque em fim eu não fiz voto de clausura , e se hei de ir vêr Opera á noite , e pelo meu dinheiro , tenho-a alli de graça , e de dia , as Scenas são mais naturaes , ou ao natural , e a Comedia está alli segundo as regras de Aristoteles , e de Gravina. Vejo dois Pedreiros-Livres , chegando-se hum ao outro com affabilidade fraternal , cumprimentão-se depois de levarem a mão á barba em ar de esquadria , e tirão-se reciprocamente o seu chapéosinho redondo , pegando-lhe pela aba de traz ; noto eu aquella pieguice , cresce-me huma raiva capaz de me fazer saltar nos dois Vampiros , e machucar muito bem a cabecinha de hum na cabecinha do outro , treme-me o queixo , e chego a enfiar : se o acaso me traz alli algum amigo profundamente instruido no Diccionario dos termos novos , e me pergunta que tenho , pois me vê d'olhos envinagrados , ou de *estomago* damnado , como diz Luiz de Camões , e eu lhe declaro o motivo da minha cólera ; responde : — são Nervos. — Pois são Nervos a *zanga* que me causão aquellas duas carinhas de Guilhotina , daquelles dois Padres Conscriptos da Pedreirada ? Estão muito bons Nervos estes ! Com hum Nervo de boi merecião elles ser bem azurragados !

Lembra-me , em vida do Poeta Magrisso , de o ter visto no canto de hum Botiquim , naquella hora em que elle hia armar ás torradas , como os rapazes vão armar aos Tintilhões , estava cabisbaixo , sombrio , e medonho de viseira , batia de vez em quando com o canto do bastão no solho do Botiquim com humas pancadas maiores , que as que deo Marte diante de Jove no anno de 1497 , quando Bacco não queria deixar ir para a India a Vasco da Gama. Magrisso , disse eu comigo , daquelle feitio , agitado , e furioso ! Ou a elle lhe succedeo algum mal , ou aos outros algum bem : eis-que me diz hum que na mesma ociosidade estava á minha ilharga : — Aquillo são Nervos , aquelle homem he nervoso.

Encontro hum , ou outro pela rua , sei de que vive , e como vive , traz o corpo alcatruzado , os pés , edematosos , a falla não se lhe ouve , porque as campainhas lhe cahírão , digo-lhe eu , com aquella compaixão que merece quem por sua vontade se põe naquelle estado : — Como vai isso ? ... Nervos , estou com o meu ataque nervoso. E as mulheres ? As mulheres não querem parar em casa , porque para pararem em

casa, não basta só que a tranca esteja na porta, he preciso que ella, ou cousa da mesma materia lhe esteja, e devéras, alli pela região da omoplata, e espinha dorsal algumas vezes ao dia; até aos fins de Agosto, querem ir todos os dias ao banho, e depois, ao menos até aos Santos, querem Quinta nos suburbios da brilhante Capital. Ahi temos vapores, flatos, deliquios, frouxidão espantosa, isto he, perguiça superfina: vem a amiga douta, e instruida, que lêo as cartas sobre a Alemanha, folheou as de Ganganelli, achou que erão sentimentaes as de Carraciolli a huma illustre defunta; e reconhece na amiga affectado todo o systema nervoso. São Nervos. Nervos? O que he huma manifesta calaceria das partidas, e dos passeios.

Vou ao Theatro, sahe lá daquelles panos bezuntados hum Actor endemoninhado, sem quê nem para quê faz gestos, contorsões, e meneios de hum perfeito convulcionorio, e isto para dar hum recado simples a hum creado, dizendo-lhe que vá ao Açougue que são horas. Para que he aquillo, digo eu ao meu visinho? Aquella expressão he a das paixões violentas, que ha de aquelle perfeito demonio fazer quando se vir logrado pela mulher, e encontrar elle mesmo das portas para dentro o motivo desta solemne logração? Não repare, me diz o meu visinho, aquillo são Nervos; constituição nervosa! Tenho concluido, tudo são Nervos. E então aquelle Conego, ou Abbade, ou o que quer que seja que alli está sentado para diante com huma barriga, que assombra os mesmos Musicos que não podem nem mecher o mesmo braço do arco do Rabecão, que está já a dormir, e a roncar por aquelle feitio como dorme a sesta em dias de Estatuto? Tambem serão Nervos? Pois esi-ahi está como v. m. se engana; aquelle sugeito he nervoso, aquelle somno ainda que a Comedia o mereça, he relaxação de Nervos: são Nervos.

Caracter.

A quantas idéas corresponde esta palavra ha huns annos a esta parte? Ha cousa alguma que não seja *Caracter*? Tudo he *Caracter*! Como eu me criei, quero morrer com as doutrinas da Cartilha do Mestre Ignacio, porque com effeito por aqui vamos nós bem; sabia eu, e sei ainda quaes erão, e são os Sacramentos que imprimem Caracter, que he huma marca, hum cunho, hum sinal moral em nossa alma, e indelevel, não se apaga; porque o Baptismo válido em materia, e fórma, não se repete, a Ordem da mesma maneira; e vivia eu mui satisfeito com a palavra, e com a idéa — Caracter. — Mas eis apparecem no Mundo os *Caracteres* de Theofrasto, os *Caracteres* de La Bruyere, os *Caracteres* de Duclos, os *Caracteres* de Saint Mars, e tudo neste Mundo forão *Caracteres*. Ha Caracter bom, Caracter máo, Caracter honrado, Carater velhaco. Pedro tem Caracter, Paulo não tem Caracter, Caracter fró-

xo, Caracter duro, Caracter fraco, Caracter seguro. Não faltou já quem dissesse, que o Padre do Desapprovador não tinha Caracter, que se tivesse Caracter, todos o abraçarião. Eu prescindo dos abraços, paciencia, mas eu quero ter Caracter; digão-me o que he isso para eu o ter, onde se fabrica, faz, ou compagina *Caracter*? Onde o vão buscar esses Senhores que o tem? Vem elle pelo seu pé, ou adquire-se com trabalho, fadiga, applicação, ou estudo? *Caracter* será alguma disposição de animo segura, permanente, e constante? Isso tenho eu. Então isso chama-se *Caracter*? Pois não digão que o não tenho. Ha cousa mais segura, e permanente no meu coração que o justo desprezo que os homens merecem, ou a maior parte dos homens, como elles voluntariamente se pozerão da Revolução para cá? Chama-se *Caracter* não soffrer papelões, detestar mentirosos, abominar innovadores, e carnecer Filosofantes, desprezar vadios, isto he, Poetas Outeiristas, e Botiquinistas, Filintistas, e Bocagianistas? Rir-me, e de véras, da Seita Camonianna levantada por moda até em França, metter nos quintos infernos tanto livro não só inepto, mas impio, e revolucionario, tantas Theorias Republicanas, tantas Brochuras sediciosas, tantos Jornaes incendiarios, tantas linhas, daqui, e linhas dalli? Tantos alvitres dos Economistas, tantos tarathões politicos, tantos importunadores do Governo, e dos Magistrados, tantos territoriaes Ministrinhos, que precisavão mandados outra vez para a Escola, tantos Frades que namorão, tantos Clerigos que o não parecem, tantos empanturrados, tantos mentecaptos, tantos ociosos, tantos infatuados, tantos aduladores, e, como a ordenação do Reino falla nelles, tambem aqui podem ir, tantos alcoviteiros? Passa-me esta zanga a mim do coração? Julgo que nem a cova ma tirará, e se depois da cova não ha tinteiro, eu lhe protesto, que ao menos lhe conserve a boa vontade. Passa-me acaso do coração o constante desejo de que o Medico, por ser Medico, não se persuada que he o homem encyclopedico, e universal, e que o sal cathartico, o oxigenado, o flogistico, o azote, o carbonico, o calorico, o tonico, e o frigorico, não o constitue Professor do Commercio, Agricultura, e Artes, Ministro de Estado, ou de Policia, General de Exercito, Vice-Almirante, ou Orador da Camara baixa, e da Camara alta, mais politico que Pitt, e Metternich, mais conquistador que Gengis-Kan, e Thomaz Kolikan, mais erudito que Muratori, mais Jurisconsulto que Strikio, e sobre tudo mais namorado que João Xavier de Matos? Passa-me acaso a vontade que os homens se persuadão de huma vez que o seu primeiro estudo deve ser a Religião, o segundo a Moral, e o terceiro a Legislação? Que appareção Livros bons, que se componha bem, e de huma vez a Historia da Nação pela indagação dos seus documentos, e pelo assisado conhecimento dos seus preciosos Archivos? Que se purifique, ou se fixe de huma

vez a lingua, que se fação estudar os Frades, que ninguem mais do que elles está em estado de o fazer com proveito, com madureza, com methodo, e com tempo, que nós outros os Mundanos, que se nos vai em forrajar, e buscar munições de boca, não temos, nem delle todo podemos dispôr; que se obriguem a darem, e apresentarem em huma Academia os Mappas Statisticos, e a Topografia das respectivas Provincias, onde tem muito bem dotados os seus Veneraveis Mosteiros, pois eu estou persuadido que em hum Regulamento, que levasse hum quarto de papel escrito pela minha mão, ou por outra mão, se lhes podia prescrever o modo de serem uteis, de se fazerem respeitados, e de taparem por huma vez a boca, não aos malignos, mas aos mesmos sensatos, que não sei se ás vezes com razão murmurão. E o *Caracter*? Ah! isso he tudo quanto apparece! Ha cousa mais ridicula no Mundo que hum Dançarino de Theatro? Aquelles pulos, aquelles saltos, aquellas gambadas, e sobre tudo aquellas cortezias que elles fazem para o respeitavel público desta Capital, e que lhas atura, são o ultimo aviltamento da especie humana; pois eu mesmo condemnado a ser martirisado neste Mundo pelos ouvidos, sentado n'hum banco com aquelle ar de estupidez que me he natural á vista do que vai por ahi, ouvi dizer a hum visinho meu, e homem de cãs, e que parecia ter juizo, dando hum demonio daquelles, (era do estimado genero Grotesco) com a testa nos bicos dos pés, testa, pés, e elle, tudo suspenso no ar: — Entrou em Caracter. — Que diz v. m. Senhor? Sim, Senhor, digo: — Entrou em Caracter. — E que dúvida tem? Isto era no intervallo de Actos, peguei no meu chapéo, (e bordão) e dei a Opera por acabada, e mais estava tudo de boca aberta para a Senhora Fiscolini, Busquilini, Macarronini, primeira Buffa caricata, que devia cantar huma Aria. Eu tenho ouvido ainda mais neste valle de lagrimas: porque não só tenho ouvido que ha *Caracter*, porém meio *Caracter*. Meio *Caracter*? Então onde fica o outro meio? Pois isso tambem se parte? Tudo isto ha. Sou curioso, vejo duas esquinas forradas de papeis, e que papeis! Lençoes de tres ramos e meio. Chego a huma, e diz o papel em letras do tamanho da Piramide grande do Cairo, ou do monte Athos feito em Estatua de Alexandre. Representar-se-ha os *Cinco Gemeos*, Comedia de — *Meio Caracter*. Vou a a outra esquina, dizem-me outras letras: — Representar-se-ha *O Diluvio Universal*, Comedia de — *Caracter*. — Ora aqui temos nós *Caracter e meio*, e bem pezado. Póde haver maior abuso de palavras! Ou podiamos chegar a tempo de maior, e mais escandalosa confusão das idéas? Pois Almorreimas?

Almorreimas.

Ha pouco me encontrou hum velho Militar de grande Patente, e depois dos respectivos cumprimentos em que elle he farto até

á importunidade, desenrolou da algibeira huma caixinha de papelão, e dentro, como se fosse huma Esmeralda, tinha envolta em algodão, para se não amassar huma formidavel pedra da bexiga, que depois de muitos tormentos tinha lançado. Eis-aqui está, disse elle, o ataque Hemorroidal, Almorreimal, de que os Medicos me curárão por mais de tres mezes, pois queixando-me eu de intoleraveis dôres nos lombos, e rins me dizião, e assentárão em Junta que erão Almorreimas, e as Almorreimas são estas que vossê está vendo. Oh! Pois isso são Almorreimas? Isto he huma pedra, ou calculo, ou, como quer que lhe chamão. Ah! meu bom amigo, prouvera a Deos que o não fôra! E foi-se.

Com effeito, assim como tudo são Nervos, tudo he Caracter, tambem tudo são Almorreimas, e já a Medicina Chimica não acha outro nome que dar a todas as molestias do Mundo, tudo são Almorreimas. Não parêça acinte tanto insistir com a Medicina; ella inventou a palavra, e universalisou-se. Ninguem se queixa senão de Almorreimas. Traz a mudança da Quadra, ou da Estação dias chuvosos, brumosos, e frios, os calos sentem-se, e os pés coxêão. Que he isso, digo eu ao conhecido que encontro, que talvez que com os calos dos pés, gema com o pezo de outros mais insupportaveis? Isto he o meu ataque de Almorreimas, que me obriga a pôr, não só os pés, porém as mesmas mãos no chão. Encontro outros, cujas molestias conheço, e sei muito bem donde ellas nascão, e procedão. As glandulas jugulares, não só estão enfartadas, mas arrebentadas, os olhos arremedão os da perdiz pela côr, e tem hum estillicidio de cascata côr de gorvo, que he huma consolação, os beiços são de baeta, atirão assim para hum gredelem saudoso, que os não tem mais purpurinos a mesma palida morte, a respiração he fraca, difficultosa, e intercadente, os braços são duas tripas acabadinhas de vazar, o peito encolhido, assim como quem pede dinheiro emprestado, os dois olhos são dois Ermitães fazendo penitencia em duas retiradas, e profundas covas, as pernas tem já adquirido o volume, e o feitio de hum cortiço, vai aquelle Empiema ambulante dando passos com a mesma pressa com que os daria para a Forca, todos sabem a dose da camada, debaixo de cujo pezo elle geme; mas interrogado sobre a sua molestia, chama-lhe suas, e diz que são as suas Almorreimas. Aquelle que oito dias a fio as tomou Reverendissimas com elle, que além do pronome — Porto — tem tambem o nobre, e illustre appellido de — Feitoria; — com a cara upada, e com os cantos da boca duas minas de sarro, com a cabeça ainda pelos ares, porque em fim ella não he recipiente de lambique; responde a quem lhe pergunta pelo feliz estado da sua saude (se elle tantas não fizera, não estaria assim) que soffreo hum violento ataque das suas Almorreimas. Aquella *Santa* Matrona, que aturou quatro,

oito, dezeseis noites a fio o suave exercicio do Ril, e da Walsa, e Contradança, como se os maridos não soubessem que ainda ha Recolhimentos em Lisboa, e perfeitas maquinas de fiação alli para as partes da Junqueira, onde chamão a Cordoaria, queixa-se, e com razão de escadeirada, de moida, com a cabeça mais pelos ares, do que he a sua ordinaria existencia, e morada, queixa-se de insomnio, e innapetencia. Ataque de Almorreimas, diz ella, diz o marido, dizem os amigos do marido, dizem as visinhas da escada, diz o Rabeca das Contradanças, e dizem todos, e todos sabem que a maldita mulher não fez senão pular, mas como não ha senão Almorreimas, são Almorreimas. Só eu não tenho desses achaques? Estou sentado grande parte do dia, e grande parte da noite, e não he sobre sofás Persianos, he sobre huma cadeira de páo, e de veneravel antiguidade, com o peito encostado a huma meza, que não tem estofados, tem madeira dura como hum páo, tenho a cabeça inclinada, e que por certo não está despachando canastras de vinagre, não tenho outro movimento no corpo, senão o do braço que escreve, e não tenho Almorreimas, nunca as tive, nem as terei, nem molestias a que dê este respeitavel nome, e tantos, cuja vida he o delicioso repouso, e indolencia dos Deoses de Epicuro, e tudo são Almorreimas. Até os Caixeiros da Rua Augusta em lugar de dizerem que lhes doe a consciencia, dizem que lhes doem as Almorreimas, e os seus ataques. Nos Frades não fallemos: a sua compleição he a robustez por essencia, mas depois que a regeneração filosofica fez todos os Refeitorios do Mundo mais pequenos, e accommodados, tambem derão em se queixar de Almorreimas; já sabemos que não ha mal que não seja Almorreimas, não ha affecção que não seja nervosa, não ha cousa que não seja caracter, e se isto não tem emenda, nós vamos de mal para peior.

Fim do décimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 16.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

O Se, e o Mas.

ESTes dois monosyllabos, querem dizer tanta cousa, que posso affiançar, que só elles mexem, e remexem toda a Sociedade humana, e são sempre proximas causas dos mais estrondosos effeitos. Formão-se grandes projectos, estabelecem-se grandes *planos*, dão-se portentosos alvitres, e depois de conservarem de boca aberta pios ouvintes, que se admirão das profundas lembranças, e largas vistas, apparece, e ouve-se no meio da Assembléa projectante, e deliberante o fatal monosyllabo — *Mas*... Adeos projectos, *planos*, e alvitres, tudo parou no mesmo instante, tudo ficou paralitico, esperando o que se segue ao fatalissimo — *Mas*... Ora isto não se conhece bem, senão por meio de casos applicados, e até de exemplos conhecidos. Ajunta-se em Montpellier, Lauzana, Edimburgo, e onde quer que se recebem patentes para despovoar o Globo, e maquiar o genero humano, huma sociedade dos filhos de Galeno, e netos de Esculapio; preside o Doutor Muconio, como diz Garção no seu Entremez impresso, e eu o cito para não dizerem que sou baptisador; tem dos lados o Doutor Anodino, o Licenciado Topico, &c., e trata-se de hum Regulamento, ou Policia Medical, que ponha tudo em ordem, e reduza os homens a não comerem cousa nenhuma, ao estado dos Israelitas no dezerto, esperando que o Maná lhes caia das nuvens, se com effeito, neste mesmo não acharem os Medicos algum principio indigestivo; e diz o Presidente: — *Se* nós fizessemos hum Tratado, huma Policia, que prohibisse a louça vidrada, e arrazasse as Fabricas da Panasqueira, desentulhando as ruas da Capital de mulheres velhas, e ramelosas com huns grandes chapéos velhos na cabeça, e burros ainda mais velhos pela mão, tremendo do encontro de seges voado-

ras, e de cangalhas empachantes, apregoando a maldita louça vidrada; que exterminasse o pão quente com manteiga, verdadeiro refrigerante, e sustentante da vida de tantos Pedreiros (não são *Livres*, são apenados) que lhe chamão empadas, refocilação de tantos Catraeiros, Almocreves, Chanfaneiros; que matasse segunda vez as rezes para o Açougue, depois de estarem mortas, e bem mortas da primeira vez; que proscrevesse as Batatas vermelhas, ainda que o lombo de vaca remettido para o forno, não possa estar nem hum instante sem ellas na frigideira; que abolisse de huma vez para sempre as castanhas assadas, cujo fumo pestilencial faz tombar tanta gente pelas ruas de Lisboa, (e eu lho creio quando se assão as portas das Tavernas, porque tanta carga se mette com aquelle lastro, que a embarcação se tomba); que alimpasse a Praça, Ribeira nova, e Largo de S. Paulo de salsa, e aipo, plantas equivocas com a cicuta; que ralhasse escandalosamente do Cilibato, como opposto á população, e por consequencia a maior número de doentes; que chamasse estupidas as Corporações, e que determinasse huma revista das partes sexuaes, para com licença do Areopago Medical se contrahirem os Matrimonios... lançavamos por certo hum fundamento immortal á nossa fama, á nossa supremacia, preponderancia, e authoridade... *Mas*... diz hum. *Mas* o que? lhe torna o Presidente. *Mas* o Padre do Desapprovador saltava em nós sem piedade nenhuma, punha tudo ao olho do Sol, e expunha-nos á risota pública, que he o peior de todos os males que podem sobrevir a pessoas da nossa abotoadura, e qualidade. — *Se* (diz outro) nós comprassemos o Padre do Desapprovador, dando-lhe huma das nossas Quintas, huma das nossas Traquitanas, e por huma finta geral em toda a extensão infinita da faculdade na Europa, (porque elle nada tem com os Facultativos da China, que ajustão as curas, e se as não fazem, não põe a mão por cima a hum unico real,) o provessemos de huma burra bem chapeada, e bem pejada... *Mas* aquelle demonio não se compra; ainda que estale á fome, andará mourejando o sustento; á manjedoura alheia não se prende aquella joia, inimigo irreconciliavel de tudo o que não for a verdade, e a justiça.

Aqui temos o *Se* dos projectos, e o *Mas* das dúvidas, deitando tudo a terra em hum só instante. Tratemos de outros objectos mais sérios. *Se* fosse possivel que todos os homens houvessem recebido o mesmo gráo de intelligencia das máos da natureza, as mesmas luzes da educação Civil, e Religiosa, então não haveria disputas, e querellas de Politica, e de Moral; *Mas* então todos os homens terião os mesmos gostos, e as mesmas inclinações, todos desejarião o mesmo lugar, e quererião as mesmas honras, e as mesmas distincções. *Se* todos os homens fossem dotados das mesmas forças fysicas, dos mesmos talentos, e das mesmissimas qualidades, serião igualmente bons, e

igualmente máos; igualmente pobres, ou igualmente ricos, igualmente instruidos, ou igualmente ignorantes, e desta arte veriamos na terra a igualdade mais perfeita. *Mas* devem acaso os homens desejar esta perfeita igualdade? Tendo todos os mesmos titulos, os mesmos direitos ao Imperio, quem quereria obedecer? Quem quereria cavar, e lavrar a terra, moer o trigo, e acarreta-lo do moinho para nossas casas, ou para as dos innocentes, e escrupulosos Padeiros? Quem quereria ser Cozinheiro, Medico, Alfaiate, Çapateiro, &c.? Toda a sociedade humana se dividiria em Hordas selvagens, armadas humas contra as outras para disputarem os frutos espontaneos das arvores, e as raizes da terra. Todos os homens serião rivaes, todos serião inimigos. Todos morreriáo pelo seu mesmo excesso de força, e pela igualdade de talentos, ou perecerião em huma lastimosa igualdade de miseria. Está demonstrado, muitas vezes se tem dito, nunca eu cançarei de o dizer; he preciso que haja huma cabeça, isto he, hum Rei, para evitarmos que haja muitos Tyrannos. He preciso que haja fortes para defenderem os fracos, que haja Guerreiros para defenderem a Patria, que haja Negociantes (honrados) para a enriquecerem; Magistrados para punirem os delictos: he preciso que haja ricos, e opulentos para pagarem aos Artistas, que com seus trabalhos concorrem para a facilidade, e commodo da nossa existencia, he preciso que haja homens sabios para nos instruirem, e doutrinarem.

Se eu nascesse, diz o estouvadinho Coimbrão, se eu nascesse em hum Paiz Republicano, quanto nelle se desenvolveria o meu caracter, e o meu engenho! Por vida minha, que não me deixaria confundir na canalha obscura dos plebeos. O que? Depois de eu ter lido o *Brutus* de meu Patriarca Voltaire, e o Catão de Chenier, eu seria hum Tribuno faccioso como Carrion de Nizás, ou hum Dictador feroz, e altivo como Sylla. *Mas*, meu Coimbraozinho, v. m. nasceo, ainda que em alguma Aldêa da Beira, alta, ou baixa, da Provincia Transmontana, ou Transtagana, no seio de huma Monarquia, bebeo com o leite os principios do Governo Monarquico, não está em Carracas, em Buenos-Ayres, &c., o seu lugarzinho está assignalado, determinado, marcado na ordem das cousas, e na jerarquia das condições. Não tenha medo de o perder pelos caprichos de hum Tyranno. Viva tranquillo sobre a sorte do Estado; que em boas máos está o pandeiro. Os cuidados da sua conservação, e até os da sua exaltação no lugar da Forca, se a merecer, estão confiados ás Leis, e a hum Soberano a quem a authoridade da Religião, e o exemplo de seus Avós ensinão a reverenciar como a Imagem de Deos. Não se intromette, ainda que esteja no 5. de Leis, e no 6. de Medicina, nos Direitos Politicos, nem na responsabilidade dos Ministros, deixe-se de questões de Economia Politica, não se embarace com o *Deficit*, que não he da sua conta, e menos do seu lugar. Se he Fra-

de, tome o meu conselho, que he de amigo; Breviario para diante, Breviario para traz, o Cuniliati não he máo Compendio de Moral; se não entende o methodico Bezombes, contente-se com este que lhe digo, decore-o bem, pança cheia, Côro frequente, rigorosa dieta de cella, tenha medo do ar empestado do Mundo; Capitulo com pouca bulha; olhe que o trato com Seculares he profano, e perigoso, deixe-se lá estar: que lhe importa a V. Reverendissima a liberdade da Prensa, o Tratado de Limites da Polonia, ou o Congresso de Vienna? Ninguem o chama lá. Que embirração he essa com as Colonias? Tem medo que lhe falte o assucar para o chá? Tão máo vinho produzem as Quintas da Ordem? Não ha de morrer se não tomar café. E se he Clerigo, que mais quer? No seio de huma Monarquia, olhe que se não reduzem as suas propriedades a bens Nacionaes, a Jerarquia he indispensavel, a Religião quer Ministros; mas que sejão dignos: se não póde ser Bossuet, ou Jacinto Freire de Andrade, seja Fr. Domingos do Rozario; huma nova Arte de Cantochão tambem enriquece a Patria, consola os ouvidos, e serve para os vivos, e mais para os mortos. — E v. m., Senhor Padre do Desapprovador, faça o que faz, viva tranquillo no presente, trabalhe pela Posteridade, não responda a parvoices de Patos, entregue-se ás delicias do Commercio das Letras, e da amizade, já que tão sinceramente se felicita de ter nascido, e de viver em hum Governo Monarquico, do qual nascem, e se derivão todas as vantagens para a sociedade.

As Contradicções.

Tudo vai bem: diz hum rapaz estouvado sem experiencia, cujo coração está aberto a todas as impressões, que em si trazem o sentimento do prazer, porque sua alma ainda não está alterada pelas traições, pelas injustiças, e pelos revezes ordinarios da Fortuna. *Tudo vai mal*, diz hum velho azedado com o sentimento dos proprios males, e pela experiencia das desordens de toda a casta que reinão no Mundo fysico, e no Mundo moral principalmente. O moço, e o velho estão enganados, ambos peccão, hum por excesso de confiança, outro de misantropia. Inveja-se a sorte do primeiro, chora-se a condição do segundo, e desta contradicção tem culpa a idade, e he preciso não acreditarmos nem o moço, nem o velho. O Mundo está cheio de contradicções; mas eu não gosto de generalidades que parecem declamações, he preciso descer a casos particulares, e a retratos, cujos originaes se possão mui bem conhecer na sociedade.

A primeira cousa que nos toca apenas lançamos a vista para o quadro do Mundo, he a desigualdade das condições. O que vai, o que vai, digo eu ás vezes quando de perto contemplo as cousas! Tudo isto he hum sarapatel, huma mixordia de injustiças! Huns rindo, que devião chorar, outros cho-

rando, que devião rir! Todo este Filosofico escandalo se dissipa apenas sériamente contemplo a desigualdade de forças fysicas, e a desproporção de faculdades intellectuaes que a cada hum dos individuos humanos deo a Natureza. Com esta simples reflexão fico Filosofo tranquillo. *Nihil admirari.* Nada me admira. Que estes se agitem, se movão, se revolvão nos turbilhões da ambição, que aquelles se entreguem ás saborosas delicias de huma absoluta ociosidade, que huns tomem por officio a séria, e contínua occupação de andarem sempre com huma exacta distribuição dos dias da semana, por bailes estrepitosos, que dá o Senhor tal, e a Senhora qual, por partidas apparatosas, verdadeiros domicilios do insomnio, e da perfeitissima zanga, onde nunca se entende o que se diz, porque não se dizem senão palavras sem sentido, sem ordem, e sem fim, porque ninguem se cala, e ninguem se percebe; que outros gostem só das doçuras da amizade com homens sensatos, e absoluta exclusão das malditas mulheres, que nunca estão caladas, porque as moças são quasi todas tôlas, e as velhas sem excepção todas insupportaveis. Que outros se dem só aos exercicios saluriferos do corpo, e aquel'outros aos pacificos trabalhos do engenho, e do estudo: que hum Clerigo mandrião nunca esteja farto, nem contente com hum Beneficio que lhe chega para elle, e lhe sobeja.... &c. &c. Que este, ou aquelle Frade mais mandrião que o Clerigo, em quanto aos exercicios de goela para fóra, de goela para dentro não; mais agitado que Pitt com os negocios capitulares, tirando até o somno aos Ministros dos Tribunaes que se não entendem, nem dão a conselho com elles, porque hum Capitulo, e suas annexas, e dependencias he verdadeiramente aquillo de que David pedia a Deos que o livrasse: — *A negotio præambulante in tenebris* — do negocio que vai caminhando nas trevas.... Nada disto me admira, porque tudo isto são effeitos das inclinações dos homens, e cada hum he levado da sua vontade; nada disto eu desapprovo, e se o desapprovasse, não seria o Padre do Desapprovador, porque a experiencia, e a razão me dizem, que tudo isto contribue até para o progresso das luzes, para as lições de Moral, para as delicias, e entretimentos dos homens, e até para a harmonia da sociedade, que se compõe destes altos, e baixos. Tudo isto he da repartição do gosto, cuja mobilidade não póde ser considerada, nem como huma dissonancia na ordem social, nem como huma contradicção nas vistas da Providencia, que de tanta discordancia faz nascer huma completa harmonia.

O que eu desapprovo he vêr que os mesmos individuos que aliás não estão sujeitos a accessos de loucura, mudem de opiniões, e de inclinações todos os oito dias, e todas as oito horas. Esta semana defendem os *grandes* principios dos *liberaes* que combatêrão a semana d'além. Hoje queimão aquella mesma estatua que hontem incensárão. Declarão impias, escandalosas,

incendiarias, e sediciosas aquellas mesmas obras, que antes d'hontem lêrão com prazer, e com enthusiasmo, e que conservão com encadernações de luxo no meio de suas vastas, e quasi sempre intactas Bibliothecas; que finalmente detestão hoje, e abominão o governo do homem, a quem chamavão por excellencia o grande homem em quanto governou. Eis-aqui o que eu desapprovo, (*et populus mecum*); eis-aqui a que eu chamo dissonancias na ordem social, contradicções do entendimento, ou da pervertida vontade dos homens; amargos frutos do espirito de partido, exemplos desgraçadamente muito communs, frequentes, e ordinarios de huma inconstancia, ou versatilidade perigosa, immoral, e anti-monarquica... Mas isto he materia muito grave para o Desapprovador, tem hum fôro particular alli onde chamão o Caes do tôjo, resolvida primeiro em Relação. O Desapprovador — *ridet, e odit.* Pelo Desapprovador estão clamando outras contradicções menos sérias. Nós vemos o melhor, e o approvamos, e seguimos o peior. Esta sentença de Marcial he applicavel a quasi todos os individuos da especie humana. Sabemos dar aos outros grandes, e bons conselhos, mas abraçamos, e seguimos os peiores. Cousas tenho eu visto! *Madama* tal, já de veneravel, e tremenda antiguidade, victima voluntaria de hum chinó, (porque os pertinazes cabellos brancos, assim como estes das fontes da minha cabeça, não deixão mentir ninguem que os tenha, e não me venhão cá com molestias, nem grandes applicações), não fez em toda a gloriosa, vagarosa, e dilatadissima carreira da sua vida mais que parvoices, namorou até aos sessenta e cinco, e ainda agora se póde metter os seus dois ouros, não fica atrás; jogou os brincos das orelhas, para se dizer que se empenhou até as orelhas; mas se falla, ou escreve, he Lucio Aneo Seneca em maximas, e conselhos, ninguem melhor do que ella entende dos negocios da vida, ninguem declama melhor contra o luxo, a ociosidade, a pompa, os prazeres tumultuosos. Que contradicção he a desta carunchosa cascata! Fulano de tal, discorre como Marco Tullio, e até arredonda periodos contra a immoderada paixão do jogo, e mais do vinho; porém todas as noites vai perder o tempo, o juizo, e o dinheiro nas Casas do jogo, e nas Tavernas de vidro, pez, e mixorofadas de vinhos estrangeiros feitos no armazem do Xaguão da mesma Taverna. Eu que não tenho os Medicos ao pé do meu corpo, ao menos sempre os trago dentro d'alma. Que pasmosos Entes! Ponho-me com ar de parvo (talvez me seja natural) a olhar para elles, e a ouvir discorrer (são nossos Mestres, sabem tudo!) Qual he delles o que mais ralha, e mais se enfurece contra os systemas da Medicina, que como inimigos irreconciliaveis se matão, e se degolão todos os dias reciprocamente? He hum Medico systematico. Hum destes homens que o povo chama Letrados, que tem em casa muitos destes papeis chamados Feitos, ouvi eu huma

vez dizer que era preciso reduzir a Logica, ou Dialectica a termos mais cerrados, a formulas mais concisas, e abbreviadas; pois elle fazia arrazoados tão diffusos, tediosos, e medonhos, que nenhum Ministro os pôde levar não digo eu ao fim, mas nem ao meio, não erão argumentos da razão, erão diluvios de palavras. Tenho encontrado homens que me parecião Prégadores, e Propagandistas da paz, da concordia entre os Principes Christãos, e entre todos os homens, pois todos são irmãos; estes mesmos erão os maiores arengueiros, demandistas, e embrulhadores, que vio o genero humano, não podendo conservar hum amigo com o furor de disputar sempre com toda a posteridade de Adão. Muito tenho eu visto, e creio tambem que os mais, porque não são cégos! Tenho visto homens que prégavão a mais alta, e absoluta incredulidade em materia de Medicina, e de Religião. Que discursos! Que eloquentes declamações! Tudo hia razo! Estes mesmos formidaveis Campiões apenas se imaginavão atacados da mais ligeira indisposição, como isto a que chamão constipações, a primeira cousa de que tratavão era de hum Medico, e de hum Padre. Ainda vi mais, porque vi gente, que me põe em manifesto frenezim, porque era a mesma hypocrisia em carne, e osso. Homens que ouvidos fallar erão a imagem da modestia, do desinteresse; em seu rosto se via, e se admirava huma lição edificante do desprezo das grandezas do Mundo, e honras da terra; pois estes mesmos demonios não deixavão passar hum dia em que não importunassem o Governo, os Ministros, os homens empregados em grandes Tribunaes com memoriaes, e súpplicas para solicitarem, e alcançarem aquillo mesmo que mais affectavão desprezar. Outros vi, que não fazião mais que chorar, e lastimar-se amargamente da continuação, e uniformidade das discussões politicas, e que não podião soffrer huma Gazeta no tempo do diluvio dellas, antes que a Providencia mandasse suspender este flagello moedor, não dar duas palavras ao entabolar de huma conversação, que não depozessem elles mesmos, discutissem, e resolvessem questões politicas. Vi hum que não se calava contra o Telegrafo, mas que tambem não se calava com o Margraviado d'Anspack! Tinha embirrado com este artigo de politica, e o Anspack vinha em todas as conversações.

Os homens, diz hum Filosofo, pensão segundo a sua razão, e obrão segundo os seus interesses: isto he verdade, daqui vem a differença que se acha entre estas duas grandes molas que põe em movimento a maquina humana. Daqui nascem aquelles disparates dos caprichos, aquellas variações de gostos, aquella versatilidade continua das opiniões, aquellas contradicções pasmosas na conducta (ordem de vida) de muitos individuos, que com effeito desafião, e merecem o riso, e o odio do homem sensato. E então havemo-nos affligir por amor disto? Nada. Assim he o homem, huma mistura de bem, e de mal,

Se houvesse prudencia, dizia Juvenal, nenhum Numen estaria distante do homem, mas esta virtude he tão rara, que não nos deixa outro remedio para os desemperos humanos mais do que o rizo, e o odio. Que quereria dizer Horacio, quando canton que nós voamos, e vamos buscar os ares, porque somos loucos? *Cœlum ipsum petimus stultitia*? Só elle he seu proprio Commentador, quando diz, que o homem anda pelos ares — *pennis non homini datis*, com azas que não forão concedidas senão aos passaros, e não aos homens. Ora não bastava a Chimica? Pois isto era pouco? Estar o homem sempre mettido no fogo a decompor, a decompor, a decompor, para achar huma cousa chamada Hidrogenio, e Oxigenio? Tambem era preciso andar pelos ares? Em busca de que? Ainda se não sabe. Talvez que eu o saiba, em busca de quebrar as pernas, de despejar bolças, de fazer empinar gasnates, e abrir bocas. Exponha-se a vida por cousas boas, por cousas uteis, como se varra o Oceano, que já não he pequeno arrojo, e com o qual a audacia dos mortaes se devia contentar, porque em fim vai buscar por esse Mundo que comer, e que vestir, visto não quererem os homens contentar-se com o que produz o paiz em que a Providencia os fez nascer; mas andar pelos ares? Não basta que andem pelos ares tantas cabeças, tantas cabeças, tantas cabeças?...

Fim do décimo sexto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 17.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

As apparencias.

NAõ foi dado á posteridade de Adão passar com o conhecimento além da superficie das cousas, porque até neste Mundo fysico quasi tudo se ignora, nascemos para vêr, e para gozar, e quiz huma muito sabia Providencia dar ao homem só o cabal conhecimento daquellas cousas que lhe são indispensavelmente necessarias para o uso da vida. E se isto he no Mundo fysico, apezar do desmedido orgulho dos que se chamão sabios, que fará o homem no conhecimento interior, e intrinseco do Mundo moral que se chama homem? Aqui não tem senão as superficies, ou as apparencias, vê o que se mostra, ajuiza pelo que descobre. Mas quem se ha de fiar em apparencias? Pois eu creio cá que aquillo que eu vejo, he o que se quer que eu creia? Só quem não tem uso do Mundo, e não conhece os homens senão nas theorias dos livros, he que póde acreditar os homens, e fiar-se nas apparencias. Eu vou por essas ruas de Lisboa (e aos mais que sahem de casa tambem succede o mesmo), encontra-me hum homem, e com o ar mais affavel, e gracioso, me diz: — Muito bons dias, como esta, como tem passado? Ao escutar a urbanidade deste cumprimento, ao vêr esta apparencia, quem não acreditará neste lance o encontro de dois cordiaes amigos? Mas eu olho para o homem, e em lugar de lhe dizer: — Bom para servir a v. m., — como nada me desconcerta, ou admira, só lhe digo: — Como se chama v. m.? Parece isto hum destempero, e não he, antes desapprova com razão, e com justiça aquellas ligações, e relações efémeras que passão, e se desvanecem, que não são amizades, são apparencias que nada querem dizer, nem ao menos se fundão sobre interesses reciprocos. Estas ligações tão fugitivas como as circunstancias de que nascem, são mui frequentes aqui

em Lisboa, e nas grandes Cidades, povoadas de cafés, de Hospedarias, e de Theatros, onde o acaso faz juntar mil individuos vagos, ou diversas caricaturas, e não póde haver para mim maior, e mais vivo divertimento que observar de perto, o que se passa, o que se faz, o que se promette entre estes pataratas que nunca se virão, nem se conhecêrão. O desejo universal em todos he enganar huns aos outros, e todos o ficão, porque se deixão levar das apparencias. Tem todos caras alegres, palavras brandas, protestações fortes, maneiras officiosas, mas tudo he huma impostura, tudo he huma apparencia, tudo he huma superficie, que só póde enganar quem não conhece o Mundo, ou quem se persuade que o Mundo se compõe unicamente de homens de bem, e de mulheres honradas. *Fronti nulla fides*, dizia, e dizia bem o Satyrico Persio entre os Romanos; e que diria elle agora no seculo 19. ? De ordinario, nenhum homem busca outro senão por sua conveniencia, e fiquem todos certos, que se os homens necessitarem delles, elles os buscarão. Outra cousa que me faz rir, e aborrecer de véras são estas promessas de protecção, e feitas com a mais expressiva, e decidida cordialidade. Que apparencias ! Tenho visto, e com muito dó, este, e aquelle mancebo de talentos, e de estudos contar com a protecção deste, ou daquelle grande, e empregado. Escalda-se a imaginação do miseravel, porque pelo pouco conhecimento que tem do Mundo não sabe o que são apparencias; sua, e trabalha como hum forçado das Galés, no fim de dois annos de assidua, e constante applicação tem concluido a composição da sua Novella, da sua Memoria, ou da sua Traducção ? Compõe a sua Epistola Dedicatoria ao seu Protector, e ei-lo aqui nas circunstancias da saloia dos ovos formando mil projectos de estabelicimento, e fortuna, e gozando de ante mão de todos os favores, de todas as vantagens da gloria, da honra, e do proveito. Já se crê Secretario de huma Inviatura, Commissario dos fornecimentos de palha no grosso do Exercito, Bibliothecario daquem, e d'além, já se considera citado pelos outros homens authores, louvado, e engrandecido em todos os Jornaes, e Annaes litterarios... Coitado ! Fiou-se nas apparencias ! Seu Protector, nem lêo a Epistola Dedicatoria, a Novella ficou em casa do Livreiro, ou passou rapidamente da Prensa para os Confeiteiros. Quem se fiará em apparencias ? Quem não terá sido por ellas enganado ? Todos, huns pelas mulheres, outros pelos amigos, outros por seus mesmos calculos, outros por vãs esperanças, e outros por mais vãs promessas.

Quantas vezes terá acontecido o que vou a dizer! Hum homem de prestimo, e de merito, he recommendado a hum homem poderoso, que tem todas as superficies, todas as apparencias de bondade, assim como o exercicio de hum grande poder. Recebe o recommendado com todo o exterior de hum ver-

dadeiro interesse , e amizade , informa-se de sua situação , de seus estudos , de seus talentos , fica muito satisfeito das respostas que lhe dá , promette-lhe fortuna , e avançamento , nomea-o seu Secretario particular , serve-se de sua penna para as suas memorias , e muitas vezes para as suas consultas. Tudo vai huma maravilha , o homem protegido , he considerado , e respeitado pelos seus semelhantes , e camaradas , augmenta em credito , e estima , não ha noite em que não sonhe que está feito este , aquelle , e aquel'outro , já lhe parece que he Consul na Pensilvania : mas hum dia muito de madrugada , e muito descançado na sua cama acorda cercado de Farizeos , e Escariotes , com o ordinario cumprimento de — somos mandados , — e dão com o homem quasi a ir para a Pensilvania , lá não sei aonde , que nunca mais apparece , para lhe premiarem talvez que huma ligeira indiscrição , e he bem pregada esta surra , já que elle teve a simplicidade de se fiar em apparencias. Parece-me que ha hum remedio muito efficaz para não ser victima dos enganos das apparencias , que he ser franco , e sincero , dizendo sempre a verdade. Aqui darão alguns hum surriso. Como póde ser isso ? Como ? Huma maravilha. A franqueza , e a verdade , são predicados tão raros no dia de hoje , que ninguem lhes dá credito : de maneira que dizendo eu sempre o que penso , todos julgão que minto , e nenhum mal me fazem. Annunciando o que intento fazer todos pensão que farei o contrario , e ninguem se me atravessa no caminho. Esta he a regra , e o que parece huma perversidade , não he mais que huma prudencia no estado de corrupção em que o Mundo existe.

Homens de duas caras.

Isto he huma fazenda muito vulgar , muito ordinaria , muito conhecida , e muito experimentada , e com effeito he aquella que mais merece riso , e odio. Em França se compoz hum Diccionario , intitulado das Grimpas — isto he Biografia dos que virárão a casaca muitas vezes. Nós podiamos dar para lá grandes artigos nesta materia , porém eu gosto pouco de me metter em materias politicas , e muito mais quando estas poderião fazer nascer em nós dolorosas recordações. Viva Bonaparte , e viva Luiz , não se escutou só em França , tem mais extenso theatro esta acclamação : poucos homens são capazes de desprezar a vida , quando esta só se póde conservar á custa da honra , mas quasi sempre , diz Juvenal , as causas de viver se perdem por amor da vida. He o miseravel mortal escravo do interesse actual ; não ha historia mais galante do que aquella que se conta de hum Jesuita no tempo de humas grandes facções , e partidos ; trazia sempre n'algibeira da Roupeta dois discursos , hum pró , outra contra o Ministro em exercicio , e valimento. Se se conservava , hia o Discurso pró , se hia á terra , hia o discurso contra. Na verdade , vendo eu , e revolvendo a

historia do tempo presente, grande escola, e grandes discipulos deixou este Jesuita cá dentro dos limites do nosso Reino! Quem se lembrar da época da morte do Sr. Rei D. José como eu me lembro, sendo ainda muito pequeno, notei em huma tempestade de bons, e máos versos innumeraveis homens de duas caras. Aquelle Ministro que foi levantado até ás estrellas por hum homem, foi por este mesmo homem mettido nos quintos infernos apenas deixou de ser Ministro. Sem subirmos a época tão remota, basta, e sobeja o quadro que tivemos ante os olhos desde 1807 para cá. Se as calamidades públicas não arrancassem ainda tantas lagrimas ao homem de bem, que motivos de riso teriamos sempre! Pois ha caricatura mais importante que vermos passar huma carinha Portugueza para o feitio, e feições de huma carinha Franceza, e depois de nove mezes de completa prenhez de parvoices, vermos esta carinha Franceza passar para o seu antigo estado de carinha Portugueza, ralhando da contribuição aquelle mesmo que fôra o mais zeloso, e rigido exactor da contribuição! Voltemos a vista deste quadro ignominioso, para outros mais risonhos, e não se rasgue huma ferida que tão tristes desenganos tem cicatrizado em muitos, e basta para castigo de alguns a vergonha de serem enganados pelas esperanças, e promessas de tão insignes ladrões. Onde eu tenho visto, e observado a Comedia das duas caras, e creio que os outros curiosos terão visto o mesmo, he n'hum Capitulo de Frades (Frade não he nome injurioso na sua etimologia, Frade vem do Latim *Frater* que quer dizer, irmão.) O Poeta Ariosto, sendo-lhe precisa a Discordia no seu Poema, para ir pôr em desordem o exercito de Agramante que sitiava Paris, cançou-se debalde por toda a Terra em busca da tal Discordia: ora o Poeta era Italiano, e como sabia mais do seu Paiz, mais o andou, e revolveo para achar a Discordia: e quem diria que a fosse achar em Assis Cidade de Italia onde se celebrava o Capitulo Geral dos Franciscanos! Foi á porta da Casa do Capitulo, ouvio huma algazarra Mourisca, deitou a cabeça, e vio a Discordia, porque vio, diz elle, (e ahi está impresso em nitidissimas edições:)

Volar per i capi ai Fratri i Breviari.
No grão tumulto dos partidos varios,
Voavão pela tóla os Breviarios.

Não me admiro que a Discordia buscasse aquelle *local* com preferencia, porque na verdade não ha partidos mais violentos, facções mais ardentes, combates mais sanguinosos; não admira, porque são homens; e se estes temporaes se observão até na Casa do Despacho da mais miseravel Confraria, onde não ha mais do que huma bacia de estanho velho para pedir esmola, que fará em Capitulos, e Capitulos onde ha não só em que empolgar a unha, mas em que metter o braço até

ao cotovelo? A ambição de ter, e de ser he huma paixão que se emprega com igual força no muito, e no pouco. Fique isto para outros Moralistas mais austeros, fique para Madama Stael, e para outras Madamas que fazendo apenas huma Quadra em dia de annos para gastos de casa, se mettem em Theorias de sentimentos moraes. O que eu alli admiro, e com que me rio, he a mudança de caras no partido que fica de cima, e no partido que fica debaixo. Ha hum Padre a quem os outros chamão nosso Padre (lá delles); este he a alma dos Capitulos, tem os votos na sua mão, tem formado hum partido que finalmente enterrou outro, e outros que até alli dominavão, o Mundo claustral ficou nas mãos deste Cezar, ou deste Octavio na batalha de Farsalia, ou de Accio. Vêr as caras dos outros Frades na Cella deste! Eu não estaria mais gostoso no Theatro de Athenas a vêr as Comedias de Aristófanes! Que risos affaveis, que submissões vilissimas, que applausos excessivos ao nosso Padre! Ha lombo que se lhe não mande? Morcella que se lhe não offereça, incenso que se lhe não queime, e rôlo de pano de linho de festo que se lhe não envie? E muitas vezes, (isto he o que faz mais cocegas) ha cartuxo das *invisiveis* que debaixo de mão se lhe não impinja? Vespaziano Augusto não se sentou mais glorioso no Throno do Mundo, nem Trajano ouvio mais empanturrado o Panegyrico de Plinio, do que está o nosso Padre na grande Poltrona á meza do chá; (creia-me o nosso Padre que eu não lhe invejo a soberania, mas as caixas das Ameixas de Guimarães, dos Pecegos de Cellas, e dos confeitos do Porto que fórmão a guarnição daquella Praça.) De hum lado, e de outro esperando os destinos das chavenas, estão as Cohortes Pretorianas, quero dizer, aquelles Padres que não são conscriptos; (mas se Bonaparte os visse, podião entrar pela robustez na lei da conscripção), os Padres que tem voto, e os que são creaturas do mesmo Potentado. Levanta-se o nosso Padre a dar hum passeio digestivo? Tristão da Cunha não levou com mais respeito, como diz Damião de Goes com esta palavra, a fralda ao Papa Leão X., do que he sustentada a cauda da fluctuante mortalha por algum dos dependentes, e aspirantes no proximo Maio, com effeito mez de trovoadas; tudo vai bem. Mas o *Chefe* do partido que anda debaixo, minando surdamente os alicerces daquelle throno de papelão, com súpplicas, com promessas, com peitas, e ás vezes com peitos, prepára, ganha, ou compra hum excedente de votos; chega o dia fatal, e chega a noite mais terrivel, e espantosa que a que precedeo com hum horroroso eclipse a batalha em que ElRei Perseo ficou vencido por Paulo Emilio; tres vezes, (e bastava huma) o sino funesto dá o sinal. Deo sinal a trombeta Castelhana, ouvio-a o monte Artabro, e o Guadiana, entra tudo no Campo de Borodino, Casa do Capitulo; a grossa Artilharia joga, corre-se o Escrutinio, appa-

rece o que se não esperava ..... *Res humanas qui miscuit olim*, diz Juvenal, aquelle Anibal que baralhou os destinos das Nações, vai ser Mestre de Meninos para Bethinia, sentado á porta do Palacio — *Donec Bithino Libeat vigilare Tyrano.* Sem figura; o nosso Padre já não he nada, porque o do partido até alli supplantado, o supplantou .... E o chá? Acabou-se. E os Frades que hião á Cella do nosso Padre? Morrêrão todos, ou morreo o nosso Padre, ninguem o conhece, e tambem elle já não conhece os outros porque tem outras caras, não são já as mesmas que elles tinhão. A Cella do nosso Padre he hum Adro! Que tristeza! Que solidão! O peior de tudo he irem escaceando as taes caixas acima mencionadas, isto he o que me havia de custar mais se eu me visse naquelles assados. Que he isto? São os homens, e homens de duas caras, cousa tão vulgar que não espanta. Os Hypocritas que por certo se reconhecêrão neste retrato, que por certo he geral, e não particularisa, dirão que o Padre do Desapprovador he hum homem máo, de hum genio maligno; digão isto, digão tudo mais que quizerem; que eu ficarei muito contente se o homem de juizo, o verdadeiro Religioso, o Ecclesiastico douto, o Magistrado inteiro, e o Militar instruido, e franco, disserem — He hum bom Pintor, e hum judicioso Desapprovador. — A materia interessa, passemos adiante. Diz Tacito, que he preciso que nos lancemos todos em qualquer partido que tomarmos. Este Tacito era profundo em Politica, e esta sua maxima, ou este seu principio he desgraçadamente seguido em tudo, e o homem toma a cara daquelle partido em que se lança: isto he de todos os tempos, e de todas as idades; porque he tal a fragilidade humana, que o primeiro movel que leva, que arrebata, e que determina o homem, he o interesse do momento. Quando se deixou poder mais a razão, que a conveniencia? Esta versatilidade de caras, ou esta duplicidade de aspectos (porque huma folha de papel não he para grandes, e ponderaveis objectos de Moral, e Politica) ainda se observa mais n'humas cousas que ha, que andão, e que se movem, chamadas Poetas. São verdadeiramente os homens de duas caras; em a fome lhes levando a barriga á escala descoberta, abração o genero Panegyrista. Vive a sua veia, e tira a sua força das imperiosas circunstancias, são estas as que determinão a obrar esta qualidade de importunos vermes. Tivemos cá hum Poeta, e muito bom, chamado Miguel da Silveira, que compoz o — Macabeo —; como todos os Poetas peccão no artigo namoração, este era tambem hum dos da Ala dos namorados, fazia versos a Filena; mas esta Filena era ingrata como ellas costumão ser: não importa, dizia o Poeta, estes mesmos versos que eu fiz a Filena, serviráõ para Laura, ou para Marcia, mudo-lhe o nome, sertas em grelhas, os versos ficão, os objectos mudão, e se tive huma cara para Maria Benta, terei

outra para Gertrudes do Amparo. O mesmo Poeta, (isto-lhe mais, e nós o vimos quando a Napoleada, se converteo na Brasiliada), o mesmo Poeta apresenta ao Ministro tal, com a correcção de algumas variantes, as mesmas Odes, Sonetos, Cantatas, Eglogas, e Elegias, que tinha apresentado ao Ministro tal, que se eclipsára com a mudança do Ministerio; daqui resultão algumas torturas, e apertos nos mesmos versos que não, fazem rir pouco o Padre Desapprovador, e alguns contemplativos imparciaes. Que diria Cezar a hum Poeta que estendendo a mão direita com hum Soneto para lhe pedir esmola, conservasse na mão esquerda huma Ode em louvor de Pompeo? E que responderia Alexandre a hum Poeta da Persia que lhe pedisse huma pensão de hum conto e duzentos, apresentando-lhe hum Poema que elle tinha composto para engrandecer a Dario? Duas caras! Que posto de accesso merecia o Official que depois de ter apresentado hum *plano* para se vedar o desembarque dos Inglezes, apresentasse depois outro *plano* para a expulsão dos Francezes? Duas caras! Que diria huma mulher a quem seu marido apresentasse huma Cançoneta Anacreontica composta em honra, e louvor de huma das suas amigas? Entremos outra vez em materia, nem sempre rir.

Pasmo, e deveras pasmo com a alluvião de escriptos, com especialidade politicos, que tem vindo ás nossas máos Portuguezas, emanados da traficancia Tipografica — Franceza — desde que Luiz XVIII. tomou posse de seu ligitimo Throno, vil, e indignamente usurpado, e profanado! Notem-se bem estes escriptos, conhecer-se-ha o constrangimento em que se pozerão seus authores, homens de duas caras. O Elogio do passado, serve para louvar o presente, e convém igualmente a dois futuros diversos, e differentes entre si. Observão-se estes authores de duas caras lutando, e suando por concordar duas opiniões diversas, pondo a render seus fundos litterarios sobre duas cabeças inimigas, e oppostas. Que vergonha, e que vilipendio! Isto não era novo. Os mais acirrados Republicanos na Convenção Nacional, e Directorio Executivo, forão dahi a poucos annos os Idolatras do Monarquismo na *grande* pessoa de Bonaparte, e estes mesmos que levarão a ferir os astros com a sublime cabeça o despotismo Militar, como unica fórma de governo que convinha á convulsa, rasgada, e dividida França, porque simplificava o exercicio do poder, são os mesmos que louvão, approvão, e apregoão o Governo Constitucional, e não se escuta daquellas eloquentes bocas senão os enfaticos termos de — Rei, — Carta, — Camaras, — Deputados, — Representantes. — Se os Francezes cahissem no monstruoso Feudalismo, que só elles exclusivamente tiverão no Mundo, oh que bello, que paternal Governo! Os povos assim tem sempre a apellação prompta, quando os seus Senhores privativos lhes fazem alguma violencia, e o Rei dividindo o pezo do Governo, tem em

quem descance. Fóra Janos bifrontes ! Canalha vilissima , homens de duas caras ! Seja qual for a opinião que se abrace, eu a desejo encontrar nos outros franca , sincera , e completa , ainda que seja opposta á minha opinião , se a dos outros he fundada na Justiça , na verdade , e no reconhecimento. Dizem alguns que esta mudança de caras , he prudencia . . . Prudencia ! Seria prudencia se a esta mudança de caras , que por certo não he huma fragilidade , não se misturasse hum motivo vil de interesse. Neste caso a prudencia he huma intriga. Que outras miras tem esta vergonhosa versatilidade , se não alcançar favores , pensões , sinaes honorificos de destincção , que póde distribuir o partido victorioso ? A maior velhacaria dos homens de duas caras he quererem já com outra diversa conservarem a benevolencia , e a estima do partido vencido , e suplantado. Nem a minha mesma indignação tem expressões tão fortes , nem o ridiculo conserva settas tão penetrantes , e tão vivas , nem a minha Filosofia tanta força , que possão retratar ao natural semelhante Hypocrisia. *Vox clamantis in deserto.* Isto he , prégar no deserto. Não importa , como os meios são estes , os fins a razão lhos dará , e ha casos em que a Força lhos devia dar. Os que arrotão de Filosofos , e Preceptores do genero humano , hoje são servís , á manhã liberares , e nesta fluctuação se degrada pouco a pouco o ser humano , se estabelece , e dilata mais de dia em dia o Imperio da impostura , se eclipsa a mesma luz da natureza , não estão os Thronos , nem os Governos seguros , nem os Magistrados respeitados , nem as Leis temidas. Vão faltando os homens sobre quem se conte , vão esquecendo aquelles principios de Religião , de Moral , e de Politica com que nossos Avós forão creados. Assim serão os Reinos felizes , e as Dominantes Dinastias permanentes .... — Ora o Padre do Desapprovador , que se deixe de tão levantadas idéas. Pois hum Clerigo , e russo do cabello póde lá entrar nestas cousas ? Ora que se metta com os seus Medicos . . . Sim , Senhor , o Jornal de Coimbra podia ser muito util , e eu o approvo , as contas mandadas dar pelos Medicos são muito bem mandadas , e muito bem entendidas pelo Sabio Governo ; mas aqui para nós ellas são muito mal escriptas . . . Tenho respondido neste Correio a Coimbra sempre Anonyma.

Fim do décimo setimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 18.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

As apparencias.

Esse tempo era bom!!

TOdo o lugar he huma grande escola a hum teimoso contemplador, em toda a parte aproveita, e mais vale huma hora desta contemplação em objectos vivos, que a posse, e a lição de huma vasta Bibliotheca; pouco soube eu dos homens em quanto os estudei nos livros, só quando os homens se estudão nos mesmos homens, se conhecem. Eu não os deixo, sigo-os de perto, e só na Universidade do Mundo se fórma o grande Doutor. Nas companhias, nas partidas, nos cafés, nos Theatros, se colhem documentos, e se adquirem luzes para se saber que cousa seja este enigmatico animalzinho de dois pés, e pensante cabeça, que se chama homem. Sahem de Inglaterra os grandes Lordes, os filhos dos Lordes, que são Lordes pequeninos, embarcão em Dover, desembarcão em Callais para galoparem pela Europa inteira, e vão *ultra Saurómatas*, além da Polonia, e da Lithuania, para estudarem os homens; mettidos, e agazalhados dentro de bons carros de posta, dão comsigo pela Italia, chamado o Paiz Classico, e de caminho com as casas cahidas dos antigos Romanos, contemplão, e estudão alli os homens nas suas respectivas officinas de Macarroni, Letria, Salame, e Rabiolis (não precisão estudar as formas dos bonecos de gesso, porque disso temos nós cá muito); vão progredindo na contemplação do Paiz Classico, até aos Laboratorios do chocolate amargo, sobem ao conhecimento das Artes Liberaes, não ha virtuoso, e virtuosa de Theatro, a quem não façáo sua visita, não lhes escapa nem o Violino Nazarini, nem o Violoncello Caponi, e dizem depois nas impertinentes relações das suas viagens, que he para conhecer os homens, estudar os costumes, e formar-se no bom tom da boa companhia. Outros com a mania de Hellenistas dáo comsigo na Gre-

cia, (mais Paiz Classico); demorão-se pela Attica para conhecer os Gregos, e estes Gregos são como esses que por ahi andão, he escusado lá ir para os conhecer; e para nós os conhecermos já cá estão ha tempo; depois, e como se não bastasse andarem todos Gregos, porque ninguem se entende, esta Lisboa cheia de Gregos, e talvez que com huma abundancia momentanea, nos agourem huma fome permanente, porque a perguiça não quer cultivar as terras, e em quanto tem dinheiro para satisfazer a necessidade de hoje, não se lembra do dia de ámanhã. Isto não he da minha repartição ainda que possa ser do meu zelo, conheço o estado das Provincias, e sei que o maior flagello da Agricultura, he a mandriisse. Vamos aos homens; não he preciso viajar muito para os conhecer, e eu aproveito mais no estudo da moral, e no conhecimento do homem em huma viagem da Ribeira nova ao Caes de Belém, que hum Antiquario aproveita n'huma Collecção de cacos desenterrados nos areaes, e planicies do Cairo, onde a peste, do pé para a mão, lhe faz augmentar o número das Mumias. Trinta réis me custa a viagem n'hum daquelles taboleiros que levão gente para Belém chamados botes da carreira. Vou, e venho rico em conhecimentos moraes, sem visitar o Violino Nazarini, ou o Violoncello Caponi, aproveito no conhecimento dos homens, unico estudo necessario para a vida, porque em fim vivemos com os homens, e he preciso conhecellos. Acertei ha dias com huma barcada, ou carreira importantissima, e, por huma singularidade rara, não hião mulheres no bote, compunha-se a communidade de hum Militar de má cara, e peior farda, porque a cara era de fome, e a farda parece que ella só tinha andado na campanha, porque não havia talho, fendente, estilhaço de bomba, que alli se não conservasse em fracturas, contusões, e cicatrizes; de hum proprietario de predios rusticos, isto he, hum labregão com quatro, ou cinco geiras de terra, ou suas, ou de renda, de hum Thesoureiro de Freguezia, infausta imagem da pálida morte, e parente proximo da sepultura; de hum Medico, e creio que novél na profissão, porque para os adiantados não se fizerão botes, envernisarão-se traquitanas, de hum ex-Jornalista antigo collaborador de Telegrafos, de hum Jurisconsulto, que por não ter em dias de sua vida estudado direito, faz assignar os seus doutissimos despachos por outro, que ainda que formado sabe tanto de direito como elle, apezar do exercicio de fazer petições no Limoeiro para elle, e para os companheiros de infortunio, e irmãos d'armas que alli existem, e de hum veneravel Judeo, do qual se não podia dizer, que era hum verdadeiro Israelita em quem se não achava engano. Estes erão os socios da viagem, que sem ser aerostatica, era aquatica, e senão erão levados em hum Balão, erão conduzidos em huma gamella: ora todos os que fazem viagens, ainda que seja pelos ares, publicão as suas relações. A nós que

estamos na terra, parece-nos aquillo hum pardal, pendurado de huma maçaroca de milho; elles, vêm de lá distinctamente tudo o que vai cá por este vale de lagrimas, tambem eu farei a relação da minha hida aquatica, que não he ascensão aeria, e se não vi telhados por cima, vi homens por dentro, os quaes são inaccessiveis a tiro de Telescopio, ainda que este se assesse em plano regular, e com elle faça grandes caretas de cócoras o mirador, e, pelas operações do Banco, faça o calculo das toezas. Começou pois a minha viagem sem acclamação pública, e as Muzas não se interessárão em que eu fosse, e viesse com bom successo. Já . . . *terræque, urbesque recedunt*, já andava tudo á roda, e ainda o gaz pecuniario, que se extrahe das algibeiras dos viajantes, não tinha dado movimento ao vivo Balão, que podia ser chamado Almirante pelo muito que gritava: — Belém, Belém. Em fim cessou de gritar, cheio o bote, *cœlum undique, et undique pontus*: — só se descobre o mar, e o Ceo por cima. — Ora como as viagens de mar são monótonas, e he preciso enganar a uniformidade como fez a tripulação da charrua S. Rafael em que hia Vasco da Gama, os marinhos, e grumetes, que são muito instruidos, contárão a Historia dos doze de Inglaterra com a aventura do vagaroso Magrisso, (porque todos elles são humas lesmas), que vinha muito para alli, como dimanante (participio) daquella acção; foi preciso entabolar conversação, e apontando eu para Cacilhas, disse: — Acolá está aquella terra onde as barbas algum dia se fazião a déz réis! Esse tempo era bom! Disse o Militar das cicatrizes roupeiras. Isso já lá vai. Para mim já não ha bom tempo, esta paz me veio arruinar, eu fiquei apenas com este galãosinho no braço direito. Sou eu Militar bravo, auxiliei com credito, e proveito meu, esses Officiaes de fazenda que cuidão nos descaminhos dos Direitos Reaes em algumas tomadías importantes, e de huma dellas eu conservo ainda este lencinho em que estava a tomada de Badajoz, que a improba lavadeira desfigurou de tal arte, que mais de metade da Praça, e as esplanadas, e revelins do poente ficárão no rio, e só aqui podemos vêr o Lord, que aqui mesmo mal se devisa, e não o torno a dar mais á barrella. Veio a paz importuna, fui demittido, e fiquei com as insignias de Sargento. A guerra era hum grande tempo. *Esse tempo era bom!* A paz he a ruina de Officiaes bravos.

Eu conservo ainda alguns predios rusticos, porém a guerra me arruinou. Antes que os Francezes cá viessem, pôr estas cousas em ordem, disse o Lavrador: *Esse tempo era bom!* rendião as terras, eu fechava a sete chaves os meus celleiros, vendia pelo que queria; eu, e os Commissarios de trigo nos faziamos a olho, não tinha medo do gorgulho, esse grande amigo dos pobres, que não consente huma espera de trigo de novo a novo: agora não he assim, vem trigo, e vem de

mais. Milho ! Ah ! milho ! Até os Italianos ahi apparecem com milho. Pois os Italianos não trazião para cá hum grão, como he constante. *Esse tempo era bom* ! agora já lá vai, he preciso vender logo, e o primeiro dinheiro he o melhor, a abundancia dos generos não deixa fazer hum *licito* monopolio; eu estou arruinado. O bom tempo já lá vai. *Esse tempo era bom* !

E tambem o foi para mim, disse o Jurisperito, parece que ha hum mal universal que invadio todos os estados; eu, e a minha profissão estamos arruinados; não fallo já em o número prodigioso, excessivo de Jurisconsultos, que se tem augmentado como percevejos em casas velhas, homens ignorantissimos que não sabem a arte importante de eternisar hum processo, que não sabem buscar hum incidente estranho á causa, que a faça aberrar, ou com huma declinatoria, ou com huma presuppostа nullidade em huma das primeiras linhas, que ignorão a arte de interpretar hum Reinicola a favor do réo, e mais do author; fallo na integridade, e nas luzes de muitos dos actuaes Magistrados a quem se não póde fazer o ninho atrás da orelha; illustrados os mofinos com o estudo de hum tal Heineccio, em que elles fallão, que eu não conheço semelhante diabo, n'hum tal Becaria, n'hum tal Filangieri, nomes de zanga, absolutamente desconhecidos no antigo Foro; Magistrados taes que, ou rejeitão, e escarnecem os nossos arrazoados procurando a justiça do Feito no mesmo Feito, e não em os nossos aranzeis, ou dão comnosco no fundo do Limoeiro fervendo em cima de nós as *injustas* condemnações; nada se ganha, ainda que pelas primeiras razões levemos pouco para não espantar os clientes, nada se ganha, o Foro está perdido, já lá vai o bom tempo. E *esse tempo era bom* ! em que hum bom Rabula sabia illudir hum Juiz, mandrião de todos os quatro costados, que se contentava com as nossas luzes, sem se dar o trabalho de examinar o estado da questão, lançava huma sentença tão destampada, que admittia logo seiscentos aggravos, que em quanto tinhão, ou não tinhão provimento, trabalhavamos nós, comiamos nós, e as partes ambas deixavão-se da demanda depois de se verem cardadas de lás, e esfoladas até a medula dos ossos : *esse tempo era bom* ! A Advocacia está perdida, e ainda que se ponha banca para os Feitos, por ella não se póde pôr banca para o jantar, e menos banca para o jogo; minha mulher vai á Missa de capa, e lenço, e eu mudei-me de ruas onde possa passar procissão, porque em fim o chá não entra em minha casa senão receitado, e em quadra de dores de barriga nos pequenos. Em fim o tempo da Advocacia acabou-se, *esse tempo era bom* !

Pois, que direi eu, disse o Ex-Jornalista ! Esse tempo que se chama felz de todo se acabou para mim; a minha profissão deixou de repente de ser lucrativa, pela maior de todas as

fatalidades, a quéda do *grande* homem; trazia o Mundo em acção, nós mentiamos mais do que se póde mentir, punhamos o Mundo em maior confusão, ninguem se entendia, mas todos se faziáo em dinheiro para nos comprar os nossos papeis. De nós estava pendente a sorte da guerra, nós a faziamos andar, e parar; tudo ficava suspenso, e extatico, quando nós de moto proprio, sciencia certa, e poder absoluto, annunciavamos aqui huma insurreição, além hum *Complot*, nós o deixavamos amadurecer, mas no momento da explosão, o faziamos abortar. Nós formavamos as listas *exactas* do número dos mortos, feridos, e prisioneiros nas grandes acções guerrilheiras que tiverão lugar na Peninsula. Muito nos rendeo a Peninsula, a guerra Peninsular foi para nós o verdadeiro Paiz — *El Dorado*. — Quando não havia acções, como tudo está sujeito a hum Jornalista seja no Mundo moral, ou no Mundo fysico, faziamos que a terra tremesse, havia terremotos onde nós queriamos; passavamos deste fenomeno terrivel, a huma *coalisão* espantosa de tres grandes Potencias, e em quanto mandavamos os Diplomatas aqui, e além, annunciavamos hum incendio no arrabalde de Pera em Constantinopla, faziamos acodir o Capitão Baxá, e apagava-se logo. Faziamos romper a peste em Esmirna de huma hora para outra, saltavamos com ella nas Ilhas Jonias, fechavamos o Porto de Trieste, e como faltava ainda hum artigo para fechar o Jornal, tratavamos sem haver motivo algum para isso das Leis dos Vasos neutros. ElRei Christovão, o Principado da Marmelada, e o Muleque Pethion erão huma mina fecundissima, não só de noticias interessantes, mas das nossas politicas, *e judiciosas* reflexões sobre a Jamaica, a Jamaica, esta Jamaica, o mais formoso de todos os nomes para hum Jornal; porém, meus Senhores, huma calma imprevista, que fez embarcar o *grande* homem a bordo do Bellorofonte socegou as tempestades politicas, e pôz termo aos vendavais Jornaleiros: estamos no perfeito estado de fome, o tempo da nossa opulencia já lá vai, *esse tempo era bom!*

Que posso eu ajuntar a essas reflexões, disse o Medico? Lastimar-me da mesma sorte. A Medicina está inteiramente perdida. Os doentes vão-se zangando com tantas bixas, bixas para tudo, e o doente não via em si, e á roda de si mais que sanguixugas, nós os Medicos na bolça, e animaculosinhos na pelle. Depois que o Padre do Desapprovador (o homem não me conhecia) metteo a ridiculo as molestias de nervos, ninguem se queixa de taes nervos. Os Flatos, e o esterico especialmente, tem desapparecido das mulheres, não ha huma só que ao menos tres, ou quatro vezes na semaña queira estar doente para se fazer interessante. As almorreimas desapparecêrão repentinamente depois que o melancolico Padre as pôz ao olho do Sol no revoltoso papel verdadeiramente incendiario em relação á Faculdade. A febre amarella, aquella ingrata depois

de ter vindo a Cádis , não acha hum Caique em que viesse desembarcar ao Algarve , com manifesto prejuizo da Faculdade! Eu estava esperançado nos excessivos calores do verão passado , que com as alternativas de hum Outono frigidissimo , produzião huma abundante colheita de enfermidades , tudo se frustrou , para este anno , o anno da robustez. Fui destratar huma escritura que tinha feito com hum Boticario á meação de lucros. Não apparece huma febre , e se apparece , cuido que todos tem adoptado os sentimentos do Padre do Desapprovador , lá se vão remediando com agua quente , e flor de sabugo ; verdade seja a Natureza póde mais do que os Medicos , forceja por se pôr em equilibrio , e em havendo pequena carga no estomago , exercicio , alma serena , e moderada dieta , adeos doenças. Até os mesmos defluxos tem escaceado este anno , e não são de esperar pois estamos já nos principios de Abril , se algum vem , demora-se pouco ; esqueceo á Policia Medica que intentou sujeitar a si todo o genero humano , proscrever aquellas importunas enfiadas , ou rosarios de peros secos , porque com hum Diploma Medical se devia prohibir a sua manufacturação por todos os Coutos de Alcobaça , como hum especifico conhecidamente anti-defluxionario. Exalta-se-me a bilis quando passo pelo largo da Magdalena , e vejo aquellas sacerdotizas da saude , de pé gretado , capotinho azul , e chapéo desabado , com os taes rosarios na mão , parece que estão fazendo exorcismos aos defluxos , e arruinando de todo o systema de *finanças* da Faculdade ! Este anno he de huma seca extraordinaria , não ha huma diarréa , não ha hum pleuriz , huma paralisia , huma hydropezia , huma caquexia , huma peripneumonia ; o mesmo Padre do Desapprovador , que teve hum bom toque apopletico (e foi bem feito por ter enchido a barriga de filhozes) , talvez que aterrado com a lembrança de que se lhe poderia chegar algum Medico que o enviasse dalli mesmo com hum summario feito para a eternidade , desembestou com hum suor frio tão prodigioso , que se levantou depois de meia hora , e veio a pé para sua casa ; parece que está da sua parte a Natureza pelo vêr inimigo da Medicina , de quem ella he contraria irreconciliavel , porque os Medicos (e que conta lhes fazia isso ?) longe de a espreitarem , e ajudarem , a desconcertão , e opprimem. Senhores , até a mania do Suicidio , esta doença Ingleza , que alli tem chegado ao ultimo polimento , e verniz , que parece ser hum ramo da industria Nacional na perfeição das suas manufacturas , até a mania do Suicidio se tem opposto aos interesses da Faculdade , porque , quem havia morrer ás mãos da Medicina , morre ás suas proprias mãos ; verdade seja isto he mais barato , muito menos despendioso , e incommodo! Em fim , Senhores , isto vai de cabeça abaixo , vão desapparecendo do Mundo as Febres , os Fluxos de sangue , as Desinterias , a Peste mesma dá pelos Mouros ,

e se passa o Mediterraneo, não ha vêlla passar de Gibraltar para cá: o tempo da grandeza, e opulencia da Faculdade já passou, *esse tempo era bom!*

Tenho permanecido em silencio, disse o Thesoureiro de Freguezia, embebido na sublimidade das suas reflexões, que derramarão em minha alma huma torrente de amargura, contemplando-me a mim, e o meu emprego no mesmo estado de desgraça em que os Senhores se contempláo. As queixas da minha thesouraria identificáo-se com as da Medicina. Se o Medico não tem a quem matar, a quem ha de enterrar o Thesoureiro? Trago a thesouraria de renda; mas se eu não enterro ninguem, como hei de eu pagar a renda? Passa o anno, e sem me apparecer hum defunto. Quando os Medicos perdem, por certo os Clerigos não ganhão. Nesses mesmos rarissimos enterros que ha, as vélas (se as dáo) estão reduzidas a tal delgadeza que parece que morrêrão todas tisicas. As offertas, as offertas... ah! já os homens prescindem de todas as idéas de vaidade! as offertas, ou se não dáo, nem mesmo calculadas pela terceira parte da despeza do funeral, ou he preciso huma demanda para as haver á mão, e então apparecem tão coadas que era melhor não intentar semelhante pleito. As vélas do Mauzoleo, imprescritivel direito Thesoureiral, chama-lhe suas o Procurador da Irmandade, quando não apparece hum terceiro na demanda, que se chama Fabriqueiro, que n'hum instante as empalma, e se eclipsão para sempre. Capa rica, ou capa pobre nos baptisados, tudo vem a ser o mesmo, já não ha distincção; eu bem sei que não concorre para a validade do baptismo, porque em havendo Ministro, materia, fórma, e intenção, temos o baptismo feito; mas sempre parece bem a capa rica. Tenho visto nestes infelizes tempos Testamentos em que o defunto declara que não quer sinaes; eis-aqui outro attentado contra o direito de badalar que tem os Thesoureiros: não ha huma parida que mande dar badaladas. Se isto não muda, eu estou arruinado; o tempo dos enterros de luxo já passou... *Esse tempo era bom!*

Senhores, disse o Judeo por fim. A Policia em suas operações tem chegado a huma perfeição transcendente, nada lhe escapa. Como huma das promessas que se nos fizerão era a gordura da terra, *De pinguedine terræ*, porque em quanto a outra do orvalho do Ceo — *De rore Cœli*, temos nós prescindido; buscavamos a tal gordura por todos os meios, e por todos os caminhos. A usura era o nosso elemento, mas ha casa em Lisboa que se não ennobreça com hum Capitalista, e com hum Rebatedor? A traficancia, o engano, o falimento fantastico erão as nossas minas, porque nós não temos Patria, nem Reino, nem Sacerdocio, somos huns verdadeiros milhafres cosmopolitas, Cidadãos do Universo. Verdade he que o *grande* homem quiz restabelecer a antiga Synagoga, mas se nos ajunta

em corpo de Nação, além de ficarmos sem Sacerdocio, e Imperio, ficavamos sem real. Estas alcofas de tamaras, estas rimas de chinellas, estes páes de cera, que por dentro he sebo, rendião bastante n'outro tempo: então hum emprestimozinho a cinco, e a seis por cento ao mez sobre segura hypotheca, nos alimpava da carepa; agora se damos algum destes prudentes passos, a Policia nos põe á sombra naquelle importuno Limoeiro. O Governo, as Leis, e a Policia derão outra face a Portugal. Que nos importava a nós algum dia trazer hum chapéo branco, e huma fita amarella, se o dinheiro era nosso? Ah! *Esse tempo era bom*! Aqui chegavamos, quando o Arraes disse: — Não saltem os Senhores, que eu vou dar parte á Sentinella....

Fim do décimo oitavo Número.

N. B. No N. 16, pag. 126, lin. 18, *Marcial*, leia-se *Ovidio*.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 19.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

O homem de juizo, e o tôlo.

POr huma observação pratica do Mundo tenho conhecido que para viver no Mundo, e com o Mundo, o meio mais azado he representar o papel de tôlo, ainda que com effeito se não haja recebido das mãos da Natureza este incomparavel presente. O homem de juizo, até por hum principio de prudencia, e de conveniencia, deve tomar a máscara de tôlo se se quizer conservar no Mundo, e nelle, e em suas companhias fazer alguma fortuna, assim como em huma dança de mascarados muitos homens circunspectos tomão os vestidos de hum Arelequim, ou de hum Comico debaixo sóco, e tambem d'alto cothurno. Esta máscara de tôlo he a que decide mil vezes da fortuna, e da reputação de hum homem. E, com effeito, calculando-se bem a cousa, nas companhias do Mundo as vantagens do tôlo, são muito maiores, e muito superiores ás do homem de juizo. A parvoice não he obrigada a contemplação alguma para com hum bom engenho; pelo contrario hum bom engenho he sempre obrigado a respeitar a parvoice. O homem de juizo está condemnado toda a sua vida a comparecer diante do tribunal dos tôlos que julgão em ultima instancia, e pronuncião sentenças de que não ha appellação, nem aggravo; o tôlo he sempre julgado pela Camara dos Pares (dos seus Pares) que fórmão a grande maioridade, onde elle tem não só a pluralidade, mas a unanimidade dos votos. Eis-aqui porque muitos homens de bom juizo se fazem tôlos por arte, e se conformão á parvoice pelas leis do calculo, e chegão por ellas aos mais exactos resultados, e o que he ver-

dadeiramente notavel he que este habito de se fazerem tôlos se lhes transforma em natureza. Muitos homens dizem parvoices, annuncião, e espalhão idéas falsas ainda que as conheção por taes, unicamente por fazerem a corte ás companhias do Mundo. Isto não me admira, nem me espanto, ou assombro do prodigioso número dos muito humildes servos, e obrigadissimos veneradores da parvoice; até ha Profetas em materia de parvoice, que sabem de ante-mão não só calcular, mas vêr todas as vicissitudes, e gradações do espirito público, e conformar-se por isto á parvoice que está por vir. Que cousa he, ou póde ser hum homem assizado, comparado, e confrontado com hum tôlo? O Sabio conhece o Mundo em theorias, e especulações, porque estuda a Natureza pelos livros (boa fazenda!) e pelos systemas dos homens; o tôlo está mais proximo da sociedade, vê a sociedade de mais perto; em huma palavra, o Sabio conhece melhor o homem, e o tôlo conhece melhor os *homens*, e nesta differença ha huma grande, e filosofica razão. O Frade, por exemplo, não he o mesmo que os Frades. O tôlo julga com conhecimento de causa, tem mais relações com a maior parte dos homens, e julga-se por si, e hé muito bem julgado, nunca arrisca, nem aventura hum juizo, ou huma decisão. Tem o tôlo huma sciencia pratica com cujos principios se não engana. Que ha de fazer hum homem de juizo no meio de muitas sociedades? Fica embaraçado, e interdicto quando nellas apparece. Que se ha de responder áquelles que nos vem perguntar ao ouvido: — Quem he este Original? Isto he huma especie de animaes, que nós não estamos costumados a vêr! Ainda que o homem de juizo se queira conformar nas sociedades, e companhias aos usos, e aos vestidos da moda, e a tudo o que são superficies, e exterioridades, como ha de elle fazer isto? Como o ha de conseguir? Ora constitua-se hum homem de juizo no meio de huma companhia da moda (dado que elle possa soffrer aquelle fallatorio incessante, e inintelligivel); o homem não poderia dar hum passo na sala, ainda que elle vá como deve ir, com a tosquia do cabello á *Titus*, e que mostra que com effeito aquella cabeça tem o sizo commum, com humas botas com mais roscas que hum parafuso, com mais sinuosidades, desvios estradas cobertas que a Fortaleza de Magdeburgo, ou hum Capitulo de Frades; com huma gravata com mais tufos, e pantufos que a golilha de Lopo Vaz de Sampaio na escalada de Cananor; com huma casaca mais franzida que a cara de huma Abbadeça velha, e mais curta que huma resposta de — Não —.: aqui temos o homem mais immovel, e calado que a mesma Estatua do Silencio. Pois se elle se determinar a fallar! Que ha de elle di-

zer ? Nada. Temos o Juiz de Fóra de Arronches á frente dos Camaristas da terra , arengando a ElRei D. Pedro II. , que nunca pôde dizer senão estas palavras : — Senhor , as Chaves . . . — (e ralhava este diabo dos Prégadores que se perdem.) Em fim demos que o homem quer mostrar que não he mudo , porque não he surdo , saberá elle , ou poderá elle tomar o alamiré daquella ingrezia atormentadora ? Então fallará no Quadrado da Hippothenusa , ou no Espelho ustorio de Archimedes reformado por Buffon ? O homem não sabe nada das historiaszinhas particulares (e escandalosas) das outras companhias , e partidas do dia , e da noite , que interessão tantas , e tão eminentes cabeças , e almas tão elevadas. A intriga theatral he para elle mais incognita que a causa immediata do fluxo , e do refluxo; elle não conhece , nem pelo nome , nem pela empanturrada figura , gesto soberbo , e ar decisivo o Comico Ensaiador , e a Comica desensaiada , porque parece que até nem saia trazem estas doutoras da escola de moral , como déião em chamar aos Theatros modernos , que ainda que não tenhão em suas soberbas fachadas a insignia da Fenis , ou da Ancora , nunca o fogo dá com elles , e ainda que rodeados de Botequins pela pópa , pela prôa , e pelas amuradas de bom-bordo , e esti-bordo , parece que sempre estão apagados , não servindo elles o Ponche frio. Que ha de o homem dizer ? Não sabe da Peça pateada , do Elogio regeitado ; para elle são termos da Lingua Bunda — O Salitre fecha — S. Carlos trabalha ! (honrados suores !) a Empreza cahe — a Casa meia — o Camaroteiro , que podia ser do genero femenino , — Dobradiças , e gente fóra. — Que ha de o homem dizer ? Mostrará huma indignação filosofica contra tantos destemperos , e parvoices ? Leva huma apupada redonda , toda a brilhante companhia desfecha em huma universal rizada. Quererá propôr algumas idéas de reforma nas mesmas companhias , e em tom pausado , e grave dirá que alli se estragão os costumes , se perde a decencia , se degrada o homem , se nutrem os vicios , se propaga a ridicularia , se avilta o caracter Portuguez , se nutre a murmuração , se expõe a honra , se anniquila a probidade ? Ou o interrompem com hum solemne — fóra tôlo ! — ou o põe no andar da rua com o honorifico appellido de visionario , Gotico , importuno , mal criado , e Sebastianista. Prégar á multidão , e na multidão , ainda he peior que prégar no deserto. Se o homem se cala , tanto caso fazem do seu silencio , como das suas palavras , e se os Senhores servem o chá ás Senhoras , se elle não vai buscar a chavena , ninguem lha dá. Se ha na casa Tio , ou Avô decrepito , lá vai entabolando hum diálogo com voz submissa em que o Ginja , e o homem de juizo se lamentão dos vastos dominios ,

e infinitas Conquistas do Imperio da Parvoice. Se finalmente, por ter parado huma Walsa com algum premeditado desmaio de huma das Senhoras Walsatenses, para divertir o susto se permitte em algum intervallo da matinada que o homem communique as suas idéas, vem a ser o mesmo que fazer versos em Arabe á Estatua Equestre, ninguem o entende em quanto hum dos da companhia acotevelando Mylorde tal lhe diz: — O homem está doido; quem traria aqui esta cascata? Ora quem lhe encommendou o Sermão que lho pague! V. m. protestou aquellas letras? Foi caurim! Deixe fallar o Diogenes! Que diabo veio fazer aqui aquelle estupor! — Com effeito, fallar de razão, e de juizo aos tôlos, he ser ainda mais tôlo do que elles.

Ora consideremos o tôlo no meio de huma companhia. A que faz *as honras da casa* (talvez lhas tenha deitado a perder) he huma serpente que esconde debaixo de huma cabelleira com mais caracóes, e caramujos que hum penedo de Cachias, huma teimosa camada de cabellos brancos que vão a mais, e a mais, mas indulgente, dada ás Novellas Inglezas, e sentimentaes, que tem lançado as suas quadras em cadernos que vai folheando aos olhos de duas ou tres centopeias que a escutão com ar de obstupefacção em quanto de hum lado, e de outro do grande Salão, estão postados os sessores daquelle Areopago da parvoice; todos fallão, e ninguem se entende, falla o Medico em Policia Medical, isto he, methodo de adoecer tudo de fraqueza, e debilidade, porque nem carne, nem peixe, nem legumes (filhozes Deos nos livre!) se deve comer, e tem razão, porque não ha onde se fazer, porque nem ha de ser louça vidrada, nem de cobre, nem de latão, nem de folha. Vinho? Nem Moscatel de Setubal; tudo tem peste, excepto o Quinado da Botica. O Jurisperito falla no rigor parcial dos Desembargadores em o moerem, e estalarem com condemnações, por atrevido, e arengueiro; o Negociante em choradeiras immortaes de que tudo está parado, só elle não pára na sege para a quinta, e para a.... O Frade, (e não ha tira-los de lá) quando não falla em Politica, *e Finanças*, está huma polvora contra o inexoravel Padre do Desapprovador, porque não respeita aquelle Habito... O Habito respeita elle, insignia da penitencia, memoria da morte, e distinctivo consagrado; mas os habitos dos sugeitos, isso he que o tal Padre do Desapprovador não leva á paciencia. Os tarecos da moda, cuja educação he a plenissima liberdade pela indulgencia da Mãi, e pela omissão do Pai, fallão no Comico, na Comica, no jogo, fallão em tudo, e de tudo resulta hum borborinho confuso, que nem na Camara baixa com Bill de fundos acima. Aqui está o tôlo no seu centro, no seu elemento, falla sem-

pre , e falla tudo , sabe tudo quanto se disse na partida de hontem em casa de Madama tal , e do Nababo de Coromandel , do Capitalista Sicrano. Conta as mulheres , (que muito o attendem pela sua estimavel qualidade de tôlo , e bellos sentimentos de parvoice , unica cousa que lhes agrada) tudo quanto vio , e observou nas outras mulheres na partida da Quinta Feira tal , e da Segunda Feira qual ; faz *assizadas* reflexões sobre os olhos pizados da serpente fulana , leva até as estrellas o talento combinatorio da Modista Dinamarqueza tal , chegada de Bremen , de Lubec , ou lá donde elle quer , que tal Modista não existe , que viera pouzar ao Leão de Ouro , á Aguia Branca , desembarcando da Charrua Amelia *procedente* de Cronstad , ha obra de huma semana. Sabe mais das cem Novellas de Bocacio , porque as arma , e as conta muito a seu sabor. Sabe a versão nova da historia de hontem succedida em casa da *Emprehendora* tal entre dois Rivaes , muito desiguaes em fundos , e recursos pecuniarios , porque em fim nunca se acaba de exagerar a escacez do numerario. Todos olhão para aquelle tôlo , todos lhe consultão a cara para vêrem no gesto a grande consideração em que cada hum está naquella brilhante companhia. Que rapida , ainda que mui circunstanciada he a revista que elle passa a todas as casas do seu conhecimento ! Os mais intimos segredos da familia são alli expostos com huma clareza , e individuação espantosa ! Que juizos tão rectos , e acertados fórma este homem , cuja eloquencia excede no impeto , e na torrente a do mesmo Lucio Crasso , ou Marco Tullio , e como se não entende o que diz , e he Grego a do mesmissimo Demósthenes sobre a desafinação do concerto do dia antecedente , porque os Musicos estavão quasi todos bebados , por culpa do dono da casa que os encheo de licôres sem se lembrar que de ordinario trazem , muito contra sua vontade , a barriga sempre vazia , e o gaz sóbe , como vimos na Maquina que tinha tanto miolo como o costumão ter certas cabeças alumnas da harmonia ! Que reflexões fórma este homem , que pensamentos levanta sobre a balança mercantil em o negocio dos coiros do Sul , e muito mais agora sobre o algodão vermelho descoberto nas catadupas do Senegal ! Este homem he hum homem universal , está em toda a parte , abrange todos os ramos da industria , diverte com o ridiculo de que mofa , e que elle tem mais que ninguem , porque não ha tôlo que não seja ridiculo , e desgraçado delle senão fosse tôlo porque está demonstrado , até em Chimica , que quanto mais besta , mais peixe. Este homem conhece que he tôlo , e que de necessidade o deve ser , se quer ser a alma das companhias da moda , dessas aggregações de estouvados , e estouvadas de que se

compõe a maior parte do Mundo ; o meio unico de se divertir no Mundo he parecer-se com elle. Claramente se vê que nesses *Templos* da ociosidade , do luxo , da murmuração , do jogo , e da namoração , o homem de juizo , he o verdadeiro tôlo , e o tôlo he o verdadeiro sabio. O que dá huma equação exactissima , hum resultado algebrico , que o Mundo das companhias no tom em que as pôz a moralidade da Revolução , he o verdadeiro Imperio da Estupidez , e da Parvoice. Todos estes meus brados são inuteis , e infructuosos ! Não se faz huma revolução no Imperio da Parvoice , não se lhe deita abaixo o Throno , está firmado sobre a força , e a marcha das cousas humanas , cuja desordem , e ruina , nasce , (e não cávem na raiz de outra cousa) do desprezo da educação da mocidade em seus tres aspectos , civil , litteraria , e Religiosa. Veio a alluvião Maçonica fazer olhar para os costumes , como para preoccupações de velhos , e mais de velhas ; porque se as nossas velhas Máis vissem as filhas de agora , esganavão-se a si mesmas de raiva , e de vergonha ; para as letras , como para hum pedantismo inutil , e affrontoso ; para a educação Religiosa , como para hum pezado , *e zangador* fanatismo. Houve Filosofos na antiguidade que disserão , que todo este Mundo era hum animal , huma Besta viva , e muito grande ; era preciso conhecêllo melhor para dizer isto , mas ao menos não será huma conjectura muito atrevida dizer , que o verdadeiro tôlo he o Mundo das companhias da moda.

Lição importante.

Passagem de hum Livro Francez publicado em 1817.

" Appareceo em França em 1795 hum Livro intitulado : — Tumulo de Jacques Molay , Grão-Mestre dos Templarios , — nelle diz o seu Author = que a Revolução Franceza era o principio da execução de hum grande projecto , que tinha sido concebido pelos extinctos Templarios , que vinha a ser , formar do Mundo hum unico Imperio , cuja soberania se devolvesse a elles. = Este projecto nunca foi rejeitado , nem esquecido ; esta esperança se nutria , e conservava nas *Lojas* mysteriosas de Napoles , de Edimburgo ,, (aqui se fazem Medicos do pé para a mão) " de Stockolmo , e de Paris. Nestas *Lojas* se prégava a *igualdade* muito antes que a Revolução Franceza lhe consagrasse , e preconisasse os principios. Nestas *Lojas* se meditava a extincção da Religião Catholica-Romana , a proscripção de todas as casas Reinantes da Europa , e principalmente da que reinava em França havia oitocentos annos. Neste Livro se dizia , que o Duque de Sudermania , o Duque de Aranda , o Cavalheiro Azara , o Conde de Mirabeau , o Livreiro encadernador Franklin , erão os agentes secretos desta formidavel associação. Dizia-se que as principaes *Lojas* tinhão mandado a Paris agentes Subalternos , que cooperassem publicamente no complemento desta *grande* obra. Eis-aqui porque vimos há vinte e dois annos (1795) tantos Estrangeiros á frente dos negocios da França , a saber : — Bonaparte , e Buonarrota vindos de Italia ; Gusmão , e Nunes vindos de Hespanha ; Clootz , e Trenck vindos da Prussia ; Farrer , e Thomaz-Payne vindos de Inglaterra , com todas as instrucções necessarias para dividir , alterar , e destruir tudo até lançar a Nação desgraçadissima nos braços de Robespierre. Esta conjuração , ou esta conspiração , existe há muitos annos. Isto he de huma certeza , e evidencia manifesta. Seja concebida , e preparada pelos Templarios , e o que he mais certo pelos *Pedreiros-Livres* , e pelos Jacobinos , não importa ; mas existe esta conspiração ainda , e a vão continuando , ou he seguida com tanta preseverança como actividade , por agentes invisiveis , que se occultão , e escondem sempre em hum véo impenetravel , e nunca se descuidão de pôrem á frente ,, ou de mandarem de vez em quando marchar avante *miseraveis taes* como Gracus Babeuf , e Carboneau em França ; Wilson , e Cobbet em Inglaterra ; Lasci em Hespanha , e em Portugal ..... quasi todos *excepto hum* tirados , e extrahidos da ielé do povo ; homens a quem primeiro embebedão de

esperanças antes que os ponhão em acção , e a quem deixão depois nas mãos do Carrasco quando elles tem a imprudencia de se deixarem apanhar em fragrante delicto. Ainda que estes projectos tenhão na sua marcha encontrado ás vezes grandes obstaculos , e que os agentes , e motores não esperavão , ou presumião , nem por isso são vãos ainda que momentaneamente se suspendão ; depois de alguma pauza se continuão , e se executão *parcialmente*. Temos visto até agora (1817) o bom successo que tem alcançado em França , mas não são mais do que os ensaios , e as primeiras provas dos que se propõem alcançar em toda a Europa. A facção que os intenta realisar he composta de elementos heterogeneos. Ha nella Realistas , Jacobinos , Liberaes , e Bonapartistas , que sem o saberem , e sem o quererem se tornão instrumentos activos de seus projectos. Conforme os ventos sóprão , assim ella vai marchando , humas vezes em frente com audacia , outras vezes tímida , parece que lhe volta as costas , mas sem deixar jámais de se dirigir ao seu fim , e ao seu alvo. Sempre se veste das côres dominantes. He Monarquica com o Ministro Neker , he Terrorista com Danton , Thermidorista com Tallien , Républicana com o Directorio , Imperial com Bonaparte , Ultra-Realista com os Bourbons. Escapa-se , e esquiva-se aos olhos do vulgo com a dexteridade que tem de se servir de todas as máscaras , e vigia de contínuo os Governos cuja libré véste sempre. Julga-se geralmente , que se divide em duas Sessões , que huma caminha para a Democracia , outra para a Oligarquia Suissa. Enganão-se todos ; porque ella he só huma , não tem mais que hum fim , mas para chegar a elle serve-se de diversos meios „...

Continuar-se-ha.

A qualquer destes Senhores , ainda mesmo aos apanhados com a boca na botija , se se lhes pergunta se acaso são *Pedreiros-Livres* , respondem redondamente que não. Achão-se trabalhando nesta Officina com as ferramentas na mão , pergunta-se-lhes se acaso são Officiaes , respondem que nem curiosos , e isto no mesmo acto em que a Trôlha mais trabalha , a obra a crescer , elles a serem vistos , e elles a negarem. Mesmo nos Estados da Austria no acto de serem aprehendidos , de se lhes arrazar , e queimar a casa , negão a pés juntos , e clamão que não são Pedreiros-Livres.

Fim do décimo nono Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 20.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Educação ! ! !

ESta he a palavra de todos os dias, e de todos os momentos. *Educação*! Diz o Pólo Arctico, e o Pólo Antarctico ! ! Educação ! He a carta de guia com que até Franchinotes vindos do cabo do Mundo entrão em todas as companhias, e são admittidos em todas as casas. He huma pessoa de educação: eis-aqui abertas todas as portas, franqueados todos os caminhos, e aplainadas todas as difficuldades para se chegar ao escritorio do Pai, ao toucador da Mãi, e ao quarto das meninas ! He huma pessoa de educação ! ! Livros, e Tratados de educação Franceza, já não tem número. Todas as Novellas que se publicão no Mundo tem por objecto a educação da mocidade ; *formar-lhe o coração* , *e o espirito* , dizem os Prologos das Novellas, pelos principios de educação. As Madamas Genlis, excedem as forças, e os recursos do calculo, e todas escrevem Tratados de educação. Muito gostão estas Senhoras de gente moça ! Todos os seus cuidados são para ella. A mocidade, a mocidade ! clamão ellas de continuo. A educação da mocidade ! Para isto rompeo hum diluvio de livros. Ha armazem da mocidade ; o amigo da mocidade ; o Buffon da mocidade; o Atlas da mocidade. Ha Thesouro de meninos, e Thesouro de meninas. Tambem ha entre nós Tratados da educação fysica dos meninos pequeninos. As *Mamans* , as *Bonas* são em cardumes. Celestiaes soccorros ! E que tem produzido ? Rapazes mais *mal criados* do que forão nossos Avós , sem Madamas Genlis, Grafinhis , e livros de educação fysica dos meninos pequeninos. Pois Collegios de Educação ? Ha beco em Lisboa, que não tenha hum de meninos, e de meninas ? Que ventura na ordem social deste Reino ! Que homens tão grandes são os Directores de hum Collegio de Educação ! Péga hum Pai

em hum rapaz, e pela bagatella de quatro, ou seis moedas cada mez, dando-lhe de fóra parte de vestir, cama, e roupa lavada, meia duzia de porcos, hum quarteirão de casaes de peruns pelas festas do anno, entrega-o a hum Director de Collegio de Educação; tem lá o rapaz huns poucos de annos, e entrega-o a seu Pai da mesma sorte, sem lhe faltar cousa nenhuma, só com huma pequena mudança no ar, porque por virtude da educação, indo o rapaz para lá muito esperto, vem assim por modo de tôlo. Então isto não he huma vantagem muito grande? Não esteve o Pai livre da bulha que o rapaz faria em casa, amimado pela Mãi, e desinquietado pelos outros? Educação! Oh! Methodos admiraveis, filosoficos, e prodigiosos! Os fructos são bem conhecidos depois de tantas Novellas, e de tantos Tratados de educação para formar *o coração*, *e o espirito* da mocidade! Que respeito se tem aos Pais com tantas Theorias de educação? Que respeito, e que reverencia se conserva á Religião? Que pureza de costumes! Que vida angelica he a da presente mocidade educada por principios! Os vicios já não esperão pelo estado da virilidade: anticipão-se á puberdade nelles, e nellas. Pois os rapazes rusticos, e Goticamente educados, de algum dia tinhão acaso a amabilidade de hum portamento estouvado, soberbo, inconsiderado, insolente, e petulante? Vê-se acaso aquella rusticidade, ou aquelle tedioso encolhimento que se observava nos rapazes que existirão antes do diluvio dos Tratados de educação? Nas companhias estavão calados diante dos velhos estes entulhos pezadissimos da sociedade humana. Parecião Aldeões. Se hião pela rua, e encontravão o Pai, hião de longe com o chapéo na mão tomar-lhe a benção. Que cascatas, que embréxados tão importantes! Agora, agora hum rapaz bem educado, se encontra o Pai, ou não faz caso delle, ou quando lhe passa parallelo leva a mão ao chapéo em ar de cortezia de Alferes Inglez, e dizem os passantes: — aquelle moço tem educação. — Sobre tudo nas Igrejas, e actos de Religião, he que brilha mais o methodo educativo. Quando alli se vê hum tareco, com a cabeça como hum moinho da Serra de Monsanto, encostado ás têas, namorando a todo o panno, ajoelhando de caçador, por vêr ajoelhar os mais, quem ha que não conheça hum moço da boa educação naquelle solemne peralvilho? Onde eu me faço a olho na contemplação dos inapreciaveis resultados da *boa* educação, he no Peristillo do Real Theatro Estrangeiro. Alli parei huma vez, e estava em Scena a Dança dos Ladrões, que com effeito devião pernear, mas sem chegarem com os pés ao chão naquelle salto que sem dúvida he mortal. Entrei em extasis contemplativo, meneando a cabeça para aquelle calcadouro; que com effeito andavão na debulha; o camaroteiro, e o bilheteiro, ou besbilhoteiro, não tinhão mãos a medir, a darem para fóra a meia véla de sebo para se accenderem os charotos. A fumaça era tal

que parece que tinha virado de crena alguma Náo, que nunca se acaba de concertar. Não entrava folgo vivo do genero feminino a que se não mettesse a cara, e a quem se não dissesse não huma daquellas graças honestas, cortezãs, que se dizião nos sarãos do Paço, quando a Corte estava em Almeirim, as gracinhas que nós ouvimos agora, que vem a ser os mais escandalosos desaforos; eu pasmado, e parvo disse para hum meu companheiro homem de dias, e sizudo: — Vossê não me dirá que levantamento he este? — Isso são moços de educação, me tornou elle; aprendem aqui pelas régras de Milord Chesterfield a apresentarem-se bem nas companhias; chama-se isto o tom do grande Mundo para se adquirir o pulimento da educação. Isto he o Gymnasio dos Pais de familia; aqui se vão formando para ornamento da nossa Patria. — E então estes velhos que por aqui andão, tambem são velhos de educação? — Pois não são, me disse elle. Estes velhos são meninos! e vossê agora não he tão innocente que não conheça os motivos, e os fins para que elles entrão no calcadouro, e debulhão por aquelle feitio! — E então tantos Clerigos, tambem são de boa educação? Aqui ha algum enterro? Elles são tantos? — Sim, ha enterro, porque aqui se enterra a probidade, a modestia, a decencia, a gravidade, a honra, e a fama. — Aquelles por certo, disse eu, são de boa educação, porque me cheira ao antigo; só homens maduros, e millionarios trazem cabelleira de rabicho... — He o que eu digo, vossê esta noite está parvo, não me parece o mesmo homem! Em vossê logo se apresentando no Camarote, e em da Scena o pescando os Comicos, e mais as Comicas, tremem-lhe as pernas, e dizem comsigo: = Ei-lo lá está, esperem esta semana hum Apendix Chronologico ás Pateadas; = e não conhece os da cabelleira de rabicho? Aquillo são Frades desfarçados, pouco se demorão alli, porque a Policia deo em ter hum faro tão superlativo, que logo os conhece, e os eclipsa; aquelles Cometas crinitos desapparecem. Deixemo-nos de reflexões moraes sobre os testemunhos públicos da *boa* educação, ensinada em Novellas, e bebida da boca de Professores *habeis* em muitos Collegios de educação. Consideremos esta educação em si mesma.

Comerás o teu pão com o suor do teu rosto.

Este texto he o mais sublime, e o mais amplo Tratado de educação que eu conheço; he tão antigo como o Mundo, e como os homens; e como foi feito para o primeiro homem, claro está quem seja o seu Author, não se podia enganar; e quem soube crear o homem sabia muito bem que regras de educação convinhão ao homem, para ser, e para parecer bem creado. Se os filhos de Eva fossem fiéis, e sujeitos a esta Lei, vivirião isentos de huma espantosa multidão de enfermidades desconhecidas por certo ás raças precedentes, e que segundo a expressão

de hum Sabio do Paganismo, obrigão os filhos de Esculapio, e de Galeno a inventar remedios, chamados beberagens da Botica, peiores, e mais dolorosas, que as doenças, e enfermidades que pertendem curar. Homens, não escuteis Madamas Genlis, as Mamans, e as Bonas, os Emilios, e os outros Senhores das Theorias educativas, ouvi o Padre do Desapprovador, que vos dá a regra unica, e invariavel de educação, — trabalhar, e suar para comer, — tudo o mais são Républicas de Platão. Ora considerai o homem condemnado á vida sedentaria, e ociosa; não vos parece que está assentado, quando anda? Para tudo he inhabil, e tudo lhe parece estranho, quando se oppõe á profissão de não fazer nada. O menor, o mais ligeiro perigo o assusta, porque elle não sabe como o ha de affrontar, ou vencer. Isto ainda he mais sensivel naquelles a quem o nascimento, e as riquezas constituem na absoluta independencia do trabalho. Nada fazem, porque nada sabem fazer. Se algumas circunstancias extraordinarias os obrigão a saltarem fóra do circulo da sua ociosidade, e de seus habitos indolentissimos, ei-los ahi perturbados, azoinados, assarapantados, nem sabem onde estão, porque são incapazes de esforço algum. He preciso andar, correr, pular, marinhar? Nada de novo; estão como interdictos, e embruxados. Se olhão de hum lugar eminente para baixo, anda-lhe a cabeça á roda, nem corridos a páo, passão huma ponte que não tenha guardas. Em qualquer transe que se vejão, estão sem recursos, ainda que não sejão desprovidos de coragem. Diga-se a hum menino destes de *boa* educação, do *bom* tom, da *boa* companhia, que se deite á agua a soccorrer hum miseravel... trabalhar? Ah! isso, nem para salvar a vida a hum desgraçado. Eu sou huma pessoa de educação. Obriguem hum destes a fugir do Paiz natal, onde goza a *boa* companhia, em huma invasão de ladrões, chamados o Exercito Francez da Gironda? Vai pedir esmola, porque he huma pessoa de educação, não sabe trabalhar.

Ainda descubro maiores desgraças nestas theorias educativas da moda pelo desprezo do meu Tratado de educação acimo referido: — Comerás o teu páo com o suor do teu rosto. — Tudo o que não for isto, será preparar a pessoa de educação para enfermidades, e achaques de huma constituição debil, e enferma. Eu não sei, dizia o Pai dos Medicos, Hypocrates, eu não sei se o movimento, e o trabalho, são tão necessarios para a vida, como he o sustento. Donde vem esta *Nervaria*, ou estes males de nervos em que todos os Medicos fallão, e são eloquentes, e de que todo o Mundo se queixa? Nascem da *boa* educação molle, e efeminada em que o trabalho he reputado huma infamia, huma vileza; e eu não sei que mortal algum fosse exceptuado daquelle Decreto público, em que eu faço consistir o meu Tratado de educação: — Comerás o teu páo com o suor do teu rosto. — A mesma vivacidade, ou inquie-

tação da infancia dá a conhecer que he preciso movimento, e trabalho; sem elle até o mesmo vigor das faculdades intellectuaes se enfraquece, e se atenúa. Tratemos a cousa sériamente, porque da educação pende tudo; tambem o Padre do Desapprovador sabe usar da linguagem da Filosofia, ainda que diga algum grande empanturrado, que talvez não saiba ajudar á Missa, que o Padre do Desapprovador em tudo, e de tudo graceja, como se se podesse tratar, por exemplo, de Medicina em estillo sério, e grave!! Quem sabe se esta fermentação, e inquietação geral, que por tanto tempo atormentou os animos, confundio, e baralhou os individuos, este amor desenfreado do dinheiro, que tomou o lugar, e a influencia de todos os sentimentos generosos, aquelle espantoso, e medonho Pyrronismo, que lançou hum véo espesso sobre as estatuas mais reverendas, ou respeitaveis da antiguidade, que reduzio a problema todas as verdades augustas da Methafysica, e da Moral; aquella fantasiada exaltação de amor proprio, que não gabava o chamado nivel da igualdade, senão porque se offendia de todos os generos de superioridade; aquella má fé em toda a qualidade de negocios, ou transacções, estas chamadas *bancas rotas*, quebras tão fraudulentas, e tão escandalosas; aquellas fugidas premeditadas, e dispostas com tanta malicia, extorsão, e rapina; aquelles suicidios desesperados, de que estão cheias relações estranhas, e de que tambem nossos olhos tem sido testemunhas; quem sabe, torno a dizer, se tantas desgraças, e tantos vicios, são outras tantas consequencias, ou resultados dessa educação molle, efeminada, frivola, e ociosa, que os chamados regeneradores do Mundo recebêrão, e derão aos outros? He cousa superflua provar, e demonstrar, que a sociedade subsiste do trabalho, e pelo trabalho. Não ha circunstancias algumas na vida civil, que não favoreção toda a qualidade de trabalhos; e serão aptos para elles esses bracinhos que recebem a *boa* educação para o *tom* da *boa* companhia? que vem a ser a ociosidade, a indifferença para tudo, e em materias de Religião ainda muito mais, a dança, e o desenho, e humas taes cortezias de Palhaços, ou Arelequins, que desafião as bofetadas do homem mais sizudo, quando vê essa tropa, ou tropel de tarecos, ou tarecas, ambulantes sombrinhas de côr de aletria, andando como as Comicas Italianas, e fazendo cortezias como a Dançarina Vestris, ou Guardas-Marinhas Inglezes depois de jantar, sahindo do Leão de Ouro, Aguia negra, e outras Ermidas destes devotos titulos com que Valdevinos Hamburguezes nos vem aqui affórmosear a nossa terra, e de Portuguezes, fazer-nos.... o que? Macacos arremedadores de estúpidos franchinotes de todas as Nações. Deixemo-nos de modas estrangeiras, e de seus livrinhos de educação. Temos cá o Tratado da educação fysica dos meninos pequeninos, que em quanto a mim se deve limitar, a lhes darem suas proprias Mães de mamar por muito tempo, e

assorda, mel, e leite por muito mais tempo, a lhes não contrafazerem os espontaneos movimentos da natureza na infancia, deixando-os brincar, saltar, espojar, e enlambuzar quanto quizerem, até ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes, syndérisis, ou conhecimento do bem, e do mal, que em alguns he mais temporão, e n'outros mais serodio; e então trabalho, e estudo, não encolhidos em Collegios, onde a uniformidade do compasso Directorial nada ensina, mas nas escolas públicas (legitimamente estabelecidas) com os outros rapazes; ainda que sejão filhos dos Grandes, são homens, devem comer o pão com o suor do rosto, adestrar os braços ao trabalho, e as pernas ao caminho. Não ha em Portugal nem preoccupação, nem lei, nem uso que torne vilipendiosa a qualquer individuo, seja de que classe for, a actividade, util, e laboriosa; pelo contrario os crimes da Revolução Franceza, e as desgraças públicas, que ainda não acabárão, pois ainda as sentimos, tornárão a pobreza honorifica, e, por huma necessaria consequencia, o trabalho he glorioso. Os braços que se entorpecem na ociosidade devem achar meios no trabalho de se fortalecerem, e tornarem aptos para emprezas arduas, difficeis, arriscadas, mas uteis á Patria. A insolencia, a inutilidade dos ociosos opulentos dá a conhecer a necessidade da execução do meu *plano*, ou Tratado de educação, que consiste na exacta observancia da lei promulgada pelo mesmo Deos: — Comerás o teu pão com o suor do teu rosto. — De maneira que ainda que o pão seja nosso, e não alheio, nós o devemos comer com trabalho, e se neste consistir a educação, que se verá? Vêr-se-hão os Grandes, os Nobres, e os ricos dando hum sublime, e proveitoso exemplo ao povo; vêr-se-hão os Claustros menos povoados de humas cousas vestidas de hum certo modo, e tosquiadas, e rapadas de outro, que andão daqui para alli, e não fazem mais que andar daqui para alli; vêr-se-hão as Sés, e as Collegiadas menos cheias de bonecos enfeitados, mas de homens circunspectos, e laboriosos, porque nem só cavar com huma enchada he trabalhar, tambem o estudo, e applicação, e a frequencia, ou pessoal residencia são trabalhos: tomára vêr menos Ecónomos, e mais residentes, salvo quando no emprego público, e necessaria applicação servem a Patria que os chama, ou delles necessita. Vêr-se-hião os cafés menos atulhados, e os Theatros com o ambiente mais livre, e menos cheio de miasmas, ou exhalações putridas de tantas bocas poncheadoras, e de tantos corpos cheios da materia do Poema de Fracastor a Syfilide, e em Portuguez mais claro — Gallico. — Vêr-se-hião nas *boas* companhias as trincheiras da Banca, e mais da Ronda menos assaltadas. Vêr-se-hião na sociedade menos crimes, nas familias mais ordem, nos campos mais cultura, no Commercio mais verdade, nos Tribunaes mais inteireza, nos Ministros (e Ministrinhos) menos suborno, nas mulheres mais decencia, mais compostura,

menos provocação, e em todos os homens mais virtude. Se a lição he forte, a materia he importante, e quem não quer trabalhar, não deve comer.

Continuação da lição importante.

A Conspiração subsistente (Pedreiros-Livres) não pára na sua marcha, de todos os estratagemas se serve para a proseguir, e não tem a malicia hum só recurso de que não lance mão. Diz ao povo, que trabalha para comer o pão com o suor do seu rosto, aos Artistas, que se affadigão pela gloria, aos chamados negociantes, que querem ter todos o dinheiro de todos: — Vós achareis tudo isto com abundancia, e fartura na Democracia; ajudai-nos a nós, e vamos fazer igual todo o genero humano. Trabalhai da vossa parte para fundarmos todos huma Républica Democratica. Dizem aos Frades, (indignos deste respeitavel nome, porque muitos o não honrão, nem desempenhão): Vós tendes pelo vosso ministerio huma grande influencia, e vós quereis sacudir esse jugo, que vos parece pezado, porque o não quereis conhecer; ora pois ponde em desordem as familias, dizei-lhe que huma Monarquia he huma Tyrannia, cooperai na fundação de huma Républica Democratica, nella não ha Frades, vós o não sereis, e de repente com as vossas casacas, e chapéos redondos, que são muito graves, sereis *Chabot*, *Chaumette*, e *Fouché*, hum Capucho, e dois Congregados. Aos ricos, e Capitalistas, cançados de Quintas, Operas, e prazeres, dizem: Estais cançados na fruição de tantos prazeres, o seu sáinête está embotado para vós; he preciso mudar de objecto, já sois grandes, porque sois ricos; pois vós tereis os primeiros lugares do Governo, e nós sentaremos ao leme o que contar (de corpo presente) mais milhões diante dos nossos olhos, em bom, e ensaiado metal, porque dinheiro que não tinè, não o conhecemos: ajudai-nos a fundar huma Républica Democratica sobre as ruinas de todas as Monarquias, e de todas as Aristocracias do Mundo; e se estais cançados dos prazeres do Isidro, nós vos promettemos os do Directorio, e algum d'entre vós haverá que chegue ao Consulado (os que tinhão mais dinheiro chegárão bem depressa á Guilhotina.) Aos Bonapartistas, lhes fazem crêr (talvez que em algumas Lojas Olisiponenses se tenha bebido á saude disto), que quando elles quizerem, hirão buscar Bonaparte á Ilha de Santa Helena, deixando a Ilha aos herdeiros de João da Nova que a descobrio, e que Bonaparte, que está muito gordo, e bem disposto pela boa vida que leva, tornará sem dúvida, não para reinar por si mesmo, mas para fazer (se poder) cingir a coroa a seu filho, ou pelo menos a seu enteado, e dar a todos os seus amigos, e devótos, que são infinitos, as honras, e os lugares que elles occupavão no seu *feliz* reinado.

Aos que se não embaraçáo nem com Bonaparte, nem com Républica, nem Democracias, mas que estão cançados de tantas desordens, infructuosas, e inuteis, que não querem mais que o seu socego, e gozar de sua pequena, ou grande fortuna, adquirida nas aguas envoltas de tanta diabrura Politica, e que temem, que os Sabios, e illustrados Governos que succedêrão a tantas perturbaçóes, lhes peção contas, e lhes perguntem donde lhes vierão tantos milhoeszinhos que seguirão repentinamente aquelle estado de verdadeira abnegação, penuria, e Franciscanismo, em que existirão desde o momento em que de calças, gibão, e bons tamancos se apresentárão nesta brilhante Capital; dizem: Concorrei para fazermos huma montaria geral aos direitos da legitimidade, proscreváo-se as actuaes Dynastias, nós faremos huma Carta, huma Constituição, e vos daremos hum Principe que vos governe com sabedoria, e vos proteja com firmeza, que se mostre, e seja absolutamente estranho ás vossas opiniões, que deixe estar quem está, e que ainda que conheça que fostes, e sois as sanguixugas do Estado, não vos perturbe, e vos deixe gozar dessa fortuna, e desses bens, que o Padre do Desapprovador, (*et Populus mecum*) sabe maravilhosamente como forão adquiridos; e o que passou, passou.....

Continuar-se-ha.

Se estes desenganos são amargos, digão até os meus cordiaes amigos, os Medicos, como se ha de curar hum mal que se não conhece, e como se ha de restituir a ordem á sociedade, se se não arrancarem pela raiz, e se não extirparem os males que a perturbáo.

Fim do vigesimo Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.° 21.°

Ridet, et odit.

Juvenal.

Variedades.

TEnho meditado sobre as opiniões dos homens, e tenho visto que o habito dá, e costuma dar a algumas dellas o tom, e o caracter de verdades demonstradas. Julga-se, e esta he a opinião commum entre os homens, que hum mendigo he hum Ente desgraçado, porque parece enjeitado da Fortuna, e da Natureza; da Fortuna, porque nada tem; da Natureza, porque ás vezes he coxo, he manco, he calvo, he carcunda, he doente, e hum homem sem real de seu, e com hum capital de molestias, defeitos, e imperfeições naturaes, he, ou parece ser hum Ente infelicissimo. A sua casa he hum palheiro, a sua sala he o andar da rua, a sua guarda-roupa são quatro farrapos, a sua cama he o que succede, e a primeira mangedoura despejada de huma cocheira de seges de aluguel he para elle hum Leito Imperial, a sua ucharia he a porta de hum Convento (no caso que ainda lá haja caldo); a sua baixella, a grande baixella, pelo que pertence á materia, e mão d'obra, importou em dez réis; verdade seja não tem muitos lavores, nem symbolos, nem allegorías, he de hum barro caseiro, e serve muito bem para o que serve. Hum individuo desta classe, e deste estado, julga-se desditoso; esta he a opinião pública, e passa por huma verdade de experiencia; pois he huma mentira, e huma parvoice. Eu não conheço homem mais ditoso que hum mendigo. Se entre nós houvesse a Lei que havia em Athenas, chamada Ostracismo, a qual proscrevia, e desterrava para fóra da Villa e Termo os Cidadãos mais ditosos, mais respeitaveis, mais independentes, como fizerão a Themistodes, e Aristides, eu não escrevia na casca de Ostra o nome dos Grandes, dos Generaes, dos Capitalistas mais emburrados que aqui ha, e eu conheço muito bem; pu-

nha fóra a eito, alto, e malo, todos os mendigos, porque a sua ventura, independencia, e boa vida he tal, que faz inveja, e ciume a todos os outros Cidadãos; e a nossa felicidade, he elles não se conhecerem a si, e as vantagens do seu estado, porque se as conhecessem, e se conhecessem, fazião zombaria de nós. Eu vou por essas ruas estudar; porque huma casa cheia de Livros, tinteiros, e papeis, não he mais que o theatro de huma douta ignorancia; quem não quizer saber nada ponha-se a estudar só pelos Livros, estude só por elles, e ficará a respeito do conhecimento do homem, e na sciencia dos costumes, ou hum perfeitissimo ignorante, ou hum intoleravel fallador: chegará a traduzir aos oitenta annos de idade huma Tragedia de Euripedes, ou o resumo da Logica de Genuense, isso he verdade; mas em moral, e no conhecimento do homem, não adiantará hum passo; a rua, rua, e mais rua, esta he a escola, esta he a grande Bibliotheca. Como ficaria eu, se não fosse á rua? Talvez que por amor disto andem sempre tantos Filosofos, e Moralistas pelo Rocio, e se chove, lá está Nicola, Marrara, Grego, e outros Licêos, onde se aprenda Moral, e se estude o homem. Muito ha que estudar na rua! Pois huma estrepitosa carruagem, cuja envernizada caixa, e elegante jogo ainda se está devendo ao Carpinteiro, ao Correiro, e ao Envernizador, e cujos fogosos ginetes ainda estão em aberto no Livro da caixa do Tosquiador tal, não he huma cousa melhor para estudar, que hum volume de Platão que não ha quem o entenda, ou hum Publicista do Instituto, que não ha quem o ature? Pois aquelles oculos fixos com toda a etiqueta das cortezias, aquelle ar magistral, e aquella casaca que depois de feita nunca mais tornou a passar pela rua Augusta porque ainda existe sem hum P., e sem hum G. naquelle Borrador onde para os amigos se lanção os cortes com *sinceridade* pelo custo, e pela factura, como se vai vêr ao Livro mestre, que ninguem entende, e menos se entenderá na Junta, quando lá fôr ter, em fallimento *de boa fe*, não he para o contemplador huma Dissertação mais eloquente, e mais sucosa, que a que levou o premio na Academia de Dijon? E então nada tem que estudar aquelle mancebo, que manda dar a travéz com o Navio nos baixos de tal, depois de o ter seguro em Inglaterra, sendo a primeira cousa que naufragou o caixote das Patacas a risco para a China, que não foi lá, ficou cá; e para se não enjoar com a marezia ao sahir da barra, melhor he que se funda na Opera, que se empalme na Banca, ou que se enterre na Quinta, que não póde ir ao rateio por ser dote da mulher; não he hum volume mais douto, e mais profundo que toda a Historia Filosofica de Raynal, ou que o Tratado de Locke sobre o entendimento humano, que não serve senão de fazer secar os miolos á gente? A rua, e só a rua. Cada homem que contemplo he hum Doutor que me ensina, a mesma rua he huma Universidade.

Não sei para onde hia hontem, para o Rocio, cabisbaixo, e absorto como costumo, em filosoficas, e tristes contemplações sobre huma contradição sempre subsistente, que vem a ser a lamuria universal de que não ha dinheiro, não ha dinheiro, não ha dinheiro, e huma prodigalidade de luxo, qual nunca se vio em Portugal nos oito compridos seculos da nossa existencia politica; as seges são tantas que não ha passar huma rua ainda a menos frequentada, sem muito trabalho, não fallo nas de aluguel, cujos emplastros brancos, e grandes números pretos tanto humilhão alguns fanfarrões, que dentro dellas se empertigavão, fazendo presumir que erão suas as que com tanta pressa corrião, porque as promessas de gorgeta erão para arrebentar aqui huma criança, e além estropear de todo hum velho surdo; fallo de tantas carruagens, que menos pompa terião os carros de triunfo dos antigos Romanos, e menos plumas, e douraduras o Palanquim de Vasco da Gama, quando sahio da cadêa em que o Catual insistia em tello prezo, como bem canta o Principe dos Poetas. Fallo de tantas mulheres cujas saias dérão em ser mais curtas que as tangas dos Mexicanos no estado da Natureza, enterradas em humas tampas não sei de que, a que chamão barretinas Francezas, porque as utilissimas Modistas desta Nação polida, e humana, lhe apanhão tanto dinheiro, que com elle podião muito bem os Francezes augmentar em duplo as restituições que fizerão (não por sua vontade) aos povos cardados, e tosquiados por elles. Nestas contemplações hia eu immerso, quando ao passar o largo de S. Domingos dellas despertei com o som agudo; e depois espalhado de huma gargalhada, como poucas tem escutado neste Mundo os meus martyrizados ouvidos; volto os olhos, e vi que aquelle desusado movimento do Diafragma sahia de hum Mendigo moço, mas carcúnda, e coxo que coberto de trapos estava com a muleta ao pé estirado no chão com a cara tão alegre, e com tanta serenidade, e tranquillidade de alma que parecia o fantastico sabio dos Estoicos, ou hum Negociante que sabe quando ha de fallir, e está repimpado sobre hum soffá de verdura á sombra dos choroes, ou azareiros da sua quinta de tal; em fim o tal desavergonhado parecia-me no ar de satisfação hum Poeta que acaba de compôr hum Soneto a huns annos, e arrebenta por ir com elle moer a paciencia, e desafiar os bofetões de quantos encontra, e a quem o embute não só com teima, porém com pertinacia. Ora este contentamento, ou alegria me pareceo huma especie de injuria feita aos negros vapores da minha melancolica contemplação: parei, e me puz a olhar como costumo para aquella tão pequena, e tão estropiada figurinha, cuja fisionomia alegre, e satisfeita parecia estar dando os agradecimentos á fortuna do estado em que o tinha posto. O meu primeiro movimento foi exclamar com o grande Agostinho ainda Filosofo Academico, quando

em iguaes circunstancias vio hum mendigo naquelle passeio de Milão, onde andava meditando o Panegyrico que devia recitar ao Imperador Valentiniano: = Alli está a ventura que nós andamos buscando, em quanto nós com as nossas letras, doutrinas, e sciencias gememos nos braços da amargura: = O mesmo disse eu, mas com outro sentimento, porque estas cousas, e esta ventura da actual sociedade humana, conheço eu melhor que o grande Agostinho, que então se entretinha com a sua especulativa Filosofia, e depois com as suas virtudes. Com effeito vi que a felicidade social, tinha o seu azylo, e bem seguro nas roscas, sinuosidades, vãos, e concavidades daquella corcunda, ou naquelle corpusculo ennovellado. A existencia deste trambolho, he precaria, e he obscura, mas he independente, e tranquilla: nenhum cuidado o inquieta, não se embaraça com o futuro, não se lembra do passado, e goza em paz do presente. Fracos soccorros lhe dá a compaixão pública, mas são os que bastão para lhe conservar a existencia. Cousa nenhuma se oppõe á sua independencia, ou perturba a sua segurança. Está na sociedade como se a ella não pertencesse; as cargas, que a sociedade impõe, não são para aquelles hombros. Para elle são cousas estranhas as desgraças, e os incommodos que acompanhão o homem no estado civil. Os abalos politicos? Nem com elles sonha quando se embebeda. Comece, ou acabe o Congresso de Vienna; fique a Polonia para aqui, Wurtemberg para alli; haja o Reino Véneto-Lombardo, ou não o haja, sejão magros, ou gordos os cavallos, em bom uso, ou remendadas as Peliças que dá o douto Embaixador da Persia ás pessoas do seu conhecimento, nada disto lhe tira os tres, ou quatro palmos de terra em que está deitado, e muito menos o indespegavel travesseiro em que se encosta, que he a corcunda, que o afformosêa. Isto ainda he pouco, continuei eu a dizer comigo, lendo por aquelle mal encadernado volume, e aproveitando mais na indagação da verdade, que com todas as leituras de Mallebranche; aquelle terreste golfinho não tem, nem obrigação, nem necessidade de amoldar o seu caracter aos caprichos dos Grandes, e dos Poderosos, nem de fazer Corte, ou desfazer-se em zumbaias até aos Officiaes papelistas da mais inferior instancia das Sete Casas, porque não tem lá que despachar, não tem que solicitar huma audiencia nem do Meritissimo Senhor Almotacé, ou de implorar a protecção de hum Guarda-Portão, ou de hum lacaio. Proceda-se lá a hum recrutamento, aquella joia, ou solta huma gargalhada, ou não olha para as levas que vão passando. Prende-se para a maruja? Quem ha de guindar n'hum aparelho aquelle trambolho para bordo de huma Náo. Quem quer lá aquillo para lhe dar de comer? Os Officiaes de Justiça por alli andão, porque aquelle he o seu logradoiro, mas nem elle enfia quando os vê, nem elles para lá olhão, porque não tem que tirar.

Nenhum homem he senhorio das suas casas, elle não conhece outras senão aquellas, que a todos deo o Author do Universo. Chega-se o Natal, ou o S. João em que he preciso despir a camisa do corpo para satisfazer a sempre progressiva cobiça dos taes senhorios? Com isso não tem elle nada; se lhe chegão estas duas tremendas Epocas, ou he para adorar o mysterio, ou rezar ao Santo, e pedir em seu louvor. Não se inquieta com Passaportes de Artigas, em que ás vezes ganha mais o roubado, que o Pirata, porque começa a dizer, que hião lá mundos, e fundos, e ficando cá com elles, nem os dá a seus donos, nem por elles o demandão, porque os levou o Corsario. Não se embaraça com dinheiros a risco, o seu gyro he tão sabido como seguro; das mãos dos passantes para as suas, e das suas em direitura para a Taverna. Para esta empada, continuei eu a dizer comigo, não he o jugo odioso de leis, ou vontades arbitrarias daquelles homens que abusão do poder para desgraças de seus semelhantes. Os Commissarios Portuguezes do Exercito da Gironda, não forão com *zelo Patriotico* pedir a este desgraçado (pedir? Tirar) a este, em apparencia desgraçado, a miseravel enxerga em que se deita. Não reme que huma Banca rota especulada pelo dólo, ou malicia, ou trazida por imperiosas circunstancias (rara ave na terra!) o precipite do seio da opulencia no abysmo da penuria, e da miseria; nem lhe ficárão nas mãos letras, cujo sacador tem nome, mas ainda que o tenha o Acceitador, porque ha, e póde haver nomes sem sugeitos, não se sabe quem seja, e onde more. Que lhe importa a este homem os resultados das eleições para as Camaras dos Pares de França? Para muito mais longe me hião levando estas reflexões, estendendo o pensamento ás outras classes de mendigos, igualmente mandriões, e igualmente felizes, porque se este mesmo corcunda, e aleijado podia trabalhar, como o não poderião fazer centos, e milhares, de outros robustos, esbeltos, desempennados, com huma saude a prova de Medicos, que com humas barbas de tres semanas, ou hum mez, fazem de geito huma cara miseravel, e com hum montão de trapos, que nada lhe custárão, excitão a compaixão pública, e conservão o indispensavel, e universal tributo daquellas esmolas que nelles mantém a ociosidade, e podião manter a desgraçada existencia de tantas familias indigentes, que no silencio, e talvez que na desesperação arrastrão os ferros, e sentem o pezo da horrorosa pobreza, que não atrahírão pela imprudencia, e a que talvez estejão condemnadas pela rapina, e prepotencia de esfaimados, e sanguinarios Tigres, ou insaciaveis sanguixugas do Estado. Deixei-me de tanta Filosofia que só pára em inuteis desejos, cheguei-me ao risonho Filosofo corcunda, e aleijado, já com a minha imaginação em calma, e deixei-lhe cahir déz réis em huma cousa que lhe servia de chapeo, e que era a copa sem abas de outro

cujo nascimento hia datar na expedição de Tunes por Carlos V. Roguei-lhe que pedisse ao Ceo me fizesse corcunda, aleijado, e mendicante como elle, que era unico meio de ser feliz, e de rir como elle ria, que era cousa que ha muitos annos me não tinha acontecido. Com effeito he melhor ser aleijado, e mendigo, que Escriptor. Porque? Pelo que se vai a lêr.

Hum homem grande, e poderoso disse há poucos dias em ar de soberba compaixão: = Tomara que o Padre do Desapprovador se resolvesse hum dia a tomar hum quarto de papel, e huma penna, e escrever alguma cousa séria, e grave, o que até agora não tem feito, porque o Espectador, e o Desapprovador .... = Esta he a maior injuria que se me tem dito, e a maior invectiva que se me tem feito desde o instante em que escrevi que ElRei D. Sebastião tinha morrido na Africa a 4 do mez de Agosto, como consta além de outros testemunhos pela Folhinha, e que era huma parvoice esperar que elle viesse, ou apparecesse antes do dia da resurreição universal. A defensa propria he de Direito natural, e se a caridade heroica quer o perdão das injurias, esta mesma caridade não prohibe, que se destruão as calumnias com as vozes da verdade, e por isto eu dou nesta occasião a este Senhor hum rol de alguns *Entremezes* com que por certo elle não saberia rir, se os soubesse lêr. Creio que não ha materia nem mais santa, nem mais séria, nem mais importante, que a Existencia de Deos: esta foi demonstrada por mim *a priori* no Tratado com este titulo: — *Existencia de Deos.* — Depois disto creio que são cousas muito sérias as verdades mais importantes da Religião, e da Moral: veja-se o Livro intitulado: — *A Verdade.* — Creio que he cousa séria, e relevante o conhecimento do homem, quanto póde ser conhecido com a razão independente da Revelação: — Veja-se o Livro intitulado: — *O Homem, ou os Limites da Razão.* Creio que he cousa séria refutar os principios methafisicos, e moraes dos Pedreiros-Livres Illuminados; origem, e motivo da corrupção pública; veja-se o Livro intitulado: — *Refutação dos principios methafysicos, e moraes dos Pedreiros-Livres Illuminados.* — Creio que he alguma cousa séria levar o homem pela contemplação das maravilhas da Natureza ao conhecimento do seu Divino Author; veja-se o Poema intitulado: — *A Meditação*, — e ver-se-hão no quarto Canto todas as provas methafysicas, fysicas, e moraes da Existencia de Deos. Não augmento o catalogo, podendo-lhe ajuntar Sermões sobre os mais graves objectos, e interessantes materias como sobre a verdade da Religião, sobre o Filosofismo do Seculo, sobre o Espirito de Partido, sobre a Morte, &c. Corra agora o Senhor pela memoria todos os Escriptores Portuguezes ha hum seculo para cá; e mostre-me obras tão sérias, e tão interessantes como estas, mostre-me alguma cousa que com isto se pareça; mas a prevenção he tão cega, e odio tão injusto que

nem quer conhecer o que a todos he patente, nem ao menos lembrar-se do que a Prensa fez público. Tenho respondido, ou o que tenho feito por mim responda, e o que fiz foi feito sem auxilios estranhos, sem recommendação, e sem interesse, nunca busquei, nem buscarei protecção, nem prostituí a faculdade de escrever a nenhum respeito humano. O Poema — *O Oriente* — he conduzido com magestade, com decencia, e com decôro. Nelle não ha turpitudes, não ha *desejos que se enrolão nas pernas de Venus*, não se comette a reforma do Mundo moral, pela extincção, ou resfriamento da caridade nos Bispos, e nos Pastores das almas, aos Cupidinhos que amolão as settas, e que vao depois ferir as Ninfas do Oceano para virem satisfazer com torpezas os marinheiros das Náos de Vasco da Gama, para os recompensarem dos trabalhos soffridos na viagem, descançando entre *famintos beijos, e alvas carnes subito mostradas* naquella infame Ilha que Venus acarreta fluctuante pelo Oceano, pelo amor que tem aos Portuguezes, por hum motivo grammatical, e muito proprio de Venus, que he a Ethimologia, e a semelhança da Sintaxe das duas Linguas Latina, e Portugueza? Este gostinho Filologico obrigou Venus a grandes excessos a favor dos Portuguezes no anno de 1497. No Poema — *O Oriente* — não se vê o Gigante Adamastor transformado em monte, no tempo que os Gigantes fizerão a guerra a Jupiter, lendo Plinio, e a Geografia de Pomponio Mela, Ptolomeu, e Estrabão. Alli não está Baccho em Moçambique, feito Clerigo, de sobrepeliz, e estola, adorando *a Deos verdadeiro*, e enganando os Portuguezes com hum painel pintado por elle, da vinda do Espirito Santo sobre os *doze da companha*. Mas o Poema — O Oriente — he a pedra do escandalo, e o martyrio da inveja; daqui vem todos os tiros, e por amor delle, ou dos Pedreiros-Livres, se formou a conspiração chamada dos *Mosquitos*, que com qualquer rodilha se enxotão, e com qualquer chinello se esmigão. Isto não he resposta a elles, porque responder a inepcias, ou pessoaes affrontas, he dar entidade a mosquitos cobertos de infamia por suas mesmas descomposturas. O partido do homem prudente he o do silencio, só nelle se desprezão; porque dar-lhe huma palavra he mostrar lhe que são alguma cousa. Entretanto, que gosto, ou satisfação póde ter o homem applicado em escrever, e escrever sobre as materias mais graves, mais santas, e de maior ponderação, existirem estas obras, e andarem pelas mãos de todos, e vir hum homem dizer que deseja que eu pegue de huma vez em hum quarto de papel, e que escreva alguma cousa que seja séria? Tomara que este homem grande me dissesse que cousa, que materia julga elle séria? Talvez que a publicação de algum papel carunchoso que os antigos não quizerão imprimir, e deixarão esquecido, e desprezado no pó de alguma Bibliotheca; isto póde fazer hum homem que apenas saiba escre-

ver o seu nome, e queira gastar o seu dinheiro. Será cousa séria alguma destampada memoria escrita em Portuguez bastardo sobre o Testaceo chamado o mixilhão grande, ou o grande Martello, com que se põe logo em contacto, e correspondencia com os outros Sabios dos Institutos, tão sabios, e tão uteis como elle. Ora muito rico, e muito instruido fica o Mundo com os conhecimentos das dimensões exactas do grande Martello, e classificação da coquilhagem univalva. São estes os grandes, e sérios homens!! E entretanto a Legislação em desprezo, a Historia em esquecimento, a Religião desconhecida, e a Moral ignorada. Assentemos que o melhor he o silencio, quando o premio dos bons escritos são as affrontas. Fique a mania palavrosa, desenterrem-se termos antiquados, faça-se delles o unico, e verdadeiro capital de sciencia; cuide-se em hum objecto tão sério como hum Diccionario da Lingua Portugueza onde á palavra, ou termo nautico — *Barlavento* — se dê esta significação — *He o estrondo que faz nos ouvidos hum orador quando falla* — que he o mesmo que dizer, que não escutar o Orador, chama-se — *Sotavento.* — A' vista desta obra *séria* eu annuncio, e prometto ao Público, que a ultima letra com que acabar o 26 N. do Desapprovador, será talvez a ultima letra redonda que se veja minha.

Fim do vigesimo primeiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se esta Obra periodica, assim como a Collecção completa do Espectador Portuguez *do mesmo Author, na loja de* João Henriques, *Rua Augusta N.* 1.

Na mesma loja se acha a Lyra Anacreontica *do mesmo Author, recentemente acabada de imprimir.*

O DESAPPROVADOR.

N.º 22.º

Ridet, et odit.

Juvenal.

PARADOXO.

He mais vantajoso o estado Selvagem.

HUma censura da civilisação, motivada por alguns inconvenientes que necessariamente resultão do Estado social não me parece fundada em razão, e experiencia; nem tem o merito da novidade, depois do estampido que fizerão os paradoxos de João Jacques, e de seus copistas. Mas se neste paradoxo não ha razão, e justiça, póde haver com tudo alguma desculpa. O espectaculo dos vicios do Seculo, a desordem continua das opiniões, e das paixões dos homens neste que tão enfaticamente se chama o ultimo apuro do estado de civilisação, derrama certo azedume na alma do homem pensador; e quando eu contemplo o quadro do Mundo moral, e civil desde a época da monstruosa Revolução Franceza, de tal arte me entristeço, e penaliso, que me vejo obrigado a dar por hum instante a preferencia ao estado de barbaridade inculta, ao estado chamado Selvagem, sobre o estado da exagerada civilisação, achando alguns vislumbres de justiça naquelle pensamento de João Jacques, que o primeiro passo que se devia dar para a reforma do Mundo moral, e civil, era o da abolição, e destruição das grandes Capitaes da Europa, porque, dizia elle, quando ouvia comparar a população de Londres, e Paris, lhe parecia que ouvia disputar sobre qual das duas Cidades tão nomeadas, e famosas, tinha mais vicios. Preferir hum lugar solitario, e inculto ao estrepito, e bulicio, confusão, e incommodos de huma grande Cidade, tem sido o voto de muitos homens sizudos. Juvenal, ainda que sem systema, e methodo Filosofico, com mais vehemencia que João Jacques, fez a pintura, ou o quadro da corrupção de Roma, quando esta Cidade, e todo o Imperio Romano, tinha chegado ao mais subido apice da civilisação. Não ha pincel que iguale em vigor ao da terceira Satyra do mesmo Juvenal; determina tirar-se de Roma, pelo que em Roma

via , sendo alli muito maior o Imperio dos vicios , que em todo o Mundo o Imperio das suas armas. Antes queria habitar nos gêlos , e nos rigores do Volga , que nas delicias do Tibre ; e a mesma preferencia dará ao estado selvagem quem bem conhecer , e sentir os males , e os crimes do estado de civilisação , não porque ella necessariamente os produza , mas porque della se abusa. Supponhamos que he hum brinco de engenho , e como tal se deve crer , que a censura da civilisação comparada ao estado selvagem , nem tem , nem deve ter effeitos perigosos. Estou certo que os homens mais mal tratados nas sociedades Européas , não acharão em minhas melancolicas reflexões motivos sufficientes para hirem buscar melhor condição , ou nos impraticaveis Sertões do interior da Africa , ou nas solitarias Ilhas do Mar do Sul.

Muitos Livros Francezes escritos desde 1789 para cá , me excitão o riso , e me accendem o odio , porque não respirão mais do que maximas , e principios de civilisaçao , e de humanidade naquelles mesmos instantes em que a França de hum cabo a outro cabo estava inundada de sangue , sem ter huma Cidade onde não estivessem levantados muitos cadafalços , aos quaes por milhares sobião as victimas da mais refinada barbaridade , exercitada não contra inimigos externos , mas contra os mesmos Nacionaes , e proprios Cidadãos. A Historia da Revolução apresenta quadros de mais horror , que a Historia do Baixo-Imperio na invasão dos barbaros do Norte pelo Meio dia , e Occidente da Europa , e tanto mais espantosos são os quadros de sangue da Revolução , quanto mais risonhos erão os quadros de civilisação que os seus Escriptores nos fazião. Os Vandalos , os Godos , os Hunos , os Longobardos , os Suevos , os Alános , erão povos barbaros , e incultos , e os Francezes da Revolução se assoalhavão pelos mais civilisados , humanos , e polidos do Universo. Estes mesmos humanos Francezes , são os que em seus Livros impressos nos seus Didóts , são os que mostrão ter muito dó , e muita compaixão dos Selvagens Caraibas , porque em suas guerras costumão mutuamente assar , e cozer as carnes de seus inimigos , e comêllas ; mas entre estes Selvagens Caraibas , e outros Selvagens não se descobrem os supplicios perpetuos a que huma sociedade civilisada condemna sem horror , e sem piedade huma grande parte de seus filhos. Se os Selvagens do Canadá fazem muitas vezes a morte cruel , não costumão fazer , nem sabem fazer a vida odiosa. Se exterminão em guerra , porque não estão civilisados , outra Horda Selvagem , Ceos ! quantos povos , quantas Cidades exterminarão , abolirão , e pulverisarão os civilisados Francezes ! Diga-o Portugal , que os não provocou , nem offendeo. Os Selvagens dão a morte a seus inimigos prisioneiros de guerra , e quantos povos são passados á espada nas civilisadas guerras dos Europeos ? Fernando Cortez , e Diogo de Almagro matarão mais Peruannos , e Mexicanos que todos os povos Selvagens da mesma America

tem matado em suas guerras. Não admira que os Selvagens matem os inimigos prisioneiros, porque são estranhos, e inimigos, o que assombra he, que os Francezes matem com veneno os seus mesmos doentes, e feridos, por não terem a despeza de os curar, e o trabalho de os trazer. Se as acções dos Selvagens são barbaras, não tem profissões, e officios em que a civilisação impõe, pelas leis do luxo, a pena de lentos suicidios. Não se descobrem, e observão entre os bosques dos Selvagens aquellas forjas abrazadas, e abrazadoras, em que os homens sacrificão metade da sua vida para sustentar a outra martirysando-a, nem aquellas minas, ou cavernas subterraneas em que os civilisados Europeos vivem no meio do fogo para domar o ferro, fundindo seus dias nos mesmos cadinhos dos metaes, destruindo a propria vida, para fabricar os instrumentos da destruição da sua especie. Não se descobrem no meio dos Selvagens aquellas minas em que se vão rasgar as entranhas do Mundo em que homens sepultados renuncião para sempre a luz do dia para satisfazerem, ou contentarem a cobiça de seus semelhantes, nutrindo-se com hum pão negro, e molhado em lagrimas, para nutrir nossos insaciaveis caprichos, arrancando do seio da terra o que a Natureza com huma maternal avareza tinha com tantos cuidados, e ciumes escondido. Não se vêm entre os Selvagens aquelles horrorosos engenhos de assucar, verdadeiras imagens do Inferno, em que expirão tantos Negros desgraçados sempre debaixo do relho, ou açoite atormentador pagando a menor falta, ou descuido com os mais deshumanos supplicios, em que se lhe suspende a morte para se não perder o preço, ou valor da sua miseravel existencia. Não ha entre os Selvagens huma multidão de Seres infelizes, que tirão de ardentes fornalhas a maça do vidro informe para soprarem aquelles milhões e milhões de sempre reproduzidas garrafas, em que outros hirão comprar o esquecimento da vida, e a perda da razão, ou outra multidão de entes que derramem de vasos de fogo ardentes lavaredas sobre alizadas mezas de bronze, para polirem o espelho em que o peralvilho, ou o estupor femea namoradeira se vão gostosa, e tranquillamente mirar. Não ha entre os Selvagens homens que sacrifiquem, e percão a sua vista para mostrarem aos outros o curso das horas em tão complicadas maquinas, e tão subtis mollas dos tão sumptuosos como inuteis Relojos. Não ha entre os Selvagens homens, que para viver antecipem a corrupção da mesma morte enterrando-se nos excrementos de seus semelhantes para lhes limparem as ruas em que passeão, ou as casas em que habitão, ou as prizões em que gemem, ou os Hospitaes em que padecem.

No meio de tantas penalidades, e trabalhos, alguns Entes favorecidos do que se chama Fortuna, alguns ricos, e opulentos, cuja ociosidade parece que repousa entre as fadigas do Mundo, desgostados dos prazeres que tão caro lhes custão, vão comsigo levando, e arrastrando sua opulenta miseria. Tem o sentimento do coração embotado entre os prazeres que acumu-

lárão , confessando , e sentindo em si hum vacuo a que nunca poderão dar o nome de repouso. Ateinuão-se , consomem-se para ser ditosos , e morrem sem conhecer a ventura. Affligem-se muitas vezes , não da sorte , ou condição , mas do estrondo , e da bulha dos mesmos artifices que nutrem seu luxo , e se enfadão com os mesmos trabalhos que elles mandão fazer , e em quanto estas numerosas victimas da sociedade se esquecem da Natureza para lhes multiplicarem os prazeres , que já não sentem , os ricos , cançados da simplicidade da mesma Natureza , buscão , para enganar o tempo vãs imitações , que repetidas não lhe podem já despertar o sentimento. Ora considerando o espantoso contraste destes horriveis trabalhos , e insipidas delicias , qual he o homem que não descobre na sociedade hum verdadeiro carcere de tormentos , e desgostos ? Vem então , trazida talvez pela melancolia , ou pela Filosofia a tentação que dava em João Jacques , e em muitos mais de fugir para os bosques , onde não ha mais que o risco de ser sumariamente devorado por alguma féra , se esta tiver mais força que o homem que se esconde.

Tenho ouvidos , e escuto muito bem o que me dizem os Livros , e os homens. „ Tu te esqueces maliciosamente dos fructos admiraveis do polimento , e civilisação que te ensinão , não só os Filosofos , mas a experiencia. Esta Jerarquia das classes , e dos Estados era necessaria. Era preciso que huma parte da humanidade fosse destinada a empregos , e misteres trabalhosos para sustentar a outra metade , e conserva-la , para se elevar á contemplação do Mundo moral , á cultura , e estudo das Sciencias , e ás maravilhas , e prodigios das chamadas boas , ou bellas Artes. „ Tudo isto assim será , mas os Selvagens nada disto tem , e nem por isso passão peior. Por ventura as Sciencias prolongão , ou dilatão a vida dos homens civilisados ? Ainda se não demonstrou , nem talvez se possa demonstrar com argumentos a que se não responda , que as Sciencias (Naturaes , Humanas , e Filosoficas) tornem preferivel á vida solitaria , escondida , e selvagem , a vida daquelles Entes privilegiados que as cultivão , e que nellas mais tem aproveitado , porque as verdades que nellas se alcanção são poucas , e os trabalhos que nellas se padecem , e supportão , são muitos , e innumeraveis. Se as Sciencias desde o momento em que nascêrão , ainda não deixarão até agora de mudar de systemas , variando-se estes todos os dias , e sendo tão varias , tão discordes , tão contrarias as opiniões dos Sabios , sobre hum mesmo objecto , quanto forão sempre multiplicadas , e oppostas entre si as Seitas dos Filosofos , como se poderá crer na realidade de seus progressos , e na segurança de sua marcha ? Tudo he vaidade , soberba , ignorancia , trabalho , e infructuosa dor , pelas estradas filosoficas dos limitadissimos conhecimentos humanos.

As mesmas Artes , que cobrem de flores os abysmos da vida , não tem mais do que regras de convenção , que nunca embaração , nem suspendem a eterna versatilidade , ou variação de

gosto. Em fim se se não podem observar os Astros, e cultivar as Artes, sem que o Sabio se encerre em hum Gabinete mais solitario, e mudo, que o Selvagem errante nos bosques, e se he preciso que huma classe immensa se sacrifique a horriveis supplicios; para que haja hum Mundo sabio, e huma Républica das Letras, como nas Cidades da Grecia, onde a liberdade (verdadeira escravidão) não se fundava mais que na servidão, e escravatura, a grande maioridade da especie humana he evidentemen e mais desgraçada no estado da viciosa civilisação Européa, que no estado inculto, e selvagem, sem que se haja provado, que o resto desta maioridade seja mais feliz, e ditoso que os mesmos Selvagens. Não ha pois que allegar a favor desta civilisação que tanto nos tem apregoado os Filosofos Francezes, mais do que o costume, ou o habito de lhe supportar os males, não apparentes, ou fantasticos, mas reaes, e verdadeiros.

Que direi deste estado de apurada, e alambicada civilisação, se apartando a vista do espectaculo de tantos seres, miseraveis victimas de trabalhos penosos, eu considerar aquella porção de seres, que se dá ás especulações, e aos pensamentos? Que direi daquelles miseraveis que são doceis a todos os fantasmas de huma sensibilidade sem limites, e que se crião elles mesmos tormentos que lhes faltão no curso ordinario da Natureza, acumulando na imaginação todos os males, porque na mesma imaginação lhes determinão, e lhes fixão a possibilidade? Daquelles Entes mesquinhos que accelerão os males distantes, ou possiveis com a previsão, e os augmentão com a inquietação, e desassocego, ajuntando aos supplicios da Natureza, a immensidade da sua escaldada fantasia? Encontra-se isto nos Bosques? Para os do Maranhão fugia o Padre Antonio Vieira por não aturar Lisboa, e sendo hum homem tão superior aos outros nas faculdades do Entendimento, antes queria viver com os Tapuias, Gamellas, e Botecudos, que com os polidos Cidadãos, e civilisados Cortezãos do Palacio em que elle era tão respeitado como necessario. Que faria se depois da Regeneração Franceza, e da civilisação Revolucionaria elle vivesse em Lisboa? Não quero reflexões que offendão, ainda que desenganem, ainda que achei outro dia muita razão a hum homem que disse que he preferivel no estado de barbaridade inculta huma guerra com os Topinambazes do Rio das Amazonas aos debates, e ás tumultuosas tenebrosidades de hum Capitulo. Isto, que parece excessivo encarecimento, talvez seja huma verdade demonstrada. Eu não quero exemplos, não digão que são invectivas, quero discursos.

As mesmas risonhas pinturas que fizerão ao natural, só os Poetas antigos em suas composições Bucolicas do puro estado da Natureza na vida Pastoricia, e solitaria, nos dá a conhecer, que he esta a natural tendencia do homem, e que está violento no estado de tão apurada civilisação, onde a somma dos males he por certo muito maior que a dos bens. E para passar

mos áquelle tom, áquelle alamiré de que o Público tanto gosta, concluamos este innocente paradoxo, dizendo, que entre os Selvagens, não ha Procuradores de Causas, não ha Alcaides, não ha Escriváes, não ha Senhorios de casas, não ha Comicos, não ha Comicas, não ha vinhos engarrafados, não ha Modistas Francezas, não ha Estalagens pelos caminhos, não ha Alfaiates, Alfaiates, Alfaiates, estes Alfaiates a quem nada sobeja senão a vontade de levarem mais pelos feitios. Entre os Selvagens não ha seges de aluguel, cada hum vai pelo seu pé onde tem precisão de ir; entre os Selvagens não ha Boticarios, e não ha o que se segue a isto.... O que? Não ha Medicos, por isso lá ha tantos homens de cem annos, porém velhas de duzentos isso não, ainda que o digão por ahi esses Jornaes Mondegueiros. Entre os Selvagens não ha Policias Medicas, casão quando querem sem inspecção, e exame sexual, comem o que apanhão, seja salsa, seja aipo, seja cicuta, comem tudo, e estão gordos como humas Lontras; em achando batata, chamão-lhe sua, seja branca, seja vermelha, isso he indifferente, e se elles não pagão aos Medicos quando estão vivos, como lhes hão de pagar as certidões depois de mortos? Ora terras onde não ha isto, não podem deixar de ser boas! A Villa para viver sempre he melhor que a Cidade, a Aldêa he melhor que a Villa, e o Casal melhor que a Aldêa; quanto maior he a solidão menos são os homens, e por consequencia menos o luxo, menos as precisões, menos os crimes, e mais a tranquillidade, a paz, e a ventura. Não digo que se vá viver com os Ursos como queria João Jacques, mas não se viva com homens tão corrompidos, (isto não he paradoxo) com mulheres com tanta devassidão, tão pouco pejo, e com tanto furor, ou tanto histerico por companhias, partidas, modas, Operas, Passeios, Quintas, e challes de Cachemira... deixem por lá andar as cabras sem que as fação peregrinar para a Europa, cá temos boa lã das nossas ovelhas, e bom linho Gallego que he muito macio. Bem sei que huma mulher se veste agora com dezaseis tostões de ponto em branco; porque ellas cobrem tão pouco de seu corpo gentil, que pouco fato lhes basta, mas o que se poupa na bolça se perde na honra: ainda que estejamos no ultimo de Abril, a estação vai fria, as manchas do Sol, dizem os Filosofos de Alemanha, tem culpa disto, mas seja isto o que for, o certo he que ellas podião andar mais cobertinhas, e ainda que eu seja tão apaixonado do estado Silvestre da pura Natureza, consista este na extirpação do luxo, e não em huma nudez escandalosa...

A Celebridade.

Oh vós todos, oh tu, quem quer que sejas, da Irmandade dos Escrevedores, que te affadigas em folhear volumes, e volumes, e depois em matizar de preto grandes pedaços de papel branco, isto para alcançar alguns cumprimentos dos contemporaneos, e algumas lembranças da Posteridade; vós todos sabios profundos, que julgais ter feito grandes descobrimentos que o tempo desmentirá, ou outros descobrimentos farão esque-

cer; vós, pallidos Eruditos, que quebrais as cabeças, e secais os miollos em decifrar inscripções Syriacas, e Jeroglificos Egypcios, vós, que hides cavar nas ruinas de Palmira, e fossar nos areaes do Cairo, para mandar para cá pedras, e deixar lá ficar a vida; vós, Poetas, que fazeis tantos versos novos de hemistichios velhos, vós que cirziz palavras bolorentas, e frazes neologicas do novo cunho; vós, que hides pôr o Patrão da Lancha na Barca de Caronte; vós, que de cabo a rabo em huma Ode eterna não dizeis mais que palavras sem sentido, e parvoices sem graça; vós, que velais dia, e noite por nos vir quebrar a cabeça com lugares communs em soltas regras mal acentuadas, que não merecião ser expressas em prosa; vós, que intisicaes de trabalho para enjoar os homens, que para vos não ouvirem as cantatas, e lamurias vos dão de jantar, e vos mandão embora; vós, Politicos de circunstancias, grandes Profetas, e Prognosticadores de successos futuros depois de acontecidos; vós, Publicistas atrôlhados, que combinais na Loja, e escreveis no Gabinete systemas de liberdade, para homens dos quaes huma pequena porção quer commandar, e o resto não quer mais que obedecer, porque vivem muito bem nas Leis, e instituições em que nascêrão, e com que se criarão; vós, Moralistas da nova camada, que quereis conduzir com especulações, e theorias huma multidão immensa que se não leva, nem deixão levar senão por seus costumes herdados, e por seus habitos, e por sua firme, e segura crença em materias de Religião; vós (oh turba immensa!!!) vós, Criticos pedantes, que quereis, e pertendeis submetter a regras mecanicas os livres vôos do Genio, que criou com suas producções as regras, e encerrar os talentos dentro do estreito circulo de preceitos a que chamais dos Mestres, que nada fizerão, nada podião fazer, nada sabião fazer; vós todos, falladores diarios, hebdomadarios, que incapazes de escrever huma pagina que se possa citar, vos arrogais de vosso poder absoluto, o mister de ensinar aos outros como se deve escrever, e caminhais ao Templo da Fama, ou da Infamia, pela dentada, pela unhada, pelo reparo, e pela descompostura; vós todos, Escriptores, Authores, Redactores, Compiladores, Traductores, Editores, Commentadores, Expositores, Adicionadores, e *Esclarecedores*; vós, Historiadores, Prozadores, Contadores, Oradores, e Versejadores, que suais, que clamais, que vos matais pela celebridade do vosso nome, e das vossas obras, que não ha moita que não batais, e revolvais para mandar vossa nomeada nas azas da celebridade aos mais apartados, e tardios netos: vós não chegais todos, antigos, e modernos, a conseguir a publicidade, a celebridade, o applauso, e a universal acceitação de hum só Livro que vos vou nomear: obra a mais conhecida, a mais universalisada entre nós, e na qual concorrem todas aquellas circunstancias em gráo supremo que fizerão em todos os seculos a celebridade de hum Livro, que he a multiplicidade das impressões, não se passando hum só anno que não appareça huma nova edição da

mesma obra, puro texto a que ninguem se atreverá a fazer notas, ou a apontar variantes. Todos os Livros acabão, ou ao menos diminuem nos gráos da Fama, e ainda que permaneça a estimação, e se conserve o nome do seu Author, passa a moda de o lêr. Este Livro que obscurece todos na duração, he sempre lido, torna-se a elle sem enjôo, e sempre se abre, e folhêa com curiosidade. Ainda não teve huma impugnação entre o Diluvio Universal de Criticos que tem havido, ha, e continuaráõ a existir; a mesma Sagrada Biblia, o Livro por excellencia, tem sido objecto, e emprego da Critica, porque não são menos de sete Volumes os que fórmão a Collecção dos Criticos sagrados. O Livro de que fallo, senhor da verdadeira celebridade, não admitte dúvidas, acredita-se o que elle diz, e faz-se o que elle manda. He o Livro de todos os estados, e de todas as condições, acha-se no Toucador das Bellas, e no Gabinete do Ministro de Estado. Os Tribunaes o respeitão, os seus Ministros o lêem. Vê passar as gerações, e permanece. Aboia sobre as ondas do diluvio dos Livros sem naufragio, e sem se deixar engolir da voragem onde todos os outros Livros são engolidos, e ficão sepultados, até he independente do nome do seu Author, por si mesmo vale, por si mesmo vive, a si mesmo se reproduz sem deixar de ser o que era, sempre apparece novo ainda que seja antigo, a duração dos annos he a sua duração. Conseguio elle só a verdadeira celebridade immudavel, e eterna. Senhores, para não deixar por mais tempo suspensa a vossa expectação, este Livro ..... he ....

A Folhinha.

Este Livro corta as azas, e suspende os vôos ás esperanças de todos os Escriptores, se aspirão á eternidade, e celebridade do seu nome. A Folhinha existio, existe, e existirá sempre a mesma, será lida, será consultada, será ouvida, será executada em todos os tempos, em todas as idades. Nella assim como está marcado o dia do nascimento, tambem está assignalado o da morte de todos os Escriptores, acha-se infalivelmente em o Cathalogo daquelles que decorrem desde dia de anno bom, até dia de S. Silvestre, inclusivè. Sobranceira aos tempos, e aos fados vê passar por baixo de seus pés imperiaes todos os livros, e todos os Authores para o tumulo, e ella fica, e continúa a carreira circular que já mais pára, ou se suspende. A sua victoriosa marcha he como a do Universo, e como a das Estações sempre diversas, e sempre as mesmas. A aberração das Festas móveis não lhe suspende a carreira. Já houve anno em que esteve naquelle ponto, virá anno em que torne alli estar. Quem aspirar á celebridade do nome pela perpetuidade de huma obra, deixe-se da Historia d'Africa, componha Reportorios, he melhor, e muito melhor, Reportorios, e Reportorios.

Fim do vigesimo segundo Número.

O DESAPPROVADOR.

N.º 23.

Ridet, et odit.

Juvenal.

O Desapprovador.

HE justo que quem se atreve a julgar tanto, seja julgado tambem, e que se veja se ha motivos de desapprovar quem tanto desapprova. A Lei das represálias he huma Lei de equidade. O titulo de Desapprovador he hum titulo odioso, e por isso mesmo deve ser o mais sujeito á Censura, e devem os homens querer desapprovar aquillo que os desapprova, porque a Censura não deve vexar as Pombas, e perdoar aos Corvos. Assim he, mas he preciso saber primeiro se as Censuras do Desapprovador são fundadas em razão, ou se elle tem razão para censurar. Isto he o que nós vamos vêr. O Poetastro Coimbrão que até escreve cartas em nome de outros para os comprometter, e outros Poetastros mais, abrão bem os olhos para contemplarem este N. do Desapprovador, e os Frades que fazem applicações particulares de idéas indeterminadas, e geraes, tenhão a bondade de applicarem ao que vão lêr o seu perspicacissimo bestunto, e aquella alma sublime que se julga descida das nuvens para olhar com soberba, e com desprezo para nós outros os Reptiz do Mundo. O espirito, ou a intenção deste papel he a Censura do ridiculo, do extravagante, do inepto das cousas humanas, dos sentimentos, e das acções dos homens deste *bom* seculo. *Quidquid agant homines*, como diz Juvenal. E a Censura he necessaria, e he util? Eis-aqui o que vamos vêr. Ha Paizes nos quaes todas as cousas de comer, e de vestir tem hum preço determinado, ou pelo uso, ou pelas Leis municipaes, ou pelo arbitrio dos Julgadores para isso destinados, e em todas as terras deste Reino á excepção da Capital (creio eu) os Meritissimos Senhores Almotaceis determinão o preço das cousas que apparecem na Praça, a que chamão Taxa, com huma rectidão espantosa, salvo

quando os mesmos Meritissimos Senhores Almotaceis não são tão golosos como os Vendilhões, e vão com elles de meias nos lucros da fazenda almotaçada, e taxada, porque em hindo primeiro (*gratis*) a maior Pescada que vem na canastra para casa do Senhor Almotacel, logo as que cá ficão são taxadas a dois tostões o arratel, e ainda mais. Pois eis-aqui o que he a Censura. — A Taxa do merito, e do valor das cousas, porque se a Censura he justa, justamente lho determina, vindo a ser por isto huma recta, e imparcial avaliação de qualquer objecto determinado, e debaixo deste aspecto se póde julgar huma cousa necessaria, e tão necessaria que foi hum cargo de Magistratura na antiga Roma. As mais eminentes cabeças de todos os seculos estiverão sujeitas ás suas Leis, e muitas vezes forão victimas de suas injustiças. A Censura he o antidoto, ou contra veneno da vil adulação, e da baixa, e abominavel lisonja. Notavel cousa he a imperfeição dos homens! Quando os lisongeião, nunca dizem, — isso he muito —, chegão a recompensar, e premiar (quão frequente he isto, e por não fazer isto o Padre do Desapprovador, não he mais que o Padre do Desapprovador!) os mais vergonhosos incensos, ou excessos da lisonja, e adulação. O homem que he censurado sempre diz: — Isto he muito, isto he excessivo! — Enfada-se da Critica mais moderada, e guarda dentro do coração hum eterno resentimento. A Censura, se hé justa, tem hum fim moral utilissimo, o que não tem, nem póde ter o elogio, ou a lisonja; faz que o homem entre dentro em si mesmo, e que lhe não ande a cabeça á roda entre as fumaças do orgulho. Os Triunfadores Romanos levávão na trazeira de seus magestosos carros hum Escravo que lhes hia pondo na cara seus defeitos. Julio Cesar no mais illustre de seus triunfos depois de conquistar a França hia levando nas bochechas este Panegyrico: — Maridos, guardai as mulheres, olhai que levamos aqui este calvo adultero. — Sendo pois tão util o fim da verdadeira Censura, que nunca se deve, nem póde confundir com a Satyra, ou invectiva, e muito menos com a descompostura vil, e regateira de alcunhas affrontosas; não tem outro fim o Desapprovador, censura e taxa o verdadeiro merito, ou valor das cousas.

Ora digão todos, não tem razão o Desapprovador, em desapprovar até amargamente tantos Poetas, ou Poetastros entre todos os Escriptores os mais prodigos de lisonjas, e os mais impacientes da Censura? Que homem de pão póde aturar tantos Elogios de Theatro, tantas infamias, tantas baixezas? Eu conheci na minha mocidade o Poeta Magrisso; era de cara, e figura tal, que se Miguel de Cervantes o visse, não pintaria sobre outro exemplar o seu querido D Quichote; appareceo no mesmo tempo o Poeta Oleno, que era Camarada do Magrisso, e fez huma Ode que ainda existe impressa nas mãos de alguns curiosos, em que diz que o Poeta Magrisso = *se pa-*

recia na cara com Apollo. = Já vemos que Apollo era Irmão gemeo de Satanaz. E estes Poetas assim, se imaginão os Deoses da Terra, e os Soberanos da Litteratura. A mais ligeira observação Critica, que o gosto, e a razão fizessem ás suas *sublimes* composições, seria para elles huma insolencia, o seu Author seria hum impio, queimallo seria pouco; e o Desapprovador não ataca com justiça esta exaltação de amor proprio em vérmes impalpaveis, e cuja fatuidade he maior ainda que o cavallo de Troia?

Se hum tôlo a quem hum não esperado concurso de circunstancias acreditárão, acha meios de enganar o Público, não he justo que o Desapprovador desabuze, ou desengane o Público, reduzindo a pó esta estatua do orgulho, e da velhacaria? Se hum Official de huma Repartição surprehende, e illude a confiança que delle faz o maioral daquella Repartição, e commette a escandalosa injustiça de fazer dar a hum intrigante, porque lhe paga hum lugar importante solicitado, e pertendido por hum homem que o merece com aturados, e conhecidos serviços, não poderá o Desapprovador vingar o homem de merito, e desmascarar aquelle importante infatuado, e patife? Sejão grossas, e amargas estas verdades, são verdades; e a mais util, e mais honrosa funcção de hum Desapprovador será humilhar os favoritos sem merito, vingar o merito humilhado, arrancar a mascara aos intrigantes em Litteratura, cujo cabedal são quatro frazes de Quinhentos, a qualquer proposito embutidas, e com nenhum proposito empregadas, a tantos apavonados pedantes, que apparecem no fim da vida com huma traducção de rapaz de Escola com que querem que nós lhe lancemos os alliceres á immortalidade do nome, forçando a opinião pública a considerallos Sabios da primeira magnitude. Não poderá, e não deverá o Desapprovador atacar em frente este exercito infinito de empregados que com tanto prejuizo do Estado, sem corresponderem ás intenções do Governo, passão o tempo a aparar pennas, a dobrar papel, a lêrem as noticias, e cartazes da Opera, e a zombarem dos pertendentes que recebem com insolencia, e mandão embora carregados de promessas, que elles mesmos lhes fazem como se em suas mãos estivesse o expediente dos negocios? Estes Senhores, estes Senhores os empregados subalternos, cuja obrigação he obedecer aos que lhes presidem, e executar o que elles mandão, ainda não lançárão os olhos da consideração sobre os immensos prejuizos, e damnos que causão ao credito, e authoridade da administração pública, multiplicando a seu arbitrio formalidades de toda a especie com profusão, e sem discernimento, obrigando os pertendentes cançados de tanta empanturração a abandonar seus direitos, e com manifesto ultrage do Governo a clamar, que se desterrara a Justiça da Terra.

Oh! Que o Desapprovador he excessivo, he encarecido,

he exagerado! Nada disto elle tem. As Leis da Censura são fortes, e impreterivelmente se executão; se isto assim não fosse que diria, e que faria o Desapprovador, que he o Jano de Persio — *A tergo quem nulla ciconia pinsit?* A quem não se póde fazer o ninho atrás da orelha! E com effeito nomea-se hum Commissario de palha: Temos *fornecimento*. Sem ninguem o mandar forma-se elle mesmo huma Repartição, e quer mais empregados que as pavêas de palha em que ha de cuidar, e para as quaes bastava elle só. Que Diplomacia! A dois, ou tres agentes que vão buscar a palha, ou que vão á palha por esse Riba-Tejo, chama Commissionados: estes Commissionados nomeião outros agentes a que chamão Expedicionarios; estes Expedicionarios tem outros chamados Encarregados; e cada Encarregado destes quer hum Official maior, e trinta papelistas; a Escripturação de cada hum pede talentos; venha hum Guarda-Livros, vinte Guardas-Livros; porque he preciso que — *A comptabilidade esteja ao dia.* — E o Commissario da palha? Sentado n'hum Throno da mesma palha, *Chefe* da Repartição com hum *Buró* central no *Departamento* tal, sem fazer cousa nenhuma, podendo elle só fazer tudo quanto o Governo lhe encarregou, e se o não fizesse como deve, economisando, e zelando os bens do Estado, a Forca lho pagaria. E então seria encarecido o Desapprovador! Não posso deixar de citar aqui huma passagem do Francez — *Mercier* —, a quem achei muita graça, e creio que todos lha acharão: — Praza a Deos (diz este Filosofo) praza a Deos, que em lugar desta multidão innumeravel dos — *Arranhas papel* — tivessemos hum maior número dos — *Arranhas terra* —! Como teriamos então vigorosos Cavadores, excellentes Hortelões, bellissimos Ceifeiros, e prefeitissimos Cultivadores!

E não poderá o Desapprovador sem passar por atrabiliario, e satyrico, atacar, e combater esse *Neologismo*, ou introducção de palavras novas, que nenhum parentesco tiverão, ou tem com a lingua Portugueza, que ha huns annos a esta parte se tem escandalosamente introduzido nos livros, nos discursos, e até nas familiares conversações, que não ha já quem se entenda com semelhante salgalhada de versos, e prosas, e isto com hum milhão de Professores de Grammatica Portugueza, e de cerzidores de Diccionarios de Estante, e de algibeira, que vem fazer da lingua Portugueza não huma lingua nova, mas huma lingua contraria, e opposta áquella que fallárão Antonio Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e Alexandre de Gusmão?

E não poderá o Desapprovador atacar, e combater a injusta opinião, a pertinacia, a soberba, e a cegueira de innumeraveis Orates iscados do Maçonismo, que assentão que o homem que não pertencer áquella *respeitavel* Associação, e não tiver as mesmas opiniões, e sentimentos que elles tem em Politica, e Mo-

ral, não póde escrever duas regras que geito tenhão, não póde saber cousa alguma, e se escrever, ou publicar alguma obra porque mereça a estima pública, e ganhe algum nome, ou algum respeito, deverá estar seguro de que será deprimido, insultado, vilipendiado, e obscurecido, e de que se procurará, e promoverá por todos os modos, por todos os meios, e com todas as veras a sua infamia para o deixarem não só em absoluto esquecimento, mas em perfeitissimo desprezo, obstruindo-lhe todos os caminhos por onde se poderia adiantar, ou ao menos adquirir huma subsistencia parca, e moderada?

E não poderá o Desapprovador sem faltar aos principios da mais inteira justiça, nem ás regras da mais severa decencia, aconselhar, e dizer aos grandes Poetas de Botequim, que aprendão ao menos as regras da versificação, aos grandes Oradores que tanto móem, e atormentão nossos ouvidos, que estudem ao menos as regras da Grammatica, que se deixem dos Livrinhos Francezes, que não sabem traduzir, para nos não embutirem huma Sintaxe Franceza com palavras Portuguezas? Aos Medicos, e a tantos Medicos, que se deixem de systemas, que se succedem, que se combatem, que se enterrão reciprocamente, que poupem mais a vida, que estudem melhor a Natureza, e que se deixem de Theorias Politicas em que todos tanto embirrão, que parece nos querem inculcar que nascêrão todos para Ministros de Estado, e que o menos em que se devão empregar he a sua profissão, persuadindo-se com seu Pai Hipocrates, que está em suas mãos muito melhor huma Sirinja, que a Pasta de huma Secretaria, e que o manejo dos negocios, debaixo de cujo pezo gemem tantos hombros que para isso nascêrão; que não he huma Receita de Bichas, que qualquer Barbeiro aprompta, e deita ao cachaço de huma pessoa com pasmosa, e inaudita dexteridade? Aos Historiadores, que não fação tão ridiculos Panegyricos aos vivos, e que respeitem mais a memoria dos mortos? Aos Jurisconsultos que não illudão as Partes, que ao menos lêão a Ordenação, e que não atormentem, enfadem, e tirem o tempo aos Ministros com seus tediosos, verbosos, enfadonhos, e destampados arrazoados, ou o que quer que seja, a que elles chamão com tanto enfase os seus despachos? A tantos Juizes de Fóra, que se não julguem Bachás de tres caudas, querendo que todas as bellas os namorem, até em audiencia, e que todos os Proprietarios do *Cantão* fiquem sem real, e muitas vezes até o Cofre da Decima sem vintém, como se estivesse em desuso a Lei das Residencias, ou dormisse o Governo? E finalmente não poderá dizer o Desapprovador aos Professores, que estudem ao menos a lição antes de sobirem á Cadeira; e aos Estudantes, que matricular-se não he formar-se, nem Doutorar-se ainda, e aos mesmos Doutores, que este titulo, e grão honorifico, e respeitavel, porque se conseguio huma vez, não os dispensa de ulteriores, e continuados

estudos ; e que para desempenhar bem os lugares em que são constituidos , e para que são chamados , não basta pôr hum *D*, e hum *r* antes do seu nome ? E não poderá dizer o Desapprovador a tantos Negociantes , que esse estrepito Cavallar , e Theatral com que *debutão* no berço das suas Transacções , he hum seguro prognostico para o mez que vem (porque para o anno que vem , já he muito) de huma fraudolenta quebra , ou de huma gloriosa , e precipitada emigração para o Paiz dos Legisladores Washington , e Franklim ? Não poderá o Desapprovador dizer a tantos Comicos , e Comicas , que pela alma de seus defuntos tenhão dó dos bancos , e sôlho da Platéa , que se esmigalhão a páo , e que este mesmo páo quer fugir das mãos de seus donos para as suas cabeças , e costados pelo mal que representão , pelo pouco que estudão o seu papel , e por aquelle bracejar sem que , nem para que , com que parecem huns Dobadoiros , e humas Dobadoiras ? Não poderá o Desapprovador dizer a tantas mulheres , que quando houverem de sahir para fóra , se vistão , porque nem todos os que andamos por essas ruas , e passeamos no Rocio são Pintores para estudarem o *Nu* ; que deixem isso para as Escolas de Roma , e para o Muséo das Artes de Paris ? Eu cuido que o Desapprovador (que he a expressão da recta opinião pública) póde , e deve chegar até aqui , porque se não tem a coragem de se levantar acima das numerosas reclamações da vaidade offendida , das ridiculas ameaças do orgulho Pedreiral irritado , das murmurações da tolice humilhada , das vinganças da hipocrisia Claustral , e Capitular desmascarada , então quebre , e esmigalhe a sua penna o Padre do Desapprovador , porque nem elle , nem a penna serão nunca os instrumentos da vergonha , e os canaes da mentira. Esta desapprovação he necessaria , quando he acompanhada de certas considerações , que não deminuem nada da estima que merece a mesma pessoa que he objecto desta desapprovação. Huma cousa he desapprovar , outra cousa he satyrisar. A satyra leva sempre comsigo odiosas personalidades , para ella he indifferente matar , ou emendar ; com tanto que consiga seu fim , os meios , e os resultados são indifferentes. A desapprovação he motivada , e he util , e exercita as mesmas funcções que exercitará a Posteridade , porque ella vê as cousas sem paixão , e profere sentenças sem appellação. A desapprovação he a inimiga irreconciliavel da lisonja , e faz agora o que fará a Posteridade. Por exemplo. A lisonja levanta Estatuas a Bonaparte , e a desapprovação que olha para elle nú , e crú , póde disputar-lhe até os talentos militares , e dizer o que elle fez , o que elle quiz fazer , e o que elle não soube fazer para ficar sendo grande , feliz , e poderoso toda a sua vida. A desapprovação não só tem por objecto os homens , e as suas acções , tambem tem por emprego os Livros que os homens fazem ; mas he preciso que ella seja hum Juiz tão imparcial como a Posteridade. Ora que

julgará a Posteridade se lá chegar, escapando ás avidas máos dos Confeiteiros, e avarentas unhas dos fabricantes de mexas, o Codigo penal da Medicina, nas suas regulações de Policia Medical? Que dirá a Posteridade quando abrir este tremendo Códice, e lêr á pag. 379 = Seria por tanto necessario que nenhum casamento se celebrasse sem licença da Junta da Saude Pública (composta de Medicos) *a qual a não deveria conceder* sem que primeiro precedesse o exame, e informação sobre *o estado fysico*, e moral de *cada hum dos Conjuges*. — Aponta mais para baixo na mesma pagina, entre os motivos de não conceder a licença — *as más conformações dos orgãos, que concorrem para a geração, assim no homem, como na mulher*. — Ora isto he apertar muito com os amigos, dirá a Posteridade, e diz agora tambem em seu lugar o Padre do Desapprovador. Que desordens daqui se seguirião? Onde havião os Noivos ser examinados? Na Junta. Como? Isso agora he que eu não sei, e fica isso ao melhor juizo dos Leitores. Que os Conjuges, ou Contrahentes, ou noivos vão perante o seu respectivo Prior, Cura, Vigario, ou Encommendado para serem examinados de Doutrina Christá, no caso que o tal Parocho a saiba como deve, isso entendo eu como se faz, e se deve fazer, porque estes Conjuges destinão-se á propagação da prole, e devem-lhe ensinar a Doutrina Christá, e como a ensinarão, se elles a não souberem, e como se ha de saber que elles sabem, senão forem examinados, e como os examinará o Prior, ou o Cura, se o Cura, e mais o Prior a não souberem tambem? Mas examinar o estado dos orgãos que servem para a geração, *assim no homem, como na mulher*!! Então os Medicos são Santos? Ora se estes exames fossem públicos como o são no fim do anno os dos meninos dos Collegios que os Directores annuncião, que affluencia, que concorrencia, que labyrinto, que apertões! Nem para vêr o homem da Maquina, e a intrepidez, e o denodo do Padre Conceição a quem sejão dados mil agradecimentos! — Deixemos isto que he melindroso. A boa vontade tambem se agradece, a mim não tem que me agradecer, á Censura, á Censura... Que fatalidade! Chegar neste instante o Padre do Desapprovador ao seu elemento, e parar!! Paciencia. Estendão-se muito embora até onde quizerem os limites do Imperio Medical; mas que estes cheguem até meia duzia de amendoas com que na Semana Santa se alegrão, e beatificão os rapazes, e até os velhos, porque eu não engeito o meu punhado dellas!.. A Inquisição politica da antiga Veneza não era mais miuda! Até huma alcofinha de amendoas lhe não escapou! Serão todos os Medicos da geração do Medico de Sancho Pança que o não deixava comer cousa nenhuma, vendo-o esganado com fome? Assim parece, porque a pag. 421 do mesmo Codigo penal se lê — Os Confeiteiros dão differentes côres aos seus doces para os tornarem agradaveis á vista, — &c. aqui vão as pobres amen-

doas encarnadas, — se a côr vermelha he feita com Cinabrio. — Tudo he mortal. Ora huma amendoasinha encarnada entre as outras brancas, ha matiz mais agradavel? Quem vio morrer hum rapaz com huma quarta de amendoas? Morrerá elle por outra quarta! Visto, e bem examinado este Codigo penal, não ha cousa que não mate, sendo cousa de comer, especialmente se se faz ao lume; se se faz em barro, o vidrado tem chumbo, se se faz em cobre, o cobre tem verdete, se se faz em folha, não he puro o estanho da folha, porque não ha cá a balança de Saxonia em que os Pecheleiros pezão, e distinguem o bom estanho do máo estanho; se o assa nas grelhas, tem ferrugem, se o assa nas brazas tem carbonico. Se a gente faz huma fritada, ahi vem logo huma apoplexia; se a gente sente alguma repleção, ou mais Portuguez, algum enchimento de estomago, e bebe o seu copinho de genebra, tem terebentina, e não tem zimbro, porque em Hollanda não ha plantações de zimbro. Se não tem genebra, e bebe seu copinho de agua-ardente, he de alfarrobas, tem alcohol, e vem huma parlisia. Não ha mais remedio, jejuar o trespasso, e neste caso ninguem come nada, tudo he barato, e se a gente cahindo com fraqueza, e arrimando-se pela rua ás paredes, pergunta, para quem hirá aquella Vitella, cuja cabecinha tão formosa vai além de fóra daquelle ceirão? Para os Medicos. Para quem he este Imperio dos Peruns, governados com hum sceptro de cana no meio deste Rocio? Para os Medicos. E em que vasilhas fazem elles tudo isto? Não sei. Em que vasilha o mettão, sei eu muito bem, que he o purão do buxo. Li outro dia na Loja de hum Livreiro hum Livro Francez de Mr. Du Fresnes, onde vinha hum Bill, ou projecto de Lei relativa aos Medicos, pela qual em hum Reino bem constituido todos os Medicos erão obrigados a casar, para darem ao Estado filhos em compensação dos individuos que matassem, e que nenhum Medico podesse exercitar a sua Arte sem ser casado. Eu approvei a Lei, e louvei a intenção, porém *applicando o Calculo* vi em resultado que esta compensação dos filhos dos Medicos pelos que matão, estava na exacta proporção de hum a mil. Mil annos vivamos nós sem elles, todas as terras serião cultivadas, e não haveria nem difficuldade, nem trabalho no Recrutamento!

Fim do vigesimo terceiro Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.º 24.

Ridet, et odit.

Juvenal.

Não entendo.

HE tal a magia, ou a illusão que costumão fazer as apparencias, e as contradicções que se descobrem em todas as cousas humanas, que lhe não póde dar o nosso entendimento outra sahida, que não seja a ingenua confissão da propria ignorancia : *Não entendo.* E quem se ha de entender com o Mundo actual, que tanto se rebuça, e tanto nos procura *mistificar*; nova Seita de alicantineiros, que se tem propagado em França, assim como a mania do Galvanismo, do Magnetismo, e do Ventriloquismo. Andamos mistificados, e como nós nos explicamos melhor em nossos termos, andamos embaçados, nada se entende. A ignorancia ainda que seja cousa muito natural, sempre he muito vergonhosa. Pois eu não hei de entender o que por ahi vai? Então que faço eu cá neste Mundo, e por este Mundo? Para dizer: — *Não entendo*, a tudo quanto eu vir? Isso não faço eu. Feliz quem póde conhecer as causas das cousas! Pois eu hei de andar sempre exclamando com a mesma vehemencia com que Vasco da Gama expunha o seu curso de Fysica experimental a ElRei de Melinde, a bordo da lancha :

Vejão agora os Sabios na Escritura,
Que segredos são estes da Natura?

Que vinha a ser, como elle tinha visto com os seus olhos as nuvens feitas em sanguixugas a chuparem com huma goella muito comprida as aguas do Oceano, cousa inexplicavel, e que se não entendia : — *Não entendo.* — Eu não durmo, nem me deixo mistificar, ou embaçar, e não me posso accommodar com a resignação de tanta gente nos decretos da ignorancia : — *Não entendo.* — Pois entendo eu. Ora vejamos se entendo. Vou de vez em quando a essas Escolas nacionaes *de Moral*, os Thea-

tros. Sendo as Leis de Portugal as mais bem concebidas, e entendidas, eu não approvo o costume convertido em lei de pagar adiantado no Theatro, porque em fim nabos em saco ninguem os deve comprar, e gato por lebre, ninguem o deve querer. Está em scena huma cousa a que derão em chamar *Peça*, e com effeito quasi sempre o he em toda a extensão do termo, D. Tramacia, a Alcaideza de Moura, a Hespanholita, Tigranes, Themistocles, Pedro Grande, Pedro pequeno, Pedro meão, &c. São cousas detestaveis, abominaveis pela materia, pela fórma, pelos Authores, pelos Actores que daquillo não entendem, nem sabem huma palavra de cór, he tudo huma mixordia infernal, alli estão proscriptas, anathematisadas, ou ao menos desconhecidas todas as regras Dramaticas, porque os seus Authores conhecem tanto o Abbade d' Aubignac como eu sei como se chama o Guarda-Livros da cadêa do Japão; isso não importa, a cada scena, a cada acto huma tempestade de palmadas, ainda o pano vai só hum palmo acima, e mal se lombrigão ainda os alambazados, e ajoanetados pés de huma Actriz, que vem, sem campainhas nos gorgomilos, fazer-se entender por acções com huns braços mais compridos, e esgalgados, e despalpados que os da pálida morte, ou atrazada fome; e já os tintinabulos das acclamações dão maior estampido que a detonação maxima do Monte Vesuvio. Que he isto? diz o homem prudente, que alli está assentado pelo seu cruzado novo; e, como Jan-Xavier de Matos, abraçado com a sua paciencia; que he isto? Pois hum destempero destes, onde se não devisa o mais ligeiro vislumbre de siso commum, que merecia sepultado nos quintos ápenas se annunciou no Cartaz, mais mentiroso que hum annuncio de frasquinho de balsamo para dôr de dentes, e tirar nodoas, leva destes applausos, que devia levar hum Entremez de Leonardo José Pimenta, ou huma Comedia do Mestre Antonio José Judeo? *Não entendo.*

Não entende? Pois entendo eu. Isto he huma corja, ou huma respeitavel matilha, ou cafila de apaniaguados do Author da Peça, e do Comico Ensaiador, a quem se derão bilhetes *gratis* com a impreterivel condição de baterem palmadas a eito antes da Peça, na Peça, e depois da Peça; estão espalhados por esta platéa, o que hum faz, fazem dois, o que fazem dois vão fazendo quatro, e assim se propaga a matinada. Nos Cantos, nas Frizuras, nas Angras, nas Torrinhas está dispersa outra brigada dos que bebem ponche, ou filipina com o Author, e com o Actor, dos que com elles se embebedão, e que com elles calotêão o Botiquineiro, e o Taverneiro tal, obrigados por isto a fazerem écco aos martelladores da Platéa, e entre extasiadas palpas a clamarem *bravo* á Peça, que merecia queimada pela mão do Algoz, porque ou he hum desaforo, ou he huma impiedade, que obriga o homem sensato, e timorato a dezertar da Platéa, e á Mãi de familias honesta a abalar repentinamen-

te do Camarote, e mais as filhas para não avançarem nos caminhos da virtude com aquellas lições sublimes de tão *pura moral*. Veja V. m. se eu entendo! Olhe-me bem para estes cabellos brancos, e para esta cara de innocente. Ora agora considere a cousa no sentido inverso: porque dizião os Peripateticos, que — *Contrariorum eadem est ratio*: as cousas contrarias tem os mesmos motivos, e as mesmas causas. Vai á Scena hum Drama regular. No genero Tragico, excita, move bem os dois affectos, compaixão, e terror, são bem sustentados os *Caracteres* (os costumes), o enredo he bem conduzido, a linguagem propria, tudo se encaminha bem, e tudo deve conseguir o seu fim. Se he no genero Comico, alli vê V. m. o ridiculo da sociedade transplantado á Scena. São copias, cujos originaes V. m. tem n'alma, porque os tem visto. Não ha regra que alli não esteja bem desempenhada, he huma boa Comedia, e huma boa Comedia he hum dos partos mais difficeis do entendimento humano, porque além da Sciencia que se adquire pelo estudo aturado dos Livros, he preciso hum conhecimento pratico do Mundo por dentro, e do Mundo por fóra, e isto não he cousa para qualquer engenho vulgar. Alli vê a virtude coroada, e o vicio punido com as armas do difficil ridiculo, que para o ser bom he preciso que não degenere, ou se confunda com a chocarrice. No fim de tudo, quando a justiça, e a razão pedem os applausos, e o trabalho do Author a recompensa de gloria, ouve V. m. huma trovoada de bordões, de apupos, e de assobios. *Não entendo*, diz V. m.? Pois entendo eu. A mesma Tropa que está assalariada para applaudir o destempero, he a mesma que está paga, para insultar, e escarnecer. O rival, e o invejoso do bom Author, não tem outro meio de o supplantar; a obra he sua, porque a paga com o seu dinheiro, com as suas borelhas, com os seus almos, e férvidos ponches, Isidradas, &c.

Vou tambem a huma dessas salas, onde dizem que se ajunta a boa companhia, as *honras da casa* são feitas pela Dona, mulher sabia, mulher douta, mulher universal; ha trinta annos para cá que se não ventilla diante della a importante questão de annos de idade: hum chinó ruivo, pardo, ou preto, cobre os irrefragaveis testemunhos da tal idade; talvez que de época em época por algum cabello que reste se podesse ir datar o nascimento da Tarasca, ou da serpente nas guerras da successão da Hespanha, e vinda do Duque d'Anjou; está sentada no topo da sala, diante huma meza de Magno envernisada em Inglaterra, como se cá as não soubessem fazer, (porém quem he tão Gotico que queira drogas do Paiz?) Recita a Senhora, o que? Talvez que hum Romance, ou huma Silva feita, déz annos antes do Terremoto grande, á Abbadeça da Castanheira, quando foi eleita Vigaria *in Capite*. Ao lado daquella encarquilhada carocha está hum Medico, (ha de ser o do partido) a cada destempero, ou cada verso que a Senhora repete com a boquinha

muito franzida para se não vêr a erma, e despovoada caverna, faz huma gesticulação admirativa, que nem huma careta de Beata em extasis contemplativo, ou lamuria do antigo Irmão João com alcofa pirateira. Ha tal caricatura! Diz o homem de prudencia: *Não entendo.* Pois entendo eu. Este ajoujo he raro! Aquelle discipulo de Galleno, formou-se em Paris, doutorou-se em Edimburgo, graduou-se em Lausana, praticou em Montpellier, viajou na Silesia, na Moravia, em Cabo-Bretão, ajudou Lavoisier; lêo huma Memoria na sociedade Vitirinaria de Paris sobre os Couces dos Poldros, que foi coroada. As suas observações analyticas do mormo purulento dos cavallos velhos, derão base ao systema mormorario hoje universalmente seguido; as suas Receitas são todas herbaceas. A Serpentaria, a Cochearia, a Parietaria são os seus especificos omnipossantes, he hum homem acreditado pela sua moral, pelo bom gosto que tem de bons bocados, o seu voto he escutado, e he seguido na Gastromania; todos o respeitão como hum Oraculo, quando elle falla, ninguem mais póde fallar, porque não deixa fallar ninguem; he chamado ácinte para o lado da Senhora; todos lhe assestão os olhos, os olhos todos; quem se atreverá a desapprovar quando elle approva? Nem o melancolico Padre do Desapprovador! Faz caretas, faz trigeitos, faz visagens, faz momos, levanta-se, senta-se, cruza as máos, arremelga os olhos, arquea o immenso nariz, — O *pulchre*, *bene*, *recte* — de Horacio, he pouco, chama sacrilegamente ao Livro em que estão lançadas as Trovas da Senhora o Livro dos sete sellos; beija-o, ajoelha, e faz crer ao Auditorio todo (ao Padre do Desapprovador não) que a Velha he huma Sapho resuscitada, que a Velha he o vivo diabo a fazer versos; para isso he que assentárão alli aquelle Avejão; sem as alugadas caretas, toda aquella numerosa turba cahia em perfeita Lethargia. Os cantos da mal agoirada Cassandra se converterião repentinamente em huma dose de Laudano, muitos continuarião o somno na sepultura porque antes lá estar que ouvilla a ella. Entende agora? Entendo.

Deixe V. m. esta sala das Musas, e entre aqui comigo no Gabinete das Graças. Aqui sôa o Piano (prodigiosa mania, sala sem Piano he huma charneca mais espantosa, e solitaria que a de Montargil.) O Piano he de Erhard, tem *cincoenta* Oitavas. V. m. fica pasmado? Que lhe parece? Veja aquella Senhoraça com mais diamantes do que tinha no pescoço a mulher de Salvador Ribeiro de Sousa Rei do Pegú; a idade já a deixou atráz, ou já fez quarentena, mas os enfeites, as graças, mas a pompa fazem notavel aquella Senhora. Seu Marido ainda não quebrou, ou ainda lhe não chegou occasião de o fazer para ficar melhor; ao lado desta Senhora está huma ainda rapariga, porém feia como huma noite de trovões, sem graça, sem geito, com huma cara de Poeta alvar, huma torrente de parvoices se lhe despe-

nha da boca apenas a abre para fallar ; dirige huma , e outra a palavra á mesma Senhora , ella a escuta com hum riso compassivo , pondo nos labios hum leque , tal , que se não abrio com outro mais rico hum Mandarim de Chinchêo. Que contraste este ! Se ão amigas ? Criar-se-hião ambas em hum Collegio de Meninas , virá de lá esta familiar união destas duas almas , e destes dois corpos ? Que lhe parece ? *Não entendo* , diz V. m. Pois entendo eu. Aquella situação , positura , ou aptitude em que está aquelle estupor junto daquella Senhora , foi d'ante mão conhecida , calculada , e disposta , para que na collisão daquelles dois contrarios tão oppostos , daquelle direito , e avesso tão distantes , resaltasse melhor , e com mais luz a decadente belleza daquella quadragenaria personagem. Aqui tem V. m outro principio dos Peripateticos posto em acção , e com proveito — *Contraria juxta se posita magis elluescunt.* Conhecem-se melhor os contrarios quando se confrontão. Os defeitos de hum , fazem sobre sahir as pequenas perfeições do outro , e como aquillo dá necessario lugar a huma comparação , o resultado he a preferencia que se dá á Senhora , e que ella quer que se lhe dê por isso conserva junto a si aquella lesma , e comsigo a leva para onde quer que vai , ou a lei da partida a chama.... V. m. pasma ? V. m. não sabe que Mundo he este , e que Lisboa he esta ! O que cá vai ! O que cá vai ! ! ! — Então visto isso a V. m. não o lográo ? — Ja lográrão , meu amigo , mas não me tornão a lograr. Aborrecem-me muito , desejão matar-me , e esganar-me , trigir-me ; não importa , eu bem os conheço.

Quem não terá dado o seu passeio até ás Caldas ? Alli não só conduz a doença , mas o divertimento. Para mim he hum Paiz classico , hum Paiz de observação , huma terra de estudo , e para muitos huma região de especulações de interesse solido. Com effeito os divertimentos todos são vistos , e gozados em hum dia , e he preciso enganar , ou divertir a monotonia do passeio á roda do pocinho , as chitas , e quinquilharias Inglezas , que affórmoseão a cópa , em hum momento são revistas , examinadas , e pagas muitas vezes a pezo de ouro. O Jardim das Plantas he de hum fedor intoleravel , e como lá se esmoe o chocolate do pocinho , alli não se vê mais do que corpos , e caras do outro Mundo , que lentamente se movem ; o mercado acaba-se logo , porque são muitos a comprar , e innocentes a vender , e o Sol ardentissimo daquella baixa não consente por muito tempo os mirones. Que se ha de fazer ? Jogar. Por lá se encontrão muitos individuos robustos , sãos , escorreitos , em perpetuo divorcio com os Medicos , e por consequencia com as enfermidades. Que vem estes homens aqui fazer ? Quem os obriga a tolerar os incómmodos de huma jornada em huns promettidos carros de posta que não chegão ao Cruzeiro de Arroios sem fracasso , as ladroeiras da estalagem , á

porta de cada huma das quaes devia estar huma Forca, e huma boa Forca, bem feita; a valia das casas paga em hum mez de aluguel com os respeitaveis moveis de pinho carunchoso, huma barra com gota nos pés, e huma bilha porque bebêrão todos os sarnentos do Universo? Não se sabe para que estes homens alli vão. O Varão prudente, e que se escandalisa das contradicções humanas, diz cheio de ambiguidades: — *Não entendo*! Pois entendo eu. São jogadores de profissão, são Pinetes de habilidades, são Milhafres empolgadores, e empalmadores de todos os quatro costados, com as inquirições tiradas não para Cavalleiros de Malta, mas para Cavalheiros de industria, que aparceirados de ante-mão a forro, e partido, vão alli como quem vai para as minas de Catapreta, e mettem os Freguezes em hum banho de jogo, mais poderoso para a distillação que hum banho de Maria, donde os tirão em pelle, e osso, porque nem a camiza do corpo lhe deixão sem que a empalmem.

Isto não he nada: por que companhia do Mundo não anda introduzida esta decente confraria de ladrões tolerados? e para os conhecer, não he preciso ser muito Padre do Desapprovador. Alli nas Caldas apparece cousa mais superlativa, mais Filosofica. Apparece alli hum Medico que nem he da terra, não he de Obidos, não he da Pederneira, não he de Alcobaça, não he das terras comarcás onde hajão assentado o seu respectivo Tribunal da morte; supponhamos que he algum dos immensos que possue Lisboa, como hum dos meios de Policia urbana, para haver mais casas com escritos, e as ruas com menos empache de gente, e não serem precisos os ventiladores, ou purificadores do ar, que se corrompe com as exhalações de muitos corpos que se apinhoão em hum lugar dado. Que faz alli este Medico? Lá ha Medicos, e bons, e respeitaveis Medicos; e que, pela muita pratica em identicas enfermidades, até o Padre do Desapprovador, se doenças podessem entrar com elle, os consultára, e os seguira? Que faz alli este Medico? *Não entendo*, diz o homem para quem o Mundo he huma cousa muito singella, e innocente. *Não entendo*! Entendo eu. Ora observem-se os passos deste sugeito, vêr-se-ha a mais fina de todas as especulações. Visita todo o Mundo que lá está desta nossa grande Cidade, vai a todas as partidas, se he casado leva tambem a mulher; a Senhora canta modinhas, a Senhora toca Pianno, joga tambem, entra nas mais estreitas relações, ligações, ou como quer que se chamão esses momos, tregeitos, mesuras, e guinchaduras que fazem as mulheres humas com as outras, perfeitissimos viveiros de Cochichos em huma casa. Ora como a maior parte dos que vão ás Caldas são empurrados para lá pelos não poderem curar cá, vem (se de lá escapão) mais doentes para cá; eis-aqui chamado o Medico (pessoa de excellentes qualidades), marido daquella Senho-

ra que nos fez tão boa companhia... Isso, e o que o Medico queria tudo he o mesmo. O calculo foi o mais exacto, e a fluxão não foi infinitessima senão pela parte do *maximum*.

Tem me acontecido observar de perto hum desses apparatosos jantares que dão os nossos modernos Lucullos, e Crassos feitos do pé para a mão, sabe Deos como, e talvez que eu o saiba tambem. He notavel a salgalhada de figuras heterogeneas que alli apparecem oppostas entre si pela profissão, e emprego. He verdade que são convidadas pelo dono do jantar, que ainda que saiba contar dinheiro, por certo não sabe dar duas palavras; mas estes convidados tão diversos, e tão alheios entre si pelos officios vão com muito calculo ajustados primeiro para cada hum delles fazer o seu partido com a cooperação do outro! (Oh Rainha Impostura! Soberana deste seculo, quem não te conhecer que te compre, e tu para cá não fazes jogo, nem fazes vasa; eu te deviso ainda que envolta nas tuas mais espessas cortinas, ou farrapagens!) O homem que cuida que tudo he o que apparece olha para aquella cordialidade, e mutua benevolencia em homens que não vivem unidos, e ligados, e a quem a sua respectiva profissão separa dos outros, e diz cheio de maravilha: *Não entendo*. Entendo eu. Alli estão misturados Medicos, Advogados, Negociantes, Agentes de negocios, Litteratos, e Poetas. Que reciprocidade! Cada hum delles para os seus interesses tem necessidade que se lhe arranque o seu segredo. Aquelle Medico fez huma cura admiravel ao Conde tal, ao Cavalheiro tal; mas quem o diz he o Advogado. Aquelle Jurisperito ganhou huma causa interessantissima, arrancou das mãos deste, ou daquelle Potentado tres Morgados que pertencião (que Genealogico!) ao Cavalheiro tal, décimo quarto neto por varonia da casa tal de Leão, e de Aragão; mas quem o diz he o Medico. Que franqueza, que honra he a daquelle Negociante! Pare a Burra daquelle homem todas as vezes que o engasgado com seis letras á vista lhe chegue á porta, as suas transacções, são filhas da Justiça, e da probidade; mas quem o diz he o Agente de negocios. Que dexteridade no manejo das pertenções he a daquelle homem! Que fidelidade nas Commissões de Provincia! São tantas que eu não sei como o homem póde! São mais as dependencias que trata, que as horas do dia! Que homem! Delle não ha huma queixa! Aquellas mãos são as mais limpas que se conhecem, nem as de hum Barbeiro! Mas quem o diz he o Negociante; e assim alternativamente sem que se oução, mas ouvem os outros, isso he o que se quer, e sem se entender o que fazem he a Impostura que dilata os limites de seu glorioso Imperio.

O homem que vai por esse Mundo chamado Lisboa, ouve de toda a parte louvores, e diz aturdido: — *Não entendo*! Entendo eu. O Fiel de Feitos louva o Procurador, o Procurador louva o Letrado, o Letrado louva o Escrivão, o Escrivão

louva o Ministro. Tudo isto he Comico, he hum contrato expresso, e tacito que os homens do Mundo tem feito, que elles não destroem sob pena de excommunhão social. Louvão para serem louvados, e dão para que se lhe dê.

Quem não vê, ou terá visto aquelle Sabio Claustral, ou não Claustral, seja quem fôr, aquelle Sabio cheio de reminiscencias, de factos, de datas, de nomes, de traducções, de memorias. Deseja-se inculcar, e como? traz comsigo hum trambolho pasmado seu amigo, e adherente: quem o encontra, admira-se, olha para aquella desproporcionada companhia, e diz comsigo: — *Não entendo.* — Entendo eu. Aquelle Diccionario ambulante arrebenta por fallar, por inculcar-se, está mettido em companhia, começa com o pezo da sua doutrina a moer a gente. Salta o pateta á região das acclamações; que homem! diz elle de vez em quando! Ha hum palmo do beiço inferior ao superior, *e vice versa*, em quanto da boca do Sabio cahe a diarréa scientifica, que nada diz, nada adianta; a mesma oscitancia em que está o assalariado pateta estão os outros, communica-se a pasmaceira como a febre amarella em Boston, e a peste em Alepo, e vai o homem dalli acclamado para todas as companhias daquella noite. E devemos viver com este Mundo porque em fim nelle nascemos, e he preciso aturallo, mas se se não póde sahir delle, póde desprezar-se mui bem quando se conhece.

Vivant Arturius istic
Et Catulus: maneant qui nigra in candida vertunt
Vivão Arturio, e Catulo no Mundo,
E vivão os que o negro em branco voltão.
Juvenal.

Restão-me dois Sabbados para cumprimentar pela ultima vez com letra redonda este Mundo tal qual eu o conheço. Huma retirada tambem he huma victoria.

Fim do vigesimo quarto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

O DESAPPROVADOR.

N.º 25.

Ridet, et odit.

Juvenal.

A educação das mulheres.

ESta candêa, que se accendeo, não para luzir, mas para alumiar vai extinguir-se; não se lhe acabou o azeite, acabou-se a vontade de a ter acceza; não a apagão sopros da malignidade, ou da vingança perseguidora, porque esses saberia eu bem arredar, ou desvanecer, apaga-a a razão, ou o descontentamento proprio. Está proxima a este ultimo periodo da sua existencia, he preciso que dê, e que deixe algum clarão sobre materias importantes ao bem, e á perfeição da humana sociedade, e como esta perfeição de todo provém da perfeição dos individuos, e a perfeição do individuo tem seu principio, e sua baze na Educação, que aperfeiçoa na sociedade o homem tomado das mãos da natureza; tratarei da educação da metade da nossa especie, para que muito pouco se tem olhado, e reflectido. Hum principio de indifferença anti-social tem deixado em desprezo, ou esquecimento a educação das mulheres, como se estas não influissem tanto nas relações sociaes. Ha mais alguma cousa, que o manejo dos negocios públicos, o commando dos exercitos, a administração da justiça, a politica dos Gabinetes, a cultura das Artes, o estudo, e o ensino das Sciencias, pelo qual as mulheres estejão em relação com a sociedade humana. Sem entrar em exposições, ou, como lhes chamão, analyse da sua capacidade, ou talentos, e de sua aptidão para aquelles empregos, que muitas vezes o orgulho, e a vaidade julga proprios, e privativos do sexo viril, eu considero as mulheres naquelle unico emprego para o qual as destinou a Natureza — Mãi. — Esta palavra ao pronunciar tão simples, tão clara, e tão intelligivel, abre hum vasto campo ás reflexões mais sérias, e mais filosoficas, não para considerarmos o emprego — Mãi — na ordem fysica, porém na ordem moral. Que disposições pede? A que deveres, ou obrigações está sujeito? Não he só criar os filhos a seus proprios peitos, unica funcção a que João Jacques quiz reduzir todas as funcções de Mãi; são muitas, e muito multiplicadas as suas obrigações relativas a si,

a seus maridos, a seus filhos, á sua familia, á sua casa. Estas obrigações dimanão necessariamente de seu sexo, e de seu emprego de Mãis, porque as mulheres não nascêrão para a guerra, nem para a Politica, nem para as Sciencias, nem para as Artes que exigem força nos braços, ou profundas combinações na cabeça, e algumas mulheres, que se tem querido fazer homens perdêrão as vantagens de seu sexo, e não adquirirão as do nosso. Se houve huma Isabel em Inglaterra, e huma Catharina II. na Russia, duas, ou tres excepções não destroem huma regra fundada sobre a Natureza. Consideremos pois as mulheres dentro de seu natural circulo — Mãis —; e que será preciso para desempenhar bem as obrigações, e deveres a que este emprego liga as mulheres? A educação. E cuida-se nesta educação relativamente ás mulheres no presente seculo em que existimos? Eis-aqui o que nós vamos agora vêr.

Huma das queixas mais universaes que os modernos politicos, e moralistas, e economistas fazem nos seus cadastros (quando os acabão) he o grande número de Celibatarios que encontrão nos Paizes, de que elles por calculos arithmeticos pertendem fazer o melhoramento, e a ventura. São muitos os Celibatarios, não só os que por votos se consagrão a este estado de vida, mas os que por muito sua vontade querem viver solteiros, e muitos destes voluntariamente solteiros são senhores de boas casas, boas heranças, bons morgados, e devião perpetuar a sua estirpe, dar successores a seus bens, e eternisar suas antigas familias, ou dar principio a huma para se dilatar, e estender muito na fruição de seus bens immensos; mas dizem que não querem casar, que quem vier atrás que feche a porta, que para a sepultura não se leva mais que huma mortalha, e de ordinario em muito bom uso, se a vão comprar aos Capuchos, ou aos Franciscanos. Houve tempo, antes da Revolução Franceza, em que os homens rindo, e zombando do jugo matrimonial, depois de rirem muito, acabavão por se casar, ou por escolha propria, ou por determinação alheia, abraçavão o estado com muito gosto, e vivião com muita paz. Depois desta época, não ha homem que não trema, se acaso se vê obrigado a casar. Para lhe darem suores frios, basta que se falle nisto

Com effeito, eu considero a Revolução Franceza como huma bomba lançada no meio da sociedade humana; rebentou a bomba, e os estilhaços, espalhando-se por toda a parte, rompêrão, e despedaçárão todas as relações, todos os tratados, todas as allianças, todos os antigos vinculos de prazer, de interesse, e até da mutua, ou reciproca necessidade. Depois de tantos estragos produzio hum bom effeito, que foi fazer conhecer aos homens, que era preciso buscar hum asylo na aproximação das familias, e na felicidade, paz, e tranquillidade domestica. Este conhecimento, ou esta persuasão devia apertar

os laços do matrimonio , fazellos desejar , e em proporção fazer diminuir o prodigioso número dos Celibatarios ; mas as esperanças da Filosofia ficárão frustradas , a prodigiosa multidão dos Celibatarios cresce , e permanece ; porque será isto ? Qual será a razão desta verdade da experiencia ?

Nunca as mulheres forão mais amaveis do que hoje são, segundo dizem aquelles que lhe achão amabilidade , nunca se cuidou tanto na sua educação , nunca esta educação foi mais cultivada do que agora he ; mas tambem nunca ellas forão menos esposas , menos Mãis , menos instruidas nos deveres a que são chamadas pela Natureza , e com que estão ligadas á sociedade ! Ora ahi vai huma das minhas proposições , mas demonstradas sempre. A educação das mulheres actuaes he a causa do grande número dos Celibatarios.

Tão soberana se fez a moda da educação das mulheres , como se fez do seu toucador. Que quer a moda na educação das Senhoras ? Vejamos isto que he muito bom , e de muita consolação para os Pais das creanças. Está huma menina em Collegio de educação , porque os ha *utriusque sexus*. A primeira lei do Collegio he não tirar a penna da mão á menina , nem os Livros , ha de estudar Grammatica Filosofica , e explicações (do Credo não , Senhor , isso era antes do Terremoto) da Lingua Portugueza pelos classicos , por Professoras habeis ; tambem a menina estuda Geografia , e Analyse Ora com effeito o curso de estudos não he pequeno , mas a memoria estuda tambem Piano , Piano , Piano , Dança , e Desenho. Neste Catalogo não acho Roca , nem Fuso ; agulha de meia , não fallemos nisso , isso he para as *mulheres* , não he para as *Senhoras*. Ora vejão huma Senhora Geografa , e Analytica , Grammatica , e Filosofica ; e para que ? He alguma desgraça hum solicismo que escorregou á Senhora ? Para que he este Desenho ? Para que são estas lições de Analyse , a quem nunca terá occasião de a applicar ? Sobre tudo isto para que he tanta musica , e tanto Piano ? Esta Senhora cria-se para *Virtuosa* de Theatro , ou quer andar mettida com os musicos por esses Coretos moendo a gente , e zangando as festas ? He cousa que me faz pasmar , ou não faz pasmar , vêr os Pais muito cheios de si , dando grande importancia á educação brilhante que mandão dar ás Senhoras suas filhas ! Vem a menina pelo Natal a casa , não dar as boas festas , e beijar a mão a sua Mãi , mas a tratar tudo de grosseiro , rude , e mal polido , affectando aquella superioridade que lhe dá a sua brilhante educação ; o Pai olha para ella muito contente , e muito babado , e em lugar de lhe perguntar : — *Sabes* , filha , as Orações , a mestra ensinou-te a fazer huma camiza ? Sabes pôr huma panella ao lume , e abanar hum fogareiro ? Sabes fiar n'huma roca ? Ensinárão-te a cumprir , e desempenhar dignamente os deveres da Religião ? (Estes Senhores , que mandão educar suas filhas , queixão-se de tanta pobreza , de

tanta estagnação de Commercio, de tão pouco gyro de letras, que daqui ámanhã estão em circunstancias de mandarem encabeçar humas meias!) Estarás capaz, minha filha, de te entregar (se tua Mãi adoecer) o governo da casa de portas de cozinha a dentro? Nada disto se pergunta á menina; o que se pergunta he isto: — Então, tens continuado as lições de musica? O Padre Fr. Fulano ainda he o Mestre do Piano? (de ordinario estes Mestres são buscados no Claustro, porque as meninas não aprendem senão os Responsorios de Peres): aqui se disse que o mestre de dança tinha lá faltado quinze dias, o que me deo hum cuidado extremo, porque elle mesmo me veio aqui dizer que te distinguias com hum talento especial para a Walsa, e que aprendeste n'hum instante hum Cotilhão complicado, e de hum mui difficil desenvolvimento! Ora na verdade, que reflexões perniciosas não deve fazer nascer n'alma de huma rapariga a importancia que seus mesmos Pais dão a huma tão frivola educação? Que influencia funestissima não deve isto causar no Governo interior, e domestico de huma familia, e muito principalmente na alma do homem que se visse tentado a casar com huma mulher destas, cuja educação a dispõe, e unicamente prepára para brilhar nas companhias, e excitar a admiração dos curiosos!! Eu deixo esta ponderação aos pios Leitores. Persuado-me que o Padre do Desapprovador não he reputado tão atrabiliario, e austero que reprove, ou prescreva a eito as que se chamão *Boas Artes*: não são incompativeis com o espirito de huma mulher, que aberrando da regra universal tenha adquirido das mãos da Natureza hum singular talento; mas o Padre do Desapprovador está persuadido que ainda neste caso de talento, estas mesmas *Boas Artes* devem ser nesta mesma mulher hum estudo secundario, e huma occupação que, depois do governo da casa, venha em ultimo lugar. Eu limito toda a educação de huma mulher a tres cousas: — I. A Religião. II. A Moral. III. Os deveres domesticos; e basta.

He impossivel, (e só quem não conhece o Mundo dirá o contrario) he impossivel que huma mulher, que passa os primeiros annos de sua vida no meio das Artes, dos Artistas, dos applausos de huma tropa de adoradores, e entre todas as fumaças do orgulho, e da vaidade, seja depois huma Mãi de familias doce, paciente, submissa, docil, ecónoma, e vigilante. Em quanto as mulheres se conservarem no habito, e na necessidade de brilhar, em quanto conservarem huma grande idéa de seus altos direitos, e não tiverem a idéa de seus deveres, e obrigações; em quanto fizerem consistir seu primeiro merito no exercicio de alguns talentos, e os encantos de sua vida na elegancia do toucador, vêr-se-hão as casas muito mal governadas, e crescerá desconformemente o número dos Celibatarios.

Com effeito se eu não pertencesse a corpos de mão morta;

de mão morta ? De pés, de braços, de tudo morto ; e me resolvesse a casar, e visse que quando se lavrassem as Escrituras o Mestre Tabellião depois de pôr o anno do nascimento, a primeira palavra que punha era esta : — O Piano —, ainda que a noiva fosse, como diz Juvenal, a Cornelia, Mái dos Graccos, e que contasse no dote os Triunfos; vai-te daqui, lhe diria eu com o mesmo Juvenal, vai-te daqui, demonio, com o teu Annibal, com o teu Siface vencido nos seus mesmos arraiaes, e abala com os diabos com toda a tua Garthago. — Piano ? Para que ? Estar na chaminé a panella a ir-se, e a mulher no Piano ! Os filhos a berrar, e a mulher no Piano ! As moças a namorar pelas janellas, e a mulher no Piano ! Abrir hum ponto huma meia, e ir-se a malha d'alto abaixo, e a mulher no Piano ! Matar-se hum porco, e abalarem com o melhor dos miudos as visinhas, e a mulher no Piano ! Levedar-se, e azedar-se a maça no alguidar, e a mulher no Piano ! Vir cançado d'huma jornada, querer pregar olho na cama, e a mulher no Piano ! Vir o Cura tomar a rol, não haver quem lhe responda, e a mulher no Piano ! E o que na verdade seria hum despacho, mas não deixaria de ser huma vergonha, vir hum dia para casa, e não ver a mulher no Piano, mas vêr que a mulher deixando o Piano tinha abalado com o Mestre do Piano ! Eis-aqui porque ha tantos Celibatarios, que desejão livrar-se destas, e de outras muitas mais. Como he possivel que se introduzisse em Portugal esta educação Franceza ? Eu pasmo por essas ruas ! Muitas cousas ha que vêr, e que admirar ! Lisboa está hum prodigio de civilisação, e dos bons effeitos da educação das meninas ha huns annos a esta parte ! Eu não sei se tem razão os Chinas em não quererem dentro dos limites do Imperio estrangeiro algum, o certo he que elles se conservão pelo fio de innumeraveis seculos (que elles contão) na mesma uniformidade de habitos, de costumes, de trages, e de figuras ; e quem conservar louça antiga, que tão basculhada foi aqui nos tempos da nossa filosofica regeneração, porque só lhe faltou levarem-nos o Cruzeiro d'Arroios, e o Zimborio da Estrella, verá que os Chinas vem alli pintados da mesma sorte, que ainda agora vem nos falsificados caquinhos que para cá nos mandão sem levarem de cá mais que o dinheiro ; se os Portuguezes antigos se pintassem em louça, e em leques, ou bandejas de Xarão, parecer-se-hião com Portuguezes d'agora ? Vou por essas ruas, e parando em como hum pasmado a muitas cousas, a nenhuma abro mais hum palmo de boca, que ao espectaculo de huma menina de educação, que vai com hum saiote de Anjo de Cirio, e na cabeça as plumas, e cocares do mesmo Anjo, e com humas roupinhas de fazenda tal que não chegou para mangas, só, como a casta Diana sem o cortejo das suas Nymfas ; mas na pôpa hum mandrião alto, e membrudo, e como diz o Principe de todos os Poetas : — De Rhodes o estranhissimo Collosso, — chamado Ja-

qué, que acompanha a menina, que por certo não vai ouvir os Missionarios, vai ao Pantaleão em cata de hum Chale de Cachemira, ou a casa do lavandeiro dos Filós, cujos milagres na transformação de Filós velhos em Filós novos se annuncião nas esquinas, e papeis Periodicos, que o annuncião vindo de París, onde exercitára com applauso a sua Arte, como consta do Jornal dos Debates, e onde tivera a honra de manobrar, e manipular muitas vezes diante das Duquezas taes, na preparação dos gazes para tirar as nodoas amarellas dos mencionados Filós. Que he isto, digo eu comigo? Esta mulher he algum diamante solitario? Não tem Mãi, não tem Tias, não tem criadas, já não ha mulheres de acompanhar? A que horas se recolhe esta mulher? He casada! Então o marido está entrevado? E o que ella anda depressa! Então passa aquillo por meio de huma Legião de chuços, e não enxérgão aquella formidavel Recruta que vai atrás della? Quem vio já hum Tambor-mór daquelle tamanho! Hé algum Granadeiro do Pai de Frederico II.? Aquella mulher he Flamenga? Não, Senhor, he Portugueza, mas educou-se em hum Collegio de educação (toca ella bem Piano!), e he de huma Senhora bem educada andar só pelo meio da rua, com hum mandrião daquelle lote atrás de si, e senão he expressa, he tacita a convenção com o marido para a deixar calcorrear as *dezertas* ruas de Lisboa no exame da *bijotaria*, e analyse das borundangas trapaes dos circunspectos Capellistas, muito importante classe na sociedade, porque em quanto huma mulher podia muito bem sem se matar, medir vara e meia de froco verde peralta, he medido por hum Patagão maior que Og Rei de Bazan, e os Regimentos a chorarem por Granadeiros, e os campos de Riba-Tejo faltos de gente, lastimando-se dos estragos da invasão, e a culpa não he das terras que não produzem, he dos braços que as podião cavar, e medem froco, e pegão com muita civilidade no braço das freguezas para lhe calçarem as luvas. E então deve a Policia Medica admirar-se que haja tantos Celibatarios? Não me admiro eu, que me não metto em calculos de população, olho para a educação que a maldita Revolução Franceza veio trazer ás mulheres, e exclamo com quem fez os seguintes versos:

„ Quantos homens de bem Patricios nossos
„ Trazem, movendo a conjugal carroça,
„ Da canga endurecidos os pescoços!!!

E que maior canga, e que maior jugo que huma mulher com hum Piano obrigado, com huma ociosidade continua, com hum furor de modas insanavel, com hum descuido de casá espantoso, com hum jogo de ruina, e com hum descoco intoleravel? E os homens? Ainda a ultima reflexão sobre a moderna educação.

Cada dia que passa nos ensina a conhecer a sabedoria, e prudencia de nossos antigos Pais na educação que davão a seus

filhos. Esta educação era varonil, solida, Christã, e Portugueza. Muitos rirão, e eu rio tambem dos Padres da Companhia de conservarem, e entreterem hum rapaz pelo espaço de sete annos bem puchados com promptuarios de Sintaxe, com cartapacios de syllabas, e com incremento em e dos verbos, que levava seis mezes a explicar; isto que era huma manifesta parvoice em letras, era huma refinada politica em educação; porque conservavão os rapazes na sujeição, e na obediencia aos Pais em casa, na aula, ou classe aos mestres, ouvião todos os dias Missa, as Confissões não erão raras, e em quanto a alma se lhe entretinha com as especulações, e theorias profundas do Padre Manoel Alvares sobre a vogal antes de muta, e liquida, não se dava aos vicios no desenvolvimento das primeiras faculdades intellectuaes; punhão-se em hum excellente caminho para todas as profissões da sociedade, e este ensaio para a vida civil, não era longo, nem era severo. Permanecião os rapazes por mais tempo debaixo dos olhos dos Pais, e dos mestres, não havia tempo para o charoto, para o Botequim, e para o Theatro, aprendião melhor os deveres da obediencia, e se amoldavão insensivelmente aos habitos da sociedade no amor da Patria, e na sujeição ás Leis. Não me venhão taxar de austeridade, ou de fanatismo, eu não sou homem que condemne a huma pena afflictiva a Petrarcha, Sacerdote, e Conego, coroado de louro em o Capitolio pelos bellissimos versos que fez a Madama Laura, e coroado pelas mãos do Soberano Pontifice por isto mesmo; honra, e premio que o fez ser o Pai, e o restaurador das letras na Europa, porque a elle, e a Lourenço Valla, Sacerdote, e Poeta Erotico, se deve tudo, sendo ambos huns grandes Grammaticões; mas queria que os rapazes se conservassem por mais annos nas aulas de Latim, (e ha isto?) porque esta educação Litteraria, lhes daria a boa educação civil. He verdade que ainda se lhes ensina Latim, mas com huma ligeireza, e com huma concisão tal, que raras vezes lhes dão as regras do gosto, e muito mais raras vezes lhes dão o conhecimento das letras. Os rapazes affligem-se com longos estudos, e querem estar mais tempo no Freixo, e no Marrare (casa de pasto que houve, e Botequim com esta insignia em letras douradas) que na aula, e em casa. Que fizerão os Mestres? Abreviárão tudo, e reduzirão todas as Sciencias, e conhecimentos elementares a Quadros synopticos, e a ensinos mutuos; os Pais muito crédulos admirão estes novos methodos, admirão os seus filhos, admirão seus rapidos progressos, e atirão com elles ao Mundo com huma confiança cega, mas dentro em breve tempo ficarão desabusados, e verão que bons Burros dá ao dizimo a educação moderna. Estes rapazes tão imprudentemente deixados a si, não conservão da sua brilhante educação mais que os éccos dos elogios que lhe fizerão nas companhias, e huma alta idéa da sua quimerica sufficiencia. Mas

em fim chegar-lhes-ha o momento dos pezares : serão homens, serão Pais de familia , serão velhos; então sentirão o pezo da sociedade , os perigos da ignorancia , o vasio da presumpção , e os vicios da sua educação ; então conhecerão com dôr , que para serem felizes , e considerados no Mundo não basta saber tirar , ou não tirar o chapéo á Ingleza , patear huma Comedia no Theatro , infamar as mulheres , e escarnecer dos velhos , e dizer que o Padre do Desapprovador não sabe nada. A tardia experiencia os desenganará , entrarão em razão á sua custa , e dirão : — Com effeito o Padre do Desapprovador tinha razão , e justiça em querer , ou em dizer , que a educação da mocidade deve ser varonil , solida , Christã , Portugueza , e prolongada até aquelle momento em que os mancebos instruidos , e modestos possão ser sem perigo bons Pais de familias , e occupar honradamente qualquer lugar , ou posto na sociedade.

Tenho concluido o 25 Núm. do Desapprovador , resta o 26 para a minha despedida , ficará o meu tinteiro para o rol da roupa , porque o giz apaga-se , e a lavadeira he ladina : nem para fazer hum arrendamento das casas ; porque me não mudo daquellas em que moro ; se me for preciso responder a alguma carta , pedirei a algum amigo , que por mim a faça , e assigne. Ficão alguns manuscritos em hum armario já feitos , e cuidados , ou lidados de muito tempo , mas os contratadores de mechas necessitão de materia para as suas fabricas ; antes isso , porque , o que he bom , não se lhe dá louvor , e o que parece imperfeito atrahe logo a reprehensão , o odio , a denuncia , e a implacavel perseguição. Responder a invectivas , e personalidades affrontosas ! Isso he o que querem os seus Authores ; se eu lhes não fallar nas obras quem lhas ha de comprar ? Falha esta especulação com o meu silencio. Se o Mundo não perde com a minha suspensão de armas , ganho eu , porque o socego he alguma cousa , e o fructo dos estudos , e dos escritos he cousa nenhuma.

Fim do vigesimo quinto Número.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia. 1819.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

SUPPLEMENTO AO DESAPPROVADOR.

Ridet, et odit.

Juvenal.

PARADOXO.

He melhor dormir, do que escrever.

QUero conceder que seja isto hum paradoxo; mas por isso não deixa de ser huma das aureas sentenças de Horacio, quando disse:

Non melius dormire putem quam facere versus.

Inda he melhor dormir, que fazer versos.

E eu accrescento, que fazer prosa: porque eu sei mais que ninguem o que se tira de fazer versos, e fazer prosa; não o digo pelo que me succede a mim, digo-o pelo que vejo succeder aos outros, porque huma vez que me deixem a mim usar da força repulsiva, venha o que vier, venha o que tem vindo. O que eu vejo succeder aos outros me desengana da inutilidade de escrever neste seculo onde ha homens, que ajuntão a incorrigibilidade a impudencia. Tudo está sejeito á critica! Quando se não póde roer na obra, róe-se no Author, e chegão a dizer: — A obra he boa, mas elle a não devia fazer, he impropria de seu estado, e de sua condição. — Assim ouvi outro dia atacar hum Missionario de Brancanis, Fr. José do Coração de Jesus, por haver traduzido os quatro primeiros Livros das Methamorfoses de Ovidio em versos brancos, impressos com huma Prefação eruditissima do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos. Hum Missionario, dizia *hum destes Impostores universaes*, hum Missionario, e de hum Instituto tão austero, e tão penitente, vestido, ou mettido em hum saco atado com huma corda, com hum Crucifixo pendente do pescoço, com humas sendalhas que nem os pés lhe cobrem, nem os defendem do frio, traduzindo as Metamorfoses d'Ovidio, onde ha tantas turpitudes, tantas transformações a que

o amor, e a lascivia derão lugar, e motivo, onde os Deoses correm atráz das mulheres como galgos atráz de lebres, como se vê em Apollo atrás de Dafne, e Pan atráz de Syringa! Isto he hum escandalo da Religião, e hum enxovalho ao Instituto Claustral, que he a vida da mortificação, e da Penitencia! Este Frade certamente morreo excommungado! — Que tal está esta? Até na critica ha hypocrisia, e de tudo se servem caninos dentes para abocanharem tudo. E á vista disto haverá ainda quem não julgue, que he melhor dormir que escrever? Estas decisões de estallo sempre trazem comsigo a má fé, e a injustiça. Quem disse a V. m., lhe tornei eu, que este Frade mandára imprimir essa composição em que talvez trabalhasse nos primeiros annos de sua vida, quando em Coimbra era estudante? Quem lhe disse que a sua intenção era má, quando (ainda suppondo que ja Missionario traduzíra Ovidio) para empregar horas vagas dos exercicios da sua profissão, se entretinha em pôr em versos taes, e quaes os sabia fazer, huma das mais delicadas composições que nos deixára a antiguidade? Tambem o Abbade Banier era Clerigo, e era Abbade, e traduzio, e expôz todos os quinze Livros das Methamorfoses d'Ovidio, e toda a Républica das letras lhe ficou muito obrigada, e o Mundo não se escandalisou. Talvez que d'obra alguma haja tão ricas edições, e tão enriquecidas de maravilhosas gravuras, como são as de Picart, e nas quaes mais se empenhassem os Hollandezes! Nem o Camões bonito he tão rico. Frade, e austero Frade era Fr. Remigio Florentino, e traduzio em versos, não as Methamorfoses; mas as Heroides do mesmo Ovidio; e em lugar de se escandalisar o Mundo de vêr as queixas das Amantes que suspiravão pelos Amantes que as deixavão, ou lhe fugião, vulgarisadas nos bellos versos do penitente, e doutissimo Frade, o Grão-Duque de Toscana, e a inteira Cidade de Florença lhe decretárão Estatuas, e glorioros monumentos. Que tem huma cousa com a outra? Maffeo Barberini, isto he Urbano VIII, Summo Pontifice, não compôz bellos versos, e versos amorosos? E o Cardeal de Bernis em nossos dias não fez outro tanto? Quer V. m. exemplos cá da nossa casa? Fr. Bernardo de Brito Monge era, e Monge de Alcobaça em seculo de penitencia; gravissimo Historiador, que lançou o fundamento á grande obra dos Annaes da Monarquia Lusitana; e de quem he a Silvia de Lisardo? He de Fr. Bernardo de Brito, e nem por isso o Mundo se escandalisou, nem o Prior, ou o que quer que he, do Convento mandou comer em terra o bom do Padre Poeta Erotico por amor da Silvia de Lisardo. Vá V. m. alli a Castella, que não he muito longe, e não he preciso embrenhar-se por seculos remotos para ir achar hum Fr. Luiz de Leon, hum Lope Feliz da Vega Carpio, hum Antonio de Soliz, depois de Clerigo fazendo versos a Filis,

e compondo diluvios de Comedias para o Theatro ; senão passe alli de Salamanca , e veja hum D. José Iglesias , talvez que ainda vivo , Paroco naquella Cidade , com huma cara de Castelhano , assim por modo de huma Ovelha ; mas compondo cousas mais frescas que as Methamorfoses de Ovidio , como he entre as suas Poesias aquella composição que acaba de vez em quando : — Mira que bonito ! — E não houve hum só individuo da intrépida Peninsula , que dissesse , ou diga mal delle. Deixe o Padre Fr. José do Coração com a sua traducção do lascivo Ovidio , isso não damna ao seu estado , a cousa he bem feita , e tão bem feita , que mereceo aquella doutissima , e eloquentissima Prefação do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos , e depois desta honra devida ao merito Poetico do Frade , mereceo ainda mais , que o manuscrito authografo se depositasse na sala dos manuscritos da Bibliotheca pública aonde V. m. o póde ir vêr , e admirar. — Abrio a Critico hypocrita hum palmo de boca , e ficou calado , e eu absorto nas profundas reflexões sobre a inutilidade de escrever , e dizendo cá com os meus botões , he melhor dormir do que escrever , não digo eu versos , mas prosa ; e quem julga que escrevendo vai illustrar a Patria , e illustrar-se a si , vai dar com os bigodes na arêa , e com os focinhos n'hum sedeiro ; durma , que he melhor , pois o somno he hum exorcismo com que se vai a tentação de escrever. — Oh ! Que he preciso desprezar a Critica , porque não ha nenhuma isenta de paixão ! Isso sei eu ; mas como isso me não satisfaz a mim , e não sou aleijado , e não posso fazer o que certas Criticas merecem , que he deixar sahir do canudo desta penna certos vapores nitrosos , sulfureos , e betuminosos que alli fermentão , e despedir huma trovoada ! ! ! paciencia , o melhor he dormir ; mas antes que me deite , que são horas , farei algumas reflexões sobre a Critica , sem ser a do Ensaio de Pope , e direi : —

A Critica he com effeito o genio do Seculo 19 ; glorioso Seculo ! Será isto , poque seja este Seculo mais Dialectico , mais profundo , mais delicado , mais illustrado do que forão todos os Seculos precedentes ? Não , Senhores. A mania deste Seculo he ter grande talento , grande engenho , profundissima penetração , e apuradissimo gosto , e não ha talento , nem engenho , que para produzir alguma cousa , necessite de menos tempo do que aquelle engenho , ou juizo que se emprega , e exercita em criticar os mais. Pega hum homem , tocado do contagio de escrever , na sua penna , senta-se á sua meza no silencio , no retiro , na obscuridade , mas accezo em desejos de illustrar a Patri , traça hum Quadro , e dispõe huma situação , hum passo de Historia , leva-lhe isto tres mezes em que pouco dorme , e menos come. Quer o homem , se não vencer , ao menos arremedar Polibio , Tacito , ou Guichardini , sûa , risca , emenda , em fim dá a cousa por acabada , e prompta , e ainda que não di-

ga com o basofio Horacio, acabei hum monumento que será mais duradouro que o bronze, fica satisfeito; e levou-lhe isto tres mezes bem puxados. Sahe d'além hum Critico que escreveo no Botequim, e com hum rasgo de penna em huma composição que lhe leva tres minutos, diz que conforme as regras de Aristoteles, aquillo não presta para nada, que he huma miseria; e se nem isto mesmo póde dizer da obra lidada por tanto tempo, diz ainda em menos de tres minutos, que o Author não sabe nada, porque he torto de hum olho, ou aleijado de hum pé, e que basta isto para não saber nada. Então não he melhor dormir, que escrever! Este mister da Critica he tão doce, e he tão facil que nos não devemos admirar que elle tente tanto individuo vago de que o Mundo está pejado, e o Limoeiro orfão. Quanto custa a preencher, e inteirar os Regimentos em tempo de guerra! He hum dos passos mais trabalhosos do Governo, apezar de saber muito bem a Recruta que entrando no Batalhão, e marchando, vai achar, e vai comer muitas vezes o jantar que o Lavrador, e o Cazalleiro tinhão preparado para si, vem o aboletado, e come com elle o jantar, ou come-lhe o jantar. Eis-aqui o que he hum Critico, he hum soldado em marcha por esses campos fóra para o campo da honra, vai comer o jantar que elle não cozinhou, nem ganhou, porque não teve tempo para isso. O Critico estabelece a sua reputação sobre aquillo mesmo que o Author tinha trabalhado por muitos tempos, e tinha preparado para estabelecer a sua. Os Criticos sáo, para fallar com propriedade, as Milicias da Litteratura, os combatentes da segunda linha, e com effeito os Milicianos comem mais os jantares alheios, que os tristes soldados de linha sobre os quaes anda mais amiudadamente a chibata, e o calabouço. Eis-aqui porque os Authores devem dormir, e não escrever, porque he melhor dormir, que escrever. Quando faço reflexão sobre a tropa dos Criticos, vejo, que se vamos por este andar, daqui a dois dias a Républica das letras tem mais Soldados, e Milicianos, que Cidadãos, tem mais campos entrincheirados, que territorio.

Ora, como o número, ou cáfila dos Criticos cresce, propaga, e se augmenta a olho cada dia mais, e o número dos Authores diminue na razão directa, porque não póde bastar a tudo, e segundo a marcha do seculo, os interesses do pequeno número, devem sempre ceder ao maior, ou ao mais forte, segue-se, que a Critica era n'outro tempo util á Litteratura, agora he a Litteratura não só util, mas necessaria á Critica. A Litteratura a faz viver, e parece que já não existe senão para isto. Que se espera nas actuaes circunstancias do tempo de hum Livro novo, ainda que seja velho na composição, e no trabalho? Espera-se não achar huma obra que honre a Patria, e o seu Author, que augmente a somma dos humanos conhecimentos, que ataque os vicios, que dê a conhecer huma Nação

á mesma Nação, que desenterre os monumentos, os Diplomas, os testemunhos ignorados do tempo, sepultados no pó das Bibliothecas, e nas têas de aranha dos Cartorios, para se formar o corpo de Historia da mesma Nação, que não seja hum Diario dos Reis, como fez Suetonio, mas huma Histora do povo; o que se espera da Obra, he o que dirá a Critica, o que dirá hum bebado de hum Aristarco de Botequim, que escreve porque a fome o esgana: o que dirá hum Bibliomaniaco palavroso, que não vive neste Seculo, vive só no Seculo de Quinhentos, por lá anda, por lá mora, por lá gyra á gandaia da palavrinha, que pilhada he pedaço de queijo velho, que ha de vir em todas as sobremezas; ajuntador das edições bolorentas, inintelligiveis, erradissimas; que nada escreve, que nada sabe mais que cirzir palavras, porque he absolutamente infecundo, e esteril de cousas. Eis-aqui o que se espera de hum Livro novo, de hum papel judicioso, de huma composição longos annos trabalhada, e lidada. Profere o Pantalão critico a sua opinião sobre o Livro, levasse, ou não levasse dezoito annos á compor, e a polir. Os que o ouvem vão dizer a outros qual fôra a opinião do Aristarco tal, estes a outros, e o Livro fechado para todos, e por todos assim julgado. Mas que buscou, ou que achou este homem neste Livro, para empregar todas as forças do seu engenho critical? Achou aquillo que lhe dava maiores, e mais abundantes meios, e mais sucosas occasiões de despregar as *pandas* azas de seu transcendente engenho. Não lêo o Livro para aprender o que não sabia, lêo o Livro para criticar alguma cousa que se persuadio saber mais que o mesmo Author. Não falla do que ha mais importante, e mais bem escrito no Livro para o louvar, sobre isto nem huma palavra, sendo certo que não ha hum Livro por máo que seja, que não tenha alguma cousa boa, trata-se unicamente de huma pequena, e insignificante passagem, que dê lugar a alguma dentada critica. Nada tem o Livro que se critique, mas se o Livro não tem, tem o Author, então apparece tudo quanto tem de vil, e infame a inveja, o odio, a malignidade, a baixeza de animo, a perversidade de caracter, então se conclue pelos defeitos do Author a ruindade da obra. Sobre esta nem huma palavra, depois se tirará a mais legitima consequencia, pois se encerrava nas premissas. Cave-se até no berço deste homem, vá-se ao Cemiterio, desenterrem-se os ossos do Pai, e mais da Mãi deste homem, veja-se se se lhe descobre algum defeito, ou na humildade da condição, ou nos empregos, e ministerios da sua vida, ou na penuria domestica, ou nos trances imprevistos, e irreparaveis da fortuna, onde não ha culpa, porque não ha escolha, e segue-se na Dialectica do Critico, que o Livro he máo, porque o Author he defeituoso, ou desgraçado. E com effeito, vendo nós isto todos os dias, não he melhor, e muito melhor dormir do que escrever? He por certo. Se no Livro, no papel, no

Tratado impresso, e publicado existem no canto de huma pagina duas linhas que compõe huma nota, deixa-se o Livro como se nada fosse, e vão á nota que nada he; a nota será o objecto, e emprego de huma longa dissertação, ou de huma interminavel invectiva. Não ha absolutamente que dizer, que morder, que unhar no Livro, e nas notas? Haverá então muito que glozar no titulo simplicissimo do mesmo Livro. Bem se conhecia o sentido da clausula do titulo do Feliz Independente, dedicado a J. C. crucificado pelo P. Theodoro d'Almeida. — Bastou o achado deste equivoco, e achado ácinte, para se não dizer huma palavra de toda a obra, e carregar huma tempestade de dixotes sobre o titulo, e dizer-se que não prestava a obra, porque o titulo por huma casual collocação de palavras dava lugar á malignidade da Critica! E não he melhor dormir que escrever! Oh! se he!

O peior de tudo, a meu vêr, e o motivo mais poderoso de continuar em hum somno mais profundo que o das vaccas marinhas, he criticar o que o Author não disse, e devia dizer, porque o Critico quer que o Author o dissesse! O Author, diz o Critico, devia sobre tal, e tal objecto manifestar as suas opiniões Filosoficas, e combater as opiniões Filosoficas do Filosofo tal: devia ter vistas mais politicas, e economicas, devia julgar da Revolução Franceza com mais profundidade. O Livro não presta. Mas, Senhores, o Author não tinha semelhante intenção! Julguem Vv. mm. o que está feito, e não o que Vv. mm. querião que se fizes e Em todas as obras se deve attender para o fim do Author, porque ninguem póde ser obrigado a executar mais do que aquillo que emprehendeo. He sério o Livro? Quer o Critico que seja engraçado. He engraçado? Quer o Critico que seja sério. Se he longo, quer que seja breve; se he breve, quer que seja longo. Se he mystico, quer que seja p ofano; se he profano, quer que seja mqstico. Se he de puro divertimento, diz que não tem instrucção; se tem instrucção, diz que não diverte. A malicia, e a prevenção fazem as Criticas, e fazem os Criticos deste seculo. Ainda ha maior desgraça para quem escreve com zelo, e com Patriotismo. Não he a Critica mal applicada, que esta facilmente se rebate, he a perseguição surda, e a perseguição manifesta. Que tem em si a verdade, que tanto odio produz? Ella he huma, e he santa, parece que a Natureza humana se devia accommodar com ella. Os effeitos da verdade a todos devem ser proveitosos, e por todos devem ser buscados, e queridos. O erro he hum verdadeiro mal, e he a verdade hum verdadeiro bem. Mas a verdade aborrece se; e porque ella he inimiga do vicio, oppõe-se á corrupção, affugenta, e destroe o erro, faz amar a justiça, derruba do Throno a lisonja, e inculca a virtude, faz querer o honesto; e o homem que diz a verdade ha de ser perseguido, e aborrecido, ha de permanecer na obscuridade; pelo que fizer bom, não levará louvor, e pelo que fizer imperfeito, ou assim falsamente julgado, levará de contado

a reprehensão, esquecerão para sempre os meritos passados, para ser punido por huma casual excepção. Escritores, que amais a Patria, eis-aqui a vossa partilha, a vossa herança, o vosso destino. Dormi antes, e nada de escrever huma letra; quem os fez, que os baptise, e quem vem atrás feche a porta.

Parece com este Filosofico apparato, com estas tiradas de Moral, com estas analyses do espirito de Critica, com estas chamadas Jeremiadas contra a perversidade humana, eu me quero constituir na cathegoria de hum Escritor, que ou teme a Critica, ou se aborrece della; e por isso deixa de escrever, tendo consumido toda sua vida neste mister, encanecido sobre os Livros, ou como diz o satyrico: —

Ficar palido, e magro de Leituras?

Quem, eu? Pois eu sou homem que me affilia com hum zumbido de Bizouros? Eu torço o caminho, porque ouça mais adiante os latidos de huma canzoada vadia? Nem por huma Charneca infamada, e infestada de ladrões, eu o terceria. Eu não me julgo no estado de recruta, mas no de veterano. Oia quem não vio a coalisão dos dois Exercitos grandes? Virão-nos acaso maiores as planicies de Moscow? Forão maiores os Exercitos de Xerxes, de Cambyses, e de Junot, que nunca acabavão de chegar, porque hião de noute pelo campo grande, e vinhão pela manhã pelo largo de Arroios? Os Exercitos grandes: os Sebastianistas do Sul, e os Criticos do Norte. Que marchas forçadas fizerão! Cobrião os campos, secavão os rios, aplainavão os montes; a poeirada que os cavallos levantavão cobria as luzes ao Sol, e as espantosas gritas que levantavão, hião ás Estrellas. Vinha a esfarrapada Morte, como as esfarrapadas Aguias diante delles. A linha do Norte estendia-se desde a margem esquerda do Boristhenes, até á margem direita do Tejo, a linha do Sul pegava em Almada, e hia acabar em Alcacerquibir, e muralhas de Tangere, além do grande corpo de reserva no Campo de S. Braz; pois estava, e ainda estou no Forno do Tejolo N. 45. segundo anuar. Que he feito dos Criticos, e mais dos Sebastianistas? Ha fumos de huma, e outra canalha? Creio que não. Se isto me não metteo medo, poderei eu temer, ou recear quatro dentadas da malignidade, e da inveja para deixar de escrever, e deitar-me a dormir? Por certo não Ainda nenhum se foi sem resposta, e tão terminante que ainda senão vio huma replica. Retorquirão, com que? Com descomposturas infames, as Letras as não vingão; porque são huns crimes civis, he da repartição da authoridade, e do Imperio das Leis; ellas dão mais a conhecer a vileza do atacante, que os defeitos do atacado. Hum animo vil, que não tem que dizer, ou nada póde, e nada sabe dizer, não tem outro recurso mais do que as personalidades, descomposturas, ou affrontas pessoaes, e não são tão obtusos, ou tão preoccupados os homens, que não conheção que descompôr hum Escritor não he impugnallo, e que huma cousa he a

obra, outra cousa he o Author. Se eu não tenho o engenho, ou o espirito como Pope, tenho ao menos o coração, se não he tão Inglez, talvez seja mais Estoico. Pope mandou imprimir hum Cathalogo de todas as injurias que lhe tinhão dito, e de todos os nomes affrontosos que lhe tinhão chamado, com os nomes, e sobrenomes de seus dignos Authores, como podem vêr os curiosos em hum dos Volumes das obras de Pope, traduzidas em Francez em 8 Vol. de 8. Assentou este grande homem, que a melhor resposta, que podia dar a semelhantes infamias, era publicallas com o nome de seus Authores, para que o Mundo castigasse com hum justo desprezo, e justissima execração aquella baixeza. Eu faria, como mais estoico, mais alguma cousa, mandaria imprimir cada huma das affrontas com que me tem regalado com o seu competente Commentario em honra, e louvor de seu Author, pois eu os conheço, como conheço os cantos da minha casa. Oh! Que glosas interliniares gozaria o Mundo! Mas como isto não póde ser, melhor he dormir, que escrever. O que parece hum paradoxo he huma verdade demonstrada por si mesmo em Portugal.

Acabou-se o Desapprovador, obra que podia chegar a mais Volumes que o Espectador Inglez de Adisson e companhia, mas o Espectador Inglez gracejando, e motejando como quasi sempre faz, não se julgou incompativel, nem indigno de hum sugeito de tantas partes, letras, capacidade, e juizo, qual era Adisson, chamado depois para o alto lugar de Secretario de Estado de huma Monarquia tal, como a Monarquia Ingleza, e menos lhe servio de estorvo, ou de tropeço para chegar ao Gabinete dos Reis ter composto huma Tragedia, que se representou, e representava em vida, e no ministerio do seu Author, e continúa ainda a representar-se nos Theatros de Londres; porém, não sei se unicamente no Reinado da Rainha Anna, se ainda agora tambem, se julga dos sugeitos, não conforme as preoccupações, ou mais depressa antipathias, mas conforme o merito pessoal dos mesmos sugeitos. O Imperio da Razão devia ser sempre o mesmo, e sempre universal, e como o homem he hum animal racional, onde houvessem homens, devia prevalecer a Razão, e como esta voz he de todos os homens, de todos os homens devia ser escutada, e por todos obedecida. Não he assim; quem não lisonjêa, offende, e quem diz a verdade escandalisa. Neste caso o partido da prudencia he o silencio absoluto. Quem pelo estudo, e cultura das letras aspira ás honras de Litterato, não faz mais, no seculo corrompido em que existimos, que adquirir hum novo juz a ser impunemente enxovalhado. Todos os meus louros se tecêrão com estas palavras: — O Desapprovador desta semana he melhor que o da semana passada — mas he mania! Este homem não pega em hum quarto de papel, e não escreve huma cousa séria! — Que será huma cousa séria? Talvez que huma Arvore Genealogica, que se

não parar, por certo vai dar em Adão, que he o Pai, e o primeiro de todos os homens, de quem todos procedem, e em quem todos peccárão.

Bene vixit, qui bene semper latuit.

Vive sempre melhor, quem mais s'esconde.

Nestes termos ficamos amigos como d'antes. Ninguem he Profeta na sua Patria, e este oraculo he da Eterna, e Suprema verdade, não póde falhar. Os Profetas não dizem senão verdades, e o Desapprovador só verdades dizia. Esse he o seu crime. Mas se o Desapprovador não póde dizer lisonjas, se as intentasse dizer, ficava engasgado no meio do caminho, seria como os Prégadores que sempre se perdem, e perdem-se porque nem sabem, nem lhes lembra o que hão de dizer. Por tanto, visto isto, e o mais dos autos, juramentos, e depoimentos de testemunhas de descomposturas a folhas, e folhas, contas dadas pelo Contador do Juizo, que sempre, e quasi sempre contão de modo que deitão a perder a Causa vencida, assentemos de pedra, e cal, que he melhor dormir do que escrever. Quem voluntariamente escreve, tambem voluntariamente se cala. A Républica não necessita de Filosofos, dizia Robespierre, mandando guilhotinar hum Chimico; o Mundo não necessita de Escritores, está bastantemente illustrado, os homens bastantemente instruidos, os costumes do seculo bastantemente purificados, não necessitão de Reformadores. Qualquer voz que se levante, he voz que prega no dezerto, não a ouvem, ou não a attendem. Vou meditar alguma cousa séria, que he dormir, e adeos até mais vêr.

FIM.

LISBOA. Na Impressão de Alcobia.

Com licença da Commissão de Censura.

CATALAGO

Das obras do R. P. José Agostinho de Macedo, tanto em prosa, como em verso.

SERMÕES.

SErmão de Acção de Graças, prégado em S. Paulo em occasião da Paz Geral de 1801. 100.

Sermão das Dores de N Senhora, prégado de tarde na Real Capella dos Paços de Quéluz, na Festividade que mandava fazer a Serenissima Senhora Princeza do Brazil, Viuva, no anno de 1803. 1 Folh. 8. 120.

Sermão de Acção de Graças pela Restauração, prégado na Igreja de N. S. dos Martyres. 120.

Sermão sobre a Seita dominante no Seculo XIX. 160.

Sermão contra o Filosofismo do Seculo XIX. 200.

Sermão de Preces, prégado na Igreja de N. S. dos Martyres. 120.

Sermão de Quarta feira de Cinza, prégado na Santa Igreja da Misericordia de Lisboa a 3 de Março de 1813. 1 Folh. 8. 120.

Sermão de Acção de Graças pela Paz Geral, prégado na Igreja de Santo Antonio. 160.

Sermão de Acção de Graças pela Paz Geral, prégado em S. Julião. 160.

Sermão sobre a verdade da Religião Catholica prégado na Igreja de N. S. dos Martyres. 1817. 160.

Sermão na Festividade da Instituição da Real Ordem de Santa Izabel, celebrada na Igreja de S. Roque. 1819.

Sermão da Magdalena, prégado na Igreja da mesma Santa. 1820. 120.

Oração funebre recitada nas Exéquias do Barão de Quintella. 1818. 100.

Panegyrico de S. Francisco Xavier, recitado na Real Capella dos Paços de Quéluz á 3 de Dezembro de 1804, estando presente S. A. R. o Principe Regente N. S., que por seu voto particular mandou festejar o mesmo Santo. 1 Folh. 8. 160

Demonstração da Existencia de Deos. 1 Folh. em brochura. 240.

A Verdade, ou Pensamentos filosoficos. 400.

O Homem, ou os Limites da Razão. 1 Vol. brochura. 320.

Obras Poeticas.

Newton, Poema. I. Edição. 240.

Newton, II. Edição com huma Estampa do Heroe. 400.

Oriente, Poema, ornado de duas boas Estampas. 2 Vol. em huma só encadernação rica. 1:600.

Meditação, Poema Filosofico. 2. Edição, *nitida*. 1 Vol. 8. br. 600.

Gama, Poema: em brochura. 600.
Argonauta, Foemeto. 1 Folh. em broch. 240.

Branca de Rossi. Tragedia.
Ode ao Invicto Lord Wellington. 1813. 60.
Ode a Sua Magestade Imperial Alexandre I., o Triunfador. 1813. 100.
Ode II. ao mesmo Senhor, quando mandou edificar hum Templo a Deos pelas Victorias alcançadas contra os Francezes. 1813. 80.
Ode ao Principe Kutusow pela Batalha de Borodino. 1813. 80.
Ode á Ambição de Bonaparte. 1813. 80.
O Voto, Elogio Dramatico. 80.
Epistola ao Lord Wellington. 80.
Epistola ás grandes Potencias alliadas na passagem do Rheno. 80.
Epistola a Maio e Lima, *e de Maio e Lima ao Author*, 2. 160.
A Lyra Anacreontica, a Illustrissima Senhora D. M. C. D. V. Obra ricamente impressa em excellente papel, &c. Broxura. 400
Motim Litterario. 4. Vol. 8. 2:400.
Tratado da Paz Litteraria contra o Motim Litterario: 200.
As Pateadas de Theatro, investigadas na sua origem, e causas. 1 Folh 8 1812. 300.
Carta que escreveo o Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, sobre huma Comedia que vira representar em Lisboa, intitulada: *A Preta de Talentos.* 1 Folh. 8. 1811. 120.
Carta (II.) escrita pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça ao seu amigo Trasmontano, em que lhe dá noticia de outra Comedia que vira representar, intitulada: *Adelli.* 1. Folh. 8. 1812. 160.
Carta escrita por Manoel Mendes Fogaça, a seu amigo Antonio Mendes Baêa, sobre huma Farça anonyma, que dêra impressa, e vira huma vez representar, intitulada: *Manoel Mendes.* 1 Folh 8. 160.
Carta de Fogaça, ou Historia do cerco de Saragoça, segundo o vio representar em huma Comedia, o Doutor Manoel Mendes Fogaça, que a descreve ao seu amigo Trasmontano, no estilo de seu quinto Avô Fernão Mendes. 1 Folh. 8. 200.
Carta de Manoel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigio Antonio Maria do Couto, intitulada: *O Doutor Hallinday em Lisboa, impugnado até á evidencia.* 1 Folh 8. 120.
Carta sobre o Espirito do Investigador. 120.
Carta de Manoel Mendes Fogaça, escrita a seu amigo Trasmontano, sobre huma cousa que observou em Lisboa chamada o Observador. 60.

Resposta aos dois do Investigador Portuguez em Inglaterra. 1 Folh. 8. 1812. 120.

Cartas filosoficas a Attico. 1 Vol. em brochura. 480.

Refutação dos Principios Methafisicos dos Pedreiros-Livres-Illuminados. 1 Vol. encadernado. 600.

Reflexões Criticas sobre o Espisodio de Adamastor 1 Folh. 8 1811. 120.

Os Sebastianistas. I., e II. parte em 8. 600.

Refutação Analytica contra os Folhetos dos Sebastianistas, por Pato, e Rocha. 240.

Inventario da Refutação Analytica. 1 Folh. 8. 1812. 240.

Justa defeza do Livro — *Os Sebastianistas.* — 80.

Mais Logica. 50.

Senhora Maria, ou Nova impertinencia. 1 Folh. 8. 1810. 80.

Exame Critico do Poema Gama. Por Pato, e Rocha. 1 Folh 8. 1812. 360.

Exame Examinado, ou Resposta aos Senhores Bachareis Rocha, e Pato. 1 Folh. 8. 1812. 240.

A Analyse de Couto analysada. 100.

O Couto, (ou resposta a Couto.) 300.

Considerações mansas contra o 4. Tomo de Bucage. 120.

Carta de hum Vassallo nobre ao seu Rei, e duas respostas á mesma, sobre quaes são as classes mais uteis ao Estado. 120.

Censura das Lusiadas. Obra prima neste objecto. 2 Vol. 960.

Espectador Portuguez. 1. 2. 3., e 4. Semestre, que contém muitos, e diversos objectos interessantes em 4. 4:000. Vendem-se separados os Semestres a 1:000.

O Desapprovador por cada semestre 1:000.

Semanario de Instrucção, e recreio, no qual vem muitas Peças deste Author. 2 Vol. 4:800.